ALMANAQUE d'O TICO-TICO

Cr $ 25,00

1954

Miguel

Novo PONTO de CRUZ

ALBUM N. 6

PREÇO Cr$ 20,00

Com interessantes desenhos nas dimensões de execução é êste album, repleto de idéias para aplicações, tapetes, panneaux, guarnições. Um tesouro para trabalhos em casa!

O FILET

ALBUM N. 2

Tambem podem ser executados em crochê os delicados e lindos motivos oferecidos por êste album, para centros de mesa, adôrno de colchas, barras para toalhas de jantar, panos para móveis . . . e tudo mis do gênero!

PREÇO Cr$ 15,00

Blusas Bordadas

ALBUM N.° 3

Qualquer que seja o tipo, o estilo, o feitio de blusa bordada... é encontrado nas b[illegible]ssimas páginas dêste album. Grande variedade de elegantes desenhos, ideais para meninas, mocinhas e senhoras.

PREÇO Cr$ 25,00

BICHINHOS BORDADOS

ALBUM N.° 2

Para a vivacidade e alegria da roupa de seus filhos, a senhora tem centenas de sugestões neste album. Todos os bichinhos são desenhados em vários tamanhos, facilitando sua aplicação também em toalhas, panos, enfeites...

Cr$ 25,00

"Decorações, Arranjos e Utilidades para o Lar"

ALBUM N.° 232
PREÇO CR$ 25,00

A [illegible] e beleza ao Lar!

Copa e Cosinha

ALBUM N. 237

O bom gôsto, a simplicidade e o aspecto saudável dos desenhos, variados e bonitos, fazem dêste album um guia para as copas e as cosinhas de hoje. Em grande formato, dois magníficos suplementos, utilíssimos!

PREÇO Cr$ 30,00

Guia das Noivas

ALBUM N. 235

Realize seus sonhos, encantadora jovem... sendo, ao mesmo tempo, feliz e elegante! Êste album incomparável, sugere, ensina tudo quanto deve figurar em seu enxoval... e tudo quanto deve enfeitar seu lar, como ninho de ventura e distinção.

PREÇO Cr$ 30,00

CAMA e Mesa

ALBUM N. 238

Em qualquer lar o toque feminino é a graça do ambiente. Surpreenda seu espôso com uma linda toalha ou uma formosa colcha que a senhora mesma executará com as facilidades e belezas dos modêlos dêste album, tão prática e distinta.

Cr$ 30,00

A Lingerie

ALBUM N.° 8

Quanta mulher gosta de confeccionar sua própria roupa íntima, economizando... e aperfeiçoando seus conhecimentos? Este album orienta o côrte, a costura e o bordado de modêlos muito finos e atraentes, duma elegância irrepreensível.

PREÇO CR$ 25,00

Bordados infantis

ALBUM N.° 2

Cheios de motivos graciosos, êste album proporciona a confecção de adoráveis bordados para aventais, vestidos de boneca, enfeites do lar... desenvolvendo o gôsto da garotada e dando-lhes imagens felizes em modelos que encantam o ambiente.

PREÇO Cr$ 15,00

Estes albuns são editados pela Bibliotéca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15-5.° and. Caixa Postal, 880 — Rio — À venda nas livrarias.

VARIADAS

BOA INTENÇÃO, MAU RESULTADO

A senhora debruçou-se à janela do trem e gritou para o agente:

— Por favor, quero saír dêste trem!

— E por que não sai?

— Porque sou muito gorda e só posso descer de costas. Tôda vez que tento saltar do trem, alguém pensa que estou subindo e me dá um empurrão. Já estou cinco estações além daquela em que deveria descer...

●

PARA ONDE OLHAVA?

O dono do grande "magazin" chamou o gerente:

— Que idéia, foi essa de empregar na loja, como detetive, aquele homem vesgo?

— Foi ótima idéia, respondeu o gerente. Olhe bem para êle e veja se é capaz de dizer quem é que êle está observando...

●

COMO NASCEU A PINTURA

Foi no século IX antes de Cristo que um corintio, de nome Cleofanto, pintou pela primeira vez um quadro. Empregou em sua arte uma única côr.

Só no século imediato é que outro artista, chamado Bulasco, utilizou diversas cores e traçou, segundo sua concepção artística, as diretrizes que a nova arte devia seguir até o que é hoje.

●

O Chico tinha apanhado uma constipação e a mãe aplicou o ouvido ao peito e ficou a escutar. Depois de ter estado muito quietinho, Chico perguntou:

— Ainda estou vivo, mamãe?

ÊLES FORAM AMIGOS DOS ANIMAIS

OS santos e mártires cristãos foram grandes amigos dos animais e até as feras mais terríveis se amansavam diante dêles, guiadas talvez por um misterioso instinto que lhes fazia intuir sua pureza e bondade.

Uma infinidade de lendas e fatos sôbre estes santos varões demonstram a relação que tiveram com os irracionais, de uma forma tal que causa assombro.

Para não citar senão os casos mais notáveis, recordemos algumas passagens da vida de São Francisco de Assiz, São Francisco Solano e Santo Huberto.

Em certa ocasião, quando São Francisco de Assiz percorria os poeirentos caminhos de sua pátria, pregando os ensinamentos de Jesús Cristo, viu um bando de aves. E, diante da surpresa dos companheiros, começou a falar-lhes da grandeza de Deus, que lhes havia dado asas velozes, para serem livres, e o agasalho de suaves penas.

S. Francisco Solano

As avesinhas, compreendendo a mensagem do "poverello", uniram suas vozes entoando um hino de louvor ao Pai Celestial. O amor de São Francisco se estendia também aos animais ferozes e a estes, como a todos os seres da criação, chamava-lhes carinhosamente "irmãos"

OUTRO caso digno de ser conhecido é o de Santo Huberto. Era êle um príncipe que gostava muito de caçar. Em uma Sexta-feira Santa — segundo conta antiga tradição — perseguia tenazmente um cervo que corria através de um bosque das Ardenas, na França. De repente, o animal se deteve, voltando-se para o seu perseguidor.

O príncipe Huberto viu então entre os chifres do cervo brilhar, com estranha claridade, uma cruz, enquanto ouvia uma voz celestial que o censurava por sua conduta.

Diante do milagre, e desde aquele instante, a vida de Huberto mudou completamente Abandonou para sempre a caça e, desejoso de viver a vida mais simples e modesta, renunciou aos direitos que tinha à corôa de Aquitânia e consagrou-se com fervor ao serviço de Deus, convertendo-se em um dos maiores protetores dos animais.

SÃO Francisco Solano, o infatigável missionário da América, que dedicou a vida a ensinar aos indígenas do Novo Mundo os divinos conselhos do Mestre da Galiléa, teve também o maravilhoso dom de atrair a amizade dos animais, até mesmo os mais ferozes.

A lembrança dos seus feitos memoráveis permanece viva na região do norte argentino, que foi onde sua ação evangelizadora deixou marcas inapagáveis. E ali ninguém póde esquecer aquele terrível momento em que um touro excepcionalmente bravio conseguiu fugir, saltando a cêrca que o prendia, causando a morte a vários indígenas. Em sua desenfreada carreira causava horror a tôda a população, quando apareceu o padre Solano. Com admirável serenidade,esperou a arremetida do touro, enquanto lhe falava com brandura. E, então, aconteceu o inesperado: o bravio animal aproximou-se mansamente, para em seguida se afastar como se fosse uma ovelha, deixando estupefactos quantos assistiram à cena.

S. Francisco de Assiz

Santo Huberto

ALGUMAS COISAS CURIOSAS

A pele do elefante leva, termo médio, cinco anos a curtir.

*

Tem-se verificado nos hospitais que as unhas dos dedos cortados continúam a crescer.

*

Na China, toma-se a sopa no final das refeições. Dizem os naturais que os líquidos têm sempre mais facilidade de serem ingeridos.

*

O sistema de linguagem para surdos-mudos foi inventado pelo abade L'Epée, francês.

*

A invenção do açúcar de beterraba é relativamente recente, pois só há 150 anos a beterraba começou a ser empregada para tal fim.

*

O primeiro povo que fabricou porcelana foi o chinês, e começou a fazê-lo há 700 anos. Essa arte atingiu a sua maior perfeição no século XV, quando imperava a dinastia Ming.

*

A força de um elefante corresponde à de 147 homens.

*

Madame Pompadour foi a inventora dos saltos altos. Criou-os para se evidenciar, pois era de estatura baixa.

O primeiro código em cifra

Parece ter sido César quem primeiro usou um código cifrado. Segundo diz Suetonio aquêle célebre general romano, servia-se, para a sua correspondência secreta, dum alfabeto em que cada letra avançava quatro para diante, por exemplo: o A era substituído pelo D, o B pelo F, etc...

•

No Sião, quando numa demanda faltam as testemunhas, recorre-se à prova da água, semelhante à que se usava na Europa durante a Idade-Média.

Consiste a dita prova em lançarem-se os dois litigantes à água, de cabeça para baixo e ao mesmo tempo. Aquêle que aguentar durante mais tempo, ganhará o pleito.

O PRIMEIRO DO ANO

Sòmente a partir de 1731, as nações européias começaram o ano no dia 1.º de Janeiro. Na França, foi o édito de Carlos IX que fixou o início do ano a 1.º de Janeiro; até essa época, isto é, até 1564, os franceses principiavam o ano pela Páscoa. Na Inglaterra e na Escócia, o ano começava a 20 de Março, isto é, quando o Sol entrava em Aries.

O livro mais antigo do mundo é chinês e intitula-se "U-King" isto é, Livro dos Números. Muitos séculos antes de Confúcio, já aquele trabalho vinha sendo objeto de acalorada controvérsia entre os sábios da India e da China.

O veneziano Marco Polo, o primeiro europeu que visitou a China, ao voltar para a pátria, contou, num livro, o que vira. O livro pareceu tão inverosímil que lhe chamaram "Um Milhão de Mentiras", e ao seu autor "Dom Milhão". Contudo, os exploradores posteriores guiaram-se com êxito pelos dados do viajante.

Foi dado o nome de amarelos aos chineses, não pela cor de sua pele, mas pela lama amarela que o Hwang Ho contém em suas águas e que, durante a época das inundações, quando o rio se espalha pelas terras adjacentes, torna irremediàvelmente amarelo tudo quanto por ela é atingido.

Em certa cidade ribeirinha, da Coreia, em vez do homem levar os patos ao mercado, dá-se precisamente o contrário; e isso acontece porque ali as aves, atadas por meio de cordas a uma pequena canoa, rebocam a embarcação rio abaixo, conduzindo gentilmente o seu dono.

VAMOS RIR UM POUCO QUE E' BOM...

— *Viram passar por aqui meia duzia de laranjas ?*

MANEIRAS DE VER

— *Sêo Fulgêncio é que tem sorte! Pega cada bruto peixe! !*

— *Tomara que seja 41 e que eu pesque o pé direito!*

GOSTARIA, MESMO?

— *Está formidável. O que eu não sei é se tigre gosta de queijo...*

ERA DEMOCRATA

O rei Eduardo VII da Inglaterra, quando estudante, era inimigo dos aduladores. Queria ser um rapaz como os outros.

Um dia, seu avô Eduardo VI viu-o regressar do colégio, com um ôlho completamente pisado.

— Que te aconteceu? — perguntou-lhe.

— Oh! Foi um dos meus colegas. Tratou-me de Alteza Real e então nos pegámos...

Contam isto...

O duque de Morny, personagem poderosa em França no tempo do segundo império, fez-se um dia anunciar no escritório do barão de Rothschild.

— Que entre — disse o banqueiro, sem levantar a cabeça de cima dos papeis que estava examinando, sentado à sua secretária.

Morny entrou e cumprimentou:

— Senhor barão...

— Puxe uma cadeira — disse êste, sem erguer os olhos nem se mexer.

O duque, que não estava habituado a ser recebido daquela maneira, aventurou-se a dizer:

— Naturalmente não lhe disseram quem eu era... olhe que sou o duque de Morny.

— Então puxe duas cadeiras — replicou Rothschild, sem olhar para ele e sem interromper o seu trabalho!

•

O bispo Auet, célebre pela sua erudição, recebia diàriamente inúmera correspondência. Contudo não abria cartas à noite, antes de se deitar, nem de dia, antes das refeições.

Perguntando-lhe um dia um seu familiar porque motivo assim procedia, respondeu:

— E' mais frequente trazerem as cartas mais notícias más do que boas, e eu não quero procurar, por minhas próprias mãos, coisas que me tirem o sono ou a vontade de comer.

Um dia, nos tempos do reinado de seu filho Carlos IX, Catarina de Médicis conversava com o rei de Navarra — o futuro Henrique IV — numa sala do rés-do-chão. Por baixo das janelas, dois soldados que não desconfiavam da sua presença tão próxima, assavam um pato, enquanto cantavam "couplets" pouco lisonjeiros para a rainha mãe.

O rei de Navarra, indignado, levantou-se disposto a dar-lhes o merecido corretivo.

— Deixa lá — interrompeu a rainha.

— Não são seres dignos da nossa cólera.

E aparecendo aos soldados perguntou-lhes:

— Que mal vos fez a vossa rainha? Se não fosse ela, não estaríeis agora a assar o vosso pato.

Catarina de Médicis foi implacável apenas para aqueles que eram dignos da sua cólera.

•

O imortal Rossini era extremamente supersticioso. Dêste modo, passou toda a sua vida temendo, especialmente, o número treze e as sextas-feiras. Entretanto, parece que Rossini teve razão, pois que faleceu em uma sexta-feira, no dia treze de Novembro de 1868. O seu sexto-sentido advertiu-o a tempo, mas... de nada lhe valeu!

PROVÉRBIOS ÁRABES

O embuste é a chave do ladrão.

Se vires formigas na escada, convence-te de que há pão lá em cima.

O ouro penetra mais que o machado.

Sábio inimigo vale mais que amigo doido.

Quem corre muito cai no caminho.

O preguiçoso diz: "Eu não tenho força".

O rio forma-se gota a gota.

Quem foi mordido por uma serpente tem medo duma corda.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO
PREÇO CR$ 25,00
(47.º ano de publicação)
EDIÇAO E PROPRIEDADE DA
S. A. "O MALHO"
Diretor
Antonio A. de Souza e Silva
Rua Senador Dantas, 15
5.º andar
Telefone: 22-9675
RIO DE JANEIRO

COMO ERAM VISTOS OS SÁBIOS

O naturalista alemão Renous, que esteve em S. Fernando do Chile, no ano de 1830, teve que se ausentar por uns dias de casa e encarregou uma criada de cuidar das suas lagartas, dizendo-lhe que se ela cumprisse suas ordens direito, as lagartas se transformariam em borboletas.

Este fato tão estranho alarmou a criada, que comentou com outras pessoas, que por sua vez comentaram com outras, espalhando-se a notícia até chegar aos ouvidos do governador.

Imediatamente, êste se pôs em contato com alguns padres do lugar, e então todos convieram que naquilo devia haver algo de heresia.

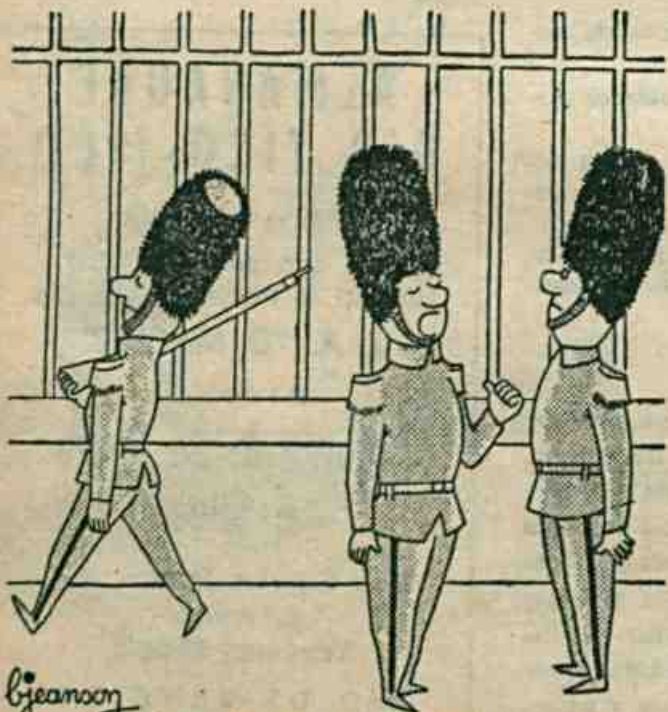
Quando o naturalista regressou meteram-no na cadeia.

Poucos anos depois, em 1834, chegava até às mesmas praias Carlos Darwin, e então êle e Renous, já livre, se divertiam falando, diante do povo, sôbre diversos fenômenos naturais, conhecidos hoje por todo o mundo mas, naquela época, completamente ignorados. As pessoas simples do lugar viam, nos dois, duas almas condenadas irremissivelmente.

Uma vez Renous perguntou, na ausência de Darwin, a um jurisconsulto:

— Que pensa o senhor do rei da Inglaterra, que manda um colecionador a este país para colecionar animais, insetos e pedaços de pedras ?

— O assunto não está bem claro — respondeu o jurisconsulto. — Aqui deve haver gato escondido. Ninguém é tão rico para mandar um homem empreender tão longa viagem só para êste fim. Há aí alguma coisa que não consigo entender. Imagine o senhor o seguinte: se algum de nós fosse à Inglaterra, para fazer o mesmo, não acha que o rei o faria deixar o país imediatamente ?

Muito tempo mais tarde, os dois amigos comentavam isto e se divertiam a valer.

— Antes de ser militar, êle era padre .

— Madame, sou um reporter... Posso entrevistá-la ?
— Às suas ordens...
— A madame já viu que maravilha está o Anuário das Senhoras ?

EXIGENTEZINHO...

O famoso violinista Sarasate era extremamente severo e exigia dos ouvintes, durante os seus concertos, absoluto silêncio e imobilidade.

Diz-se que certa vez, em Paris, interrompeu bruscamente a peça que estava tocando, aproximou-se da bôca do palco e exclamou:

— Não me é possível continuar tocando ao compasso de 3 por 4, perturbado, como estou, por uma senhora que na segunda fila se abana ao compasso de 2 por 4...

O SOLTEIRÃO

JOGA XADRÊS.

ÓRFÃO MENDIGO

HORMINO LYRA

Coitado dêsse órfãozinho!
Está pedindo uma esmola.
Nada tens? Pois o consola,
animando-o com carinho.

Nada tens? E' singular.
Afaga o pobre menino:
Jesús ama o pequenino,
e um dia há de te pagar.

Mimo dá consolação
a quem vive com a alma ao léu
e só tem, por teto, o Céu.
e, por mastigar, um pão.

Ai de quem teve na vida
o destino que se encerra
em rolando andar na terra
como folha desprendida.

DOIS VALENTES

O Estado do Vaticano tem soberania, dada pelo Tratado de Latrão, assinado em 11 de Fevereiro de 1929 — É, portanto, do nosso tempo. O Estado é de forma triangular sendo a sua área de 44 hectares.

Por que é que em quase todos, ou mesmo em todos os leques japoneses encontramos pintada uma cegonha?... E' porque no Japão, a cegonha é considerada símbolo de felicidade e longa vida...

Também se dá, à Via-Látea, o nome de Caminho de Santiago.

A cidade do Rio de Janeiro (é bom repetir, para acabar com o antigo êrro) foi fundada em 1.° de Março de 1565, na Urca. A transferência, para o morro do Castelo, também foi num dia primeiro de Março — no ano de 1567.

Os célebres e geniais poemas brasileiros "Vozes d'Africa" e "Tragédia no mar" (O navio negreiro) são de autoria de Castro Alves, poeta baiano que morreu com 24 anos.

Alguém perguntou à rainha Cristina da Suécia qual era o pior dos defeitos e a soberana respondeu: "A mentira, que envilece aquele que a diz e engana quem a ouve".

Os faróis diferem um dos outros pela côr da luz, duração dos lampejos e números deles por minuto.

Vocês ouvem falar de ouro de 24 quilates. E' o ouro puro. O ouro de 18 quilates contém 18 partes de ouro, três de prata e três de cobre.

"A honestidade foi e será sempre a arma decididamente mais forte para tôdas as lutas da humanidade que vive e progride". — *E. Ferrari.*

As donzelas desaparecidas

HÁ muitos séculos, vivia numa cidade um nobre senhor que tinha três filhas lindíssimas. Sua esposa e êle cometeram o imperdoável esquecimento de convidar para o casamento das três moças, que se casaram no mesmo dia com três nobres cavalheiros, um poderoso gênio, e, quando estavam em meio do banquete que era oferecido no amplo salão do palácio, as altas janelas se abriram de par em par e um terrível furacão penetrou por elas, arrebatando as três noivas.

Passado o susto de que foram tomados, os pais e os três jovens noivos, ficaram fazendo suposições e traçando planos para procura-las, mas, na realidade, não sabiam o que fazer. Enquanto isto se passava no palácio, o Genio havia transportado as jovens a um país distante, tendo a crueldade de amarra-las, cada uma a uma árvore.

Estavam as três chorando sua amarga desventura, quando aconteceu passar por alí um pastorzinho. A mais moça das três, que se chamava Elena, suplicou:

— Quem quer que sejas, tem compaixão destas três jovens que foram vítimas de enorme ultraje; desamarra-nos, por favor!

O pastorzinho atendeu e uma das moças lhe ofereceu uma moeda que tinha no bolso, mas o rapaz, que era bem educado e desinteressado, não quís aceitar a recompensa, oferecendo-lhes, ainda, abrigo em seu redil, conduzindo-as depois até sua choupana, dando-lhes leite fresco, pão de centeio e queijo.

A mais velha das três perguntou em que país se encontravam e o paster respondeu que aquilo era a ilha Afortunada e que estava situada em pleno Oceano.

— Se assim é, não poderemos fàcilmente voltar para o palácio de nossos pais — disse a segunda, que se chamava Maria.

— E em que país fica o palácio de vosso pai? — perguntou o pastor.

— Fica na Espanha, a terra que é, por todos que a conhecem, proclamada como a melhor, rica de minas, farta de frutas, guarnecida com os mais belos castelos, tanto que há nela uma grande região que se chama "Castela". E' nessa região, em uma de suas cidades, que nosso pai tem o seu palácio — continuou Maria.

Então a mais moça sugeriu que o pastor deveria dizer-lhes de quem era o gado que êle guardava.

— Pertence a um Mago poderoso que habita o palácio das Nevoas, no cume da Montanha azul.

— E sabes se êsse Mago é bom? — perguntou Elena.

— Acredito que sim — replicou o rapaz. Mas acho muito difícil chegar até seu palácio, porque o bosque que se estende na ladeira da Montanha Azul está encantado: alí, todos os animais falam e têm inteligência humana, e vocês correm o risco de se converterem em animais.

— Creio que a nossa salvação é ir procurar êsse Mago e pedir-lhe que nos ajude — disse Elena às irmãs. — Agora temos que descobrir a maneira de subir até o cimo da montanha Azul.

— Não nos resta outro remédio. Os animais da floresta nos ajudarão a encontrar os atalhos mais curtos — disse Julia.

Naquela noite dormiram na choça do pastor, e, ao amanhecer do outro dia, puseram-se em caminho, levando, para comer, pão, queijo e leite de cabra.

O pastor viu-as partir e deu o seu cajado à mais moça, dizendo:

— Leve-o; pode ser que lhe sirva como um bom cavalo.

A moça não compreendeu o que queria dizer o pastor e contou às irmãs.

— E se o pastor não fôr apenas pastor? — indagou Elena. — Vamos experimentar o bordão?

Dito e feito: montaram no cajado como se fosse uma vassoura e, no mesmo instante, o bordão se pôs a subir e suavemente chegou ao cume da Montanha Azul, diante do Palácio das Névoas.

As três deram-se as mãos e avançaram até o palácio, que se erguia à frente delas como confuso promontório de nuvens de forma indefinida.

As três irmãs eram muito bonitas. A mais velha, morena de olhos negros, a do meio, loura de olhos claros, e a mais nova tinha os cabelos castanhos e crespos, formando cachos rebeldes, e era a mais bela, clara e

rosada. Estavam as três com os vestidos nupciais, enfeitados de flores de laranjeiras. Os sapatos eram prateados. Haviam perdido apenas os véus, pois êstes eram de tule finíssimo e se haviam rompido durante a caminhada pelo bosque.

Quando se aproximavam do palácio, uma nuvem, grande e branca, brilhou, envolvendo-as completamente, surgindo em seguida, diante de seus olhos assombrados, um magnífico palácio. Era de cristal, com um pórtico belíssimo formado por graciosas colunas que brilhavam e fulgiam, quebrando os raios de luz nas cores do arco-íris.

Aquilo mais parecia a ante-sala do paraíso.

Envoltas pela nuvem, sentiram-se transportadas e penetraram no palácio, até chegar a um maravilhoso salão, que reluzia como se fosse gêlo, porém de modo tão suave, que até se tomava um descanso para os olhos.

Viram, então, diante de si, sentado em um trono, um ancião de agradável aparência, que sorria com doçura ao vê-las avançar tìmidamente de mãos dadas.

— Aonde vão essas três noivas, sem seus esposos? — perguntou-lhes.

Elena, assustada, pôs-se a chorar.

Soluçava tanto que causou pena ao ancião, que, sempre sorrindo, levantou-se e tomou-a nos braços, como se fosse uma criancinha.

Foi nessa ocasião que as moças puderam ver que êle tinha estatura desmesurada.

Com Elena nos braços voltou a sentar-se no trono e, à fôrça de carícias e palavras, fez com que a jovem se tranquilizasse. Em seguida, chamou para junto de si as outras duas irmãs, que também acariciou docemente e, alisando seus cabelos, disse:

— Estou inteirado de tudo que se passou com vocês e quero ajudá-las no que me fôr possível. Para isto farei com que seus esposos saibam, em sonho, o lugar em que vocês se encontram. Espero que saibam vir em busca de suas eleitas. Enquanto êles não vierem, vocês viverão aqui e meus escravos o serão seus. Poderão percorrer todo o palácio e caminhar por todos os jardins. Acredito que gostarão de ficar aqui.

Ato contínuo, tocou uma campainha e no mesmo instante apresentaram-se duas escravas louras trajadas com finíssimas túnicas de linho branco. O Mago ordenou-lhes que conduzissem as jovens aos aposentos reservados aos hóspedes de honra.

E as moças, acompanhadas pelas escravas, depois de atravessarem imensos salões e longos corredores, ricamente mobilados, chegaram aos aposentos, que eram comodos e espaçosos. Das janelas avistava-se o mar, que mais parecia um espelho de cristal, onde o azul do céu se refletia.

Nos armários dos quartos que lhes foram destinados, encontraram túnicas de alvíssimo linho e macias sandálias de pele. Mal acabaram de se vestir, ouviram o toque da campainha, e de novo as escravas se apresentaram para anunciar que a refeição estava servida.

Os pratos mais saborosos que já haviam provado, as iguarias mais raras, achavam-se na mesa.

* * *

Os dias, agora, para as três jovens, corriam sem tristezas. Percorriam os jardins, colhendo rosas das mais variadas e perfumosas.

Enquanto isto, o Mago fez com que o noivo de Elena sonhasse com as três e pudesse ver onde elas se achavam e onde se encontrava uma embarcação à espera.

Assim que despertou, o noivo de Helena, contou o sonho aos outros dois e, decidiram pôr-se a caminho.

Depois de fazerem os preparativos necessários, montaram em três soberbos alazões e partiram.

Como é natural, os pais das jovens cobriram de bênçãos seus generos, desejando-lhes felicidades e a madrinha de uma das moças entregou a cada um dos jovens um objeto de coral, dizendo-lhes:

— Quando vocês se virem em dificuldades, basta dizer: "Coralzinho, coralzinho, não me desampares", e imediatamente alguem virá em socôrro.

Nada aconteceu até chegarem os moços à beira da praia, onde a embarcação os esperava. Era um lindo barco todo branco, com velas vermelhas. Entraram nêle e o barco inflou as velas e navegou velozmente sòzinho, sem necessidade de manobrar. Poucos dias depois chegavam à Ilha Afortunada. Deixaram o barco ancorado em lugar seguro e se internaram decididamente pelo bosque. As árvores e a mata bravia cada vez se tornavam mais fechadas, obrigando os jovens a parar, pois estavam perdidos dentro delas.

Diante de tal apuro, serviram-se dos seus talismãs: "Coralzinho, coralzinho, não me desampares" — disseram a um só tempo.

No mesmo instante, um gracioso esquilo, do alto de uma árvore, os chamou:

— E' por aqui! Já vejo que estão perdidos. Eu os guiarei, mas cada um tem que me dar uma coisa...

— Pede o que desejas — disse o esposo de Julia.

— Quero as alianças de casamento de cada um de vocês.

Os jovens entreolharam-se com tristeza. Como se apresentariam diante de suas esposas, sem as alianças? E se elas não acreditassem no que estava acontecendo?

Entretanto, não havia outro remédio. Deram as alianças e, em troca, o esquilo, saltando de galho em galho, ia mostrando o caminho.

Chegaram a um ponto onde a montanha estava cortada no cimo. Era um enorme barranco, quase que intransponível. O esquilo desceu pelos retorcidos pinheiros e, já no outro lado, fez sinal para que o seguissem.

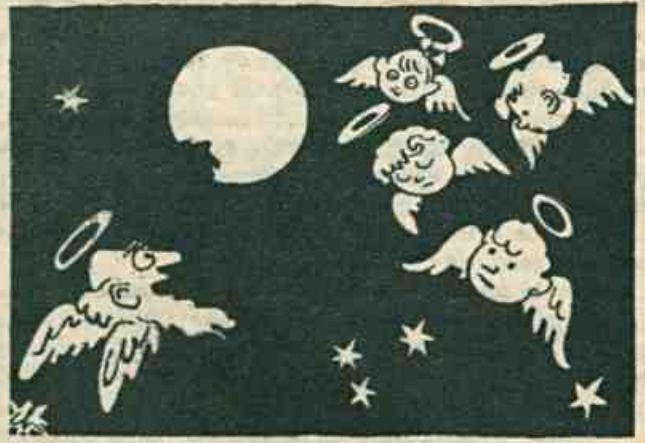
Os três jovens se consultaram e novamente utilizaram o talismã: "Coralzinho, coralzinho, não me desampares".

E esta vez foi um urso enorme que apareceu para lhes dizer que os levaria para o outro lado do barranco, mas que exigia, antes, uma recompensa.

— Podes pedir o que desejas, disse o noivo de Maria.

— Quero êstes medalhões que vocês trazem no peito.

— Que faremos sem os retratos de nossas esposas? — pensaram os jovens; mas, entregaram-nos ao urso, que, em seguida, os carregou um por um, em seus possantes braços e os levou através do barranco até o outro lado. E lá, continuaram seu caminho.

Enquanto os jovens caminhavam, já exaustos, pelo bosque, um esquilo e um urso apresentavam-se no palácio das Nevoas, pediam para falar com as três moças. E, entregando-lhes as alianças e as medalhas, perguntaram: — Encontrámos estas coisas na floresta. Será que conhecem quem são seus donos?

— Quem foi o engraçadinho que andou brincando com a lua?

As moças puseram-se a chorar, julgando que seus maridos haviam morrido quando vinham procurá-las, e correram a contar ao Mago sua desventura.

Naquele momento, precisamente, os três jovens batiam à porta do palácio, sendo em seguida levados à presença do dono.

(Continua na página 438)

Aprenda isto

●

O cravo da índia afugenta a traça.

●

A primeira vez que um cisne sái a passeio com os filhotes, êles se colocam entre as asas maternas e assim dão várias voltas, até perderem o medo da água, atrevendo-a nadar.

●

Valet, em francês, significa criado. O "valet de chambre" é o "criado de quarto"

SE É VERDADE...

Certo tenente do Exército inglês fôra promovido a capitão, mas a data da promoção veio errada no jornal oficial inglês; em vez de 1.º de Abril de 1941, apareceu 1.º de Abril de 1041. A noite, no refeitório, estando reunidos vários oficiais, para celebrar com iguárias e cerveja a promoção do colega, um lembrou-se de aconselhar que o tenente requeresse imediatamente o soldo de capitão... retroativo. Por entre gargalhadas, fez-se o requerimento, em linguagem solene, citando-se as disposições aplicáveis do Regulamento Militar de Sua Majestade.

No dia seguinte, o jovem oficial, ao pensar melhor no assunto, sentiu-se preocupado por causa das consequências daque ato irrefletido.

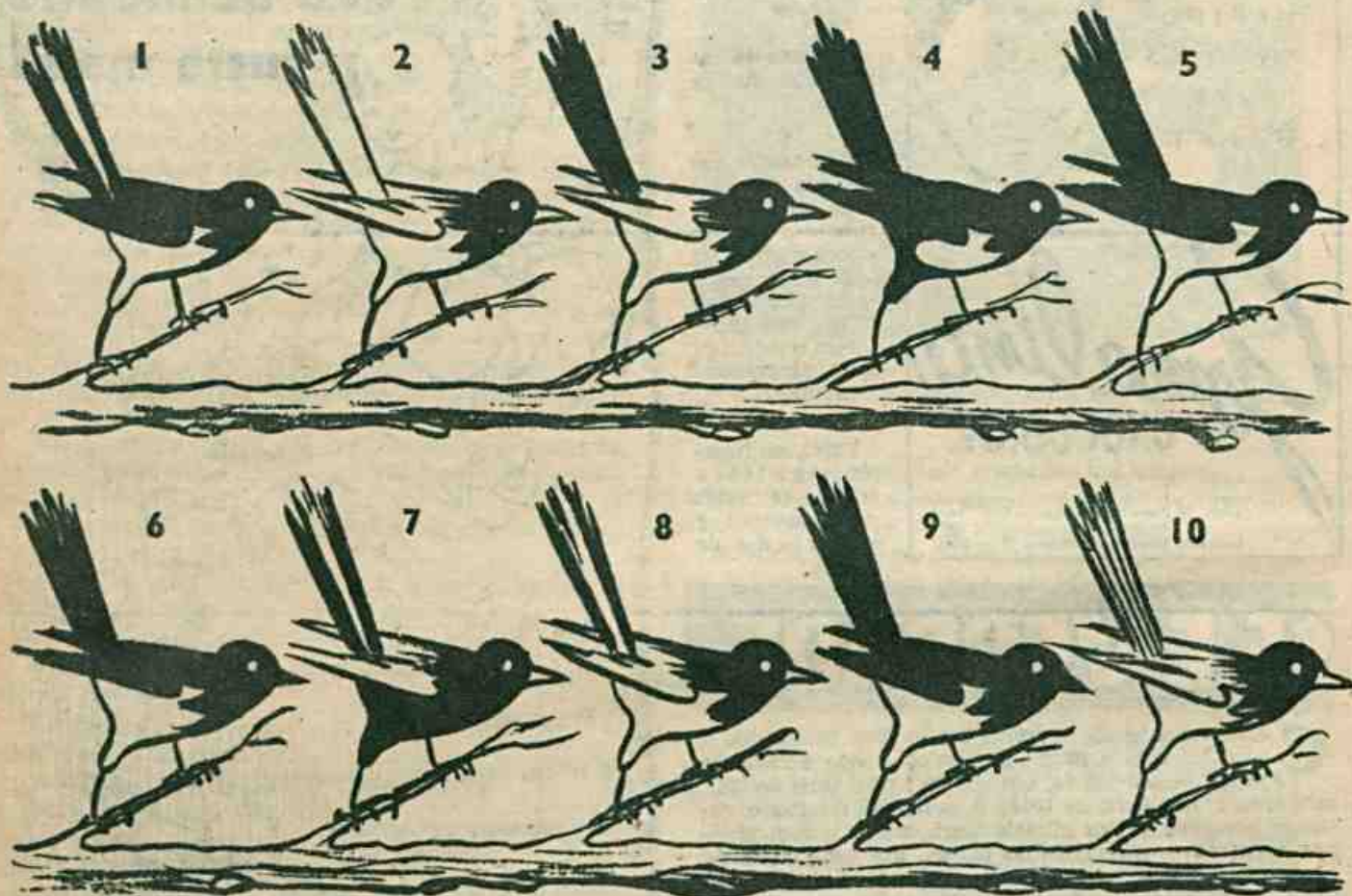
Ao fim de vinte dias surgiu o despacho, assim redigido: "Examinando o requerimento do tenente F... em que pede lhe seja concedido, retroativamente, o sôldo a que terá direito desde 1.º de Abril de 1041, verifica-se que o referido documento está em ordem. Assim sendo, creditou-se em sua conta a importância de £39.999. Parece, no entanto, que o requerente se esqueceu de um parágrafo no Regulamento de Sua Majestade, segundo o qual todo o oficial em comando é responsável, pessoalmente, por quaisquer armas ou cavalos perdidos em batalha, por sua exclusiva negligência. Se o oficial morreu em campanha, essa responsabilidade passa ao oficial que lhe seja inferior hierárquico e que haja sobrevivido.

"O requerimento demonstra cabalmente que o requerente, o tenente F... é o único sobrevivente da batalha de Hastings (no ano de 1066 da era cristã), em que se perderam, por negligência, 20 mil cavalos, cujo valor se calcula em £ 2 por cabeça. Cabe ao requerente, pois, responsabilidade exclusiva pela perda desses animais cujo valor importa no total de £ 40.000. Foi, pois, ajustada a sua conta, de maneira que o requerente deve aos cofres públicos a importância de 1 libra".

QUAIS SÃO OS DOIS PÁSSAROS IGUAIS ?

1 2 3 4 5

6 7 8 9 10

Dois, apenas, dêsses pássaros, que muito se parecem à primeira vista, são iguais. O leitor poderá dizer, em um minuto, quais são êles? Em mais de um minuto, não tem graça...

BRASILEIROS ILUSTRES

PRUDENTE DE MORAIS

PRUDENTE de Morais era antes de tudo um homem de princípios firmes, sincero, leal, austero. A linha da austeridade, natural, sem afetação, era a feição predominante no seu caráter. Desde a mocidade essa feição se lhe acentua calma e firme. Os colegas da mesma idade o reconheciam e cediam facilmente ao ascendente do seu espírito, ascendente que sempre prevaleceu mais tarde, tanto no seio do partido como nos conselhos do govêrno. Não era um homem robusto. O seu físico emagrecido, o seu rosto cavo e macilento em que a curva do nariz fortemente se acentuava, o seu porte alto, a sua voz clara ainda que um tanto nasal, falando pausado e grave, com o gesto sóbrio e a dição correta e conceituosa, o Dr. Prudente de Morais, na aparência frio, mas calmo eseguro, afável na intimidade, comunicativo e mesmo loquaz, dava a impressão de um Nestor, cuja figura se venera e cujas palavras se aceitam e se cumprem com a equivalência dos oráculos...

Presidente eleito da Assembléia Constituinte, deve-se, em grande parte, à sua atitude correta, serena e operosa, o ter-se levado a bom termo a discussão do estatuto nacional, promulgando-se a primeira carta constitucional da república do Brasil, em Fevereiro de 1891.

À procura da sombra

(História muda)

LANCE

BRASILEIROS ILUSTRES

CARLOS GOMES

A vida desse nosso genial maestro, ponderou acertadamente Damasceno Vieira, encerrou-se em duas paixões, em dois cultos: a Arte e a Pátria. Em homenagem à primeira amava a Itália, porque lhe desenvolveu a inteligência e as faculdades criadoras. Amava a Pátria com o desprendimento dos corações elevados, procurando sempre dar às suas produções o cunho brasileiro. Filho de Campinas, fez os primeiros estudos de música com o conhecido maestro italiano Joaquim Gianni. Em 1861 representou-se a sua primeira ópera "A Noite no Castelo", assuntos das cruzadas. Pouco depois da representação da ópera "Joana de Flandres", foi mandado pela Academia de Belas Artes estudar no Conservatório de Milão. Longe da Pátria, sentiu no coração a mais profunda saudade e para sua estréia na Itália escolheu um assunto brasileiro: "O Guarani", de José de Alencar (1870). Depois do "Guarani", escreveu "Fosca", "Salvador Rosa" e "Maria Tudor". Em 1889 veio fazer representar no Rio de Janeiro "Lo Schiavo", peça escrita especialmente para o Brasil. Ao subir à cena, recebeu o autor, das próprias mãos de D. Pedro II, o diploma de Grande Dignatário da Ordem da Rosa. Em 1890 representou-se em Milão, com grande sucesso, a ópera "Condor", que foi trazida ao público do Rio em 1891.

1954

Almanaque d'O TICO TICO

A todos os seus leitores e amigos, que o distinguem com a sua preferência, o Almanaque d' O TICO-TICO deseja cordial e sinceramente as mais alegres festas de Natal e um novo ano próspero e cheio de venturas.

PARA PASSAR O TEMPO

QUER VÊR A LEBRE SALTAR?

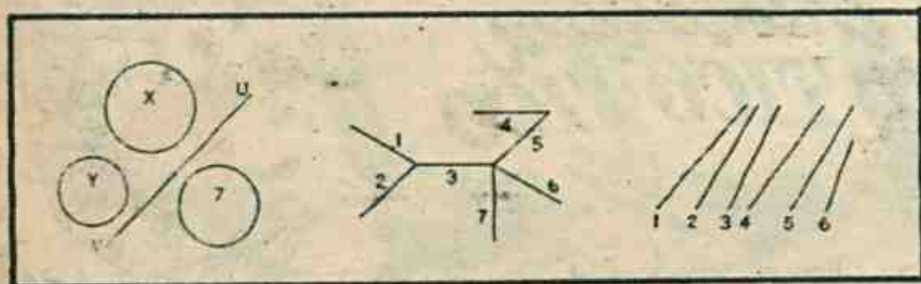
Olhe bem para ela e vá fechando e abrindo um dos olhos de cada vez.

VOCÊ TERÁ, COMO IMAGINA, BOM GOLPE DE VISTA?

Talvez não seja bem isso: golpe de vista. Talvez golpe de vista seja outra coisa. O que interessa é saber se você tem olhos capazes de distinguir, por si mesmo, sem auxilio, certas coisas que iludem a muitas pessoas. Por exemplo, aqui no quadro. Olhe bem as figuras. E, agora, responda:

X U Y Z V

1 2 3 4 5 6 7

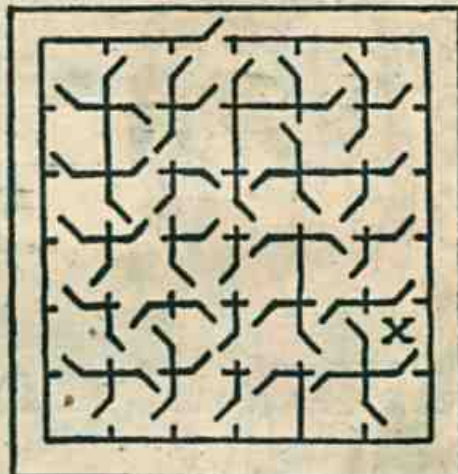
1 2 3 4 5 6

I — Qual dos circulos, Y, X ou Z, tem a circunferência igual à linha VU ?

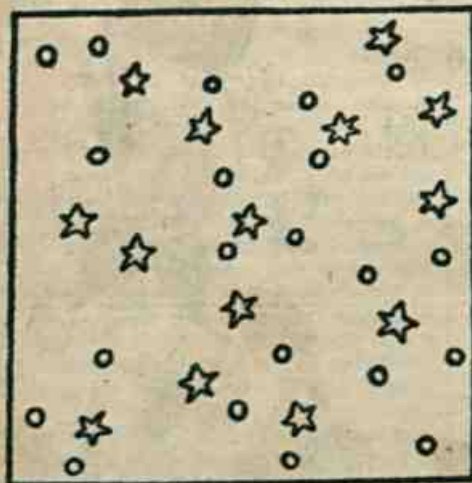
II — As sete linhas que aí estão, têm igual extensão ?

III — Entre as seis linhas seguintes, duas são paralelas. Quais são ?

(Resposta no fim do Almanaque)

O CASTELO

X

Isto representa um castelo com trinta e seis quartos, cujas portas só se abrem num sentido, empurrando-as. O sentido da abertura indica-o o desenho. Uma pessoa encontra-se em X e tem de sair do castelo pela parte de cima onde se vê uma porta meio aberta. Qual é o caminho que deve tomar ?

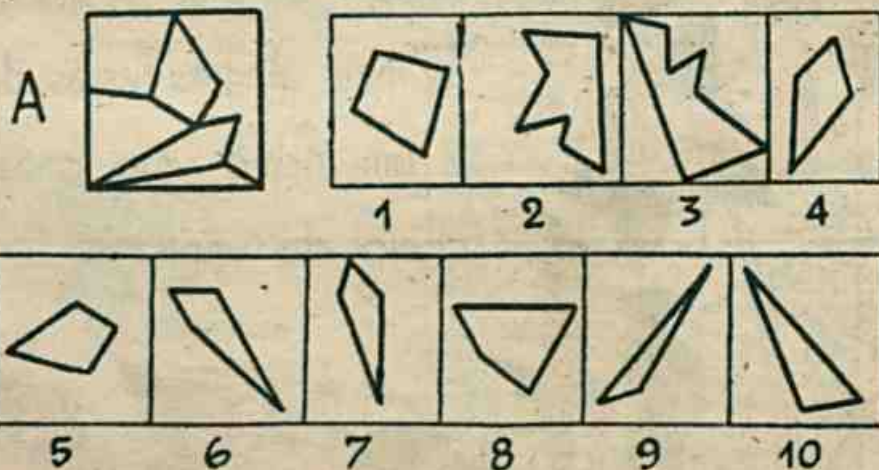
ESTRÊLAS E CIRCULOS

Trata-se de unir, por meio dum traço: 1.° — todos os circulos; 2.° — tôdas as etrêlas, mas de modo que os dois traços se não cruzem nunca.

AS SOLUÇÕES SE ENCONTRAM EM UMA PÁGINA DO FIM DO ALMANAQUE

VEJA SE ACERTA...

A

1 2 3 4

5 6 7 8 9 10

Olhe para a figura. Você tem meio minuto para marcar com um lapis os fragmentos que convêm exatamente para recompôr a figura A.

Patriotismo é o sentimento que leva o homem a amar verdadeiramente o seu país.

E' dever do homem, para com a sua pátria, defendê-la quando ameaçada em sua soberania, em sua independência e na integridade de seu território.

Natal

DATA maior da cristandade, falas, ó Natal, a todos os corações. Quando te aproximas, vão começando a vibrar as criaturas, num frêmito que é, ao mesmo tempo, de alegria e fé, altruismo e ternura, saudade e solidariedade humana.

Chegas, afinal, com o teu repicar de sinos, e, fazendo espoucar a alegria das crianças, repões um pouco dessa mesma alegria nos corações maduros e desiludidos, que só de tristeza vivem.

Todos te festejam, maravilhoso Acontecimento, porque em ti todos encontram um luzeiro de Fé e Esperança. Todos te recebem com satisfação, porque simbolisas o recomêço, a renovação.

Depois de ti, mais amor sôbre a terra, entre os homens, sob o sol, a lua e as estrêlas. Depois de ti a fraternidade, a união.

Assim esperavam os Magos de há milênios. Assim confiavam os pobres e humildes pastores de Belém.

Assim espera cada um de nós, pobres mortais, quando chegas, cada ano, Natal de Jesús, benvindo Natal!

GALVÃO DE QUEIROZ

A RATINHA MILONGUITA

Tradução de
MARIA MATILDE

ÀS margens de um riacho havia uma cidade de ratinhos.

Numa das lindas casas vivia uma família de vinte ratinhos, bem pequeninos

À hora das refeições a mãe repartia talhadinhas de queijo entre os filhos. Todos adoravam queijo, menos Milonguita, a menorzinha de todos, que permanecia sentadinha, muito triste, olhinhos sem brilho, bigodinhos caídos, dentes escuros e fracos.

A mãe aproximou-se e disse:

— Minha filha, hoje vais comer um pedacinho de queijo, não é verdade?

— Não, mamãe. Eu só gosto de pão com manteiga e marmelada.

Milonguita mal tocou no que a mãe lhe dava. Depois dirigiu-se à margem do rio, onde, já há algum tempo, os seus irmãos se divertiam.

Estavam a reunir pedrinhas e areia, para construir um castelo. Milonguita, porém, continuava longe da brincadeira.

Quando o castelo estava quase pronto ela apanhou uma pedra azul e a foi colocar na torre do castelo, mas o fez tão desajeitadamente que o castelo veio abaixo.

Os irmãos ficaram aborrecidos com ela e a ratinha, muito triste, foi para casa. Na cozinha, perguntou à mãe se queria que a ajudasse.

— Sim, minha filha. Mexe a sopa que está no fogo.

Milonguita pegou numa colher e começou a mexer a sopa, porém do seu corpo desprendiam-se pêlos, que iam caír dentro da panela.

Ah! Milonguita! — exclamou a mãe — tenho que botar tôda a sopa fóra e fazer outra! Vai brincar, vai...

Milonguita dirigiu-se ao rio e alí ficou a pensar que ninguém gostava dela. Nem a própria mãe! Por isso resolveu fugir.

Com alguns galhos pequenos de árvore, fez uma jangada. Uma aranha ia passando e ela pediu — Dona Aranha, quer tecer uma vela para a minha jangada?

— Com todo o prazer! — respondeu ela. E teceu uma vela que foi colocada no mastro.

Depois de agradecer, Milonguita se pôs a navegar.

Ao anoitecer, passou por um lugar onde havia muitas rãs, que começaram a caçoar dela.

— Ih! que menina tão feia! E como é magricela!

Quando se fez noite, a ratinha parou junto a uma pedra. Mas, o que ela julgava ser pedra, era uma tartaruga, que ficou furiosa,.

— Que falta de respeito é esta?

— Desculpe-me, dona Tartaruga. E' que eu não vejo bem — disse Milonguita muito desconcertada

— Se é assim por que não fica em casa?

Vencida pela fadiga, Milonguita adormeceu.

No dia seguinte, ao despertar, encontrou-se num estranho país. À margem do rio estendiam-se grandes plantações de espinafre, cenoura, acelga e alface.

Milonguita saltou e penetrou no bosque. Estava muito cansada e sentia fome.

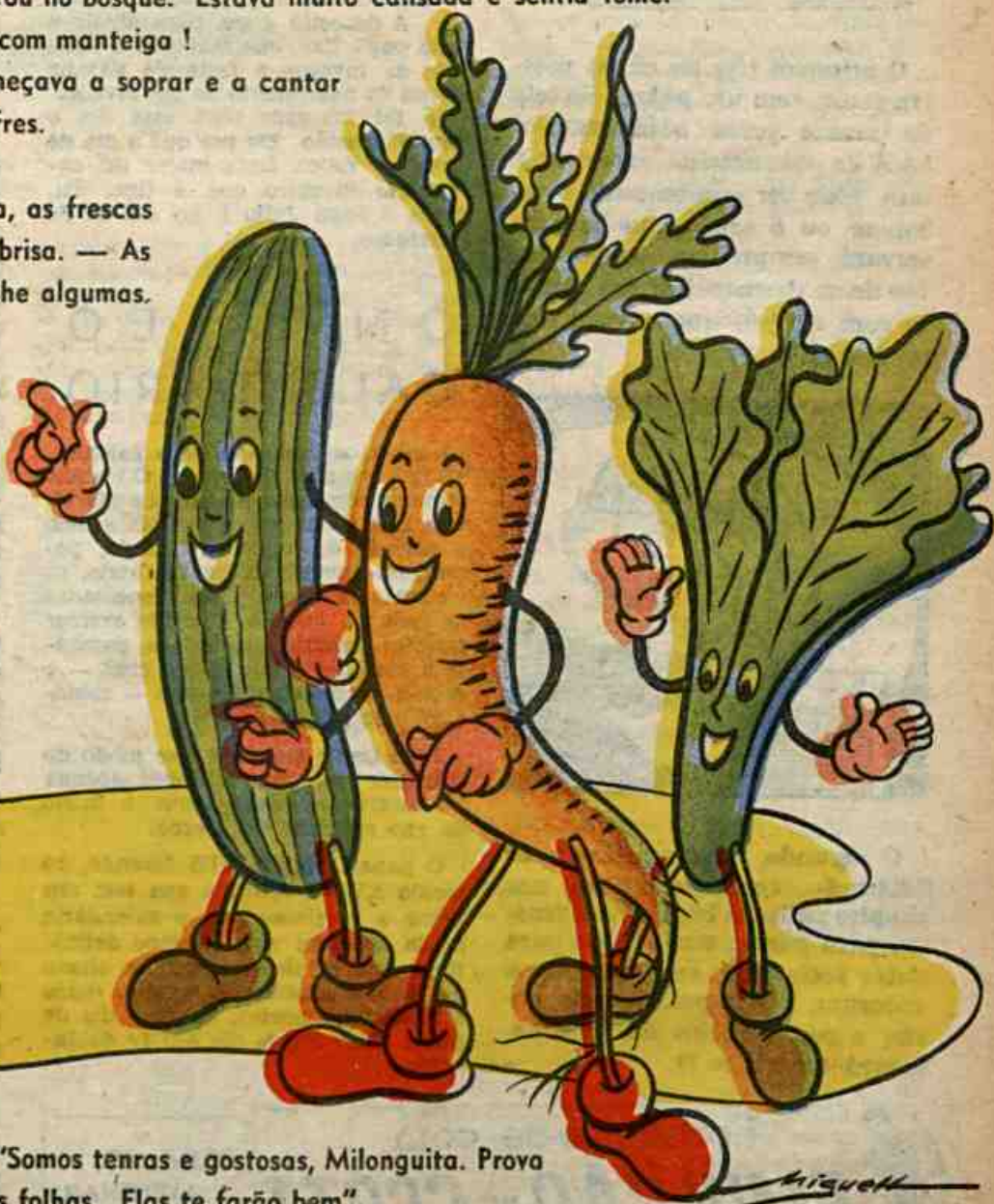
Ah! se tivesse um pãozinho com manteiga!

Nisto, ouviu que a brisa começava a soprar e a cantar entre as folhas verdes dos espinafres.

E se pôs a escutar.

— "Come, come, Milonguita, as frescas folhas de espinafre" — dizia a brisa. — As folhas de espinafre são boas. Colhe algumas. para comer..."

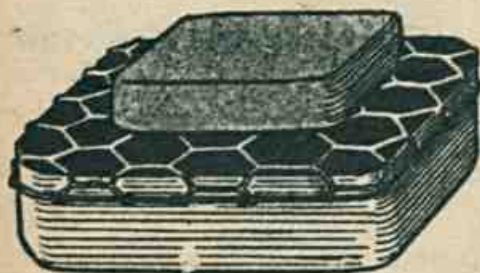
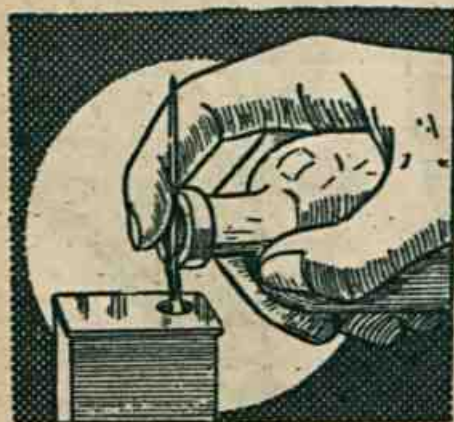
A ratinha apanhou um punhadinho de folhas de espinafre e começou a comê-las.

Continuou andando até a plantação de acelgas e, também estas pareciam murmurar:

— "Somos tenras e gostosas, Milonguita. Prova as nossas folhas. Elas te farão bem".

A ratinha comeu das acelgas e depois das alfaces. Aí começou a se sentir bem. Foi andando, e deu com uma enorme horta de legumes. Dentre os verdes e viçosos vegetais surgiram umas meninas que se aproximaram sorridentes de Milonguita.

(Conclue no fim do Almanaque)

Para fazer economia

Vamos dar aos leitores, a seguir, dois alvitres práticos, que os ajudarão a cultivar o espírito de poupança que deve presidir a vida de hoje, nestes tempos de escassez e de carestia.

O primeiro (fig. de cima) mostra como, com um pedaço de tela de arame prêsa hàbilmente à bôca da saboneteira, ou de uma lata, póde ser economisado o sabonete, ou o sabão, que se conservará sempre em forma, em vez de se desmanchar em contáto com a água que sempre fica no fundo da vasilha.

O segundo, mostra, através da ilustração, como se utiliza um simples palito, à bôca de um frasco, para passar um líquido para outro recipiente, sem risco de o entornar. (O Papai, quando enche o seu isqueiro de benzina, saberá fazer isso ?).

O NATAL NO MUNDO

Desde o começo do Cristianismo a festa do nascimento do Homem-Deus, do Redentor, foi celebrada com tocante fervor. Mas a data do começo da era cristã, durante os três primeiros séculos, permaneceu indecisa; coincidia, segundo os cálculos e a interpretação dos textos sagrados, ora com o dia 6 de Janeiro, ora com o 28 de Março, 18 ou 19 de Abril ou, enfim, com o dia 29 de Maio.

O mais antigo documento sôbre o assunto, isto é, relativo à época da Natividade, é menção do calendário Filocatiano, dado a Roma no ano 336. Dizia o seguinte: *VIII.ª Kal. Jan. Christus in Bethleem Judea* (Cristo nascido em Belem, Judéia, no oitavo dia antes das calendas de Janeiro). A despeito disso, para abolir a festa pagã fixa, que marcava o solstício de inverno a festa de Natalis invicti (o nascimento do Sol invencível) foi marcado para esse dia o "Natal" cristão. Eis por que o dia de Natal, a única festa maior do calendário litúrgico que é fixa, cái, desde o Papa Julio I, no dia 25 de Dezembro.

O NATAL E O CALENDÁRIO

Quando se estabeleceu o calendário romano (753 anos a C.) o ano romano começava no mês de Março. Êsse calendário vigorou durante todo o período da realeza; quando, porém, no ano 153 antes de Cristo, os cônsules passaram a ser empossados no mês de Janeiro, devendo exercer funções durante doze mêses, passou-se a considerar que o ano civil — e depois simplesmente o ano — começava naquele mês.

Julio Cesar manteve êsse modo de entender em sua reforma, apenas os sacerdotes mantiveram o início do ano religioso em Março.

O papa Gregorio XIII fazendo, no século XVI, a reforma que tem seu nome e estabelecendo o calendário ainda hoje em vigor, firmou definitivamente o início do ano no oitavo dia após o solstício do inverno (para o hemisfério norte), que é o dia de Natal. Êsse oitavo dia é o 1.º de Janeiro.

****

A MISSA DO GALO

Foi o Papa Telésforo quem primeiro teve a idéia de celebrar três missas na noite de Natal. Simbolisam essas missas, segundo sua própria interpretação, os três Nascimentos de Jesús: um na Divina Vontade do Pai, outro no Presépio de Belém, e outro nos corações dos fiéis.

O nome de Missa do Galo vem provàvelmente do fato de que a primeira se celebra à meia noite, que é geralmente a hora marcada pelo canto do galo.

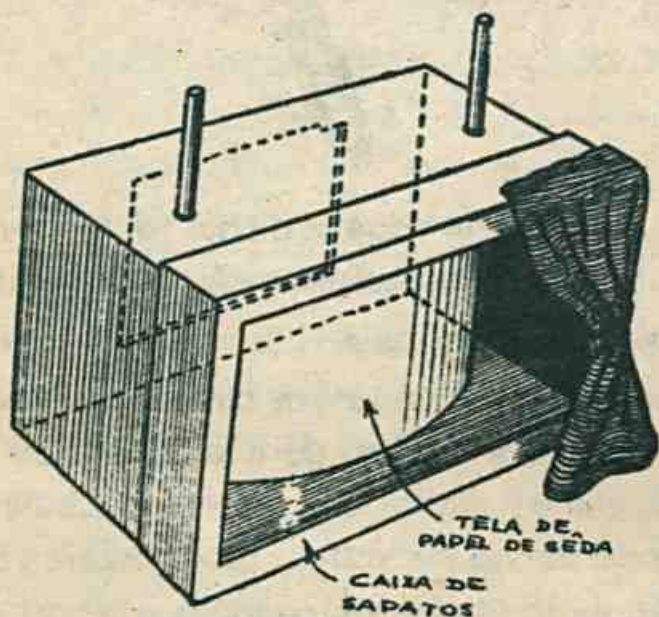
Segundo certo historiador muito antigo (Albertus Argentinensis), quando se celebrou em França a primeira Missa do Galo, Carlos Magno esteve presente e, à hora do Evangelho, pôs-se em pé e, desembainhando a espada em sinal de reverência, deu início à leitura daquele sagrado texto.

Êsse gesto converteu-se num costume e, por muitos séculos, o Soberano Reinante, ou a pessoa autorizada a representá-lo, assistia à santa Missa e lia as primeiras palavras do Evangelho.

No tempo de Benedito XIV, êsse Papa costumava, depois da missa do Natal benzer uma capa e uma espada e oferece-las a um dos Príncipes presentes.

****

TELEVISÃO FEITA EM CASA

TELA DE PAPEL DE SEDA

CAIXA DE SAPATOS

Quem é que não quer ter o seu aparelho de televisão? E sabem que isso é fácil? Não, decerto, uma televisão de fato, e sim de brinquedo. Mas que, bem construída e bem "operada", pode distrair bastante. Toma-se uma caixa de sapatos, na qual se fazem, de um lado, uma abertura grande (ver a figura) e outra menor, do outro. De cada lado da abertura maior, na parte superior, faz-se um furo, e nêles se introduzem dois paus roliços, de modo que possam rodar dentro dos orifícios. Nesses paus se colam as extremidades de uma tira de papel transparente — que será a tela — com largura igual à altura da caixa.

Nessa *tela* se colam as figuras, recortadas de revistas, coloridas, e enrola-se para um dos lados. Fóra da caixa, por trás, mas perto dela, coloca-se a luz — vela ou lâmpada — de modo a concentrar a claridade na face interna da tela.

Para fazer funcionar a "televisão", vai-se fazendo rodar o pau que está vasio, de modo a passar a tira, do outro, para êle.

E tem-se o espetáculo de TV. Escolhendo bem as figuras a serem coladas na tela, póde-se obter um bom entretenimento. Enfeita-se a "bôca" da caixa como se desejar, até mesmo com uma cortina, como o desenho está indicando.

O BANDIDO FOI CASTIGADO

UMA DE CAIPIRA

No interior de São Paulo, há muitos anos, realizou-se a visita de um bispo, que fez questão de percorrer a melhor fazenda de café da região.

Chegando à casa de um dos colonos, saltou do carro, que a viagem era longa, à espera de que o calor abrandasse.

Enquanto conversava com a gurizada, aproximou-se a vovó Natércia, a quem disseram:

— Chegue-se, vovó Natércia, venha falar com o bispo.

A velhinha aproximou-se, beijou a mão do visitante ilustre e foi-lhe dizendo:

— Boa-tarde, seu bispo; como vai o sinhô? Cumo vai dona bispa e os bispinho?

OUTRA

Certo caipira, tendo ido confessar-se, entrou em minudências infindáveis. Como o padre, já impaciente, pela segunda vez lhe dissesse que contasse apenas seus pecados, o homem respondeu-lhe:

— Sêo vigário, já lhe contei tudo. Agora vossa senhoria, que é quem sabe mais, escolha os pecados.

Uma festa

NO tempo em que os bichos falavam, realisavam-se festas no céu com frequência, para as quais êles eram sempre convidados. A princípio sòmente iam os bichos que possuiam asas e sabiam voar. Depois do que aconteceu porém ao Jaboti, que um dia foi levado pelo Urubú e sofreu um grande tombo na volta, e só não morreu porque São Pedro juntou todos os pedaços e colou uns nos outros, uma grande escada foi construida, ligando o céu à terra. Dêsse modo, daquele dia em diante todos os bichos puderam participar das festas no céu, que eram realmente maravilhosas.

Um dos bichos mais brincalhões que havia, era a Cobra, que naqueles tempos não tinha, absolutamente, o aspecto que hoje apresenta. A Cobra era, mesmo, um animal muito elegante, com pernas compridas e fortes, orelhas longas, que ela trazia sem-

NO CÉU

CONTO de JURACY CORREIA

pre empinadas, e uma cauda bonita, que era todo o seu orgulho.

A Cobra, no entanto, tinha o feio vício de beber em demasia. E, numa das festas que se realizou no Céu, ela tomou tantos licores, tanto vinho e outras bebidas que por lá havia, que acabou ficando completamente tonta. O escândalo foi enorme, pois nunca um caso daqueles havia acontecido. Os bichos todos, é claro, reprovaram a atitude da Cobra, que, nem por isso, deixou de beber. Indignados, então, com tanta falta de respeito, pois a Cobra já estava se portando de modo inconveniente, eles exigiram que ela se retirasse, o que foi feito no mesmo instante.

Coitada da Cobra ! Tonta como estava, perdeu o equilíbrio, ao descer a escadaria, de modo que despencou lá do alto e veio cair bem em cima de uma pedra, espatifando-se completamente.

Vendo o que acontecera, São Pedro, a exemplo do que já fizera, tempos antes, com o Jaboti, reuniu todos os pedaços e procurou colar uns nos outros. Os pedaços, porém, eram tão pequenos, que a tarefa se tornou impossível. Não possuindo um casco forte para proteger o seu corpo, como o Jaboti, a Cobra ficou reduzida a farelos, de modo que não havia meios de se saber a que lugar pertencia cada um dos pedacinhos.

Em último recurso, para não deixar a Cobra morrer, São Pedro, com muita paciência, foi colando uns pedaços nos outros em forma de tira, resultando daí um corpo comprido, sem pernas, sem orelhas, sem cauda, enfim, com o aspecto que a Cobra possui atualmente.

Dizem que aquela foi a última festa que se realisou no céu, para que se não registrassem novos acidentes. Tanto assim, que a escada foi retirada, restando sòmente do caso, como lembrança, o fato de ter a Cobra que se arrastar pelo chão, levando uma vida horrível, o que, aliás, constitui o seu grande castigo.

Hino Nacional Brasileiro

Letra de Osório Duque Estrada **Música de Francisco M. da Silva**

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
E o sol da liberdade em ráios fúlgidos
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte.

O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um ráio vivivo
De amor e de esperança à terra desce
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
E's belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil
E's tu, Brasil,
O' Pátria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

II

Deitado eternamente em bêrço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulgúras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo,

Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres;
"Nossos bosques têm mais vida"
"Nossa vida" no teu seio "mais amôres".

O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado!
E diga o verde-louro dessa flâmula:
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não fóge à luta
Nem teme, quem te adora, a própria morte!

Terra adorada
Entre outras mil
E's tu, Brasil,
O' Pátria amada!
Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

OS AUTORES DO HINO NACIONAL

FRANCISCO MANUEL DA SILVA — Nasceu no Rio de Janeiro (21-2-1795) e morreu em 1865. Foi aluno de música do notável Padre José Maurício. Tocava vários instrumentos e era professor de música e compositor. Foi fundador do Conservatório do Rio de Janeiro, criado por D. Pedro II.

OSÓRIO DUQUE ESTRADA — Joaquim Osório Duque Estrada nasceu no Estado do Rio em 1870 e morreu no Distrito Federal em 1927. Foi autor de muitos livros e poesias. Era crítico literário muito temido por sua agressividade.

O LAGO E A ESTRÊLA

Era noite de lua e o lago sossegado conversava com a estrêla pequenina que andava a palpitar no fundo do céu.

— Eu vejo aqui da Terra — ia dizendo o lago — tôda a extensão celeste, todo o estelário que borda o firmamento. No fundo do meu leito eu guardo a imagem linda de tôdas as estrêlas e o bojo prateado da lua majestosa! Quando uma nuvem corre pela estrada do céu, como um trapo de gaze a cobrir as estrêlas, costuma se mirar no espêlho limpo de minhas águas claras. Eu, cá de baixo, avisto o céu inteiro e lindo! Talvez mais belo seja o céu que avisto, do que tôda a paisagem dêste mundo que a tua luz, estrêla, possa ver lá de cima!

— Estás enganado, amigo! — disse a estrêla. — Não póde haver mais maravilha e encanto do que existe na Terra, onde estás. A minha luz, irmão, não vai sòmente se esconder no espêlho delicado de tuas águas mansas. Ela ilumina os ninhos; ela clareia as pétalas das flôres; vive a beijar a alvura dos rebanhos, o jaspe das açucenas e o doirado das espigas; anda a branquejar as folhas dos missais nos instantes da prece vespertina; dá luz ao fundo dos regatos, dos lagos como tu; é feliz, a minha luz, muito feliz, amigo, porque ouve, aqui no céu, a música das preces, as baladas de afeto e as ternuras das mães embalando os filhinhos...

CARLOS MANHÃES

CHIQUINHO ENSINA GINÁSTICA

Um! Dois! Um! Dois! Esquerda! Direita!

Chiquinho, aquele dia, estava francamente da ginástica!

1 — Mas acontece que os meninos da visinhança estavam era com vontade de achar graça e começaram a rir dêle!

2 — Aproximando-se da cêrca, Chiquinho começou a falar sôbre as vantagens da cultura física...

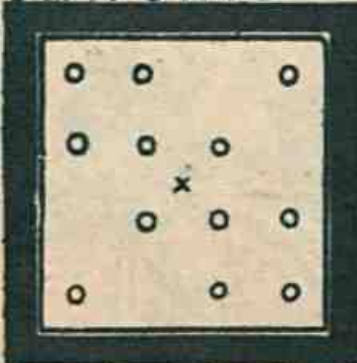
3 — ... e falou tão bem que a meninada resolveu fazer ginástica também. Êle seria o instrutor, o Osvaldo Diniz Magalhães.

4 — Principiou por colocar os meninos em fila, um atrás do outro. E como seu plano era castigar a turma tôda por ter zombado dêle...

5 — ... tomou distância, correu e aplicou uma boa solada no último da fieira...

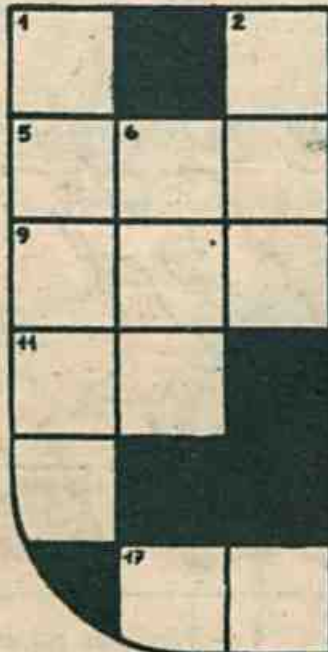
6 — ... derrubando a turma tôda, como vocês estão vendo. Aí, então, o feitiço virou contra...

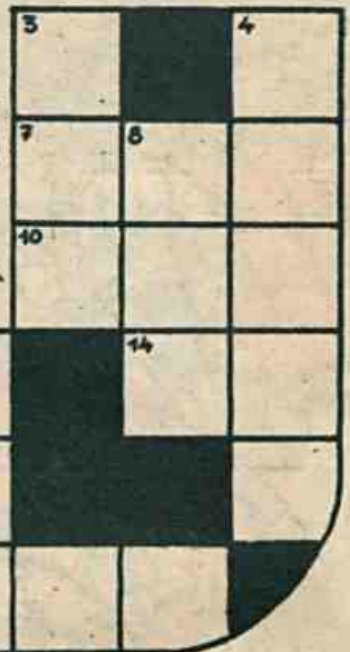
7 — ... o feiticeiro, pois a turma, que não gostou da brincadeira, saíu correndo atrás dêle, o que, afinal não deixava de ser uma aula de ginástica... para as pernas.

O PROBLEMA DA FONTE

Um pai morrendo, deixa aos seus quatro filhos um terreno, quadrado, no qual havia doze árvores plantadas como indica a figura, e ainda uma fonte, bem no centro, onde está o X. Os rapazes tinham de dividir o terreno, segundo o que ficou estabelecido no testamento, de modo tal que cada um recebesse área de terreno de superfície equivalente em metros quadrados e que a fonte continuasse a ser serventia de todos êles.

Saberá você fazer essa divisão, como bom agrimensor, e atender ao que deixou escrito no testamento o cuidadoso velho? Se não acertar, veja a solução no fim dêste Almanaque. Mas é bom tentar, antes, por si mesmo.

São uma gente horrível! Não sabem fazer nada sem essa algazarra, essa gritaria . . .

PALAVRAS CRUZADAS

VERTICAIS

1 — Dar impulso à embarcação.
2 — Tempêro que vem do mar.
3 — Grande extensão de água salgada.
4 — O metal mais raro que existe.
6 — Baixo, desprezível.
8 — Duas notas musicais iguais.
12 — Máquina com que, em geral, se imprimem os jornais.
13 — Doce que é uma coisa louca, de gostoso!
16 — Sem rugosidades.

HORIZONTAIS

5 — A primeira mulher que existiu.
7 — Presente do indicativo do verbo arar, 3.ª pessoa, singular.
10 — A metade da redoma.
11 — Iniciais de Alfredo Lima.
14 — Nota musical da 3.ª linha da pauta.
15 — Diz-se, às vezes, ao telefone.
17 — Felino pequenino.
18 — De avião, de pássaro ou de açucareiro.
19 — Metade do remédio que fortifica as crianças.
20 — De chapéu.

(Veja a solução no fim do Almanaque).

QUE SERÁ?

QUER vêr o que é? Recorte o retângulo. Depois dobre-o de maneira a que o n.º 1 vá ficar junto de 2. Agora, dobre novamente para fazer 5 unir com 7 e 6 com 8. Pronto! Póde fazer festinhas no bacorinho...

O PRÊMIO

1 Andavam as fadas pelo mundo em missão especial. Pairando no espaço, invisíveis, ou disfarçadas, iam observando o que acontecia entre as pessoas, os animais e as plantas das regiões sob seus cuidados.

2 Em certa parte do mundo, numa cidade, realizava-se um casamento, que era o grande sucesso do momento. A noiva era filha de um notável da terra, dono de grande fortuna. Uma das Fadas chegou ao jardim do palacete no momento em que a noiva, as irmãs e as amigas colhiam flores para ornamentar o salão. E viu como se atiravam às roseiras, craveiros, jasmineiros, não demorando a deixar o jardim completamente limpo.

3 Completamente? Não. Uma humilde planta, coberta embora de flôres, fôra deixada sem tocar... A Fada teve pena e resolveu fazer-lhe uma dádiva. Tocou-a, então, com sua varinha mágica e partiu... Nessa mesma noite, uma das irmãs da noiva, que vivia triste por causa da feia pele que tinha, sonhou que lhe aparecia uma visão e lhe dizia:

4 "Há no teu jardim uma única planta florida. Se tratares suas flores como te vou ensinar, e usares o seu sumo na pele, ficarás linda". E, a seguir, deu-lhe a explicação. Mal acordou, a irmã da noiva correu ao jardim e colheu as flores, que preparou como lhe fôra ensinado.

5 E o resultado foi maravilhoso! Aquela era a maravilhosa Flor de Colônia, de que se fabrica o "Leite de Colônia", aformoseador da cutis, protetor da beleza, que em vez de ocultar os defeitos e manchas, remove-os e elimina-os em definitivo.

HELICÓPTERO, veículo do futuro

A primeira idéia de vôo vertical, isto é, de um aparelho que pudesse levantar vôo "para cima", sem ter necessidade de "decolar", para isso precisando de grande espaço, data de 1734. Naquêle ano, dois indivíduos dotados de imaginação levaram à Academia de Ciências da França um plano e uma pequena "maquete", ou "modêlo", de aparelho que êles pensavam que pudesse subir no espaço. Tinha êsse modêlo duas hélices que giravam em sentido contrário. Mas, não passou disso.

Oitenta anos mais tarde a idéia foi tomada novamente por Ponton d'Amecourt, que idealizou um helicóptero a vapor. Chegou, êste, a se elevar do chão. Mais tarde o famoso fotógrafo-aeronauta Nadar e um oficial de marinha a êle se associaram, e chegaram a formar um "triunvirato helicopteroidal" que lançou um manifesto em favor da auto-locomoção aérea.

As realizações se sucederam, então, ràpidamente. Forléani, em 1777, com uma hélice de 2 metros e 80 centímetros de diâmetro e um reservatório a vapor alimentando o motor, chegou a se elevar a 15 metros e ficar parado a essa altura, até que acabou o combustível, a provisão de vapôr.

Vieram, em seguida os aparelhos de Castel, de ar comprimido, de Mélikoff, a éter, de Dufaux, a benzina. Em 1907, o engenheiro Cornu se elevou alguns centímetros acima do solo. Decazes, Bréguet, Richet, Rémy-Félix, Faure, fizeram tentativas. Foi quando começaram a dar a tais aparelhos, destinados a voar verticalmente, o nome de "helicópteros", ou, primeiramente, "giroplanos".

— Menino bôbo! Fica andando em torno da gente, para ouvir a conversa!

A partir de 1920, a idéia começou a interessar vários estudiosos ,em muitos países.

Publicaram - se trabalhos, estudos, relatórios e acabaram todos por chegar a um acôrdo a respeito do principio fundamental do engenho. A fim de impedir a rotação do aparêlho em sentido inverso ao do movimento da hélice horizontal, que serve para a ascenção, era necessário usar uma outra hélice, girando em sentido inverso (a mesma idéia dos estudiosos de 1734). Uma terceira hélice, muito mais pequena, e vertical (como as dos aviões comuns) serve para a propulsão, isto é, para movimentar o aparêlho, puxá-lo, vamos dizer assim, para a frente.

Os trabalhos e tentativas realizadas por um espanhol, Juan de La Cierva, contribuiram enormemente para o êxito.

Hoje, vários tipos de helicópteros são fabricados, desde o de Sikorski, com 4 lugares para passageiros, até os da firma "Air Horse Cierva", que podem transportar 24 passageiros a uma distância de 370 quilômetros, à velocidade de 185 quilômetros por hora.

Linhas de "ônibus" aéreos já estão em funcionamento, na Europa, ligando pequenas localidades, por êsse meio. São usados os helicópteros Bristol 173, de 12 lugares, muito confortáveis, com um raio de ação de 800 quilômetros, propulsionados por dois motores Leonidas de 450 cavalos.

Os pontos de onde decolam são denominados "Helicoports", ou "Roto-Station".

Um aparelho dêsses necessita, para aterrissar e decolar, de apenas um espaço igual ao da sua envergadura, mais uns cinco centímetros de margem.

Trata-se de aparelhos segurissimos, cômodos, destinados a grande utilização no futuro.

VOCÊ já deve ter ouvido falar no "Larousse", considerado modêlo de perfeição entre os dicionários do mundo. E será interessante conhecer a história do seu criador.

Essa história tem um lado exemplar. Não a deixe de lêr, no resumo que aqui vai oferecido.

Pierre Larousse nasceu em 1817, na França, e seu pai era simples fabricante de ferraduras. Vivia de ferrar animais. Naquela época não havia outra condução senão o cavalo, os carros e diligências puxados a cavalos, e muita ferradura se gastava. O menino Pierre aos sete anos já ajudava o pai, no seu trabalho, e frequentava ao mesmo tempo a escola, em Toucy (Yonne), onde nascêra.

Era criança caprichosa, estudiosa e recebia muitos elogios, que envaideciam seus pais.

Um dia, a mãe de Pierre, examinando os bolsos de sua calça, encontrou, juntamente com outras miudezas, um amontoado de papeluchos escritos, que lhe chamou a atenção.

— Que será isto? — perguntou a si mesma.

PIERRE LAROUSSE

E O SEU DICIONÁRIO

Abriu os papéis e não entendeu patavina. Havia coisas engraçadas escritas, como, por exemplo, esta: **"Mãe — pessoa que tem um ou mais filhos e se esforça para que se alimentem bem e aprendam a ler e a escrever."**

A familia achou graça naquilo, nas definições mais ou menos ingênuas que êle escrevera em cada um daqueles papéis. E a coisa foi esquecida. Entretanto, aquilo era a semente, o germe do que viria a ser, mais tarde, uma obra fenomenal.

Pouco tempo depois o jovem Pierre entrou em casa anunciando à mãe que tinha conquistado uma bolsa de estudos, e devia partir para o Liceu de Versailles, para estudar por conta do Govêrno, por ser o primeiro da sua classe. E para lá foi. Levou, é claro, sua **biblioteca**, uma vintena de livros comprados no **sêbo**. No Liceu de Versailles o novato logo se aclimou e ficou sendo conhecido como bom estudante. Os colegas, quando tinham qualquer dúvida, corriam para êle. O "petit Larousse" era a salvação.

Tendo conquistado brilhantemente as aprovações do curso, firmando o renome conquistado, de estudioso e conhecedor das matérias, um dia, numa reunião, êle se encontrou com o célebre Ministro Guizot, que, olhando-o e ajustando o **lorgnon**, exclamou:

— Então, é o senhor, o fenômeno!

— Excelência — respondeu Pierre Larousse — sinto-me imensamente honrado em saber disso!

O responsável pela instrução pública do país sorriu e murmurou qualquer coisa ao seu secretário. No dia seguinte, um mensageiro real chegava à mansarda ocupada pelo estudante pobre, e lhe anunciava:

— O senhor foi nomeado diretor da Escola Superior de Yonne. Deve partir amanhã, pela diligência.

Era, então, Larousse, o mais jovem dos diretores de Escola, da França: tinha apenas vinte anos.

Larousse começou então a ensinar. Mas os livros usados não lhe agradavam. Achava que faltava qualquer coisa que, despertando a curiosidade dos moços, lhes metesse cabeça a dentro noções práticas, simples, mas úteis, das coisas. Era um problema que o atormentava, aquele. Gostava de ver tudo claro, definido, e um belo dia se demitiu do cargo e se despediu da mãe, a quem disse, muito em segredo, que ia meter-se numa empreza de grande fôlego, e destinada a sucesso. Aceitou um emprêgo modesto, e começou a trabalhar, auxiliado pela esposa, tomando notas, fazendo fichários, amontoando apontamentos.

Assim viveu, pobremente, nessa vida de verdadeiro asceta, durante dez anos. E, afinal, tendo arranjado um lugar no Instituto Jouffret, como professor, decidiu realizar o seu plano tanto tempo projetado. Um dia, por acaso, conheceu aquele que seria seu maior amigo para o resto da vida: Augustin Boyer.

"O povo precisa ser educado e nós vamos tratar disso" — decidiram os dois.

Começaram, então, a trabalhar na feitura de livros para aulas, com um feitio novo. Com pouco dinheiro embora, fundaram uma pequena editora, e publicaram uma gramática elementar, um método lexiológico e um tratado de análise. Pierre não se afastava do escritório um momento. Nem a barba fazia. Tomava as refeições a um canto da mesa, como os homens de negócios de hoje, na América. Trabalhava, trabalhava nas suas provas, revendo-as, emendando, corrigindo.

E um dia, afinal, apareceu o primeiro "Petit Larousse".

A coisa, absoluta novidade, despertou a atenção de todos. A imperatriz Engênia mandou comprar um dos primeiros exemplares. Tinha êste a vantagem de ser prático e de dimensões razoáveis.

— É extraordinário! — exclama a soberana. — Agora toda a gente sabe tudo sôbre tudo, com o "Pequeno Larousse".

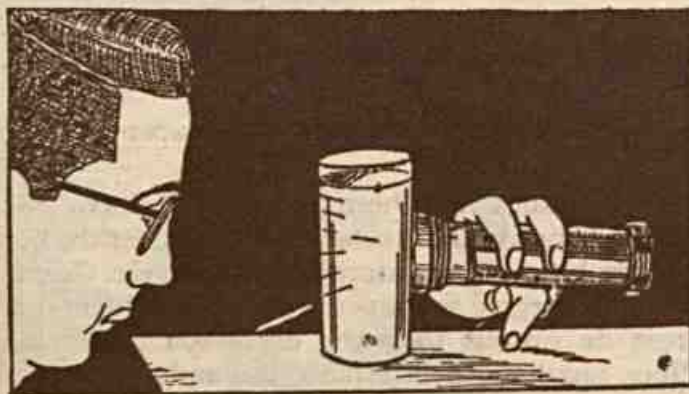
Os louvores a êsse primeiro dicionário foram unânimes.

Larousse, porém, tinha idéias mais vastas. E dentro de pouco tempo aparecia o "Grande Dicionário do Século XIX", em fascículos semanais. Essa publicação foi levada a cabo, sem interrupção, de A a Z, durante 15 anos.

Dois homens, só, já não chegavam para levar a cabo a tarefa. Larousse pagou colaboradores. Pagou a qualquer um que lhe levasse um dado, um informe, um têrmo novo, um conhecimento diferente, para completar a sua obra. E, assim, ia formando um acêrvo de conhecimentos bem maior do que aquele que, um dia, sua mãe encontrára no bolso das suas calças curtas, com a definição de "mamãe", que fizera rir a familia...

Pierre Larousse era adversário do regime napoleônico. E combatia também o capitalismo. Apesar disto, deixou à familia, ao falecer, em 1875, considerável fortuna, verdadeira mina de ouro que continua a produzir, porque as edições do "Petit Larousse" continuam a aparecer, cada vez mais refundidas e melhoradas. Está, já, na 20.000ª edição e basta dizer que já se calculou que mais de cem mil cabras foram mortas para fornecer couro para capas para os volumes espalhados pelo mundo.

A divisa de Pierre Larousse era "Je sème à tout vent". (Eu semeio em todas as direções) e passou a ser a da casa que fundou e que até hoje edita os seus dicionários.

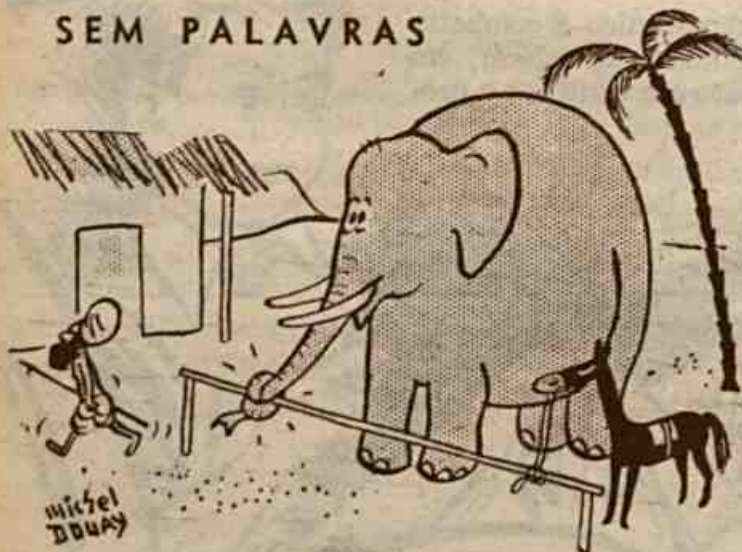
FAÇA ESTA EXPERIÊNCIA

UM efeito de seleção das côres da luz enviada pelo sol, faz com que o céu nos pareça azul e os ocasos, vermelhos.

A causa desta seleção se deve às partículas de pó em suspensão no ar das camadas baixas da atmosfera. Quem já subiu a uma certa altura, em montanhas ou avião, terá tido ocasião de verificar que o céu, lá no alto, sem nuvens, é negro e não azul.

E' fácil comprovar esta ação de filtro das partículas; bastará para isto um copo contendo água, umas gotas de leite e uma lanterna elétrica, com a pilha bem nova (para que a luz seja bem branca e não amarelada como quando a pilha está um pouco descarregada).

Num lugar da casa que esteja bem escuro, colocaremos o copo com água sôbre uma mesa e a lanterna por trás do copo. A água pura aparecerá incolor, olhando-se, através dela a lanterna. Em seguida, deixaremos caír uma ou duas gotas de leite, com um conta-gotas usado para pingar remédios e veremos que, uma vez diluído o leite na água, esta aparecerá de côr azul. O leite é uma suspensão de pequeníssimas partículas, que se separam ao caír na água. Ao fazer uma diluição muito grande, e olhá-la iluminada de lado, aparece azul, enquanto que, se olharmos através dela, aparecerá de côr alaranjada ou vermelha, tal como quando o sol se põe e o observamos através de uma grande camada da parte baixa da atmosfera terrestre, carregada de partículas de terra em suspensão. Por isto se diz que, quando um pôr de sol é muito vermelho, haverá vento forte. Em realidade o vento já se produziu à distância e a terra que levantou é a que fez com que o ocaso ficasse vermelho.

SEM PALAVRAS

MICHEL DOUAY

ESTAS DUAS SÃO BOAS!

O CASO DO GEREMÁRIO

NÃO sabemos se foi graças à Loteria, ou se foi herança, ou se foi por outro meio. O fato é que o Geremário, homem bastante curto de inteligência, da noite para o dia ficou rico. Milionário, para rimar com Geremário. Começou a gastar dinheiro como um danado. E a fazer ostentação de fortuna. Um dos seus prazeres maiores era falar da linda casa — casa? qual nada! palacete! — que tinha comprado.

— Ah! — dizia êle. — E' maravilhosa, a minha "cabaninha" (bancava o modesto, o Geremário...) Imaginem que mandei fazer três piscinas... Todos os fins de semana convido amigos...

— Três piscinas? — há sempre alguém que estranha.

E êle, então, explica:

— Sim, senhor. Três piscinas. Uma para água quente, outra para água fria e outra que está sempre vasia.

Aí, o outro torna a se espantar:

— Vasia? Mas... então... Para que?...

— E' claro — esclarece Geremário, orgulhoso. — Há amigos meus que gostam de banho morno. Outros, preferem banho frio... E há os outros, que não gostam de banho de piscina, ou não sabem nadar...

DOIS QUILOS DE CARNE

A dona foi ao açougue. E pediu:

— Moço, faça o favor de pesar dois quilos de carne.

O homem pôs a carne na balança. (Isto aconteceu há muito tempo, quando hávia carne no Brasil, sabem?). Passava um pouquinho.

— Tem mais quatrocentas gramas, dona. Faz questão?

— Quero que pese dois quilos justos — explicou a dona.

(Isto aconteceu antigamente, quando os açougueiros eram pacientes e não davam pancada nos fregueses, sabem?)

O açougueiro, então, cortou mais um pedaço.

— Dois quilos e cem gramas... Leva? — perguntou:

— Não, moço. Quero que pese dois quilos justos...

O açougueiro cortou outro pedacinho.

— Pronto, dona. Agora está exato. Dois quilos certinhos! Embrulho?

— Não, não... Não vou levar, não. E' que eu estou fazendo regime e emagreci, esta semana, dois quilos justos. Então, queria ver, num pedaço só, quanto foi que eu perdi...

O CAMINHO DE PEDRAS

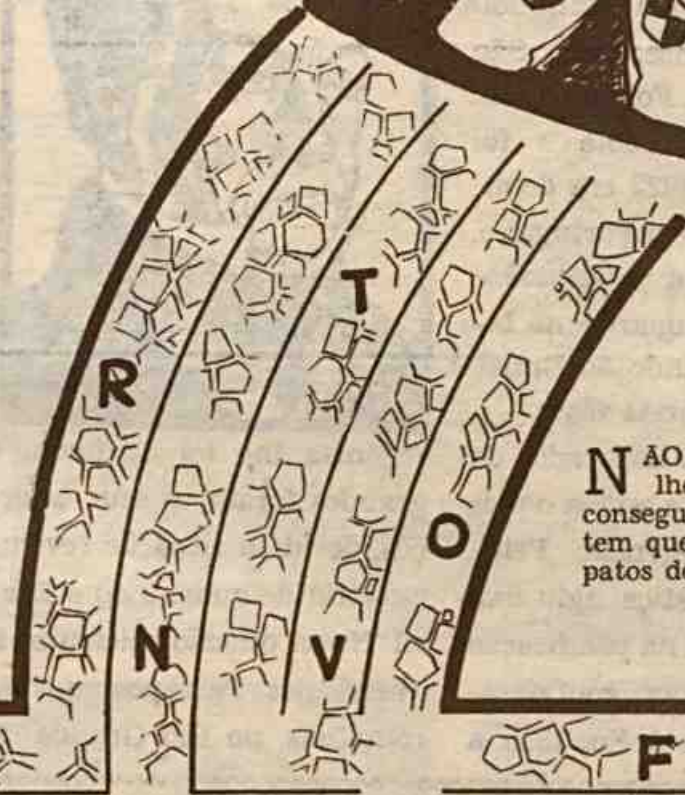
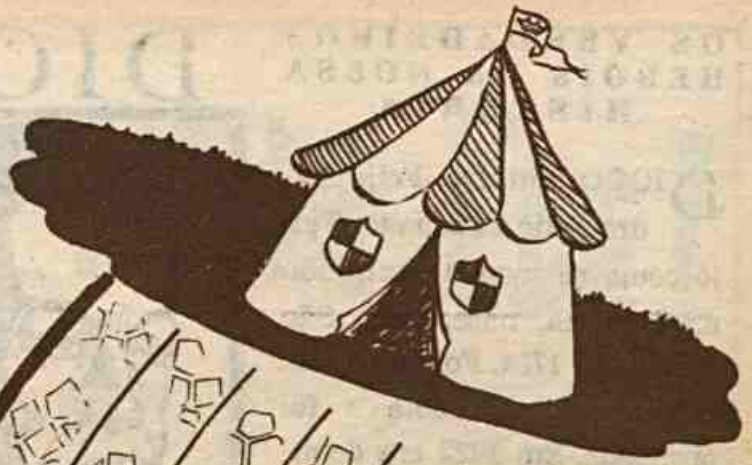
PARTINDO da taboleta "Entrada", um menino tinha que ir até à barraca, levar os sapatos do rei.

E como se tratava de um menino esperto, com facilidade achou o caminho e levou os sapatões ao dono.

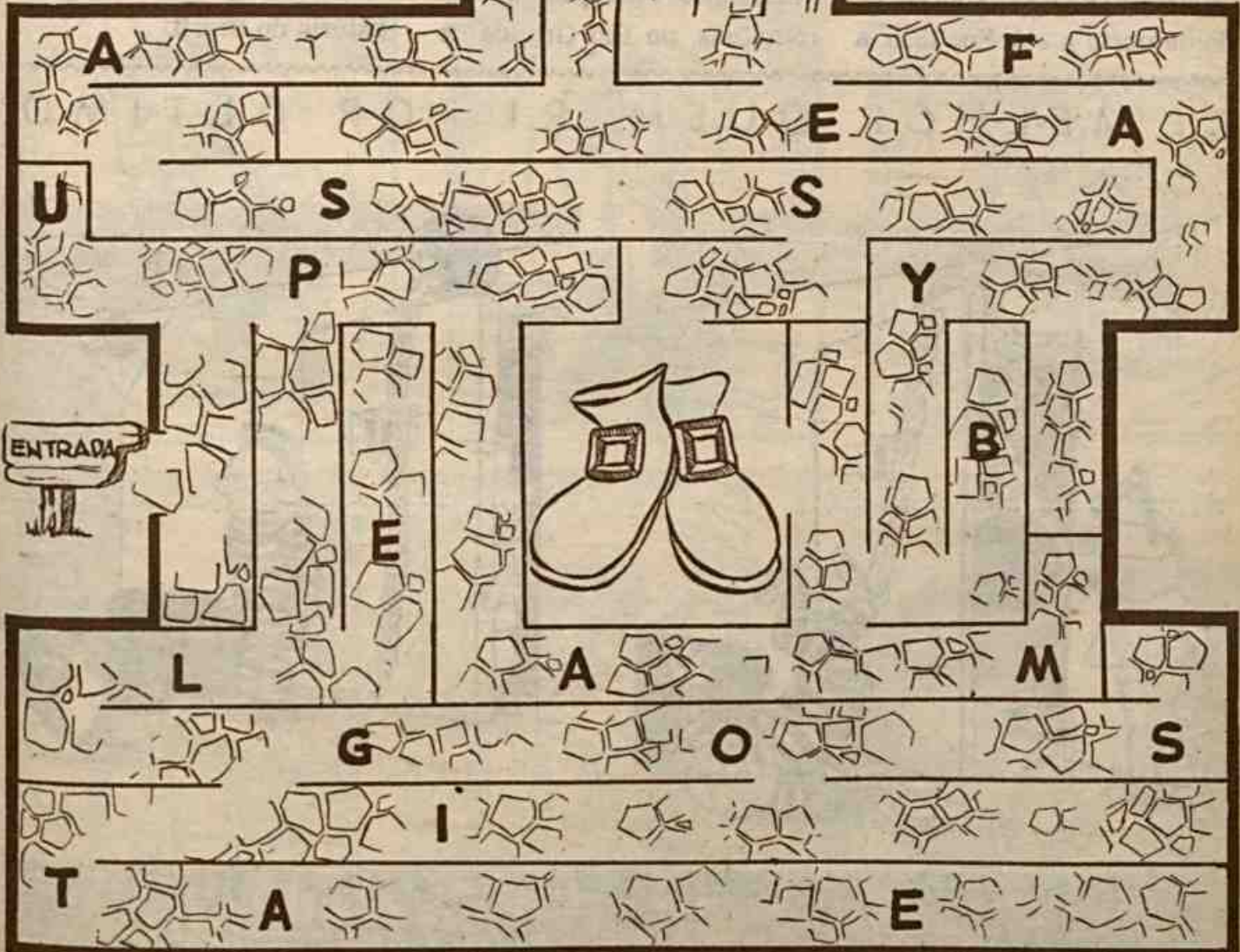
Ora, vejámos agora se você é tão esperto quanto êle! Não esqueça que tem que apanhar os sapatos, hein?

Para lhe facilitar, vamos dizer a você um segredo: as letras colocadas no caminho "certo", que você deve percorrer, formam uma palavra, um verbo. Depois de passar, você descobrirá que palavra é. Não pule por cima de nenhuma linha.

E... boa viagem!!

(A solução você encontrará em outra página do Almanaque).

NÃO esqueça o detalhe essencial: para conseguir passar, você tem que apanhar os sapatos do rei!

ENTRADA

T R O N V A F E A U S S P Y B E L A M G O S I T A E

OS VERDADEIROS HERÓIS DA NOSSA HISTÓRIA

DIOGO FEIJÓ

DIOGO Antônio Feijó, padre Feijó ou senador Feijó como se tornou conhecido na História, nasceu em São Paulo, em 1784. Foi enjeitado. Ordenou-se sacerdote e foi professor. Em 1822 era deputado do Brasil em Portugal e, quando houve a independência, teve de refugiar-se na Inglaterra. Voltando ao Brasil, foi deputado várias vêzes.

Em 1831, era imperador do Brasil Pedro II e estava o país entregue à regência. Feijó, ministro da Justiça, agiu com grande energia na pacificação do país, que estava conflagrado de norte a sul. Em 1835, a regência lhe foi confiada, e grandes foram os seus esforços, devido à situação revolucionária de quasi todo o Brasil. Nessa ocasião iniciou-se a guerra dos Farrapos ou Farroupilhas, no Rio Grande do Sul, entre cujos chefes militares estava o general italiano Garibaldi, casado com Anita Garibaldi, brasileira.

Feijó foi regente até 1837.

Em 1842, após a maioridade de Pedro II, chefiou uma revolução em Itú, vencida fàcilmente por Luiz Alves de Lima e Silva, a êsse tempo barão, depois duque de Caxias. Preso, foi deportado para o Espírito Santo.

Faleceu em 10 de novembro de 1843 e seus ossos estão na igreja do Carmo, em São Paulo.

É um dos grandes vultos da História do Brasil.

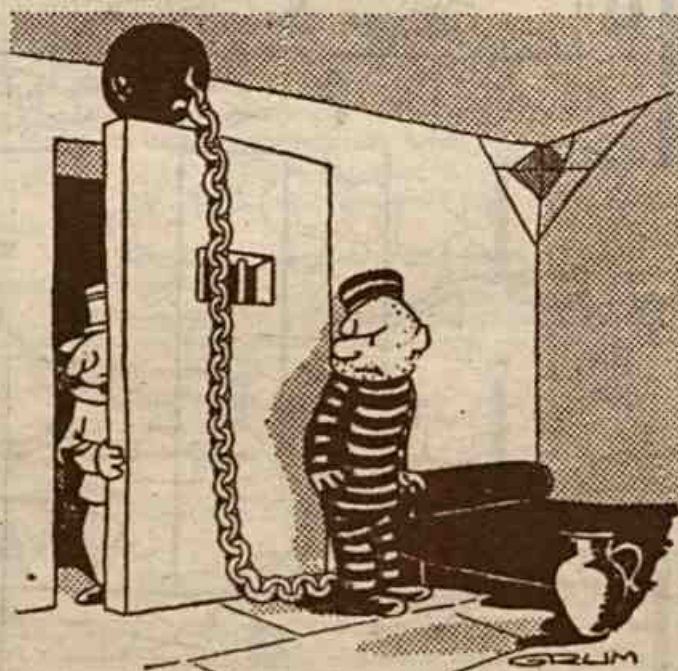
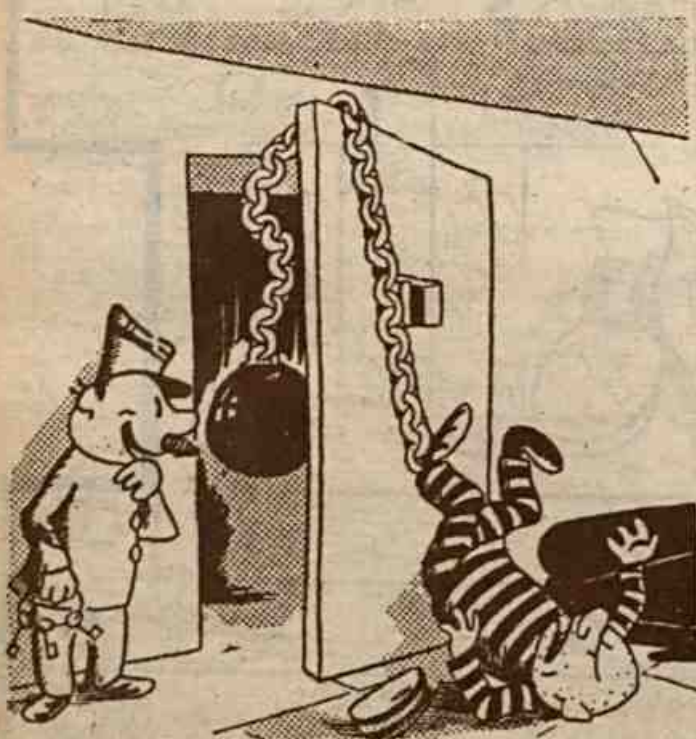
RI MELHOR QUEM RI POR ÚLTIMO

GRUM

OLHE BEM PARA ÊLE!

MENINO, NÃO VAI PARAR DE ME OLHAR, NÃO?

FRED

A PROVA

LARRY estava sentado à margem de um rio. Seu semblante denotava preocupação, enquanto seus dedos nervosamente apertavam um pedaço de papel. Maquinalmente abriu a mão e releu mais uma vez a carta que havia recebido do chefe, e que dizia lacônicamente: — "Estimado Larry. Tem esta por fim comunicar-lhe que a nossa Companhia não necessita mais dos seus serviços. A partir de amanhã o amigo não precisa comparecer ao escritório".

Terminada a leitura da carta, o rapaz murmurou: — "Depois de três anos !... E nem sequer uma explicação !"

Deu um profundo suspiro e, quando quís guardar a carta entre outros papeis, um dêles salta e cai no chão. Era a cópia de uma carta dirigida pela firma a uma outra companhia, dando cotação para uma grande quantidade de madeira.

— Esqueci de guardar esta cópia no arquivo ! Que maçada ! — murmurou Larry consigo mesmo.

Enquanto imaginava um meio de fazer chegar aquela cópia às mãos do ex-patrão, viu que um desconhecido, saíndo de um bosque, aproximava-se dêle.

O forasteiro, mal chegou, olhou com insistência para a bolsa de provisões do rapaz.

— Tem aí alguma coisa de comer ? — perguntou com voz rouca.

— Tenho. E está às suas ordens. — respondeu o rapaz com amabilidade. — Sente-se um pouco, enquanto eu preparo.

Em seguida, fez fogo, fritou presunto com ovos, aqueceu café e serviu o desconhecido, que agradeceu emocionado.

— Parece que não come há mais de uma semana — pensou Larry. — Deve ser um pobre, sem ninguém no mundo.

Depois de ter saciado a fome, o desconhecido afastou-se um pouco, para proteger-se do vento forte e, enquanto Larry arrumava os utensílios, indagou:

— Estás caminhando o dia todo ?

— Sim. — respondeu o rapaz. — Preciso chegar amanhã bem cêdo à cidade.

— Ah ! — murmurou o forasteiro. — E tens assunto importante a tratar na cidade ?

— Muito sério ! — retrucou Larry, sorrindo. — Vou em busca de um emprêgo.

— E achas que o encontrarás ? São tão raros os bons empregos, hoje em dia !

— Eu sei — disse, muito desconsolado, o rapaz. — Até ontem eu tinha um bom emprêgo numa ótima firma, mas, sem saber porque, fui despedido.

— Sinto-o muito — lamentou o ancião, em voz baixa. — E qual é o nome da firma em que trabalhavas ?

Larry disse o nome da firma.

— E' muito triste o que me contas. Mas, a propósito, qual era o preço que o teu patrão pediu para fornecer madeira à Serraria do Sul ? Deves saber...

O rapaz, indignado e levemente ruborizado com tal indiscrição, replicou:

— Por que o senhor não faz esta pergunta ao chefe da firma ?

— Então, depois do que te fizeram, ainda pensas em guardar segrêdo sôbre os negócios deles ? — insistiu o homem.

Afinal, se respondesses ao que te perguntei, não te prejudicarias...

— Talvez — concordou Larry. — Entretanto poderia prejudicar a transação.

— Como és leal ao velho chefe, hein ? ! — disse o desconhecido em tom de zombaria. — Depois do mal

que te causou... Por que não lhe pagas com a mesma moeda ?

Esta última observação despertou no coração do jovem o feio sentimento de vingança. O homem tinha razão. Se êle tinha sido tratado com tanta desconsideração, por que não aproveitar agora a oportunidade para desforrar-se ? Logo, porém, seus sentimentos de nobreza e caráter se sobrepuseram e pensou que se traísse os antigos patrões, nunca mais se sentiria decente. Carregaria, o resto da vida, um grande sentimento de culpa e remorso. E, categòricamente, declarou ao interlocutor:

— Não lhe direi, absolutamente, nada sôbre os negócios da firma.

Ao acabar de dizer tais palavras, metendo a mão num bolso, notou que a cópia da carta com os preços das madeiras já não mais alí se encontrava. — "Onde estaria ? Teria o desconhecido achado ?"

E o jovem levantou-se e se pôs a procurar a carta.

— Que há ? Que te aconteceu ? — indagou o ancião.

Larry não respondeu. Acabava de ver a carta na margem do rio, levada para alí pelo vento. Correu apressadamente para apanhar o papel, porém, antes de pegá-lo, outra rajada de vento o atirou nágua. Durante um segundo o papel flutuou, sendo impelido, em seguida, para junto de uma pequena jangada abandonada e amarrada a uma das margens do rio.

Sem reparar que a frágil embarcação se achava próxima ao lugar onde as águas formavam um redemoinho, Larry saltou sobre a balsa e, apanhando a carta, guardou-a em um dos bolsos.

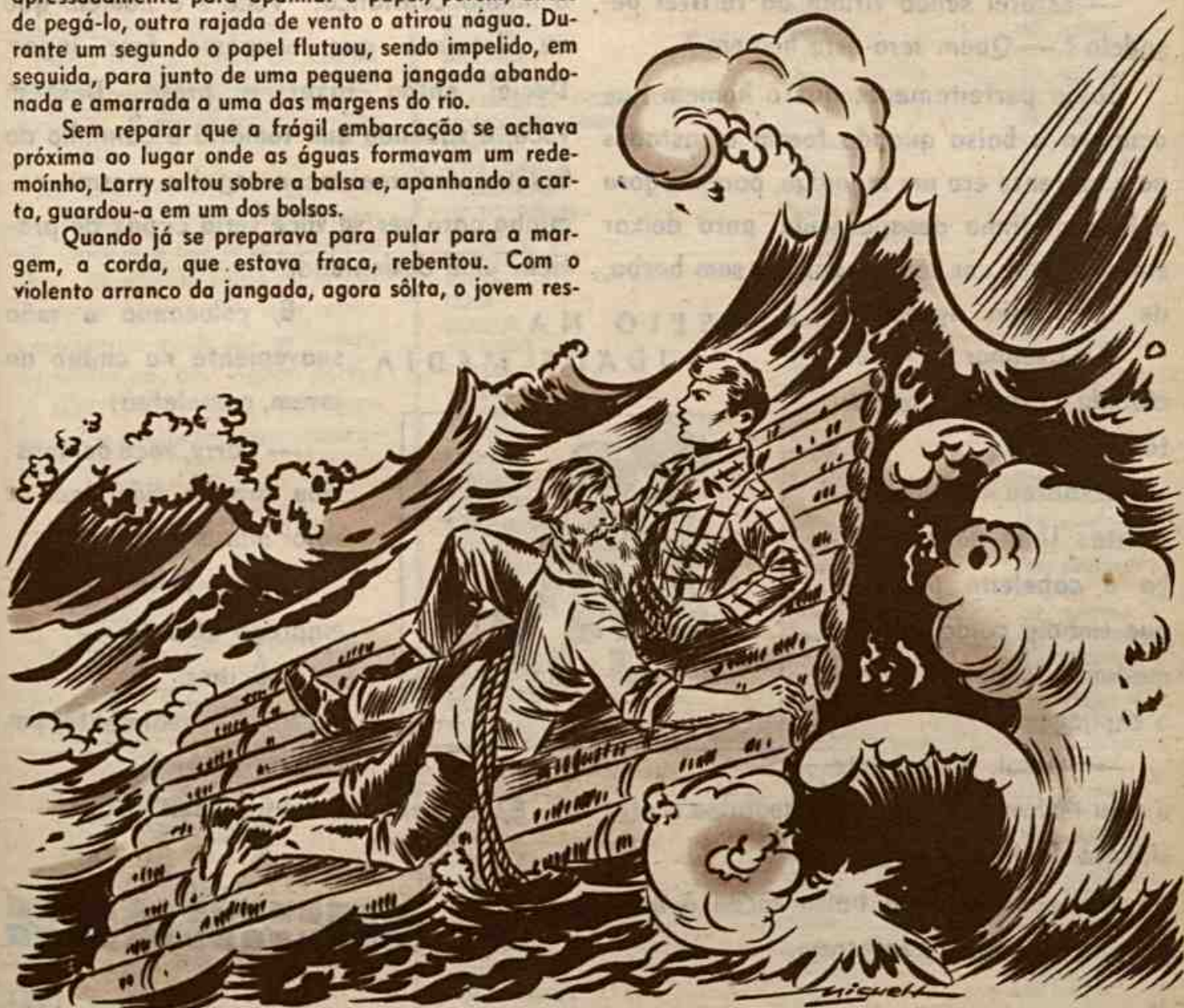
Quando já se preparava para pular para a margem, a corda, que estava fraca, rebentou. Com o violento arranco da jangada, agora sôlta, o jovem resvalou e, batendo com a cabeça num dos paus que formavam a embarcação, perdeu os sentidos.

Quando voltou a si estava preso à balsa, por uma corda. À sua volta, o barulho das águas era ensurdecedor, e debruçado sôbre êle, fazendo-lhe cócegas com a longa barba, estava o desconhecido, a quem se negara a falar sôbre os negócios do ex-patrão.

Em seguida, o desconhecido, deitando-se ao lado de Larry, passou a corda em volta do seu corpo, atou-a fortemente a um outro pedaço de madeira da balsa. Esta deslisava irremediavelmente sôbre a correnteza. O homem, então, gritou:

— Mantenha-se seguro, agora !

Imediatamente a embarcação se precipitou na enorme corrente, submersa aqui pelas aguas, para aparecer adiante, recuperando a posição horizontal. Larry agarrou-se com quanta força tinha à balsa. Já se sentia completamente gelado. Um pedaço de pau solto magoou um dos seus pés e lhe arranhou as mãos. Mas o jovem não cedeu.

Passados êsses maus momentos, sentiu uma grande tranquilidade. Pareceu-lhe estar vendo o rosto do ex-chefe, que lhe dizia:

— Estou muito satisfeito com você por não ter querido ser desleal!

E êle também se alegrava! Recordou todo o acontecido. Devia estar se afogando. Ficou parado um instante a escutar, e notou que o barulho das águas tinha passado. Abriu os olhos e olhou à sua volta. Haviam atravessado a catarata! Estavam salvos e agora a balsa flutuava calmamente.

LARRY foi o primeiro a tomar conhecimento da situação. Olhou para o companheiro que começava a se mover, esfregou os olhos, para olhar para o desconhecido, e, fitando-o, disse:

— Estarei sendo vítima de terrível pesadelo? — Quem será este homem?

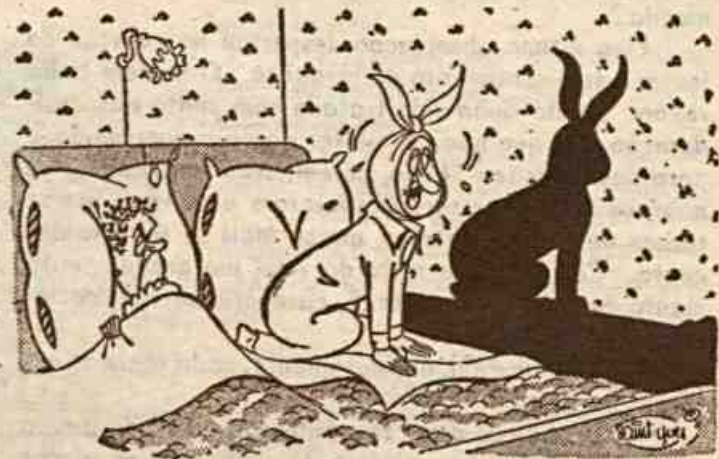
Sabia perfeitamente que o homem que ocupava a balsa quando foram arrastados pela corrente era um mendigo, porém agora o homem tinha desaparecido, para deixar em seu lugar um homem calvo e sem barba, de fisionomia agradável.

— O senhor?! — exclamou Larry sem acreditar no que via.

Levantou-se ràpidamente. Uma longa barba e cabeleira postiças, que tinham caído sobre a madeira da balsa, davam a explicação.

— Afinal, descobriste o meu disfarce, Larry! — respondeu o presidente da firma, alegremente.

Neste momento a balsa tocou à margem do rio e ambos saltaram.

CONFUNDIU-SE

— Há uma importante vaga lá na firma — começou êle a explicar — e eu quís ter a certeza de que o homem a quem pensava oferecê-la era merecedor de tôda a minha confiança. Você é o homem que eu desejava que ocupasse êsse lugar. Decidi então fazer a prova. Despedi você, e sabendo que tomaria o caminho do bosque, disfarcei-me e segui o mesmo caminho para ver se você seria capaz de praticar uma deslealdade.

E, colocando a mão suavemente no ombro do jovem, completou:

— Larry, você demonstrou grande fidelidade e valor moral.

Espero vê-lo no novo emprego amanhã.

Felicito-o.

Você é, realmente, um homem de bem.

E vencerá, no futuro, meu filho!

PASSEIO NA IDADE MÉDIA

MOEDAS OFICIAIS
DE TODOS OS PAISES DO MUNDO

CADA país possui, para uso em seu território, a sua moeda oficial, embora as transações, os negócios entre os povos sejam quase sempre feitos utilizando o dollar ou a libra esterlina, que são moedas dos Estados Unidos e da Inglaterra mas têm emprêgo universal.

E' curioso saber quais são essas diferentes moedas, e quais as suas sub-divisões.

O Brasil, todos sabemos, tem como moeda o cruzeiro, que é subdividido em centavos.

Como será o nome da moeda da Finlandia, da Etiópia, da Rumânia ? E quais serão as suas subdivisões ?

Na lista que aquí vai publicada, estão os nomes oficiais dessas moedas, e dos seus submúltiplos. Apostamos como alguns de vocês, e muitos até, não sabem exatamente quais são as moedas de várias nações. Agora, porém, já será fácil sabê-lo. E' só procurar no quadro que oferecemos.

País	Moeda	Subdivisão
ARGENTINA	peso	100 centavos
AUSTRALIA	libra	20 shillings
AUSTRIA	schilling	100 groschen
BELGICA	franc	100 centimes
BOLIVIA	boliviano	100 centavos
BRASIL	cruzeiro	100 centavos
GUIANA INGLESA	dollar	100 cents
BULGARIA	lev	100 stotinki
CANADA'	dollar	100 cents
CHILE	peso	100 centavos
CHINA	jen minpaio	....
COLOMBIA	peso	100 centavos
COSTA RICA	colon	100 cents
CUBA	peso	100 centavos
CURAÇAO	guilder	100 cents
TCHECO-SLOVAQUIA	crown	100 heller
DINAMARCA	krone	100 ore
REPUBLICA DOMINICANA	peso	100 centavos
ECUADOR	sucre	100 centavos
EGITO	libra	100 piastres
EL SALVADOR	colon	100 centavos
ETIOPIA	dollar	100 cents
FINLANDIA	markha	100 penni
FRANÇA	franco	100 centimes
GAMBIA	libra	20 shillings
ALEMANHA OCIDENTAL	deutschemark	100 pfennig
COSTA DO OURO	libra	20 shillings
GRÉCIA	drachma	100 lepta
GUATEMALA	quetzal	100 centavos
HONDURAS	lempira	100 centavos
HONG KONG	dollar	100 cents
HUNGRIA	forint	100 filler
ICELAND	krona	100 aurar
INDIA	rupee	16 annas
IRAN	rial	100 dinar
IRAQUE	dinar	1000 fils
IRLANDA	libra	20 shillings
ISRAEL	libra	1000 prutot
ITALIA	lira	100 centesimi
JAPAO	yen	100 sen
LIBANO	libra	100 piastres
LIBERIA	dollar	100 cents
MALAIA	dollar	100 cents
MEXICO	peso	100 centavos
HOLANDA	guilder	100 cents
NOVA ZELANDIA	libra	20 shillings
NICARAGUA	cordoba	100 centavos
NORUEGA	krone	100 ore
PAKISTAO	rupee	16 annas
PANAMA'	balboa	100 centesimos
PARAGUAY	guarani	100 centimos
PERU	sol	100 centavos
FILIPINAS	peso	100 centavos
POLONIA	zloty	100 groszy
PORTUGAL	escudo	100 centimos
RUMANIA	leu	100 bani
ESPANHA	peseta	100 centimos
SUECIA	krona	100 ore
SUISSA	franco	100 centimes
SYRIA	libra	100 piastres
TURQUIA	libra	100 piastres
UNIAO SUL-AFRICANA	libra	20 shillings
REINO UNIDO	libra	20 shillings
URUGUAI	peso	100 centesimos
VENEZUELA	bolivar	100 centimos
YUGOSLAVIA	dinar	100 paras

DE QUE CÔR É A LUZ DO SOL?

O Sol que nos alumia é uma estrêla amarela, não muito velha, mas a meio caminho da sua evolução.

A luz solar, no entanto é branca, decompondo-se nas sete côres do Arco-iris.

Já o Sol apareceu, entretanto, por vezes, embaciado por névoas purpurinas, que se foram adensando até deixarem o astro como que escorrendo sangue.

De resto, pode ver-se o Sol bem vermelho, incendiando os horizontes, ao amanhecer ou à hora angustiada do poente, por influência das camadas atmosféricas.

Mas o fenômeno do sangue, da côr purpurina, é devido em regra às grandes erupções vulcânicas, que projetam, no espaço, clarões avermelhados e grandes nuvens de fumo, cujas particulas ficam suspensas a considerável altura, espalhando na amplitude a luz vermelha que decompõem da luz branca do Sol.

Verificou-se o fato, por exemplo quando das maiores erupções do Vesúvio e do Kracatoa. No tempo de Júlio Cesar, e coincidindo com a morte do imperador, o Sol apareceu ensanguentado, até que escureceu, mergulhando o planeta inquieto na pavorosa escuridão. Por isso Virgílio dizia: "Quando César expirou, tu, lastimando a nossa miséria, velaste com uma núvem de sangue a tua luz, tu recuaste o dia a êsse século perverso e uma noite eterna ameaçou a Humanidade."

E outros narradores confirmaram o pavoroso sucesso: "Sol, tu ocultaste o rosto e teus pálidos raios choraram sôbre o luto da Terra aflita; pelas nuvens inflamadas ia um clarão de tochas funebres; o sangue chovia dos ares e a aurora, ao despertar, viu o teu rosto corado avermelhar-se de nódoas de sangue. A luz prateada do carro de Febo velou o seu clarão extinto com uma sombra ensanguentada".

No Japão é frequente aparecer o Sol rubro, devido às quase permanentes convulsões vulcânicas, aos terremotos e aos incêndios, que originam grandes massas de núvens de fumo e poeira, por largo tempo suspensas no espaço.

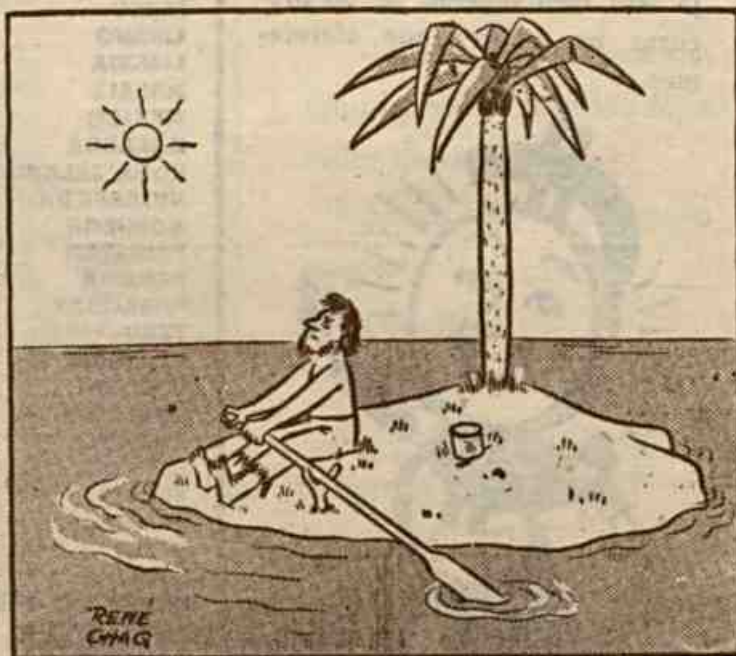
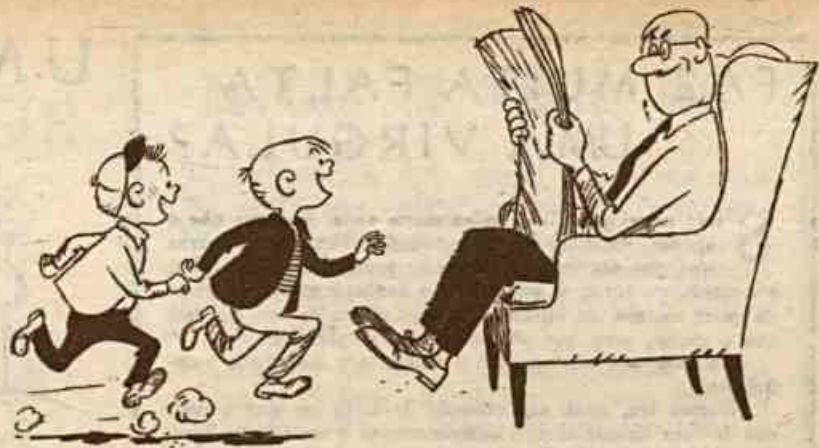
O Sol negro e a Terra imersa em escuridão, como no tempo de Júlio César, têm sido observados por diversas vezes, sempre que calha de haver um eclipse total, isto é, quando um corpo opaco se interpõe entre o planeta e o astro radiante, ofuscando, por completo, o seu esplendor.

Foi o que sucedeu quando da morte do imperador romano.

Por muitos séculos ainda o Sol continuará a iluminar-nos com a sua luz branca, até que um dia se tornará realmente azul.

Mas então terá havido um formidável cataclisma cósmico — e na "Via Latea" terá explodido uma pequena estrêla e da Terra não haverá sequer o rasto da sua existência.

ESPERANÇA VÃ...

RENÉ CHAG

NÃO ERA O QUE ÊLE PENSAVA...

— Papai, vou brincar com o Curuca...

— Que cheiro de fumaça!

— Isto é coisa dos meninos!

— A coisa parece séria!

— Vou apagar o incêndio!

— Foi o bôlo, meu filho...

A VONTADE

O homem não é só feitura da natureza, é um artista de si mesmo, destinado a aperfeiçoar o seu ser, como o escultor lima, retoca, pule a sua estátua. Pela sua inteligência e vontade, essas duas potências prodigiosas que criam todas as ciências e artes, o homem não só melhora todas as coisas da natureza e as adapta às suas necessidades, como também aperfeiçoa a si mesmo, aumenta a sua beleza moral e física, vigora e dilata a sua existência.

Há no homem uma fôrça, superior à fôrça vital, cuja ação modifica prodigiosamente o corpo, levanta a energia extinta, ativa a vida, vigora os músculos, resiste às moléstias e, metódicamente empregada, subjuga as paixões, modera os desejos, corrige os apetites, conserva a saúde e prolonga a vida.

É coisa sabida que homens, tão fracos de corpo como de espírito, tomam às vezes, em ocasião de perigo, uma forte resolução, e tal vigor adquirem para executá-la, que pasma aos que os não julgavam capazes de tal esfôrço. Assim, no campo de batalha rivalizam às vezes os tímidos com os mais denodados guerreiros. — **Gonçalves Magalhães.**

FAZ MUITA FALTA UMA VÍRGULA?

SIM, as vírgulas são coisa muito séria. Escrever não é apenas desenhar letras grupadas, formando palavras que, por sua vez, se grupam no papel. A colocação desses sinais, no texto, é que revela o conhecimento, por parte de quem escreve, do idioma e de suas regras de uso, das leis que o regem, para que seu emprêgo seja perfeito.

Escrever sem pontuação é o mesmo que andar aos trambolhões.

Vamos ver, aqui, um exemplo de texto em que o mau uso de uma vírgula alterou completamente o sentido da frase. Em 1932, nos Estados Unidos, um agente de publicidade foi encarregado de redigir o anúncio de certa beberagem e entregou ao fabricante êste texto, como legenda de uma ilustração apropriada: "Estou completamente curado (*vírgula*) depois de ter estado às portas da morte (*vírgula*) porque tomei apenas um vidro do preparado X".

O anúncio foi para o jornal e saiu com êste texto: "*Estou completamente curado (vírgula) depois de ter estado às portas da morte porque tomei apenas um vidro do preparado X*".

Como viram, a falta da segunda vírgula alterou completamente o sentido da frase, dando a entender que fôra justamente o uso do remédio cujas virtudes se queria exaltar, que tinha levado o paciente às portas da morte...

Uma vez, na França, alguns comediantes em "tournée" estavam anunciando de maneira original a peça que representavam no teatro de certa vila. A propaganda era feita "a gritos", isto é, um homem do lugar ia pelas ruas anunciando a peça daquele dia. O encarregado da publicidade escreveu o texto que êle deveria "gritar": "Hoje ! Hoje ! "O romance de um rapaz pobre", peça de Otávio Feuillet !"

E o rapaz, que não era bom leitor, gritava assim: "*Hoje ! Hoje ! O romance de um rapaz, pobre peça de Otávio Feuillet !*"

O grande poeta Charles Baudelaire costumava dizer ao diretor de uma revista em que escrevia: "Mêu amigo, se num dos meus poemas alguma vírgula lhe parecer estranha, errada ou mal colocada, prefiro que você deixe de publicar o poema, a tirar dali a vírgula. Se eu a coloquei alí, ela tem sua razão de ser."

O que acontece é que nem toda a gente, hoje em dia, *sabe*, como Baudelaire sabia, onde deve ir a vírgula...

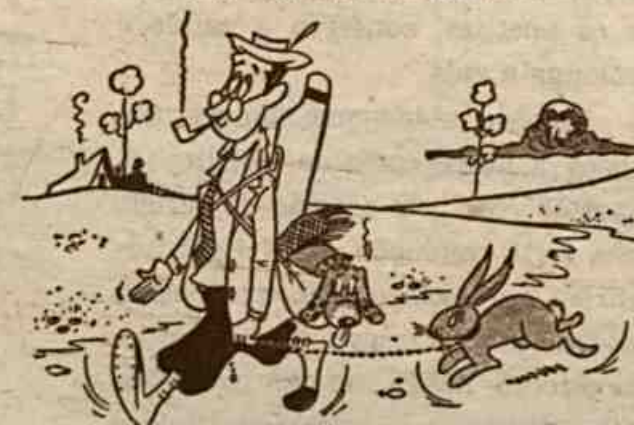
Vamos a outro caso. No pórtico de certa antiga casa de Roma, figurava esta inscrição: "*Porta, patens esto, nulli clauderis honesto*", que póde ser traduzida assim: "Que se abra a porta e não se a feche a nenhuma pessoa honesta". Tempos depois a casa foi transformada em um mau lugar, pelos herdeiros do antigo proprietário e alguém, entendido em assuntos de colocação de vírgulas, mudou a que se seguia a *esto* para junto da palavra *nulli*, o que alterou de modo absoluto o sentido da inscrição, que passou a ser "Porta, patens esto nulli, clauderis honesto", e a ser traduzida assim: "Que não se abra a porta a nenhuma pessoa honesta".

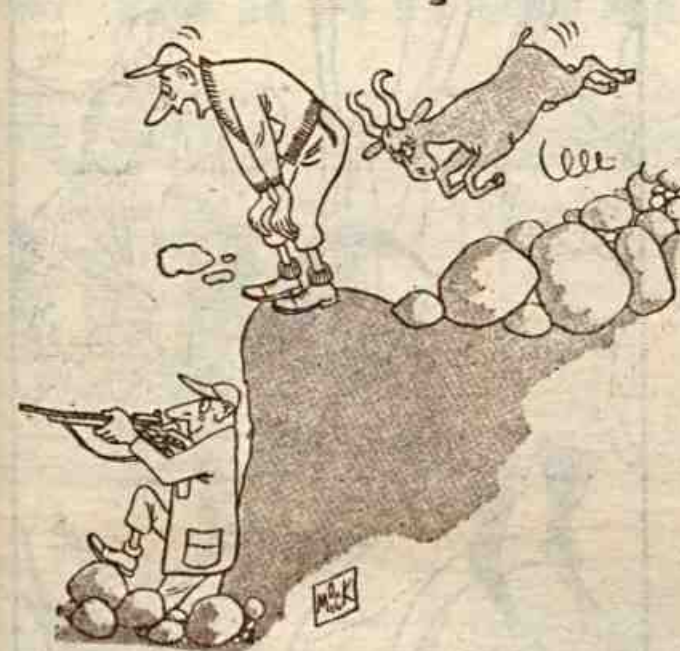
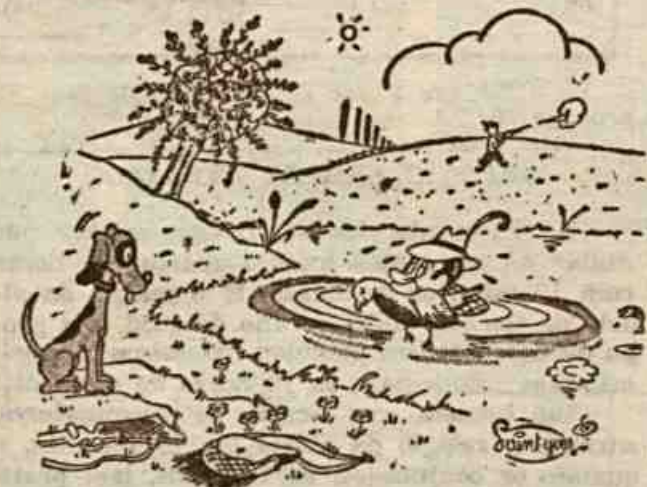
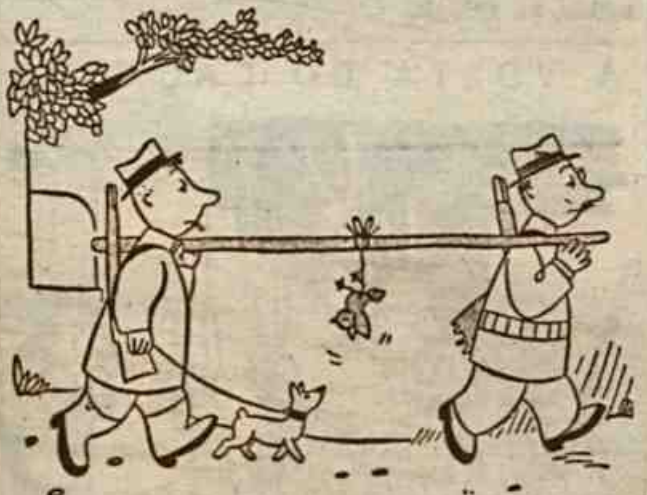
Para terminar, este outro caso. Há alguns anos apareceu num jornal a notícia de que um cão mordêra uma criança e os pais desta haviam entregue o cão a um veterinário para ficar em observação, a fim de saberem se o animal estava hidrófobo. Dias depois o veterinário passou um telegrama aos pais do menino. O caso se passava na França, e o telgrama foi assim redigido: "Chien mange, pas enragé". (O cachorro come, não está raivoso.) No telégrafo, alteraram a posição da vírgula e o despacho foi chegar às mãos dos pais, sob esta forma: "Chien mange pas, enragé". (O cachorro não come, raivoso.) Os pais do menino, tomados de desespêro, queriam até sacrificar o inocente, preferindo vê-lo morrer envenenado por êles a sofrer as terríveis consequências da hidrofobia. Só por um acaso se chegou a perceber a troca da posição da vírgula no telegrama, o que veio alterar completamente a situação.

Como se vê, uma vírgula é coisa importante. Não é só ir rabiscando, rabiscando, traçando aqueles enfeitinhos, aqui e ali. Quem não sabe pontuar um texto, não sabe escrever. Pensa que sabe, mas apenas desenha uma vaga imagem do seu pensamento, não lhe dá a nitidez, o valor, a exatidão que êle deve ter.

UM DIA E' DA CAÇA...

— Eu vi um coelho... Onde será que êle se escondeu?

— Venha cá, Leão ! Passe para cá ! !

A VOLTA

...E OUTRO DO CAÇADOR

— Eu não te dizia que aqui não há cabras selvagens?

— Está vendo, sêo bôbo ? E' isto o que você tem que fazer !

A VOLTA

NOTÍCIAS DE MISTER ÉCO

SEGUNDO o mito grego, o éco era uma ninfa que enlanguesceu até ficar apenas a sua voz. Por ter desagradado a Juno, foi metamorfoseada em rochedo e condenada a repetir as últimas palavras de quem a interrogava.

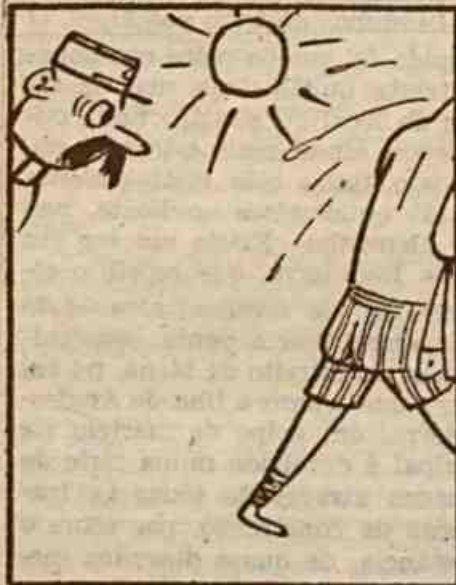
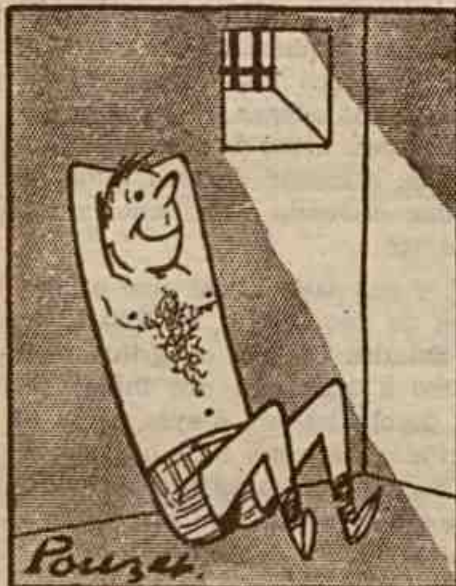
Embora os écos possuam ainda a sua qualidade poética, a ciência do som fornece explicação sôbre a maneira como o som se amplifica, desenvolvendo certas vozes e ignorando outras, convertendo discordâncias em harmonia, transportando murmúrios a longas distâncias e realizando outras estranhas maravilhas que desafiam a imaginação.

Os écos são, por vezes, as estações de rádio da Natureza; sem qualquer aparelho, despertam vibrações e irradiam-nas a distâncias enormes. Certa ocasião deu-se uma explosão de algumas toneladas de dinamite, dentro de um tunel dos caminhos de ferro dos Alpes. O terrivel estampido foi ouvido pelos camponeses suiços, a trinta quilômetros, mas as aldeias vizinhas do local do sinistro nada ouviram. Veio depois ainda mais estranha notícia: a explosão tinha sido distintamente percebida a 150 quilômetros ao Norte, nas fronteiras da Alemanha. Existe um éco em Oxfordshire, na Inglaterra, que repete o estampido de um tiro de revolver, através de um vale, vinte vezes. Numa ponte, construida sobre colunas, do estreito de Mena, na região de Gales, e que separa a ilha de Anglessey da Inglaterra, um golpe de martelo na pilastra principal é devolvido numa série de golpes destacados através de tôdas as travessas metálicas da construção, por sôbre o rio, numa distância, de quase duzentos metros.

Assim como certos espelhos curvos aumentam a imagem, também alguns écos amplificam a voz. Tais écos megafônicos ouvem-se especialmente nas adegas. Na famosa caverna conhecida pelo nome de Orelha de Dionisio, na Sicilia, o rasgar de uma folha de celofane produz estrondo semelhante a um disparo de canhão.

As vezes, o éco paga o mal com o bem. Na montanha de Saddleback, no Estado de Maine, nos Estados Unidos, os gritos mais horriveis, como a algazarra dos indios em batalha, são devolvidos em suaves notas de música. Verificam-se esses écos quando fileiras simétricas de árvores cortam certas frequências sonoras e refletem outras em relações harmônicas.

ANDAVA À CATA DE "SOMBRA"

Estava fazendo tanto calor . . .

...que o Honorato fez uma das suas...

. . . e foi parar num lugar bem fresco e sombrio!

Pensamentos

A popularidade é muito diferente da celebridade. No entanto há quem as confunda.

O orgulho não gosta de dever favores; o amor próprio não gosta de os pagar.

A mão que dá cansa-se primeiro do que a mão que recebe.

São muitos os que morrem com medo de morrer.

A falta de dinheiro pode-se dissimular; a falta de educação, não.

O homem agradecido que não mostra o seu agradecimento, passa por ser desagradecido.

O dinheiro remedeia tôdas as doenças menos a da avareza.

E' muito difícil convencer a quem está na firme disposição de se não deixar convencer.

Quando as palavras de consolo não são sinceras, parecem alfinetadas.

A dor aflige; mas, sem ela, ninguém saberia onde está o mal.

Sábio é aquele que sabe o que dizem os livros; mas, mais sábio é aquele que sabe o que êles não dizem.

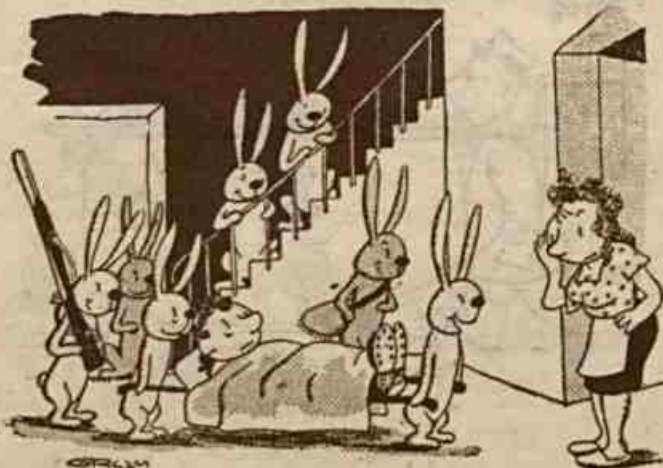
NO CIRCO

— Viu? Por isto é que eu não gosto de ficar na primeira fila!!

RELÓGIO SEMPRE ATRASADO

Na Alemanha há um relógio célebre por andar há setecentos anos a marcar as horas com 10 minutos de atrazo. E' o relógio da aldeia de Gorlitz, onde, no ano de 1253, um grupo de descontentes planejou assassinar os conselheiros municipais, às 12 horas de certo dia.

Um homem, que escutou os conspiradores, atrasou o relógio da aldeia em 10 minutos, e quando os conjurados, às 12 horas, iam praticar o crime, foram presos. Para recordar o episódio, nunca mais se tirou o atrazo de 10 minutos ao relógio.

A VOLTA DO CAÇADOR

O BANHISTA E O XERIFE

O CORDEIRO VAIDOSO

Erica MAYER

NA fazenda do Sr. Sebastião havia muitos animais. Irací, a filha do fazendeiro, gostava de todos êles, mas preferia um cordeirinho. O pêlo dele era tão macio que dava gosto acariciá-lo e tão branco que lhe puseram o nome de "Neve". A menina amarrou uma fita vermelha e uma campainha no pescoço do cordeiro e, quando o chamava, já de longe se ouvia um **tim-lim...-tim-lim** alegre.

Um belo dia, o fazendeiro resolveu tosquiar os carneiros. Vendo que os seus companheiros voltavam da tosquia com o pêlo cortado rente, "Neve" lhes disse:

— Como ficaram feios, agora! Não sei como podem ser tão bôbos para se deixar tosquiar. Quanto a mim, nunca permitirei que cortem o meu lindo pêlo.

Um carneiro velho, de chifres enormes, encarou o pequeno insolente e respondeu:

— Não somos nós os bôbos e sim você o ignorante. Nós, carneiros, ajudamos o homem na luta contra o frio. Seria melhor que você deixasse de pensar só na sua beleza, para se lembrar um pouco da sua utilidade.

"Neve" respeitava os poderosos chifres do outro e, por isto, se calou. Mas pensou:

"Prefiro fugir da Fazenda a perder o meu pêlo!"

Pouco tempo depois, encontrando a grande porteira aberta, deixou a Fazenda e foi pela estrada a fora, pulando todo satisfeito. Depois de algumas horas, começou a sentir fome e sêde. Lembrou-se da grama gostosa da fazenda e do riacho, atravessando o grande prado. Fizera êle bem, deixando tudo aquilo?

Estava tão cansado que nem reparou na mudança súbita do tempo, e de repente se viu no meio de terrivel temporal com trovões e relâmpagos terriveis. A chuva corria pelo seu pêlo, os cardos e espinhos das plantas se prendiam nêle. Ninguém poderia agora reconhecer, naquele animal todo manchado de lôdo, o cordeirinho branco. Quando, finalmente, o temporal passou, resolveu procurar abrigo para a noite num pequeno bosque.

*

Ora, naquele bosque vivia uma onça perigosa. A onça costumava sair do seu esconderijo para roubar e devorar o gado que encontrava. No entanto, desde que os lavradores tinham resolvido dar-lhe caça, ela não se atrevia a chegar muito perto da aldeia. Mesmo uma onça teme espingardas e facões afiados... Naquele dia ainda não tinha jantado e estava com uma fome!

Deitada ao pé de uma árvore, ergueu as orelhas.

No silêncio do bosque ouvira um ruido exquisito: **tim-lim! tim-lim!** A onça levantou-se e espiou. O que ela viu, lhe fez correr água da bôca. Um cordeiro novo! A custo conteve a vontade de jogar-se logo em cima dele. Mas deixou que chegasse mais perto...

Aconteceu, porém, que passavam pelo bosque dois peões da fazenda do Sr. Sebastião, voltando da cidade. Por entre a mata, viram o pêlo pintado da onça.

— Olha só quem está ali! — disse Joaquim, o mais velho. Gostaria de saber o que está espreitando assim... Se eu estivesse armado...

Foi então que avistou o cordeirinho. Admirado, o peão sacudiu a cabeça.

— Engraçado! Se fosse branco, juraria que é o cordeiro predileto de Irací!

— Está sujo, mas traz uma fita vermelha e uma campainha no pescoço. Só pode ser o "Neve" — disse o companheiro.

E os dois levaram o cordeiro.

Como Irací ficou contente ao revêr o seu cordeirinho! Acariciou-o, abraçou-o e, enquanto lhe dava banho, não parava de perguntar:

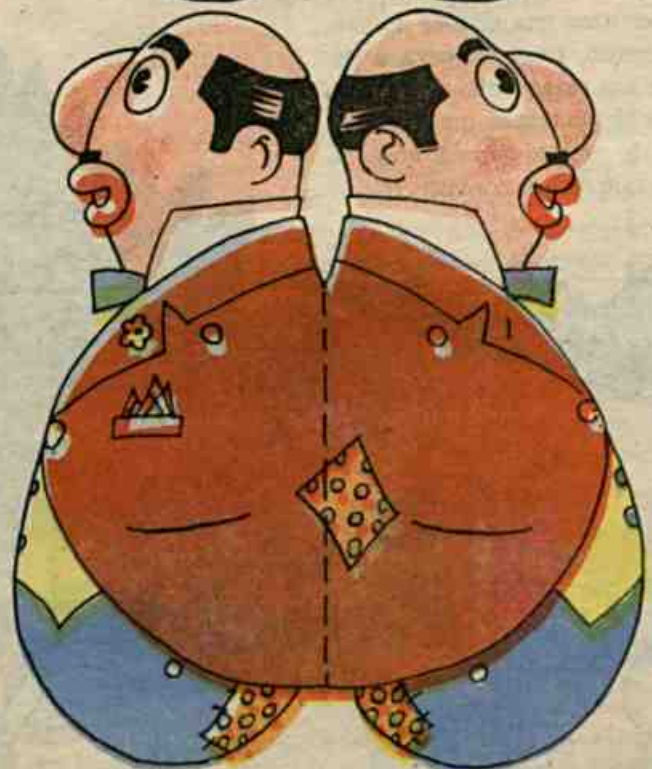
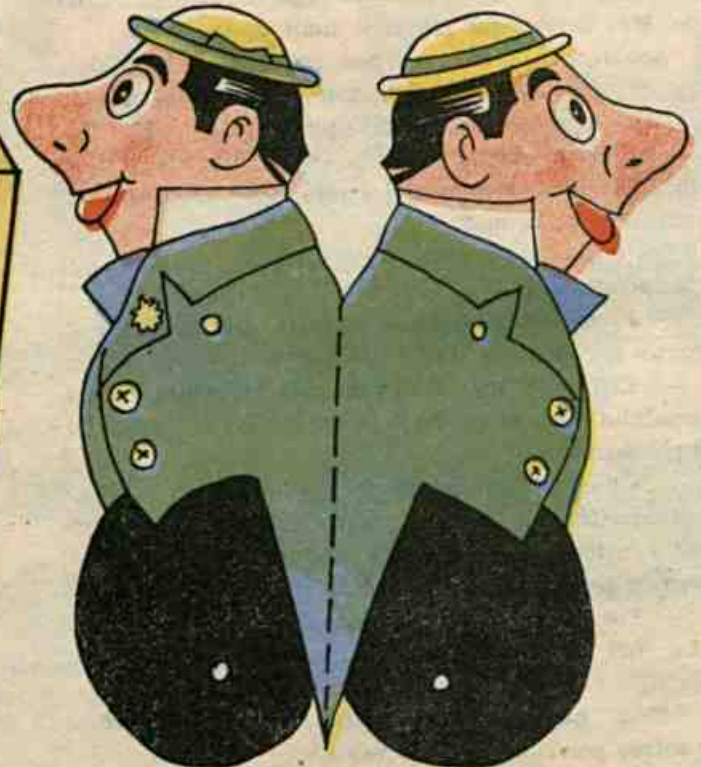
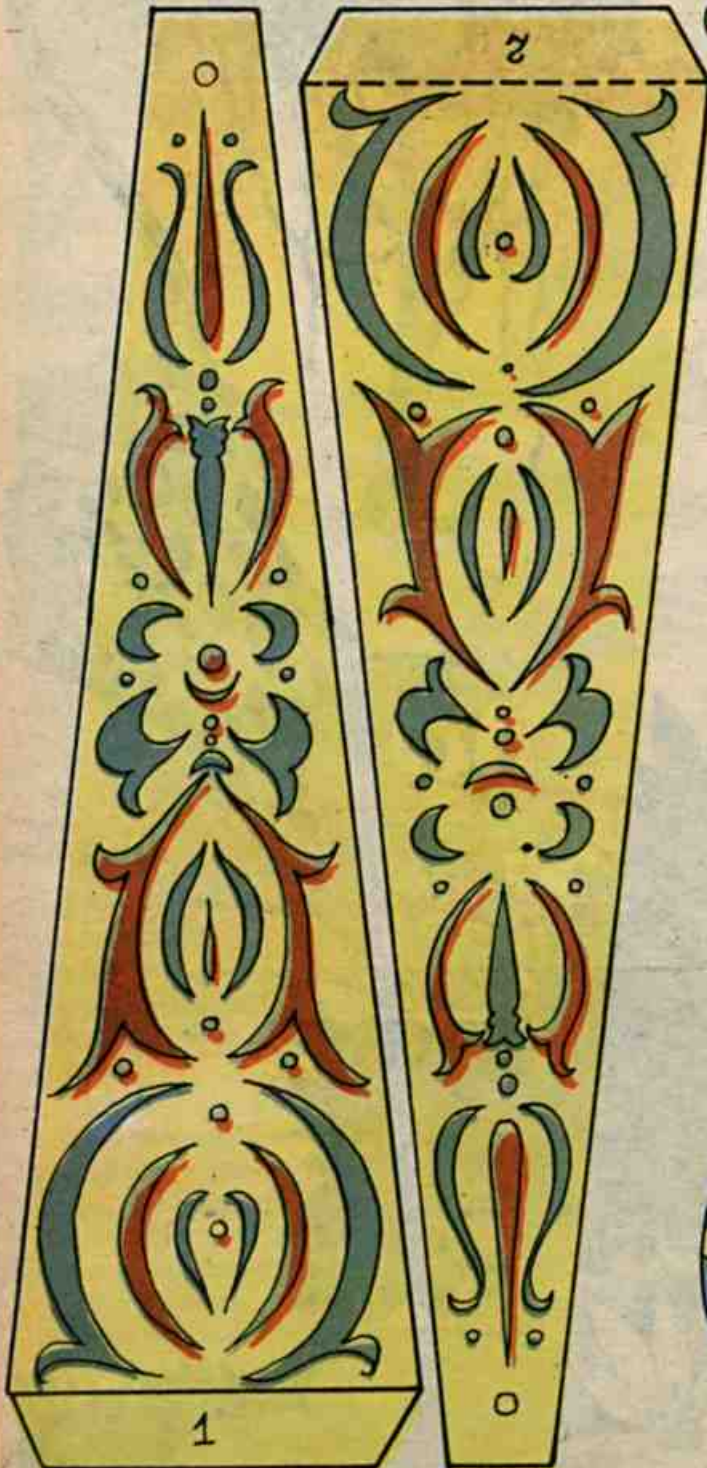
— Por que você fugiu, sêo bôbo? Por que? Mas agora você não vai fugir mais, não é, "Neve"? Nunca mais!

"Neve" não fugiria mais. Bastaram-lhe os sustos que sofreu por causa da sua vaidade.

E por uma fria manhã do proximo inverno, Irací foi para a Escola com um casaquinho novo de lã. Era uma lã tão macia, que só podia ter sido de um cordeiro. E vocês já adivinharam de que cordeiro, não é?

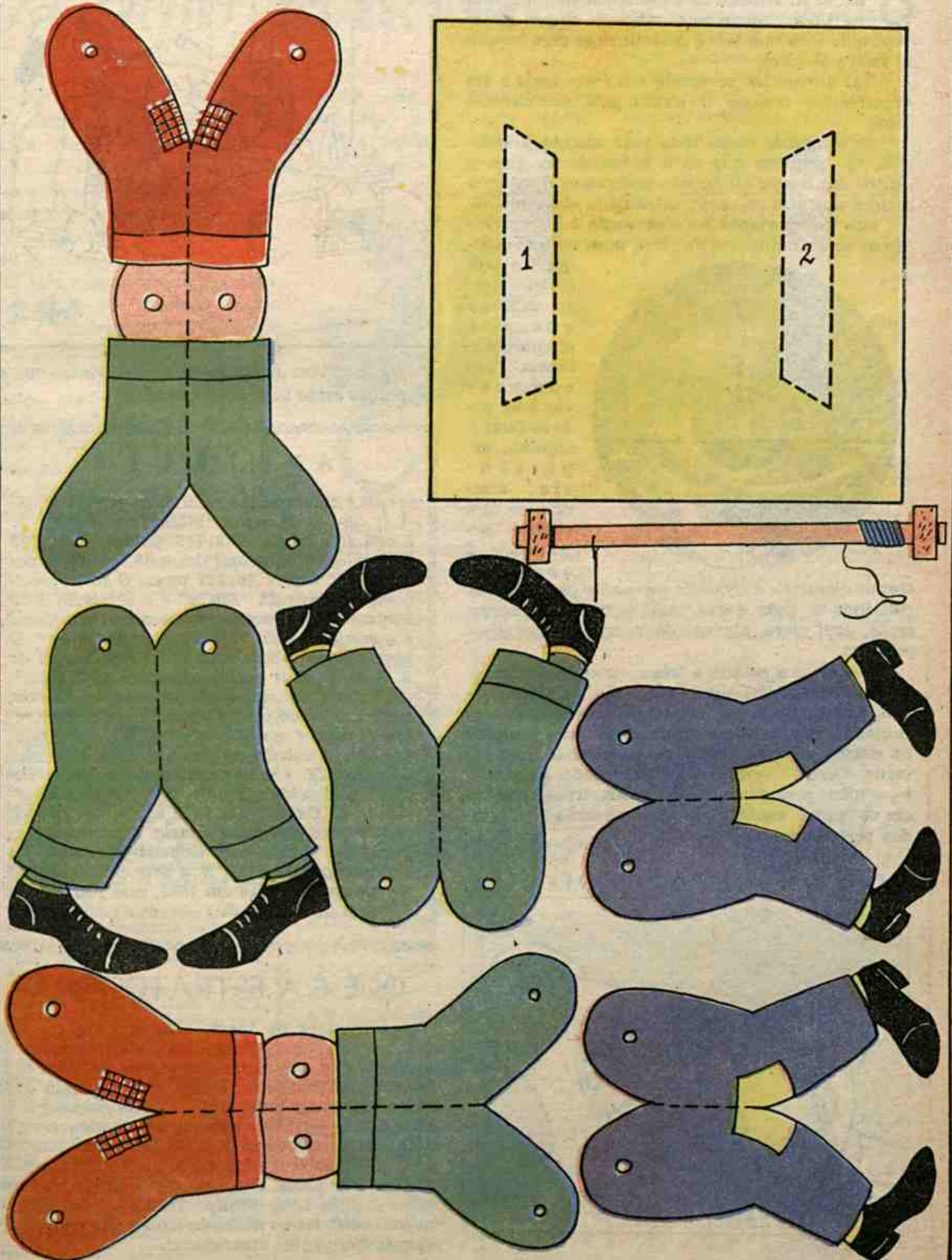
OS BONECOS ACROBATAS

2

1

VEJA A EXPLICAÇÃO EM OUTRA PÁGINA, NO FIM DO ALMANAQUE

NO FIM DO ALMANAQUE VOCÊ ENCONTRARÁ O MODÊLO ARMADO E DETALHES DA MANEIRA DE CONSTRUIR O BRINQUEDO

1

2

O ÔLHO HUMANO E AS CÔRES

O Dr. E. N. Wilmer, do Laboratório de Fisiologia da Universidade de Cambridge afirma que o centro do olho humano é parcialmente cégo no que se refere às côres.

Tal afirmativa se baseia em fatos reais e em experiências levadas a têrmo pelo mencionado sábio.

Se dirigimos nossa vista para um objeto colorido, tão pequeno que só o possamos vêr com o centro dos nossos olhos, não poderemos dizer com certêza se é azul ou verde, alaranjado ou vermelho.

Isto é importante na observação e interpretação de sinais luminosos de côres, uma vez que qualquer objeto é visto muito menor quando é olhado à distância. Para comprovar isto, pode-se fazer a seguinte experiência: desenha-se um círculo pequeno de 2 centímetros de diâmetro, e divide-se em quatro partes iguais colorindo-se cada parte com as seguintes cores: verde, azul claro, alaranjado-marron e vermelho-púrpura.

Coloca-se o círculo a três metros de distância. Se o obeservador possui uma visão de côres normal, poderá distinguir claramente o verde do alaranjado; mas, se olhar diretamente para o centro do círculo, não poderá dizer com precisão qual é o verde, o azul, o vermelho ou alaranjado. Entretanto, se olhar para o lado, a três centímetros de distância do centro, então tôdas as côres serão distinguidas perfeitamente.

NO CONSULTÓRIO MÉDICO

— *Diga: A'*

Q U E   F E B R E ! !

— *Ele está com tanta febre, tanta, tanta, que as pulgas estão morrendo torradas!*

A BÍBLIA

UMA interessante estatística bíblica elucida-nos de que a "Bíblia" contém: . . . . 3.566.480 letras; 773.746 palavras; 31.173 versículos; 1.189 capítulos e 66 livros! A palavra "E" ocorre 46.227 vezes. O meio precisamente certo da "Bíblia" é o versículo 8 do Psalmo 118. O versículo considerado o maior é o versículo 9 do VIII capítulo de "Ester". O mais curto é o versículo 35 do capítulo XI de S. João. O mais antigo exemplar da "Bíblia", em hebreu, existia, ainda há anos, em Toledo, e era conhecido pelo "Codex Hillel". O mais velho exemplar em língua grega é o do Vaticano, que foi escrito, ao que parece, nos meados do século IV. A mais pequenina edição da "Bíblia", conhecida até hoje, foi feita na Universidade de Oxford, em 1875 e tem de comprimento duas polegadas e meia. A primeira tradução da "Bíblia" em línguas ocidentais foi a flamenga, de 1417. E a primeira tradução portuguesa foi feita em 1681, pelo padre João Ferreira de Almeida".

QUE É A ESTRATOSFERA?

A atmosfera da terra, está dividida em duas regiões: a inferior, chamada troposfera, na qual vivemos, é a região dos ventos de todos os fenômenos atmosféricos, e nela se encontram quase todas as nuvens mais altas; a estratosfera é a frigida e mais elevada região de ar parado, começando a 10.000 metros para cima, nas zonas temperadas, 17.000 metros para cima, no Equador e 6.500 metros nos polos. Foi descoberta pelo meteorologista francês Leon Philipe Teisserenc de Bort, no ano de 1890, tendo utilizado balões que transportavam instrumentos apropriados.

O cavalo MARINHO

ESTE bichinho é um peixe, embora não pareça. À primeira vista qualquer um diria que é um crustáceo. Entretanto, é um "teleósteo" pertencente à ordem dos "lofobranquios". A palavra "teleósteo" distingue os peixes que têm esqueleto ósseo dos que têm esqueleto cartilaginoso. "Lofobranquio" ("lobos", penacho e "branquios", braquia) é uma palavra que explica a disposição do aparelho respiratório destes animais. De fato, suas brânquias têm a forma de penachos, e isto os diferencia dos demais peixes. A semelhança exterior dos cavalos marinhos e dos crustáceos é inegavel.

Êste peixinho tem placas ósseas sôbre a pele em vez de escamas, com espinhas. Em seu esqueleto, comprimido lateralmente, faltam as costelas. Sua boca é desprovida de dentes e termina com um focinho pequenino em forma de tubo. Sôbre a cabeça tem uma crista. Nada em pé, com pouca velocidade, servindo-se de uma barbatana dorsal, que parece uma machadinha, e das barbatanas peitorais. Não tem aleta caudal, e sim uma pequena cauda prênsil com a qual se agarra aos galhos das vegetações submarinas, quase de igual maneira como os macacos e o cameleão se agarram aos ramos das árvores.

E já que falamos em cameleão, devemos esclarecer que o cavalo marinho parece-se com êste em duas coisas: seus olhos são independentes um do outro, podendo olhar em diferentes direções; e êle muda de côr de acôrdo com as plantas em que se oculta. Esta última faculdade facilita-lhe fugir dos seus inimigos. Alimenta-se de crustáceos e outros animais marinhos que nós não podemos ver a olho nú. Assim vive na flora marinha. Há autores que atribuem ao cavalo marinho uma inteligência e uma astúcia muito grandes. Mas parece que é bastante estúpido, e lerdo em seus movimentos.

Se é metido em aquário, morre em seguida, porque alí não há os alimentos de que necessita.

Conhecem-se umas vinte espécies de cavalos-marinhos que vivem nos mares tropicais.

Chama-se, em linguagem científica, "hipocampus" de "hippo"-cavalo, e "xampe", peixe grande, metade cavalo, metade peixe.

A fêmea do cavalo marinho põe os ovos em uma prega ou ruga da cauda do macho, que os guarda até nascerem os filhotes. O cavalo marinho foi usado na antiga medicina de forma abusiva e disparatada.

Calendário da revolução Francesa

O calendário usado durante a Revolução Francesa foi criação de Romme tendo sido modificado por Fabre d'Eglantine. Começou a vigorar em 22 de setembro de 1792, data da proclamação da República, e manteve-se até 1.º de janeiro de 1806, quando foi novamente restabelecido por Napoleão o calendário gregoriano.

Para os doze mêses do ano, que começava em 22 de setembro, foram escolhidos os seguintes nomes:

OUTONO: Vindimário (colheita da uva); Brumário (que obscurece o firmamento); Frimário (que cobre as montanhas de neve).

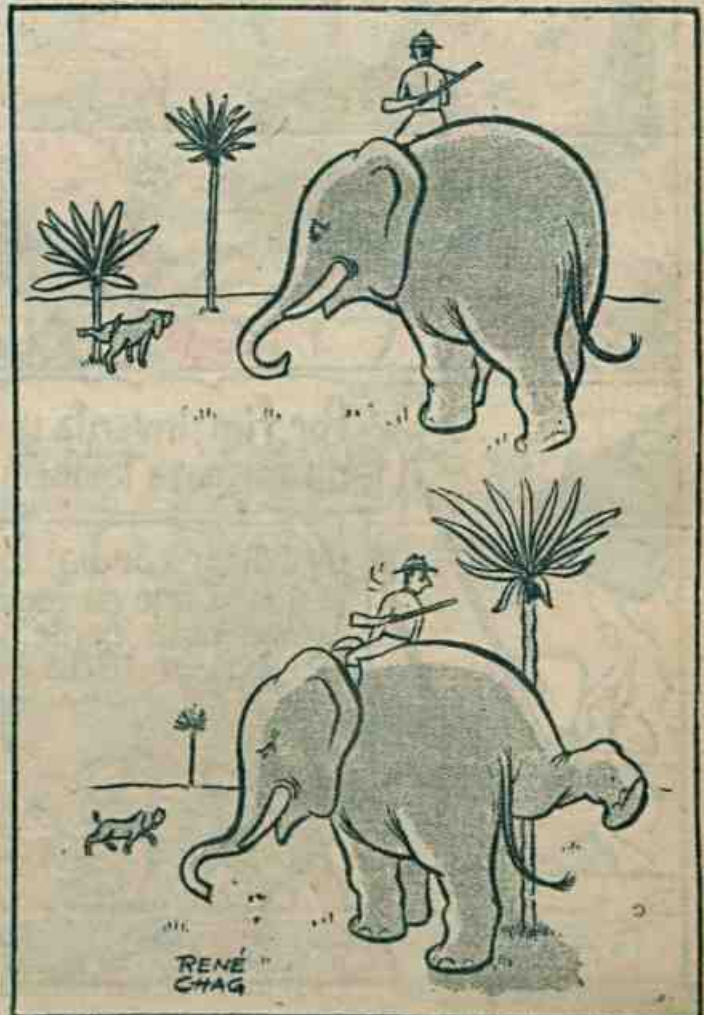
INVERNO: Nivoso (que branqueia o sólo); Pluvioso (que o molha com chuva); Ventoso (que desencadeia os ventos).

PRIMAVERA: Germinal (que faz brotar ou germinar); Floreal (que faz florescer as flores); Pradial (que seca os campos).

VERÃO: Messidor (que recolhe as messes); Termidor (que esquenta); Frutidor (que amadurece os frutos).

As semanas foram substituidas por décadas e os dias se denominaram primidi, duodi, tridi, quartidi, quintidi, sextidi, septidi, octidi, nonidi, decadi.

MÁU EXEMPLO E IMITAÇÃO

RENÉ CHAG

PECHINCHA

Gisela

Estou "abafado"! Tenho de escrever uma história para o almanaque...

Redação O Tico-Tico

Ué! Abafado por que? Isso é tão fácil!

Olhe, dê-me o pincel. Primeiro você inventa um rei... assim!...

...Mas não tenho idéia nenhuma, Pechincha!

...Depois arranja um príncipe como êste...

Hum!

...e uma princesa bem bonita!

Ah!!!

Por fim, inventa uma fada formosa também...

Misericórdia! E que é que eu faço com essa gente tôda?

Bem, aí começa a história. O rei fica sendo mau... – E o vilão, sabe? –

Sei... E depois?

...Êle judia da princesinha!
Mas que peste, Pechincha!
NÃO!
...Aí aparece o príncipe que quer casar com ela... O rei não deixa!
Oh!
Mas a fada, madrinha da princesa, resolve tudo! Com a varinha de condão transforma o rei num velho bonzinho...
...E tudo acaba em casamento, como nos filmes de "mocinho"!
Pechincha, você é um gênio!!! Vou mandar essa história agora mesmo para o Tico-Tico!
E só agora você descobriu isso, compadre?
Giselda

O CASO DA ESMERALDA

— VAI para fóra, Negro! Quero descansar. Não me podes deixar um instante? Não sabes brincar sòzinho?

Tom Dickson, o famoso detetive, aproveitava o belo e claro dia para tomar um pouco de ar. Durante a parte da manhã estivera ocupado em seu laboratório e agora descansava recostado em uma rêde.

Negro, no entanto, o cão de caça, não pensava assim; quase sempre brincava com Bob. Hoje, não. Já por três ou quatro vezes tinha lambido o rosto do detetive que, sem abrir os olhos, o enxotara suavemente. Mas o animal insistia.

Por fim, sentou-se sobre as patas trazeiras e lançou um sonoro ganido.

O detetive virou-se na rêde, o cão aproximou-se dos seus pés e, tomando entre os dentes um dos cordões do sapato desatou o nó.

Dickson ergueu-se.

— Pronto, Negro; já o conseguiste — disse. — Mas, que é isto?

O cão se aproximara, trazendo um pedaço de cordão na bôca. Depois, deixou-o cair na mão do detetive. Êste julgou ser do seu sapato, mas sua surpresa foi grande ao notar que se havia enganado.

Dickson pegou o cordão e examinou-o com cuidado.

— Sangue! — exclamou. Sangue no cordão! E que mais trazes, Negro?

O animal apanhou outra coisa no chão e depositou na mão do detetive. Era um pedaço de borracha que parecia se ter desprendido de algum pneumático de automóvel, e também sobre a qual havia manchas de sangue.

Dickson pulou da rêde.

— Onde encontraste estas coisas? — perguntou.

O inteligente animal deu um salto, ladrou, correu alguns metros e parou para ver se o dono o seguia. Depois continuou sua carreira.

Jack Smith, o ajudante, largou o livro que estava lendo e saiu atrás de Dickson e do cão.

Êste saiu à rua e, perto do portão, quase na esquina, parou, ladrando.

Dickson examinou a calçada: no pó do chão viam-se marcas de rodas de automóvel. Próximo ao portão as rodas eram mais marcadas. Nessa altura, faziam uma curva, voltando por onde tinham vindo.

— Estas marcas foram feitas por pneus de taxi — murmurou Dickson. — Alguém chegou até o portão, de taxi, e logo voltou. Agora repara: hoje não tivemos visitas, no entanto estas marcas são recentes...

Em seguida reparou que havia outras marcas. Estas se separavam, como si o auto tivesse querido passar o taxi. Na curva elas se juntavam. Dickson fez um calculo rápido.

— Os freios foram usados com rapidez, depois que o segundo automóvel passou o taxi. Mais ainda — proseseguiu, — devem ter ido em grande velocidade, porque derraparam e se chocaram violentamente com a calçada. E isto, aquí?

E apontava para umas manchas vermelho-escuras que se viam no chão, bem perto do lugar onde o auto havia sido freiado.

— Sangue! — exclamou. — Parecem marcas feitas por um corpo que tivesse sido arrastado até a curva. Isto é interessante, Smith.

Dickson tratou logo de seguir as marcas das rodas do auto, porém estas entravam numa avenida, confundindo-se com as dos outros veículos.

— Que acha, chefe? — perguntou Smith.

Dickson reuniu os dados que tinha, da historia que imaginava:

— Um homem veio aqui, em taxi — disse. — Imediatamente um automóvel particular parou nas proximidades e seus ocupantes atraíram a atenção do homem enquanto o taxi regressava; e, logo que o taxi se foi, atacaram o nosso visitante. Aqui você póde ver a marca do corpo perto das marcas das rodas — disse, indicando os sinais que corroboravam a afirmação.

— Nosso visitante era bem pesado, uma vez que o arrastaram e não o levaram no colo até o auto — prosseguiu. — Além disso, seu sapato se deve ter desamarrado e um dos assaltantes, ao pisar o cordão, o rebentou. Foi

ASSIM SE DESENHA UMA CABEÇA DE MOÇO

êste pedacinho que o Negro me levou. Aqui há um mistério que precisa ser desvendado, Smith.

Enquanto falava, Dickson examinava os arredores. De repente, inclinou-se e apanhou um cordão feito com fios dourados e, pregado a êste, um pedaço de tecido escuro. Dickson examinou-o com sua lente, depois, virando-se para Smith disse:

— O homem que nos veio visitar era bastante corpulento. Media mais ou menos um metro e setenta de altura; além disso, era oficial da marinha mercante e seu navio deve ter chegado hoje ao porto.

Smith olhou admirado para o chefe.

— Como e porque o senhor diz tudo isto?

— O peso, porque o arrastaram ao invés de carregá-lo até o carro; a altura, porque, repare: as marcas foram feitas pelos sapatos, logo estas manchas de sangue são da cabeça ferida, em consequência da pancada que lhe deram para derrubá-lo. Agora repare: entre estas manchas e as mardos sapatos há mais ou menos um metro e setenta centímetros, ou seja a altura do indivíduo.

— E como pode saber que era oficial da marinha mercante?

— Este cordão dourado é o material empregado na fabricação dos galões dos oficiais, e este pedacinho se deve ter desprendido da sua roupa quando a vítima era arrastada até o automóvel. O fio mostra que se achava costurado a um uniforme azul marinho; aos oficiais navais é proibido usar o uniforme em terra em tempo de paz; porém, à marinha mercante é permitido.

— E quanto ao navio?

— Porque se estivesse atracado no porto há muitos dias, o oficial estaria com roupa civil. Isto prova ainque êle tinha urgência em me vêr. Venha, Smith, temos que fazer rápidas investigações!

Voltaram imediatamente para casa, tendo-se Dickson informado por telefone sôbre os nomes dos navios e a hora em que haviam chegado, naquele dia, ao porto.

— Agora, com a ajuda da polícia — ordenou a Smith — veja se encontra o motorista do taxi que trouxe até aqui em casa o oficial de marinha. Póde também fazer essa sindicância nos pontos de taxis. Ofereça uma recompensa.

* * *

SIM, senhor. Eu levei um cavalheiro que corresponde a êsses sinais. Tomou meu carro no cáis Shadwell. Pagou-me o dobro para que o levasse depressa.

Dickson agradeceu ao motorista as informações e deu-lhe a recompensa prometida.

Imediatamente após haver averiguado que o navio que tinha atracado ao cáis de Shadwell era o "Merriwell", dirigiu-se até lá, em busca de informações.

Chegou, deu-se a conhecer e subiu a bordo. O chefe dos oficiais disse que todos se achavam alí, menos o capitão Swainsbury.

— Desceu a terra hoje bem cêdo e ainda não voltou. Poderei fazer alguma coisa para ajudá-lo?

— Sim — respondeu Dickson. — Se não me engano seu capitão foi sequestrado. Não sei por que, porém os que o sequestraram queriam impedir que êle falasse comigo. Por favor, leve-me ao camarote do capitão.

— O camarote ocupado pelo capitão fica em baixo, senhor. Não posso abandonar meu posto enquanto não encontrar alguém para substituir-me. Enquanto o procuro, o senhor pode ir descendo.

Dickson dirigiu-se ao camarote do capitão, notando, com surpresa, que tôdas as escotilhas dêste se achavam fechadas. Aproximou-se da porta empurrando-a. Ao fazê-lo uma brilhante luz o ofuscou. No interior do aposento, no meio da maior desordem, um homem, com roupas de marinheiro e um gorro velho, dava busca, apressado.

Ao abrir-se a porta, o homem deu volta puxou o revólver e fez um disparo contra Dickson.

O detetive deitou-se no chão para evitar as balas. O homem aproveitou a ocasião, apagou a luz e correu para fora. Dickson levantou-se e saíu em sua perseguição. O ladrão correu até a coberta, de onde estavam descarregando grandes fardos, saltou por sôbre um dêles e fugiu a tôda velocidade.

Dickson chegou tarde. Ao voltar-se, entretanto, deparou com o gorro do marinheiro. O detetive juntou os lábios e emitiu um estridente assovio. Era um sinal para Smith.

Este veio imediatamente.

— Ponha os cães na pista — gritou Dickson. — Dê-lhes o gorro para cheirar.

Imediatamente Smith chamou os dois cães de caça que havia levado no automóvel, fazendo-os cheirar o gorro.

Os cães, depois da olfação, saíram em disparada acompanhados pelo detetive e seu ajudante.

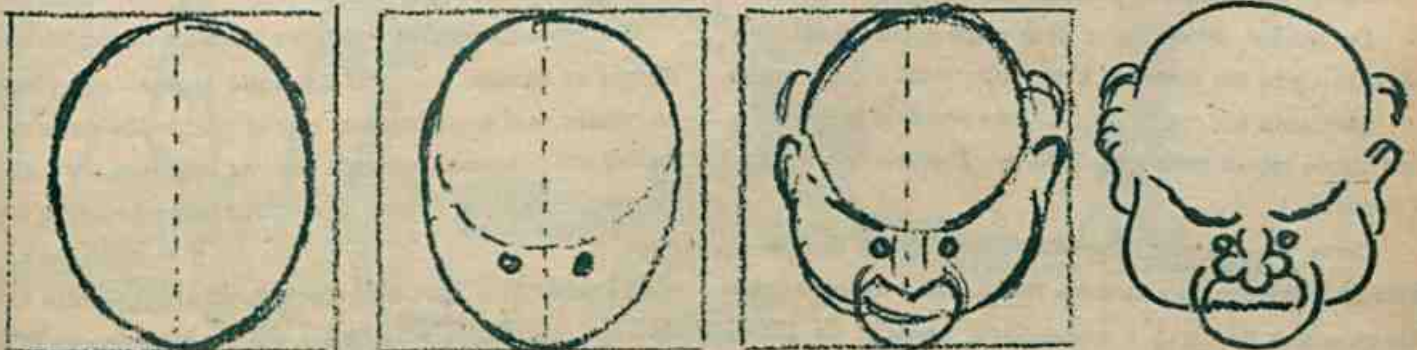
Correram assim até chegar ao rio.

Alí, viram ainda o homem, que já se preparava para atravessá-lo a nado.

— Solte os cães, Smith.

(Continua na página 64)

ASSIM SE DESENHA UMA CABEÇA DE VELHO

A CEBOLINHA AMARGA

ERAM dois irmãos: João e Pedro. Um dia, estando o pai deles muito doente, chamou-os a ambos e disse:

— Breve morrerei, meus filhos, e como vocês serão herdeiros de tudo quanto possuo, para que não se desentendam depois, quero repartir agora o que vou deixar. Para você, Pedro, deixarei a casa; e para você, João, as terras cercadas. Pedro governará a casa e levará o gado a pastar; João cultivará a terra e, plantará cebolas.

Pouco tempo depois, morreu.

Os irmãos dividiram os bens como o pai havia determinado. Cada um começou a se ocupar com o que era seu.

Enquanto Pedro enriquecia, João plantava cebolas. Pedro nunca estava satisfeito. João, ao contrário, vivia alegre e contente.

Certa vez apareceu, no lugar onde viviam os dois irmãos, um homem de aparência nobre. Era o dono de grandes extensões da terra e proprietário também de tôda a aldeia

Parou com seus ajudantes perto da horta onde João cultivava as cebolas e viu que êste arrancava algo da terra e guardava em um saco.

— Que faz êle ali? — indagou o homem.

— Está colhendo cebolas — responderam os auxiliares.

O homem nunca tinha comido cebola. Demonstrou desejo de provar aquilo que o rapaz acabava de arrancar, e, dirigindo-se a João, disse:

— Deus te ajude. Queres dar-me uma cebolinha destas?

João, sorrindo, entregou uma cebola ao desconhecido, e êste, depois de muito agradecer, afastou-se. Em caminho, o desconhecido ordenou aos empregados que presenteassem João com uma bolsa cheia de moedas de ouro, e no dia seguinte esta lhe foi entregue. Era uma bolsa grande e muito pesada. Quando Pedro soube, sentiu inveja do irmão e passou uma noite inteira sem dormir, imaginando uma forma de também presentear o senhor, a fim de receber ainda maior recompensa, isto é, um saco de moedas de ouro. Por isso, na manhã seguinte, pegou seu melhor bezerro e o levou à casa do homem rico.

À entrada, os criados perguntaram-lhe o que trazia.

— Um presente para seu amo.

Depois de verificarem que era de fato um presente, deixaram o rapaz entrar.

O homem rico mostrou-se muito satisfeito com a lembrança, mas logo percebeu o que se estava passando com o jovem, e disse-lhe:

— Também você será recompensado pelo presente que acaba de me trazer.

Pedro foi embora para sua casa e ainda mais uma noite não dormiu, só pensando qual seria o presente que ia ganhar. E pensava assim: — "Se por uma cebolinha tão insignificante êle deu um saco de moedas de ouro ao João, que não receberei eu, que lhe ofereci um bezerro? Pelo menos ganharei umas vinte bolsas mais cheias e maiores do que a do João."

Na manhã seguinte, antes dos galos cantarem, Pedro se dirigiu ao Palácio, e, depois de muito esperar, apareceram os criados com a recompensa que o senhor lhe enviava. A dádiva era volumosa e pesada. Apesar de Pedro ser forte e corpulento, foi com grande dificuldade que a carregou para casa.

Lá chegando, pôs-se a desembrulhar o presente e, ao cabo de várias horas de trabalho, descobriu a preciosa prenda: uma cebolinha!

Dêsde êsse dia Pedro tornou-se mais triste ainda e pela expressão de seu rosto dava a impressão de que estava sempre a mastigar uma cebola amarga. Era a lembrança do presente que recebera do senhor rico.

A história espalhou-se e todos os vizinhos começaram a caçoar dele. Até os cachorros quando ladravam pareciam dizer:

— Quanto trabalho para ganhar uma cebolinha ! E por ela deste um bezerro !

João, entretanto, enriqueceu e é feliz. Como sempre foi bom irmão, ajuda Pedro que aos poucos se vai esquecendo da cebola amarga e mudando de caráter. Já não é mais anbicioso, trabalha muito, mas uma coisa êle nunca mais quís fazer: comer cebola.

Higuett

O CASO DA ESMERALDA

(Continuação da página 61)

Com fortes latidos os cães entraram nágua, nadando vigorasamente em perseguição ao fugitivo.

— Temos aqui um bote; venha, Smith. Temos que agarrar o ladrão!

E unindo a ação às palavras, o detetive saltou para o barco, o mesmo fazendo Smith.

Começaram então a remar.

O homem já havia chegado à outra margem do rio, seguido pelos cães, que logo o derrubaram, subjugando-o.

— Quem é você e de onde vem? — perguntou Dickson ao se aproximar.

— Procure descobrir — respondeu o homem com arrogância.

— E' isto que estamos fazendo. Examine-o, Smith! — ordenou.

— Não quer dizer de onde vem? — acrescentou o detetive examinando uma passagem de segunda que o homem tinha em um dos bolsos e que continha a data e o lugar onde tinha sido expedida. — Não é preciso mais você dizer. O bilhete da passagem indica: Greenslade a Londres.

Depois de deixar preso o indivíduo, o detetive, seu ajudante e os cães de caça viajaram até Greenslade. Ao chegar à rua que desembocacava na estação, Dickson fez com que os cães cheirassem os objetos encostrados nos bolsos do ladrão. Em seguida, saíram correndo, seguidos por seus donos.

Correram quase meia hora, até que se detiveram diante de um pesado e sólido portão de ferro, sobre o qual se viram as seguintes palavras: "Aluga-se".

O detetive, depois de saltar o portão, deu uma volta ao redor da casa, que parecia desocupada, voltou à frente e subiu as escadas que conduziam à entrada principal e tomando uma velha aldraba bateu com ela na porta.

Então, o chão se abriu e o detetive caiu num subterrâneo.

Ao voltar do aturdimento produzido pela queda, Dickson se encontrou no chão, atado de pés e mãos. No outro extremo do compartimento achava-se um homem amarrado a uma cadeira. Embora nunca o houvesse visto, Dickson imaginou que bem podia ser o capitão Swainsbury.

Além dêle, encontravam-se ainda nêsse quarto, um homem que parecia chinês e dois mais, todos de má catadura.

— Que quer dizer isto? — inquiriu Dickson. — Por que foi sequestrado o capitão Swainsbury?

— Eu o direi, Dickson — respondeu o capitão. — Tinha ido procurá-lo em sua casa porque desejava que me guardasse algo, entende? E' uma joia, uma maravilhosa esmeralda que vale pequena fortuna. Pertence a um dos meus subordinados. Éste bandido mestiço descobriu isto e atacou o rapaz em Singapura, para roubá-la, causando-lhe ferimentos que ele ainda está tratando no hospital. Por sorte, êle já me tinha entregue a esmeralda, quando Jim Chong o atacou.

Então, Dickson soltou um estridente assovio, pois havia notado que no teto do quarto havia uma pequena abertura para ventilação e por alí o seu chamado poderia ser ouvido por Smith.

— Fale, capitão Swainsbury, ou Dickson morrerá. Se não me diz onde está escondida a esmeralda, esta faca será enterrada em seu peito. Contarei até três! — ameaçou o oriental. — Um!... Dois! Ai!!

A faca caíu das mãos do chinês, ficando no chão. Ao voltar-se, deu com a cabeça enorme de Negro a poucos centímetros do seu pescoço.

No outro canto o Bob mantinha encurralados os dois sequases.

— Graças a Deus, ouvimos o seu assovio, chefe! — exclamou Smith. Corremos à volta da casa e a tampa que existe na porta principal abriu-se e nós caímos aqui dentro.

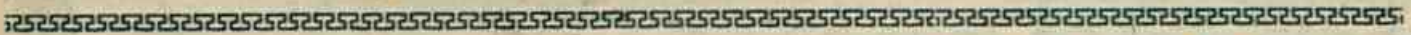
Apanhou a faca, cortando as cordas que amarravam o detetive e o capitão. Com as mesmas prenderam os bandidos.

— Agora, Capitão, — disse Dickson, — quer contar-me o que se passou?

— Um de meus amigos, — explicou Swainsbury — explorando uma região próxima a Malaga, achou a maravilhosa esmeralda. Jim Chong ao sabê-lo, tratou de se apoderar dela, não o conseguindo. Seguiu o capitão até a Inglaterra. Lá, quando Swainsbury se dirigia à casa de Dickson para confiar-lhe a joia, o chinês o sequestrou. — E onde está a esmeralda? — perguntou o detetive. — O homem que revistou seu camarote não a encontrou.

Swainsbury sorrindo apanhou a faca. — Estes bandidos se apoderaram de tôdas as minhas coisas e as examinaram, porém se esqueceram disto. Apertou a faca do lado do cabo de osso, abrindo-o até a metade e, alí, num pequeno escrínio maravilhosamente confeccionado, estava a cubiçada esmeralda, cujo tamanho e brilho provocaram exclamações do detetive.

— Dickson — disse Swainsbury. — meu filho não poderá nunca agradecer-lhe o que fez por êle!

— Se há alguém a quem agradecer, não é a mim, e sim a êstes dois, especialmente ao Negro—exclamou o detetive, acariciando as cabeças dos dois cães.

E ASSIM SE DESENHAM MAIS ESTAS DUAS

A ESTÁTUA DA LIBERDADE

A estátua da liberdade mede nada mais nada menos que 46 metros de altura. Isto sem contar o pedestal, que tem mais de 15 metros.

E', sem dúvida, a maior estátua do mundo, sendo maior da que aquela famosa escultura da antiguidade que se chamou o Colosso de Rhodes e que, — pobrezinha! — escassamente chegava aos 40 metros. E, entretanto, a incluiram entre as Sete Maravilhas do Mundo!...

Temos de reconhecer que desde aquela época até nossos dias as coisas têm progredido muito, tanto em altura como em largura.

Assim sendo, devemos nos sentir orgulhosos de que a escultura maior que se conhece está na América, o continente rico e generoso, de norte a sul, de leste a oeste, onde Deus nos concedeu a graça de viver.

E, agora, sôbre ela, estas perguntas:

— Onde se acha?
— Quem a fez?
— Quando foi inaugurada?
— De que é feita?

Havia uma vez um senhor que se chamava Frederico Augusto Bartholdi e era escultor famoso, nascido na frança.

Certo dia, em que não tinha coisa melhor em que pensar, ocorreu-lhe fazer uma estátua tão grande, tão granre, que assombraria o mundo inteiro. E êle a fez, pois era persistente em suas idéias e o que pensava fazer, fazia. Bom exemplo de fôrça de vontade para muitas pessoas que desanimam quando deparam com o primeiro obstáculo. E êle os teve muitos, e de várias espécies, mas foi tenaz e triunfou.

Aí está a estátua da Liberdade para demonstá-lo.

Para realizar êste verdadeiro milagre da estatuária foram empregados 300 peças de cobre pesando 80.000 quilos ,e uma armação de ferro cujo peso não era menor que 120.000.

O custo total da estátua foi de um milhão de francos, quantia bem respeitável para aqueles tempos, pois foi no período compreendido entre os anos de 1872 e 1888.

A cabeça da estátua mede 4 metros e meio de altura, e foi exibida na Exposição de Paris, de 1878, constituindo uma das suas grandes atrações.

E' ôca e em seu interior alguém teve o capricho de dar um banquete, pois êsse interior era uma ampla sala, como a de qualquer restaurante.

Um curioso observou que o nariz da estátua tem um metro de comprimento. Ao lado dela Cyrano, o famoso narigudo, tornava-se um tipo vulgar e sem importância.

O govêrno francês, que se achava em dívida com os Estados Unidos, pois este lhe havia prestado valiosa ajuda em diversas ocasiões criticas, pensou em demonstrar sua gratidão enviando-lhe, como presente, a maravilhosa obra de Bartholdi que êste chamou "A Liberdade iluminando o mundo".

E para os Estados Unidos foi a estátua, cuidadosamente desmontada, a bordo do vapor "Isere". Quando chegou, hábeis profissionais uniram tão bem as diversas partes, que a estátua parece feita de uma só peça.

Alguém teve a idéia de que ela poderia servir de farol e então foi colocada na pequena ilha de Bedloe, à entrada do porto de New York, como guia para os navegantes. A estátua foi solenemente inaugurada pelo presidente Cleveland, em memoravel festa, a 28 de Outubro de 1886.

Soltaram-se variados e vistosos fogos de artificio.

A estátua da Liberdade apareceu magnificamente iluminada, oferecendo um aspécto tão deslumbrante que todos que a viram jamais puderam esquecer.

E lá está desde aquele dia, firme sôbre seu pedestal. Como é uma dama muito limpa, de vez em quando lavam o seu rosto, os braços, a túnica e a lâmpada, ou facho. Êsse trabalho de limpeza custa ao govêrno alguns milhares de dólares.

PENSAMENTO

Grande número de maravilhas encerra o universo; mas a obra-prima da criação é o coração materno. Feliz o homem que restitui à mãe as satisfações e caricias que dela recebeu! Oxalá possa amparar, um dia, a velhice daquela que lhe ensinou os primeiros passos!

Bersot

ERA PARA DOENTE...

EI, MOÇO! VOSMECÊ VENDE COCADA?

FARMÁCIA

MEU AMIGO! ISTO É UMA FARMÁCIA! VENDEMOS SÒMENTE REMÉDIOS! COISAS PARA DOENTE, ENTENDE?

POIS É, SEU MOÇO! É QUE A COCADA É P'RA UM DOENTE!

FARMÁCIA

EDMUNDO

UM GÊNIO A SERVIÇO DA HUMANIDADE

André Maria Ampére nasceu em Lyon, a 22 Janeiro de 1755. filho de Jean Jacques Ampére, negociante naquela cidade, que, pouco depois, procurou o calmo repouso da vida rústica na aldeia de Poleymieux. Tendo voltado ao burgo, em plena Revolução, e desempenhado as funções de juiz de paz, quando a cidade que se insurgira contra a Convenção foi dominada, lavraram-lhe a sentença de morte.

Jean Jacques Ampére subiu ao cadafalso em 23 de Novembro de 1793, orgulhoso e digno na sua altivez, com a nobreza e a generosidade, de um idealista, "sem blasfemar, sem insultar a Revolução de que era vítima".

O terrível acontecimento destroçou o coração do jovem André e tão profundamente lhe tocou a alma que, durante muito tempo, andou na vida, ao acaso, quase com a razão perdida. Mas o nobilíssimo exemplo de seu pai robusteceu-lhe o caráter e inspirou-lhe as gloriosas tarefas, dando tudo quanto êle esperava da sua inteligência portentosa para lhe honrar a memória e perpetuar-lhe o nome.

Aos quatorze anos a tomada da Bastilha entusiasmou-o mais do que nenhum outro acontecimento; a terrível crise revolucionária, que deu a morte a seu pai no cadafalso, não destruiu nem alterou aquela recordação a que andavam ligados os princípios que êle professou e conservou sempre.

Aos vinte e um anos, casou com Julia Carron, tão bela quanto virtuosa e digna da sua enternecida admiração.

Um ano depois, tinham um filho, que, em homenagem à memória do avô, recebeu o nome de Jean Jacques.

A fecunda e prodigiosa atividade do sábio Ampére começou a dar os pêre frutos quando, depois do nascimento daquele filho, por necessidade de manter o lar, conseguiu a nomeação de professor para a Escola Central do Departamento do Ain, de onde, pouco depois, foi transferido, como mestre de matemática e astronomia, para o Liceu de Lyon.

O gênio pluriforme de Ampére enriqueceu não só "todos os ramos de matemática com proporções novas e importantes", como valorizou os conhecimentos científicos, enunciando teorias que fomentaram o progresso, e rasgaram mais vastos horizontes ao saber humano, além de outros trabalhos e produtivos estudos que o tornam credor da estima e da admiração universais.

O que principalmente causa pasmo neste homem é a diversidade de opiniões, a universalidade do gênio.

O seu espírito brilhou em tôdas as ciências: nas matemáticas, na física, na História, na História Natural.

Nem lhe foram estranhas as investigações da metafísica, ciência obscura e de todo o ponto contrária à índole das fórmulas rigorosas e das leis positivas deduzidas da existencia.

"O que sobretudo atraia a ardente curiosidade daquele espírito investigador e poderoso, daquele gênio universal, eram os problemas cuja solução tinha até ali escapado às investigações dos sábios que o precederam.

Eis o motivo por que êle procurava saber qual fora a lingua primitiva e quais os meios de a reconstituir; eis o motivo por que êle queria resolver a questão da inteligência e do instinto dos animais; e eis o motivo por que êle, com grande escândalo e pasmo dos seus colegas na Academia das Ciências, estudou os fenômenos do magnetismo animal".

Mas... qual foi a especialidade de Ampére ? Ele aprendeu tudo e sabia tudo: latim, grego, italiano, física, química, mecânica, analítica, filosofia e, por cima de tudo isto, sabia heráldica.

Era poeta e rimava a cada passo Fazia canções, madrigais, charadas, poemas sôbre a natureza; esboçava uma epopéia inspirada por Colombo co mo título de "O Americida"; escrevia tragédias, comédias, cujas cênas eram interrompidas por x, por y e por fórmulas algébricas.

Mas, para imortalizar o sábio, o homem simples e bondoso que, no seu ecletismo, conhecia até a odisseia dos seres mais ínfimos, para o erguer às luminosas alturas onde refulgem os espíritos superiores em eterna glória, bastou a grande descoberta que revolucionou a ciência e deu impulso ao progresso, imprimindo o ritmo acelerado e trepidante à vida moderna, entre os povos civilizados — o eletro magnetismo.

—

A vida dêste homem, que se tornou credor do reconhecimento e da admiração da posteridade, foi, como a de tantos outros benfeitores da Humanidade, amargurada e triste, cheia de sofrimentos alanceada pelas mais pungentes angustias, rodeada da incompreensão e da indiferença que, muitas vezes, envolvem na penumbra do olvido os mais fulgurantes espíritos.

Você sabe?

GUARDE ÊSTE QUADRO PARA NÃO TER DÚVIDAS E TEIMAR NO COLÉGIO

FERIADOS NACIONAIS

1 de Janeiro	— Confederação Universal
21 de Abril	— Tiradentes
1 de Maio	— Dia do Trabalho
7 de Setembro	— Independência do Brasil
2 de Novembro	— Dia dos Mortos
15 de Novembro	— Proclamação de República
25 de Dezembro	— Natal

PRINCIPAIS FESTAS RELIGIOSAS FIXAS

Circuncisão do Senhor	1 Janeiro
Os três Reis Magos	6 Janeiro
Purificação de Nossa Senhora	2 Fevereiro
As Chagas de Cristo	6 Fevereiro
Anunciação de N. Senhora	25 Março
Invenção da Santa Cruz	3 Maio
S. Pedro e S. Paulo	29 Junho
Visitação de Nossa Senhora	2 Julho
Transfiguração de Nosso Senhor	6 Agôsto
Assunção de Nossa Senhora	15 Agôsto
Natividade de Nossa Senhora	8 Setembro
Todos os Santos	1 Novembro
Apresentação de Nossa Senhora	21 Novembro
Imaculada Conceição	8 Dezembro
Nascimento de Jesús	25 Dezembro

— *O doutor receitou, para a minha falta de apetite, uns dois ovinhos dêsse bicho, no café da manhã.*

RECURSO

PARA TIRAR ROLHAS

Há vários processos para se retirar as rolhas que penetram no bôjo das garrafas. Mais um, que se conheça, nunca é demais. E aqui o ensinamos.

Deixa-se a rolha cair no fundo, introduz-se um cordão a cuja ponta se enfiou e amarrou um botão, vira-se a garrafa, e aí começa a luta pròpriamente dita. Você puxa, ela foge, você insiste...

Quando ela sair, você vitorioso, exclamará:

— Viu? Não disse que tirava?!

A bandeira de FERNÃO DIAS

POR EDMUNDO RODRIGUES

São Paulo, ano de 1763. Epoca de aventuras e ambições desenfreadas. Sonhos de fortuna. Sonhos de domínio. Sonhos de poder.

Preparativos para uma grande aventura. Vai partir a "Bandeira" de Fernão Dias.

Fernão Dias era paulista, filho de Pedro Dias e dona Maria Leite. Crescêra ouvindo as narrativas e fantasiosas descrições dos sertanistas audazes. Trazia em si a chama de fé do desbravador.

Já de uma feita, comandando uma "Entrada", trouxera da serra de Apucarana nada menos de cinco mil índios, que vendêra como escravos.

Entretanto, quando os paulistas resolveram expulsar os jesuitas de Piratininga, sua palavra apaziguadora fê-los desistir do intento e os catequistas ficaram.

Naquela manhã, partia em busca de esmeraldas.

Acreditava ser possível encontrá-las e, formando uma Bandeira, lançava-se à aventura.

Depois de frei Gregório de Magalhães rezar missa campal, o aventureiro se despediu da esposa, dona Maria, e partiu, com sua gente.

E parte, para jamais voltar.

Os anos passam, Fernão Dias envelhece, perde homens do grupo, mas não perde a fé.

Acredita no belo sonho das esmeraldas.

Acredita e porfia.

Mas as pedras verdes não aparecem.

A "Bandeira" está destroçada. O chefe quase vencido. Até seu próprio filho está disposto a traí-lo, a abandoná-lo para regressar a S. Paulo.

Com o coração alanceado, tem, contudo, forças para fazer executar a Lei.

O filho traidor, que o queria envenenar, foi justiçado por sua ordem.

Assim era a Lei, naqueles bárbaros tempos.

Afinal, um dia, o sonho do desbravador pareceu realizar-se. Surgiram da terra ferida as ansiadas gemas verdes. Eram as esmeraldas sonhadas! Era a recompensa de tanto sofrimento!

Não resistindo à emoção, às privações, às febres, Fernão Dias Paes Leme, entretanto, vem a morrer, às margens do Rio das Velhas...

E, logo a seguir, vem o desapontamento: não eram esmeraldas as pedras verdes encontradas, mas simples águas-marinhas sem valor.

E a Bandeira retorna. Sem o sublime chefe e sem a conquista sonhada por todos.

Fernão Dias Paes Leme, entretanto, deixou o exemplo aos moços e deixou também, aos pósteros, desbravadas as terras do sertão.

Não descobriu esmeraldas, "mas descobriu o verdadeiro Brasil", disse alguém a seu respeito. No que tinha, de fato, tôda a razão.

OS BONECOS ACROBATAS

(VER A PAGINA 55)

A simples vista do modêlo abaixo, e o bom senso do menino que fôr armar o brinquedo, bastarão para que logo o seu funcionamento seja compreendido, bem como a maneira pela qual deve êle ser construido.

MODÊLO TERMINADO

As figuras e peças devem ser coladas em cartão e recortadas, colando-se as aletas onde as letras estão a indicar, o que é fácil ver.

Unindo as duas peças, cola-se um pauzinho roliço, que vai enfiado nos orifícios das mãos dos bonecos. Nêsse eixo, em cujas extremidades devem ser postos pedaços de cortiça, para que êle não deslise e fuja, prende-se um elástico, (X) que será preso pela outra extremidade no *chão*, em *a*, no modêlo.

O elástico não deverá ficar nem muito frouxo, nem muito esticado. Na outra ponta do eixo se prende um cordel (b) que se enrola ali.

Funciona o brinquedo, puxando o cordel, que, ao se desenrolar faz girar o eixo e enrolar nele o elástico. Soltando o cordel (afrouxando, apenas) o elástico tende a voltar à sua posição natural, e roda o eixo em sentido contrário, e com isso os bonecos acrobatas ficarão subindo e descendo, pois êles são articulados como os bonecos de engonço, por meio de barbantes com pequenos nós.

Os bonecos devem ficar firmemente presos no eixo, o que se consegue por meio de cola-tudo.

— *Não me serve, não senhor! Onde já se viu um quarto de hotel sem ratos? Onde?!*

SENTADO à beira da cama, com um pé calçado e outro descalço, fez uma expressão de dúvida e disse, com os seus botões:

— E agora?! Não sei se ia me deitar ou me levantar!

O Tesouro do Pirata

Zumzumba, o Pirata, procura um tesouro escondido.

TERRA À VISTA!

...e surge a ilha do tesouro.

Os piratas desembarcam

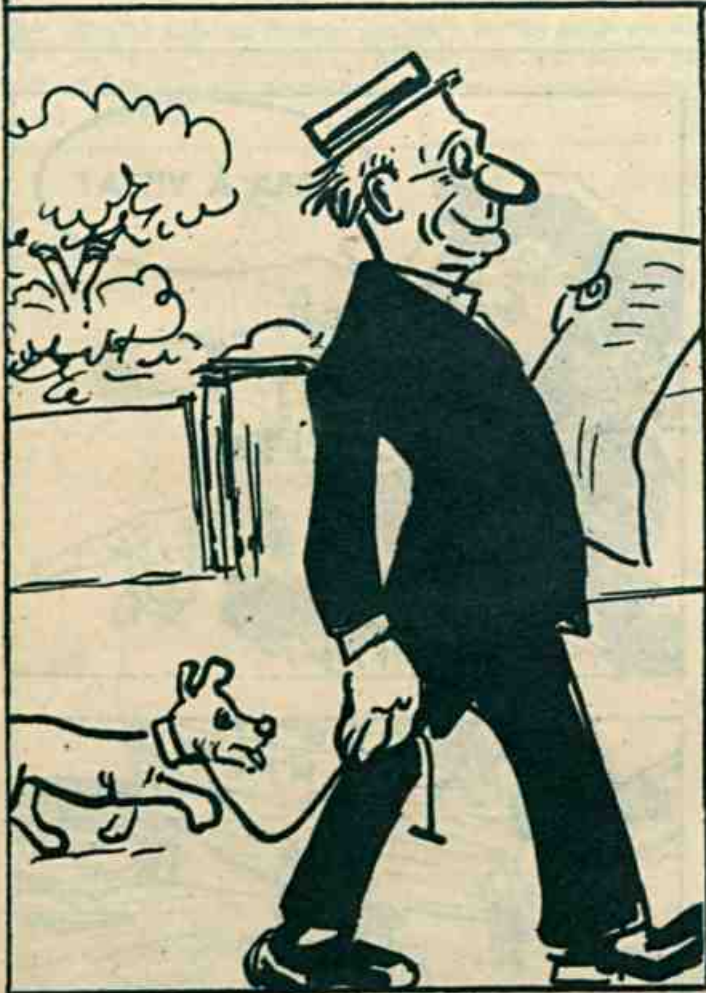
MARAVILHA DAS MARAVILHAS!...

BEBA Coca-Cola

ISTO FAZ UM BEM...

BÔLINHOS PARA TOTO'...

Jantok

A Vitória Régia

Tinham os selvagens verdadeiro culto pelas plantas aquáticas.

Para êles, a flôr que se apresentava bela e viçosa sôbre as águas era uma dádiva, um presente de Tupã, o seu Deus.

Na sua compreensão primitiva, sentiam os selvagens a grandeza da Providência que, criando animais e plantas, com vida dentro dos mares e lagos, faziam-nos como que alimentos uns dos outros, na perpetuação de suas espécies.

Dentro tôdas as plantas aquáticas, destaca-se uma, por ser, talvez a mais expressiva, aquela cuja lenda vive de bôca em bôca, entre todos os amazonenses.

E' a vitória-régia !

Muito grande, de fôlhas redondas, a vitória-régia flutua sôbre as águas do rio-mar, mantendo-se fixa à vasa, por intermédio de rizomas, isto é, de caules que ficam sob as águas.

Têm suas fôlhas os bordos levantados e medem cêrca de um a dois metros de diâmetro, podendo suportar, sem ir ao fundo, o peso de uma criança.

As flores são também de grandes dimensões, de côr branca, na periferia, indo, aos poucos, matizando-se até chegar a vivo carmim.

Só se abre completamente durante à noite, daí o encanto que dizem ter.

Seu fruto é eriçado de pontas e as sementes, assadas, são comidas com prazer.

Respeitavam os selvagens o sol, as estrêlas, o ráio, mas o seu culto à lua era, acima de todos os outros, reverente, apaixonado, infinito...

Acreditavam-na um sêr de grandes poderes e vontade absoluta, e então tudo sacrificam em sua honra.

Assim, tinham êles a crença de que a lua de vez em quando descia à terra para levar para seu reino as mais belas cunhãs, isto é, as jovens solteiras da tribo. E estas, orgulhosas e felizes, esperavam, com ansiedade, êsse momento grandioso.

E tudo faziam para merecer a preferência.

Contam que, entre os caraíbas, era Naiá a mais linda cunhã.

Naiá, como as demais, esperava a descida da lua.

Certa noite, de um luar entontecedor, Naiá acordou na sua rêde branca de tucum. O luar aclarava tôda a taba, como um dia.

Fascinada, Naiá saltou da rêde e encaminhou-se para perto do lago, onde as águas tinham um brilho de prata.

Chegando lá, viu refletido nas águas o disco branco da lua, tão belo, tão cheio, tão fascinante, que a cunhã se sentiu atraída.

Crendo ser chamada pela deusa, Naiá não hesitou: atirou-se às águas do lago, que se abriram, num jorro, para recebê-la.

No dia seguinte procuraram os selvagens a bela cunhã. Seus pequeninos pés só haviam deixado marcas próximas do lago e, então, compreenderam os caraíbas que a lua havia levado a cunhã.

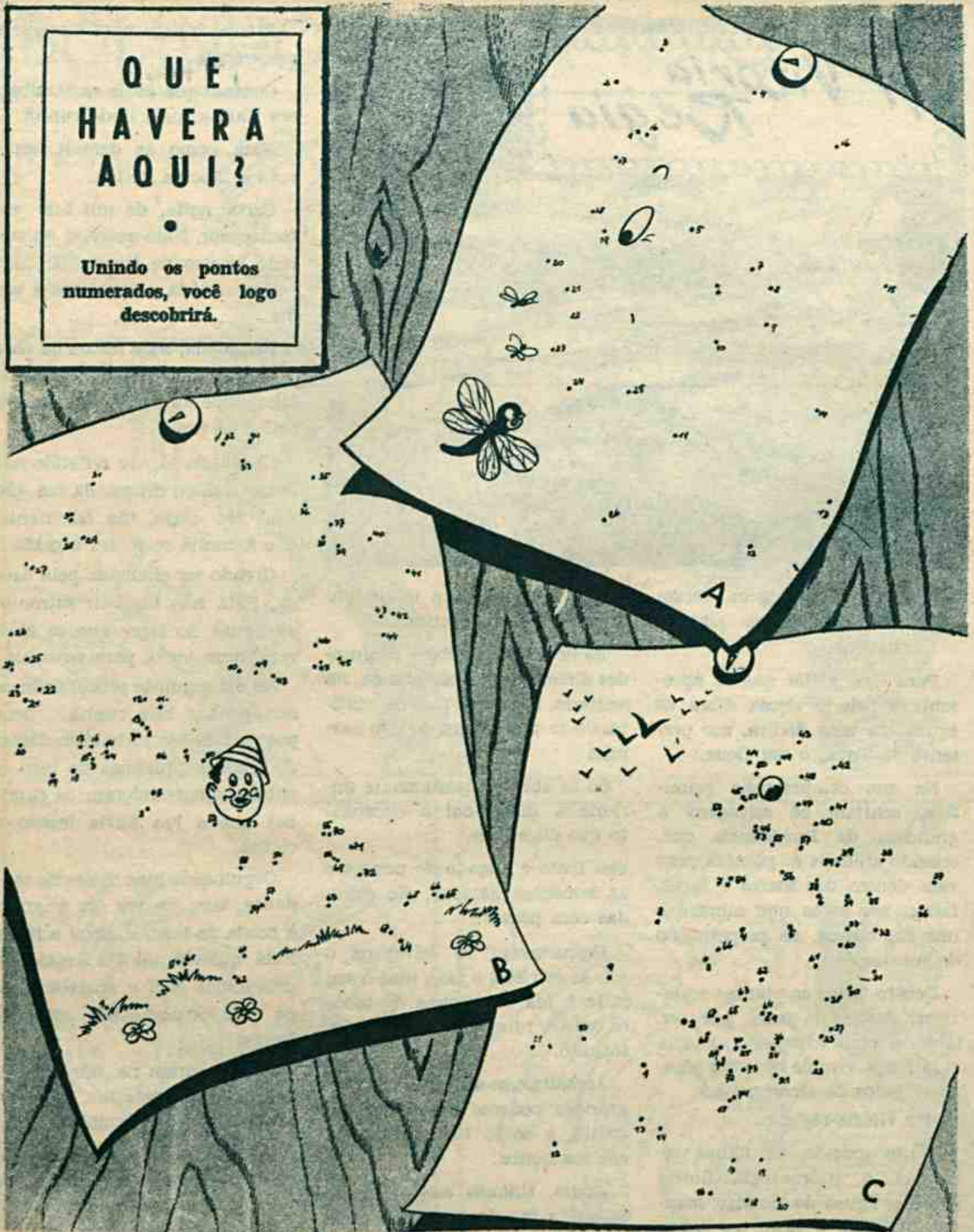
Orgulhosos, mas cheios de saudades, iam, de vez em quando, à borda do lago, lembrar a linda Naiá, quando um dia foram surpreendidos com o aparecimento de uma estranha flôr, sôbre as águas.

Felizes, viram na flôr a linda cunhã levada pela lua, e se puseram a adorá-la também.

O nome de Vitória-régia lhe foi dado por um naturalista inglês que ficou maravilhado ante a beleza da flor singular.

Chamou-lhe de vitória, em honra à rainha Vitória, da Inglaterra, cujo valor, a seu ver, era tão grande quanto a beleza da flor, até então desconhecida.

QUE HAVERÁ AQUI?

Unindo os pontos numerados, você logo descobrirá.

DATAS EM QUE CAEM AS FESTAS MÓVEIS — DE 1954 a 1958 —	*Anos*	*Cinzas*	*Páscoa*	*Ascensão*	*Pentecostes*	*Corpo de Deus*
	1954	3 março	18 abril	27 maio	6 junho	17 junho
	1955	23 fev.	10 abril	19 maio	29 maio	9 junho
	1956	15 fev.	1 abril	10 maio	20 maio	31 maio
	1957	6 março	21 abril	30 maio	9 junho	20 junho
	1958	19 fev.	6 abril	15 maio	25 maio	5 junho

UMA ANEDOTA DA VIDA DE MACHADO DE ASSIZ

Machado de Assiz, fundador da Academia Brasileira de Letras, é considerado o maior romancista do Brasil. E' curioso, por isso, conhecer algo sôbre a sua vida.

O autor de "Braz Cubas" era chefe de seção no Ministério da Viação. Honrado, trabalhador e pontual.

Ao ser proclamada a República, houve um grupo exaltado de adeptos do novo regime que tomou a si a empreitada de retirar dos edifícios públicos os retratos dos pro-homens do regime deposto.

E êsses entusiásticos republicanos foram um dia à seção de Machado de Assiz, no Ministério da Viação, para de lá retirar o retrato do imperador. Machado de Assiz, ao ser informado do seu desígnio, levantou-se, resoluto e severo, e protestou.

— Não, senhores, não consinto!

Todos, entre surpreendidos e espantados, estacaram. Estavam diante de um homem digno e respeitável, que certamente devia favores ao imperador, e tinha a coragem nobre e admirável de manifestar, senão as suas convicções, ao menos os seus sentimentos, diante de um ato que certamente considerava injusto e desprimoroso.

E, ainda mergulhados na perplexidade que o gesto inesperado lhes causara, êles se preparavam para se retirar, quando Machado de Assiz, vencendo as dificuldades da gagueira, completou o seu pensamento.

— Êle veio para aqui com um memorandum; daqui só sairá com outro memorandum!

A coisa era outra. Fazia questão, apenas, do cumprimento de uma formalidade burocrática.

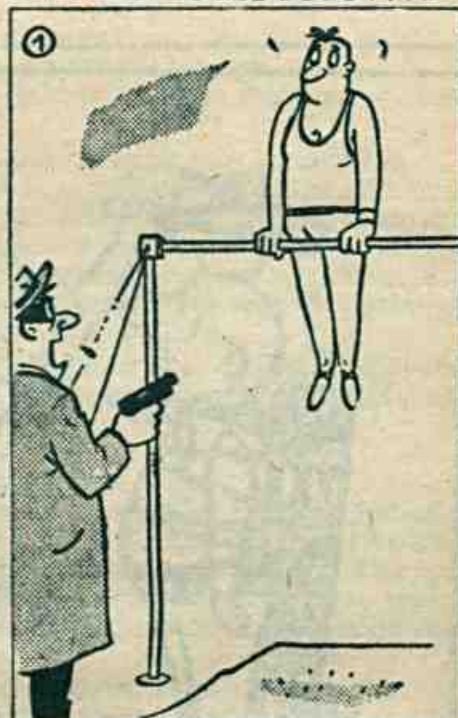
TUDO TEM SUA EXPLICAÇÃO

A saudação que os militares fazem com o sabre, quando estão em formatura, tem duas significações distintas.

A primeira posição — o punho junto aos lábios — é considerada uma recordação do antigo costume que tinham os cruzados, de beijar a cruz da espada em prova de fé. A primeira posição indica portanto a fé. O segundo movimento, o de abater o sabre, é uma prova de confiança. Indica este movimento que não é necessário estar em guarda.

MÃOS AO ALTO!
(E ÊLE OBEDECEU...)

1

2

TALVEZ VOCÊ NÃO SAIBA AINDA

QUE James Watt, aperfeiçoador das máquinas a vapor, era fabricante de instrumentos em Glascow.

QUE a palavra "Eden" vem do hebraico e significa, naquela lingua, prazer. Moisés deu êsse nome à região onde colocou o paraiso terrestre.

QUE o Jordão é um dos mais sinuosos, se não o mais sinuoso dos rios; tem um percurso de 213 milhas, numa extensão de 60 milhas em linha reta.

A TERRA

	Kms.2
Superficie do Globo	510.100.000
Superficie liquida	361.150,000
Superficie sólida	148.956.000
	Kms.
Circunferência equat. ...	40.075
Circunferência merid. ...	40.007
Diâmetro equatorial ...	12.756
Diâmetro polar	12.713,5

A LUA

Diâmetro 3.476 Kms.

O tempo de rotação em redor da terra é de 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 5 segundos.

Distância da terra: 384.390 Kms.

O CARECA E O ÍNDIO HUMORISTA

Louzet

A origem do diapasão

John Stove, que teve a honra de ser trombeteiro do rei de Inglaterra, Jorge II, arreliava-se com a dificuldade que havia em dar aos instrumentos musicais de um conjunto uma afinação comum.

Depois de estudar vários processos para remediar êste inconveniente, Stove acabou por acertar e em 1711 inventou o diapasão.

Êste instrumento não era, de fato, de uma regularidade absoluta e a sua tonalidade variava, segundo o metal de que era feito. Esta imprecisão manteve-se até 1859. Nesse ano, uma comissão internacional decretou que o diapasão devia emitir oitocentas e setenta vibrações por segundo, o que correspondia daí por diante, ao "la" normal.

MOSCA GIGANTE

No estado de Kansas, em Olmo, descobriu-se, no estado fóssil, uma mosca gigante.

Segundo os estudos do professor Carpentier, do museu de Havard, a mosca tinha 75cm de comprimento e viveu há 150.000.000 de anos.

A ratinha MILONGUITA

(*Conclusão da página* 23)

— Somos as vagens — prosseguiram as jovens, — e vimos convidar-te para uma grande festa.

— Oh ! Não posso ir — disse Milonguita. Estou com êste vestido tão feio...

— Nós te prepararemos para a festa. Verás !

E as pequeninas vagens bateram palmas. Imediatamente começaram a aparecer vários legumes, como o Sr. Pepino, a rubra e robusta dona Beterraba, a distinta dona Couve-Flôr, a esbelta Cenoura, o ponteagudo Aspargo e muitos outros.

O gorducho Dom Repolho pegou as mãosinhas de Milonguita e disse:

— Venha, menina, e nós lhe faremos uma caprichada "maquillage".

Quando ia caminhando, Milonguita deu um tropeção e quase que se esparrama no chão.

— Que é isto, menina? Estás enjoada?

— Não. É que vejo pouco. Por isso sempre tropeço.

— Então, sofres da vista? — interpelou dona Cenoura. — Preciso ver êsses teus olhos !

E depois de minucioso exame lhe fez cuidadoso tratamento.

— Oh ! como vejo bem, agora ! — gritou Milonguita satisfeita.

Em seguida, deitaram-na em um macio banco forrado de musgo e começaram a embelezá-la. Os senhores Agriões abriram os estojos de cores e pintaram de rosa as suas orelhas e o seu narizinho. Enquanto uns a penteavam e lhe davam suaves massagens, outros se encarregaram de reparar e adornar seu capotinho.

Milonguita ficou plàcidamente dormindo e, quando despertou, estava rodeada dos novos amigos, os vegetais, que a contemplavam satisfeitos e sorridentes.

— Vamos ! — disseram-lhe. — Vais ter uma surpresa.

E a conduziram até uma pequena poça dágua.

Milonguita se mirou nela como num espêlho e ficou admirada.

— Não ! Não devo ser eu, esta linda ratinha que estou vendo !

Na festa, Milonguita comeu dos variados e deliciosos pratos que lhe foram oferecidos pelas hortaliças e dançou com muita graça. Sentia-se, por isso, a ratinha mais feliz do mundo e nessa noite dormiu como jamais havia dormido.

Ao amanhecer, despertou muito alegre. Depois se recordou dos irmãosinhos e sentiu saudades. Então, abraçou e beijou todas as amiguinhas e, de um salto, passou para a jangada, começando a navegar rio acima. Ao caír a noite, a jangada passou no lugar onde viviam as rãs, sob a luz prateada da lua.

Quando estas descobriram Milonguita, pararam de cantar e ficaram admiradas com a sua beleza !

E Milonguita cantou e dançou, deixando-as deslumbradas pela vivacidade com que agora fazia as coisas.

Então as rãs quiseram fazer qualquer coisa para agradar à ratinha. E resolveram rebocar a jangada até à sua morada.

Ora, na cidade dos ratos havia uma grande festa. O jovem rei dos ratinhos ia escolher a esposa. Por isso, havia música, flores e foguetes.

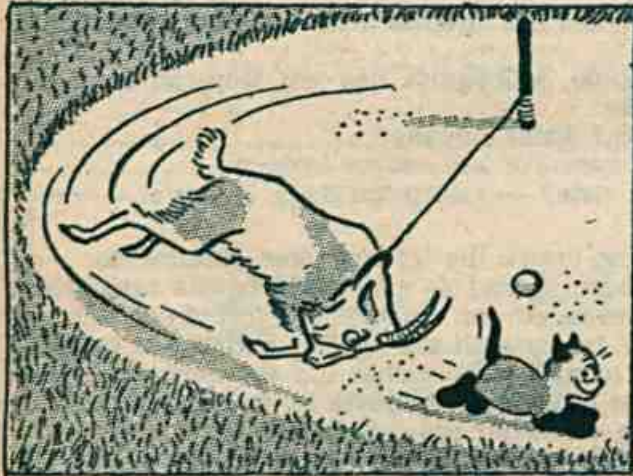
Tôdas as jovens ratinhas se tinham enfeitado e vestiam seus melhores vestidos.

Quando, porém, Milonguita passou em frente ao palácio real, o rei a viu e achou-a linda. Pediu-a em casamento. A bôda foi celebrada no mesmo dia, com muitas festas.

Depois de tornar-se rainha, Milonguita mandou fazer uma extensa horta de verduras e legumes, perto do seu castelo. E, como queria que seus filhos fossem fortes e bonitos, sempre lhes deu a comer hortaliças e legumes, que contêm vitaminas e são a fonte da saúde.

QUERIA BRINCAR EM PAZ...

70

Tim

LIBERALIDADE DE UM REI

ANTIOCO, o Grande, famoso rei da Síria, quando lutava cercando Jerusalém, os judeus lhe pediram uma suspensão nos ataques, durante sete dias, para poderem celebrar a sua festa solene.

O rei não só acedeu de boa vontade ao pedido feito pelos judeus, mas também desejou associar-se aos festejos. Para isso, mandou dourar os chifres de alguns novilhos e preparar os mais raros perfumes, conduzindo, êle próprio, a sua dádiva, até às portas dos sitiados, depositando-a nas mãos dêstes.

Então, aqueles mesmos que tinham pedido o armistício, encantados com as maneiras e virtude daquele rei liberal, renderam-se, assim que terminam os festejos...

QUE GENTE ESQUISITA!

Uma lei em Oat Park, Illinois, Estados Unidos, proíbe aos galos cantar antes das seis horas da manhã.

Apertar frutas e legumes é coisa igualmente proibida por lei, em Los Angeles, California.

Na cidade de Tahoe, California, os cavalos não podem usar sinetas de vaca.

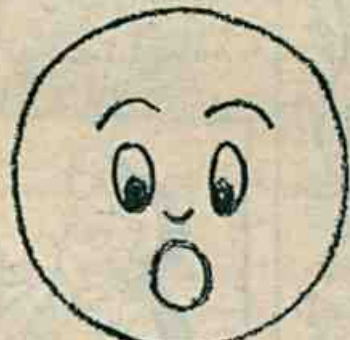
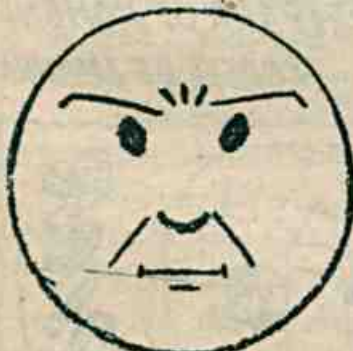
Na China, as crianças não pagam meia passagem de acôrdo com a idade, mas sim em relação à sua estatura. Aquelas que medem setenta e cinco centímetros, viajam de graça; as que têm um metro e trinta pagam a quarta parte da passagem; as que ultrapassam essa altura pagam como adultos.

Os chiseses usam sempre nos casacos cinco botões, para não esquecerem as cinco virtudes essenciais recomendadas por Confúcio: Bondade, Justiça, Ordem, Prudência e Retidão.

Na Inglaterra, logo que se pretendeu iluminar as ruas a gás, o clero se opôs a isso enèrgicamente, dizendo que "não era lícito banir as trevas, visto que dêsse modo Deus quisera distinguir o dia da noite".

DE CAMPOAMOR

Há ricos que com ânsia desmedida
Passam a vida a acumular dinheiro
Sem calcular, primeiro,
Que o ouro vale menos do que a vida.

VAMOS desenhar?

TIQUINHO

UMA REVISTA DIFERENTE PARA OS TIQUINHOS DE GENTE

CONSELHOS PRÁTICOS

TOMÁS Jefferson foi um moralista na vida prática; deixou dez conselhos úteis:

— Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
— Não gaste nunca o dinheiro antes de tê-lo ganho.
— Não compre nada inútil só por ser barato.
— Nunca se lastime por não ter comido bastante.
— Quem trabalha com prazer nunca se cansa.
— Quem quer vai, não manda.
— A vaidade e o orgulho custam mais caro do que a fome e a sede.
— Comece sempre pelo princípio.
— Precate-se contra cuidados e sofrimentos que só existem na imaginação.
— Conte até dez, antes de falar quando estiver satisfeito; e até cem, quando estiver irado.

O INVENTOR DA TELEGRAFIA

SAMUEL MORSE

A 24 de Maio de 1844, Samuel Morse, sentado cômodamente no salão da Suprema Côrte de Washinton, enviava, através do aparêlho transmissor ali instalado, a Alfred Vail, em Baltimore, esta mensagem: "Qual foi a deliberação do Deus da India ?", Aquele dia marcou o início da história das comunicações pelo fio, constituindo ao mesmo tempo o termo feliz de uma luta que Morse vinha sustentando havia doze longos anos, para realizar o seu sonho dourado.

O inventor da telegrafia nasceu em Charlstown, Estado de Massachussetts, em 1791. Foi educado na Academia Andover e na Universidade de Yale. Sua ambição de criança era tornar-se pintor. No colégio, efetivamente, aprendeu a pintar miniaturas em marfim. Fez depois duas visitas à Europa, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos, mas não conseguiu melhorias apreciáveis, diante do que deliberou abandonar a arte. Foi no regresso da sua segunda viagem ao continente europeu que começou a se interessar pela eletricidade. Um dos seus companheiros de viagem, o dr. Jackson, mostrou-lhe um magneto elétrico, que adquirira em Paris. Foi então que Morse pensou pela primeira vez na possibilidade de enviar mensagens através de um aparêlho elétrico.

Os anos que se seguiram foram de trabalho árduo e de desânimo. Ensinando pintura a alguns alunos, êle ia ganhando o suficiente para se manter enquanto prosseguia nas experiências que o conduziram, afinal, ao êxito definitivo. Depois de cinco anos de trabalho êle conseguiu mandar mensagem de uma extremidade a outra do seu laboratório. Foi nessa ocasião que Alfred Vail, entusiasmado com a obra de Morse, conseguiu que seu progenitor auxiliasse o inventor financeiramente.

Em 1843 o Congresso votava um crédito de trinta mil dólares para construir uma linha telegráfica entre Washington e Baltimore. Foi através dessa linha que Morse enviou a famosa mensagem ao seu valioso colaborador, que então se encontrava nesta última cidade.

PÁGINA DE QUEBRA CABEÇAS

OFERTA DO AMIDO DE MILHO MAIZENA MARCA REGISTRADA

EXTRAÍDOS DA COLEÇÃO DE CADERNOS EDITADOS PELA "REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL."

SOMBREANDO TÔDAS AS DIVISÕES ONDE HÁ UM PONTO, VOCÊ PODERÁ VER O QUE VAI ACONTECER.

AU! AU!

UM CACHORRO RAIVOSO ESTÁ NA SUA TRILHA. SE NÃO ACREDITAR, JUNTE TODOS OS PONTOS PELA ORDEM.

1, RUMO BANIS; 2, ZORC DURA; 3, AVAALERC; 4, HULACAP; 5, ODLAONG; 6, PORTO DE REI.

DESEMBARALHE CADA GRUPO DE LETRAS PARA SOLETRAR O NOME DE 6 EMBARCAÇÕES.

ÁRVORES ENIGMÁTICAS

1 QUAL A ÁRVORE QUE SUGERE UM SOBRENOME?

2 QUE ÁRVORE DÁ FRUTA CUJO NOME É TAMBEM O DE PARTE DE UMA PEÇA DO VESTUÁRIO?

3 QUAL A ÁRVORE QUE FAZ LEMBRAR FAMOSO CARDEAL?

4 QUE PARTE DO CORPO TEM O NOME DE UMA ÁRVORE?

JUNTE OS PONTOS.

REPUDIAR

SOLETRE PELO MENOS 32 PALAVRAS USANDO SOMENTE AS 8 LETRAS DE "REPUDIAR" E ASSIM GANHARÁ ÊSTE JÔGO.

A CORUJA e o GAVIÃO

J. SILVEIRA THOMAZ

A coruja sempre foi mãe extremosa, que morria de amor pelos filhotes mal emplumados. Achava-os "uma gracinha", verdadeiros anjinhos, uma formosura !

Certa vez ela se encontrou com o compadre gavião. E foi logo dizendo:

— Olá, compadre ! Preciso falar-lhe. Quero lhe pedir, encarecidamente, que, quando estiver caçando, poupe os meus filhotes, com o que lhe ficarei muito grata. Não ataque os meus garotos.

— Não há dúvida ! — respondeu prontamente o gavião. — Somos amigos velhos, quase parentes e não farei semelhante coisa. Seria um crime ! Peço-lhe, sòmente, que me descreva como êles são, para que eu os possa reconhecer, quando o encontrar...

— Oh ! — disse a coruja muito satisfeita. — O senhor não terá a menor dificuldade ! Meus filhinhos são formosíssimos, são os mais lindos de tôda a floresta !

— Pois, então, fique sossegada. Êles serão poupados !

Dizendo isso, o gavião despediu-se e lá se foi para a caçada diária. Em breve, encontrava um ninho onde piavam quatro feios pássaros, implumes e cabeçudos.

— Que bichos feios ! — exclamou o gavião. — Não devem ser os filhos da coruja.

E, num abrir e fechar de olhos, devorou-os.

Momentos depois, chegou ao ninho a coruja vaidosa de seus filhotes e o encontrou vazio. Compreendeu tudo. O malvado gavião devorara seus adorados filhos !

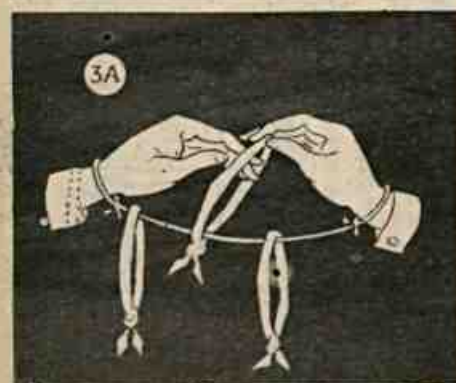
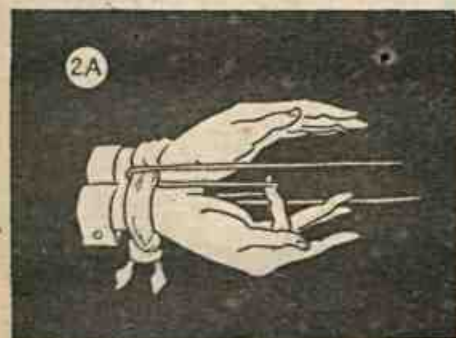
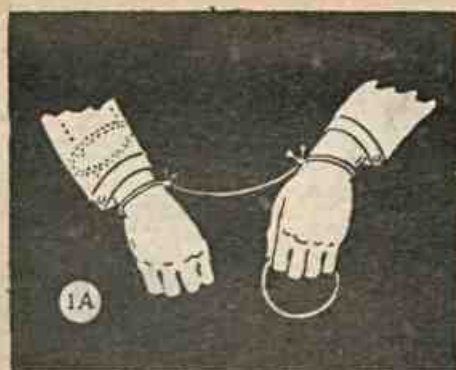
Voejou como uma doida, até encontrar o bandido muito satisfeito, pousado num galho.

— O senhor é um perverso ! — foi logo gritando a coruja. — Devorou os meus filhinhos !

— Eu ? — disse o gavião. — Não pode ser ! A senhora me disse que seus filhos eram muito lindos. Eu comi, há pouco, quatro monstros, que em nada se pareciam com a descrição que a senhora fez ! Eram êles ? Que culpa tenho eu ?...

Diante disso, a coruja caíu em si e nada pôde fazer.

POR causa dessa história é que se costuma chamar "corujas" os pais e mães que elogiam os filhos, e neles só vêem dotes e qualidades, cégos, às vezes, à realidade, que só os outros percebem.

Ed.

Mágicas

AQUI estão três mágicas fáceis de executar, mas que causam sempre efeito entre os espectadores.

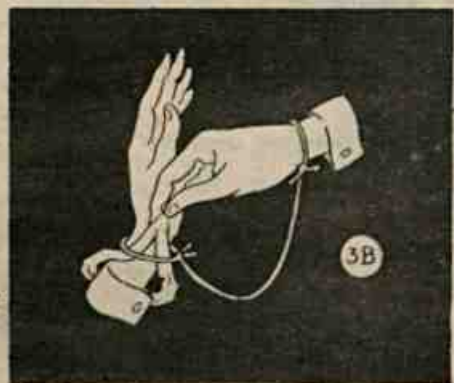
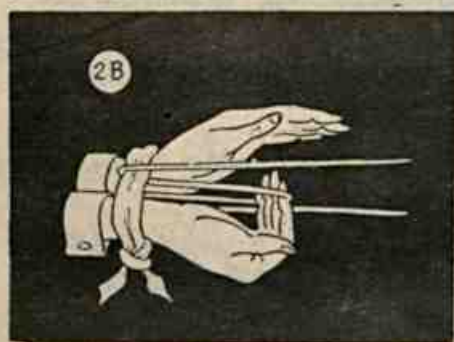
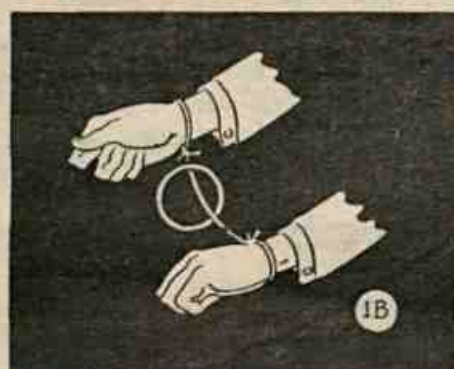
A primeira fica perfeitamente explicada pelas figs. 1 A e 1 B.

Mostra-se uma argola lisa, de madeira ou de metal; em seguida se manda que nos amarrem os pulsos com as pontas de um cordão. O mágico, então, vira as costas para o público, conta até três e, ao se virar, mostra a argola enfiada no cordão.

É que, ao iniciar a mágica, outra argola igual à que ele mostrou, estava oculta sob a sua manga. Ao virar as costas êle faz a argola vir para o cordão e esconde a outra dentro da camisa, ou em um bolso.

* * *

VAMOS à segunda, figuras 2A e 2B.

Consiste em fazer amarrar os pulsos com um lenço e passar por entre êles um cordel, cujas extremidades são seguras por outra pessoa.

O problema é livrar-se o mágico do cordel. Para isso, basta fazer o que indica a figura 2 B, metendo uma das mãos por dentro da volta que fez, puxando o cordão.

* * *

Aqui está, agora, a terceira mágica, que é fèita, com certo aparato, usando 3 lenços de seda de cores diferentes, para impressionar o público, porque ou a gente é prestidigitador, ou não é... E todo prestidigitador tem centenas de lenços de sêda...

Atam-se, como na figura 3 A, os três lenços em torno de um cordão que nos amarra os pulsos.

Faz-se uma conversa mole, etc., manda-se que uma das pessoas presentes escolha um dos lenços, e, uma vez escolhido, embora pareça uma coisa difícil tirar o lenço de lá, com as mãos atadas assim, é só manobrar como mostra a figura 3 A, passando a mão por dentro do lenço, levando êste ao pulso e depois tirá-lo como mostra a figura 3 B. — Mágica tipo "ovo de Colombo"... mas que impressiona, quando é bem feita. Disso, aliás, depende o êxito de todas as provas de prestidigitação.

Boa informação

— *Pode dizer, por favor, onde nós estamos?*
— *Na página 85 do "Almanaque d'O Tico-Tico", madama...*

Vamos DECIFRAR

NÚMEROS PRIMOS

1.ª — Quais os números primos, inferiores a 100, que somados com um deles, dão outros números primos?

2.ª — Quais os números primos, inferiores a 50, aos quais, se subtrairmos um deles, se obtém outro número primo?

3.ª — Qual o número primo que elevado ao quadrado dá outro número primo?

A RESPOSTA DO PRISIONEIRO

Uma tribu selvagem, da África, tinha, outrora, o costume de matar os seus prisioneiros de guerra depois de os sujeitar a um interrogatório de simples formalidade. Se o prisioneiro respondesse a verdade, era enforcado, se mentisse, era assado vivo.

Aconteceu que um dia, um dos prisioneiros, mais esperto ou mais feliz do que os outros, à pergunta: — *Que te vai acontecer?* deu uma resposta que lhe salvou a vida. Só disse três palavras. Quais foram?

(Respostas no fim do Almanaque)

A ORIGEM DOS SELOS

Foi Rowland Hill quem, no ano de 1837, inventou o selo. Esta invenção tem uma história bastante interessante e, portanto, digna de ser contada.

Em certo dia daquele ano o carteiro bateu à porta de humilde estalagem duma aldeia inglesa, com o fim de entregar carta vinda da Escócia, recebendo, em troca, a taxa de dois xelins. A estalajadeira examinou cuidadosamente o sobrescrito e, depois, restituiu a carta ao carteiro, explicando:

— Podeis levá-la: sou pobre demais para pagar dois xelins por uma carta.

Rowland Hill observou esta cena e, impelido por um impulso de generosidade, pagou a taxa, julgando que isso alegraria a boa mulher .Notou, com bastante assombro, que a estalajadeira não abriu a sobre-carta. Resolveu interrogá-la. Eis a resposta imediata:

— Que vantagem há, em eu abrir a carta? Só me interessa o sobrescrito. E sabe porquê? Tenho um filho casado na Escócia, e fizemos a seguinte combinação: não pagar taxa pela nossa correspondência. A direção compõe-se de seis linhas, e é escrita por pessoa da família, de forma que, numa simples olhadela, logo sei que meu filho, minha nora e neto gozam saúde. A sobre-carta nada tem dentro. Aqui está o motivo por que a carta continúa sobre a mesa.

Rowland Hill sentiu-se profundamente comovido e percebeu então que o preço elevado das taxas oferecia sérias dificuldades à vulgarização da correspondência. Estudando o assunto resolveu propor ao Parlamento a substituição das taxas à distância por uma taxa fixa. Simplificava-se o antigo processo por um novo, que consistia na venda de pedacinhos de papel, com vinhetas impressas, que cada indivíduo colaria nas suas cartas.

A invenção de Rowland Hill, em pouco tempo, tornou-se esplêndida realidade, não só na Inglaterra como nas outras nações.

O pãozinho

A cidade estava passando por uma grande calamidade. Quase não havia gêneros alimentícios, e os pobres começavam a sofrer os horrores da miséria.

Um homem, rico penalizado com a sorte dos habitantes da sua cidadezinha, reuniu vinte crianças, das mais pobres, entre meninos e meninas e levou-as à sua casa.

Lá, mostrando-lhes um grande cesto cheio de pães fresquinhos e saborosos, disse-lhes:

— Tire cada um de vocês um pão! E, todos os dias, a esta mesma hora, venham aqui buscar outro.

As crianças não esperaram segundo convite. Atiraram-se ao cesto e escolhendo cada qual o que lhe parecia maior, foram saindo, sem ao menos se lembrar de agradecer o auxílio que vinham de receber.

Margarida, uma das mais pobres, mas que andava sempre bem posta nas suas roupinhas asseadas, conservou-se sempre à distância, enquanto os companheiros lutavam entre si na escolha do pão maior.

Depois que os outros se foram, aproximou-se: no fundo do cesto havia apenas uma pequenina brôa que a pequena apanhou com vivas mostras de satisfação.

Depois, grata, beijou a mão do seu benfeitor e, só então, correu para casa.

Nos outros dias, repetia-se a mesma cêna, Margarida esperava sempre.

Quando a disputa cessava, ela apanhava o seu pão, sempre o menor, e ia contente para casa.

Numa das vêzes, porém, a bulha foi maior, e quando Margarida chegou só havia a metade de uma brôa. Longe de ficar triste, a menina tomou-a e levou-a, a correr, para a mãe.

Lá, entretanto, ao partir um pedaço para dar à mãezinha doente, Margarida viu no miolo um brilho estranho.

Deu a brôa à mãezinha e esta, espantada, verificou que o brilho era de uma linda moeda.

— Leva-a ao nosso benfeitor, minha filha. Certamente a moeda caiu aqui quando faziam a massa, e o padeiro não notou.

A menina voltou à casa do rico senhor, que a ouviu sorridente.

E quando ela acabou de falar, êle lhe disse:

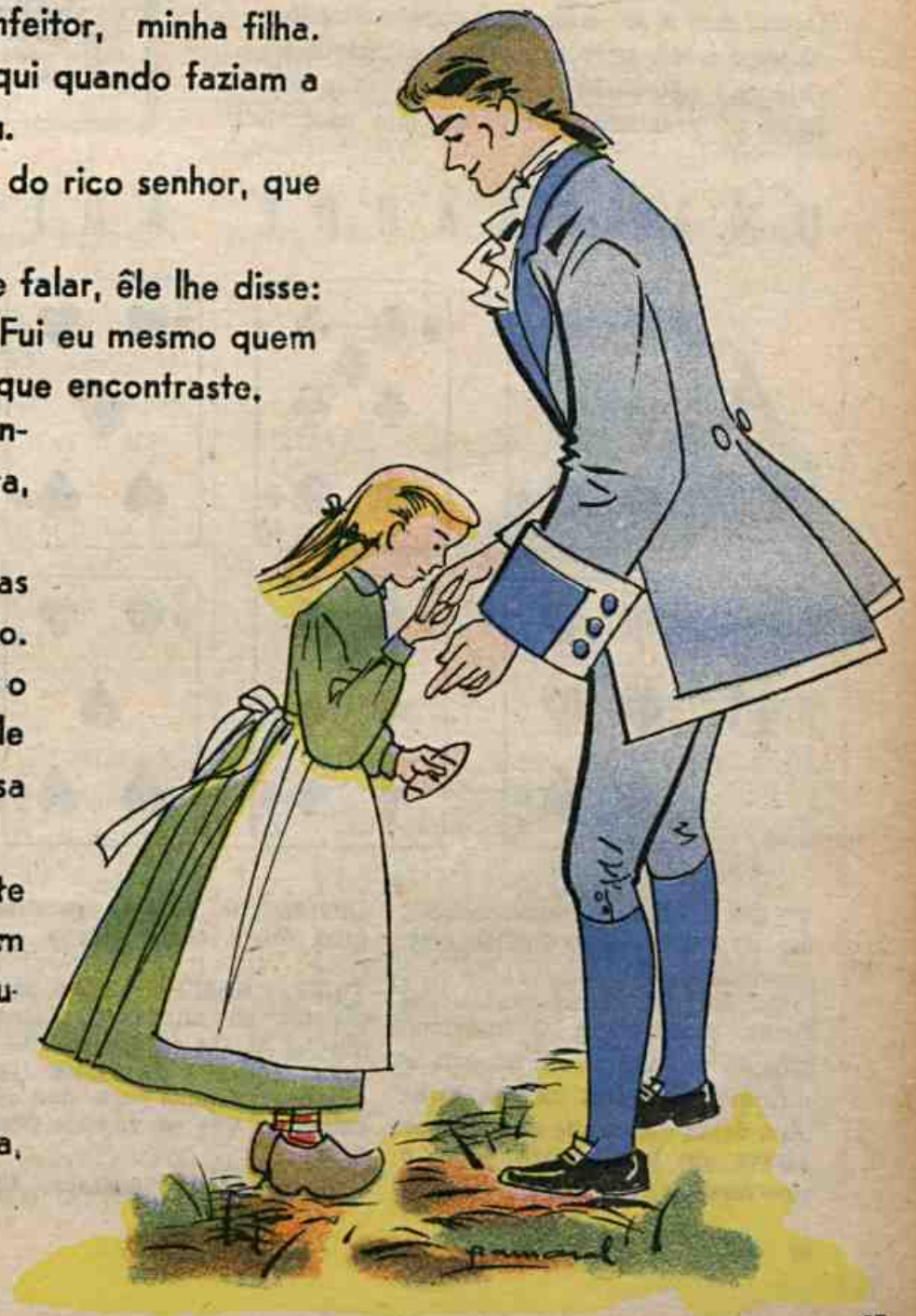
— Não, minha filha . . . Fui eu mesmo quem colocou no pão a moedinha que encontraste. Queria fazer uma experiência, tirar uma prova. E, agora, estou satisfeito.

Trazendo a moeda, mostras a riqueza que tens no coração.

Quem sabe ser grata com o pouco que recebe e com êle se contenta, bem merece essa pequenina recompensa.

A moeda é tua e que Deus te conserve sempre assim: sem ambições, honesta e, sobretudo, agradecida.

Que Deus te abençôe !

E beijou-lhe a cabecinha, comovido.

PÁTRIA!

POESIA DE OLAVO BILAC

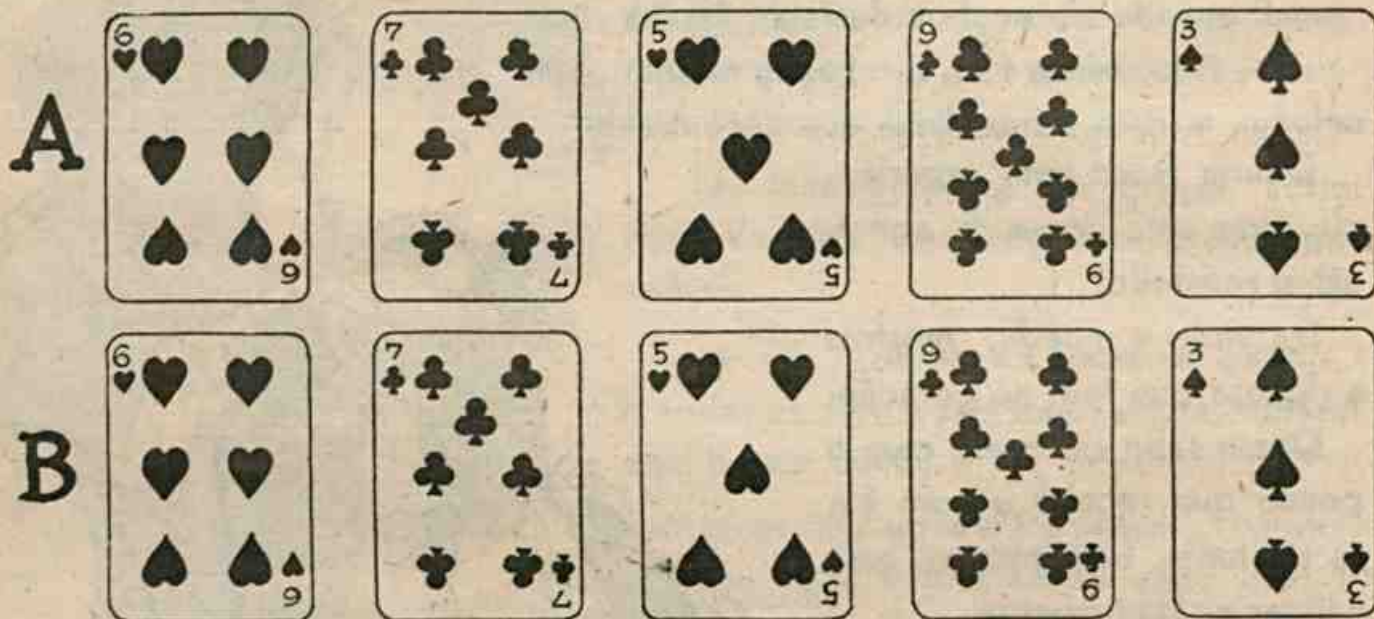
AMA, com fé e orgulho, a terra em que nasceste !
Criança ! não verás país nenhum como êste !
Olha que céu ! que mar ! que rios ! que floresta !
A natureza, aqui, perpètuamente em festa,
é um seio de mãe a transbordar carinhos !
Vê que vida há no chão ! Vê que vida há nos ninhos
que se balançam no ar, entre os ramos inquietos !
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos !
Vê que grande extensão de matas, onde impera,
fecunda e luminosa, a eterna primavera !
Boa terra ! Jamais negou a quem trabalha
o pão, que mata a fome, o teto que agasalha...
Quem, com o seu suor a fecunda e umedece,
vê pago o seu esfôrço, e é feliz e enriquece !
Criança ! não verás país nenhum como êste !
Imita na grandeza, a terra em que nasceste !

— Vamos depressa, senão não encontramos mais o formidável Almanaque de Tiquinho ! !.

Ninguém anda de capote em pleno verão; seria simplesmente absurdo. Pois quem come feijoadas, muita carne e pratos gordurosos nos dias de calor, comete absurdo ainda maior: fica como que encapotado por dentro.

UMA GRANDE ADIVINHAÇÃO!

A

B

ESta é uma das adivinhações de mais sucesso quando bem executada.

Colocam-se várias cartas em fileira, como em A. O "mágico" vira de costas, ou sai da sala e um dos presentes deverá virar uma delas, colocando a parte que estava em baixo, para cima, e vice-versa. Feito isso, volta o adivinho e... diz exatamente qual foi a carta virada.

PREPARAM-SE, é claro, as cartas de antemão. Reparem que há certas cartas em que há maior número de signos (paus, espadas) viradas para uma cabeceira, do que os virados para a outra.

Na fila A, por exemplo, todos os mais numerosos estão virados para cima. Na fila B, vê-se que o 5 de copas foi virado ao contrário, pois só dois corações estão para cima, e três para baixo.

Prepara-se, antes, o baralho, reunindo as cartas que se podem usar para a prova (pois nem todas servem) em cima, de modo a tirá-las quando fôr fazer a adivinhação.

NO CONCÊRTO

— Que agilidade ele tem nos dedos!
— Maricota, eu queria aquelas mãos para me coçar...

ATCHIM! VOCÊ ESPIRROU?

TODOS os países no mundo têm as suas superstições a propósito do espirrar, muitas delas contraditórias.

Por exemplo, nalgumas ilhas do Pacífico, os indígenas crêem que um espirro significa o regresso da alma ao corpo, do qual se havia afastado momentâneamente; já no outro lado do globo, é considerado como a saída violenta dum espírito mau. Nalgumas partes da Índia, é sinal da morte iminente da pessoa que espirra.

Nos séculos XV e XVI, na Inglaterra, se um homem espirrasse duas ou três vezes seguidas, enquanto estivesse falando com um amigo, era sinal de que havia de prosperar, mas só se interrompesse a conversa de repente e voltasse ao trabalho.

Se estivesse fazendo um negócio e espirrasse, o negócio não seria bem sucedido.

Espirrar à noite era um bom presságio para a casa onde tal se dava, mas espirrar duas vezes em duas noites consecutivas significava que estava para acontecer, nessa dita casa, alguma grande desgraça.

Era bom sinal espirrar duas vezes no princípio duma refeição; porém, um espirro só, era presságio de desgraça.

Por isso havia pessoas que, quando iam de visita, levavam consigo umas peninhas para que, se se désse o caso de espirrar uma vez, fazerem com elas cócegas no nariz e provocarem segundo espirro para tornar o mau presságio em bom.

O dia da semana também era importante. Ao levantar muito cedo numa manhã de segunda-feira, um espirro era sinal de grande prosperidade e alegria durante a semana. Dois espirros queriam dizer justamente o contrário. Num domingo de manhã, todavia, um espirro significava desgosto, e dois, grande felicidade para a semana tôda.

Tratando-se dum homem doente, espirrar uma vez era sinal de que, apesar da perícia dos médicos, estes seriam incapazes de o curar. Dois espirros significavam o rápido restabelecimento do doente. Tratando-se duma mulher, um espirro era o bastante para que recuperasse depressa a saúde, e dois espirros, um presságio da sua morte.

O CAMINHO DE PEDRAS

(Solução)

A palavra é "PASSAR"

(*Veja a página 39*)

POR EDMUNDO

JOÃO CHARUTO

1

PUXA! ESTÁ PRONTO! E COMO FICOU PARECIDO COM UM VERDADEIRO!

AGORA, VOU PREGAR A MAIOR PEÇA DE TODOS OS TEMPOS NO PROF. JOÃO CHARUTO!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES: VAMOS PARAR AQUI O NOSSO PROGRAMA DE CANÇÕES! NÃO PODEMOS MAIS! ESTAMOS SENDO ATACADOS POR... POR MARCIANOS!

É INCRÍVEL, OUVINTES! ÊLES ESTÃO DESCENDO DE DISCOS VOADORES QUE ATERRISSARAM HÁ POUCO NA TERRA! SÃO SEMI-HOMENS DE HORRÍVEL ASPECTO!

E TUDO NOS LEVA A CRÊR QUE NO QUINTAL DA CASA DO PROF. JOÃO CHARUTO TAMBÉM ESTÃO ATERRISSANDO DÊSSES DISCOS VOADORES!

OH! NÃO!

2.

RI! RI! RI!

É, MAS ÊLES ESTÃO MUITO ENGANADOS SE PENSAM QUE VÃO SAQUEAR MINHA CASA!

QUANDO O MARCIANO ME VIR COM ÊSTE TRABUCO DO MEU AVÔ, VAI ATÉ CHORAR!

ALEC ILA! BULA TILA! MIM VIR MISSÃO DE PAZ!

QUE MISSÃO DE PAZ, NADA! TOME LÁ!

AAIII!

NÃO ATIRE! SOU EU, SEU SOBRINHO!

ÓTIMO! ASSIM PODE APANHAR MAIS!

EDMUNDO

FIM

A HISTÓRIA DO RELÓGIO

QUANDO tiramos o relógio do bolso ou olhamos nossa pulseira para saber as horas, não nos recordamos do enorme trabalho, das tentativas e pesquisas que aquele objeto, pequeno e comum, representa. Poderíamos imaginar o mundo sem este recurso para saber as horas? O homem já está tão habituado com o relógio, que parece ter nascido com êle, da mesma maneira que nasceu com duas mãos e dois pés.

Enquanto o pastor da Caldéa era obrigado a olhar o céu e a posição dos astros, o homem de hoje leva consigo, em qualquer momento e em qualquer lugar, um instrumento cômodo, prático, simples, que lhe presta serviços apreciáveis.

Pode-se dizer que as invenções do quadrante, ou mostrador, da clepsidra (relógio de água), do pêndulo, dos relógios de torre, de bolso e de pulseira, marcam as fases ou épocas principais do desenvolvimento da vida social. Na antiguidade, mesmo, os astrônomos não distinguiam as pequenas divisões do tempo. Nas observações de Ptolomeu, o tempo nunca está indicado com exatidão maior que um quarto de hora. Hoje se computam os minutos, os segundos e até as frações de segundo. Milhares e milhares de anos foram necessários para se chegar a êste resultado.

O tempo — já se disse — é a têia da vida humana; não nos devemos, pois, espantar pelo fato de que o homem, desde o princípio do mundo, se preocupasse em medí-lo.

O recurso mais antigo para calcular a hora foi a sombra do sol. Um bastão fincado na terra em pleno sol projeta sôbre o solo uma sombra que muda de lugar à medida que o dia avança. A sombra gira em tôrno do bastão. Sôbre êste princípio se baseia o quadrante solar, ou relógio de sol, que pode ser plano, cônico ou esférico, sempre que se componha de um bastão e de uma superfície com uma orientação conveniente. Se sôbre a superfície são marcadas linhas com números, que dividem o dia, a sombra, à sua passagem, indica as horas.

O quadrante solar foi o melhor indicador do tempo e é mais barato e o mais simples dos relógios, porém não indica os minutos nem os segundos. O primeiro quadrante que recorda a história é o de Acaz, rei da Judéa, que começou a reinar doze anos depois da fundação de Roma.

Vários astrônomos e matemáticos gregos construíram relógios de sol, entre eles: Tales, Aristarco, Anaximenes e Anaximandro, de Mileto.

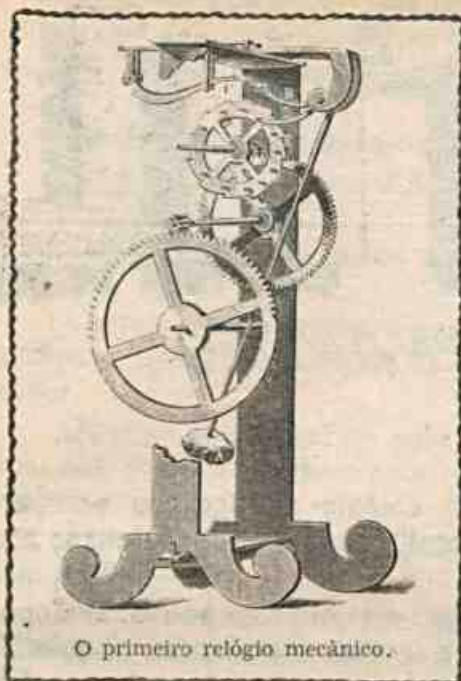
Herodoto afirma que os gregos aprenderam o método dos babilônios.

Em Roma o primeiro relógio solar foi mandado construir por Lucio Papirio Cursor, uns três séculos antes de Cristo. Antes que se generalizasse entre os romanos o novo instrumento, não existia a divisão do dia em horas.

Os pastores de Benarés (India) servem-se ainda hoje, de relógios solares cilíndricos, construídos de madeira, suficientes a uma existência pastoral e primitiva. Entretanto, para que o relógio de sol preste seus serviços, faz falta o sol... E como na vida estamos também obrigados a contar as horas nos dias nublados, e durante a noite, era necessário, pois, fazer alguma coisa que indicasse as horas quando o sol não brilha no firmamento.

O homem, então, pediu à terra um meio para determinar as horas. Servindo-se da força de atração que ela possue, chegou-se a medir o tempo mediante a queda contínua e parelha de um corpo, da água, por exêmplo. Foi o princípio fundamental da clepsidra; inventaram-se, assim, os relógios de areia e os de água; êstes últimos são as verdadeiras clepsidras.

A invenção da clepsidra é atribuída a Cresibio de Alexandria, que viveu uns 250 anos antes da era cristã. As clepsidras foram introduzidas em Roma no ano 157 antes de Cristo, por Publo Cornélio Nausica. Constavam de dois recipientes de gargalo estreito, invertido um com relação ao outro e comunicados por um pequeno furo; tinham o defeito de a princípio a água escorrer muito ràpida-

Primitivos relógios solares dos babilônios, construidos em pedra.

O primeiro relógio mecânico.

mente, para depois cair em gotas e lentamente; era necessário manejá-la com muito cuidado e regulá-la a meúdo. Os chineses conheciam a clepsidra desde o ano 2679 antes de Cristo.

Na França o rei São Luiz e Carlos V utilizaram velas graduadas para medir o tempo.

Com o correr do tempo, chegou-se ao relógio verdadeiro. Depois do de sol, do de areia, do de água e do de fogo, chegou a marcar as horas o simples jogo de peças e de escape; a mecânica substituiu, assim, a física simples.

O relógio foi inventado no século X por um Papa, porém os modêlos mais antigos que conhecemos não vão além do século XIV. A invenção dos relógios com rodas se atribui ao francês Gerbert, sábio ilustre que ocupou o sólio pontifício com o nome de Silvestre II e faleceu no ano de 10003; muitos escritores, no entanto, os reputam mais antigo e acreditam que foi introduzido na Europa pelos Sarracenos.

Com o correr do tempo aumentaram os aperfeiçoamentos, úteis alguns, decorativos outros. Com o mesmo motor do relógio se conseguiu fazer mover quadrantes secundários que indicavam os dias da semana, a data, as fases da lua, a saída do sol e o seu ocaso, e os signos zodíacos. Colocavam-se pequenas estatuetas de madeira ou metal, que automàticamente anunciavam a hora, de diversas maneiras diferentes.

Os franceses afirmam que o primeiro relógio com rodinhas foi um que o Papa Paulo I enviou, no ano 700, a Pepino, o Breve. Famoso foi, sem comparação possível nessa época, o relógio construído por Santiago Dondi, de Pádua. Além de indicar as horas, marcava o percurso anual do sol nos doze signos zodiacais e o percurso dos planetas. Esta máquina planetária foi colocada sôbre a tôrre do Palácio de Pádua, em 1344. Este relógio provocou a emulação do continente europeu e por tôda parte começaram a surgir relógios complicados em torres e campanarios. Basta recordar o relógio muito antigo da tôrre veneziana, situado na praça São Marcos de Veneza, chamada apròpriadamente "Tôrre do Relógio". Tem duas estátuas de mouros de bronze, de tamanho maior que o natural, que, batendo sôbre o sino central, dão os quartos e as horas; completam o relógio uma procissão periódica de estátuas que giram em tôrno do mostrador .

O mais famoso dos relógios coreográficos e complicados, tão em moda na Idade Média, é o da Catedral de Estraburgo. Sua construção começou no ano de 1352 e terminou em 1582. Quatro figuras, representam as quatro idades da vida, as quais aparecem para bater num sino, todos os quartos de hora. No primeiro quarto é um menino que bate com um raminho, no segundo, ou seja, meia hora, um jovem caçador bate com uma flecha; no terceiro um guerreiro usa sua espada para bater no sino, e no último quarto de hora, é um ancião que o faz, servindo-se de sua muleta.

A regularidade do relógio constituiu o assombro de tôda a Idade Média. O fáto de se saber a hora com exatidão matemática, trouxe uma revolução na vida social, porque o cumprimento dos deveres, a regularidade moral e as virtudes começaram a depender do engenhoso invento: o relógio se converteu em símbolo de virtude. E nas pinturas religiosas, a Temperança é representada quase sempre com êsse indicador do tempo.

Curioso relógio oriental cuja marcação do escoar do tempo é feita pela descida do combustível no depósito da lâmpada.

QUINTAL

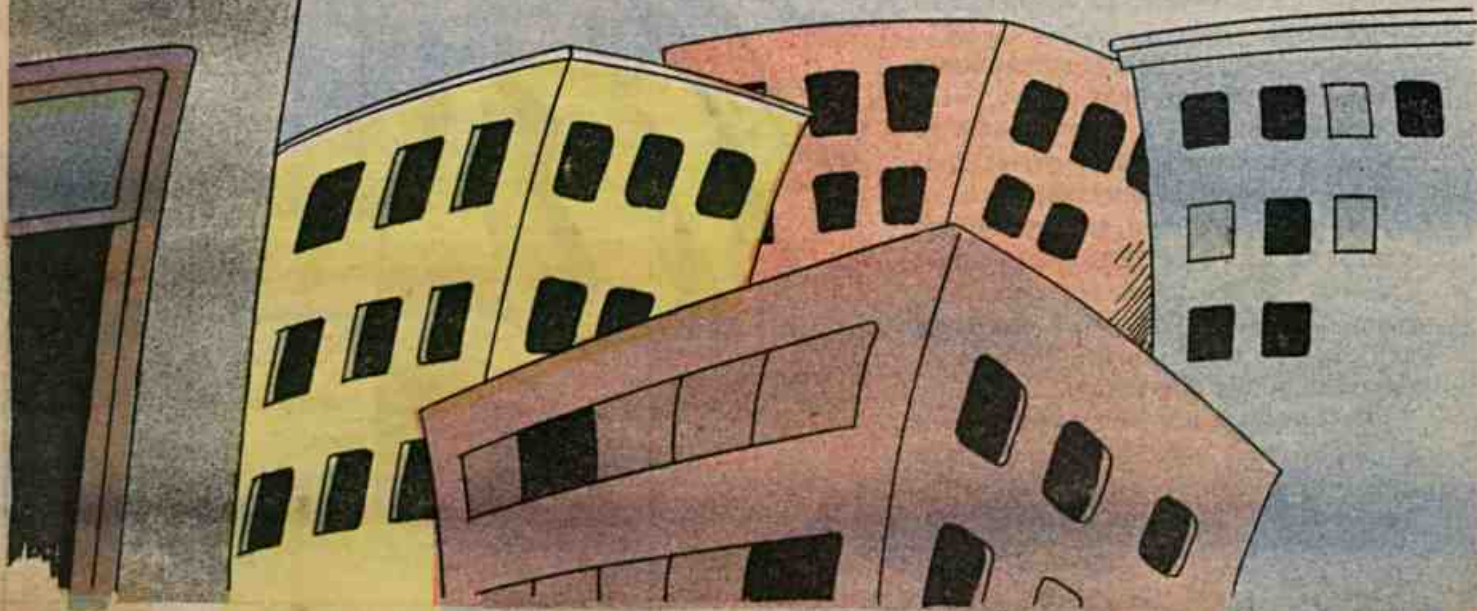
de SEBASTIÃO FERNANDES

NUM exame primário em colégio carioca, ao ser perguntado o que era "quintal", a maioria das crianças não soube responder.

Eram meninos nascidos e criados no bairro de Copacabana. Das casas altas em que moram e passaram os primeiros anos, sempre em apartamentos pequenos e sem corredor, quando dalí saíam era só para ir à praia e ver o mar.

Logo, os meninos, quando chegaram à idade escolar, nunca tinham visto um quintal. Nas grandes cidades vão desaparecendo as casas dum só pavimento e o progresso vai exigindo agrupamentos cada vez mais elevados, vencendo o espaço para o alto e, por conseguinte, afastando-se da terra. E' uma arquitetura feia, de blocos pesados, que, longe de procurar resolver problemas das coletividades, ainda mais complicam a vida. As paisagens se perdem nos blocos pesados, as massas tristes das paredes retas se alteiam, empinando retas onde só aparecem os retangulos de janelas que se debruçam para os pateos secos e frios.

Seus moradores, quando não estão debruçados nas janelas onde só se vêem outras paredes e telhados, cansados da mononia, vão para as praias — atravessando perigosas filas de automóveis — para pisar a areia e a água salgada.

Como podiam as crianças assim criadas saber que existem casas que têm um pequeno terreno com jardim e horta, atrás da habitação, e que para a garotada é lugar para brincar e correr?

E' nessa parte de terra que temos o contacto direto com a natureza: vemos a árvore que nos protege e, purificando o ar, beneficia-nos.

As árvores nos dão tantas lições...

Os passaros as procuram para cantar e fazer seus ninhos.

Quando floridas, temos o encanto do perfume.

Carregadas de frutos, sabemos a delícia de colher e saborear os pomos de várias formas e sabor.

Quando não oferecem nem frutos nem flores, dão sombra acolhedora e a beleza da ramagem.

Às vezes o espaço do quintal só dá para um jardimzinho.

Ou um pequeno canteiro para o plantio de folhagens e flores de variadas côres e perfumes.

Outros canteiros são aproveitados para o plantio de hortaliças.

Enterrada a semente, em pouco tempo vemos a germinação, a terra nos oferecendo alface, repôlho, rabanete, que vamos apreciar à mesa e notar quanto vale um pedacinho de terra.

E ainda podemos fazer um quadrilátero de tela e criar galinhas.

No quintal vamos plantar um pé de mamão, de laranja, banana, abacate, árvores que, carregadas, nos oferecem o produto bom da terra.

Eis o quintal, pequeno terreno atrás da casa, onde vamos brincar e correr, gozar a vida à sombra de árvores amigas e ao som do canto dos pássaros. Lugar onde sentimos a vida sã, na liberdade de divertir-nos.

LUIZ SÁ

ALTA GRANFINAGEM

RENE CHAG

As principais côres dos olhos

Os olhos pretos, castanhos, pardos, verdes e azues, que são as categorias principais, subdividem-se em tons mais claros, mais escuros ou mistos. Existem nada menos de cinquenta e quatro tons diferentes, da iris.

A côr azul é devida ao tom negro do epitélio posterior visto através das camadas anteriores, se a iris fôr delgada. A côr parda produz-se pela mesma razão, mas quando a iris é espessa. Nas pessoas atacadas de albinismo, a iris é quasi transparente e deixa aparecer o reflexo vermelho do fundo do ôlho.

Quanto às outras côres, são devidas a uma mistura, em proporções diversas, de pigmentos biliares azues, brancos, castanhos, e vermelhos.

A ARTE DA CONVERSAÇÃO

A conversação deve ser uma forma de educação. As pessoas inteligentes assim conseguem torná-la. Tiram proveito de falar com os outros, aumentando dessa maneira o seu conhecimento de vários assuntos por ouvirem o que o resto do mundo pensa e sabe sôbre êsses mesmos assuntos. Lord Chesterfield, conhecido estadista inglês e grande intelectual do século XVIII, *escreveu uma série de cartas a seu filho, nas quais apresentava algumas regras de conversação que êle tinha formulado durante anos de experiência e de observação.*

Chesterfield, bem como todos os outros grandes homens, aproveitava a conversação com os seus interlocutores para aprender coisas novas, cultivar o espirito e aperfeiçoar a sua própria instrução.

"Conversai a miúdo mas não muito demoradamente", escreveu Chesterfield. "Contai histórias só muito raras vezes... e nunca quando não venham muito à propósito e não sejam curtas".

Aquele que conta histórias cheias de longos rodeios, não só não prende a atenção dos ouvintes mas também corta irremediavelmente tôda a oportunidade de se encontrar de novo com êles. A criança que uma vez se queimou, tem mêdo do fogo — o ouvinte maçado, evita o maçador.

Lord Chesterfield foi um dos homens mais populares do seu tempo. Ensinou ao filho a maneira de adquirir essa mesma popularidade.

"Nunca devemos segurar ninguém pelo botão do casaco ou pela mão, a fim de que nos ouça até ao fim...." aconselhava êle.

Para fazer com que outros homens e mulheres conversem de forma interessante, para tirar o maior proveito duma conversação, precisamos ter alguma coisa a dar. Os homens e as mulheres inteligentes fazem justamente isso — vão acumulando pelos anos a fora, um capital de conhecimentos e idéias interessantes e de valor.

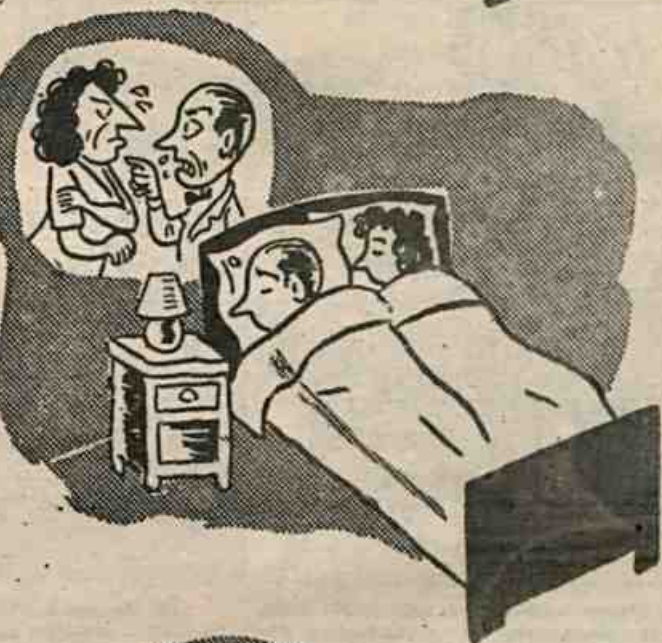
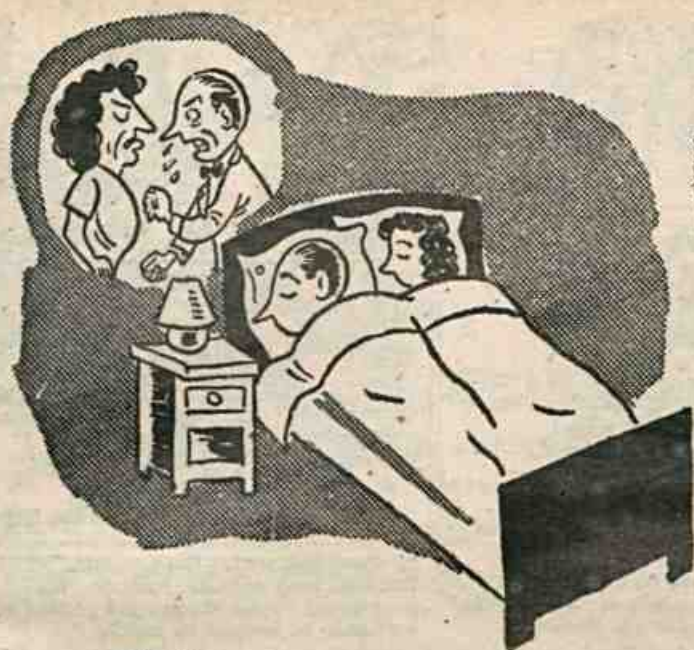
"Deve-se evitar quanto possivel as discussões, aconselhava o brilhante estadista britânico. Os homens inteligentes evitam prudentemente tomar parte numa discussão em que duas ou mais pessoas tentam provar que a razão está do seu lado, levantando, qual delas mais alto, a voz.

"Quando nos vemos forçados a falar de nós próprios, devemos ter cuidado em não pronunciar uma única palavra que possa ser interpretada no sentido de querermos obter louvores" escreve ainda Lord Chesterfield.

"Seja qual fôr o nosso carácter" — continúa êle — "será geralmente conhecido e ninguém nos vai tomar sôbre a nossa palavra".

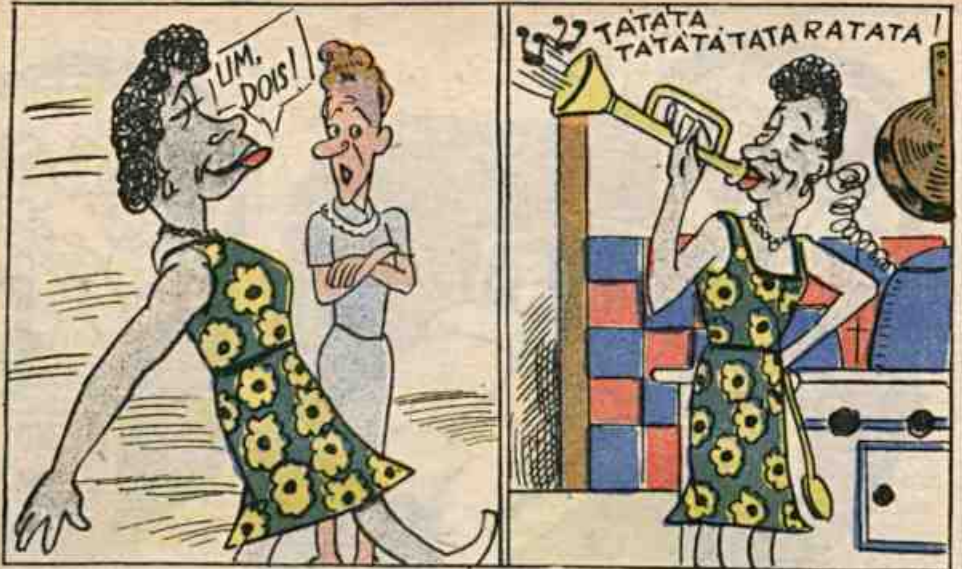
Isso é tão verdadeiro relativamente à instrução de cada um como aos resultados dos seus esforços. Por mais alto que se fale, por maior que seja a firmeza com que se exprimam as opiniões, o mundo depressa descobrirá qualquer falta de cultura verdadeira da nossa parte.

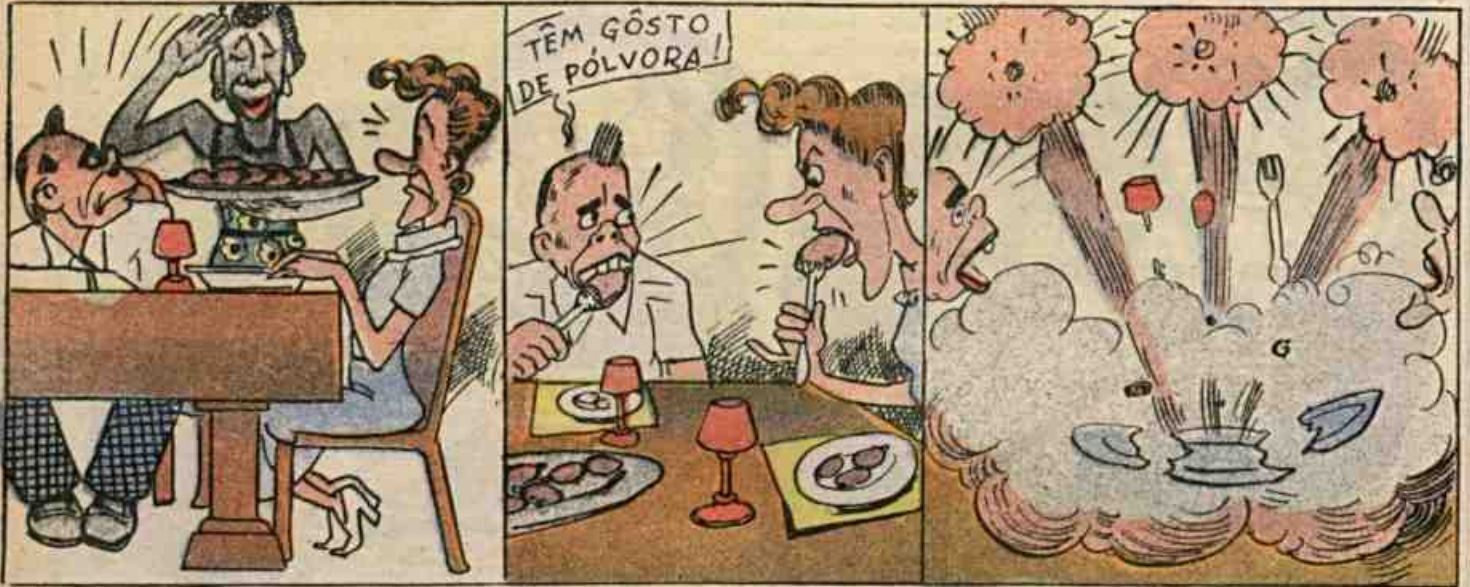
Se estivermos senhores do assunto que tratamos, não precisamos gritar, nem argumentar. A nossa conversação pode, nêsse caso, servir aos outros, de instrução, como a dêles no-lo pode servir a nós.

Alta defesa

NOËL

NEM MESMO EM SONHO, O EVARISTO LEVOU A MELHOR COM A SOGRA...

Os Bolinhos da Empregada de Faustina

Faustina arranjou, por meio de anúncio, uma empregada para serviços de copa e cozinha. Chamava-se Sargentina e com...

... ela tudo era no regime militar. Andava pela casa marchando e marcando passo: um, dois! um, dois! Estava sempre em desfile.

Quando o jantar ficou pronto, deu sinal com uma corneta, tocando "Rancho — avançar!" Zé Macaco até gostou, recordando os tempos de cadête...

Ao trazer os bolinhos que havia feito, bateu os calcanhares fez continência e disse: — "Pronto, seus majores! Aqui estão as granadas!"

Zé Macaco e Faustina começaram a comer. Cada qual agarrou um bolinho, meteu na bôca e começou a... tentar mordê-lo.

E, quando menos esperavam, os dois explodiram, ao mesmo tempo, levando tudo pelos ares e formando na sala enorme fumaceira!

Zé Macaco e a esposa, com a explosão, foram jogados à distância, com os cabêlos sapecados, a pele chamuscada... E, então Sargentina carregou os dois para o Hospital...

... mais próximo, sempre marchando, um, dois! um, dois! um, dois! No Hospital ela explicou: "Esses paisanos não sabem nada! Aqueles bolinhos não foram feitos para comer. Eram granadas, no duro, que eu inventei, feitas com carne congelada...

O Caapora

LENDA FOLCLÓRICA

O Caapora é um mito amerindio. Apresenta-se ora como um duende indígena, ora como um preto velho que, fumando cachimbo, vive pedindo fogo aos viajantes. 'A frente dêle voam os vagalumes, seus batedores, que lá vão alumiando o caminho... Quem o encontrar na mata, terá que fazer como diz a história: dar-lhe lume, senão ficará caipora, isto é, com caiporismo, que quer dizer má sorte, desdita, azar.

Vejamos (pelo sim, pelo não...) a lenda:

Certo indivíduo, indo caçar, perdeu-se no mato. Começou a andar, para baixo e para cima, sem achar o caminho de casa. Andou o dia inteiro e quando chegou a tarde, disse:

— Ai meu Deus! Será que eu tenho que dormir aquí no mato?

Apareceu-lhe, então, um preto velho, vindo não se sabe de onde, que lhe disse:

— "Ah! Ah! Ah! Yôyô! Qui é que Yôyô tá fazendo aqui? Qui é que Yôyô qué?"

— Ora, meu velho, estou pelejando para sair do mato desde manhãzinha. Perdi-me e não sei como há-de ser para acertar o caminho de casa.

O preto velho então disse:

— "Ah! Ah! Ah! Yôyô! Antão me dá lume"...

O homem deu. O velho então sorriu e perguntou-lhe:

— "Ah! Ah! Ah! Yôyô! Qué qui vosmecê qué mesmo?... Saí do mato?... Antão vai cortá uma vara".

O homem cortou a vara e quando chegou, o velho disse:

— "Yôyô pega ni pé, qu'eu pego ni ponta. Fecha os óio e vamo"...

Assim fez o homem e saíram os dois pelo mato a fora. Quando pararam, o preto velho tinha desaparecido e o homem estava na porta de casa!!

Não há dúvida, isso é lenda, mas não custa nada a gente ser bom para os outros.

J. SILVEIRA THOMAZ

DIZEM QUE ESTA ACONTECEU

Conta-se que Alexandre Dumas, filho, principiou a adoecer, com uma doença estranha. Enfraquecia e emagrecia sem causa aparente, e consultou tôda a Faculdade de medicina sem obter resultado. Lembrou-se então, de um médico que, em certa ocasião tratara seu pai, de qualquer doença, curando-o, o doutor Gruby, e entregou-se às suas mãos.

Graby examinou o doente e pois de diagnosticar, mas "sem compromisso", uma doença de estomago, prescreveu a Dumas o seguinte regime:

— Durante quinze dias, o senhor só comerá carne de vaca cosida, porco assado, ovos cozidos, salada e maçãs verdes...

— Mas o doutor não disse que estou doente do estômago...?

— Pois disse; e é por isso que lhe imponho este regime... Volte cá, daqui a quinze dias.

No fim das duas semanas, Dumas apresentou-se em casa do médico.

— Que tal? — perguntou o dr. Gruby. — Seguiu à risca o regime que lhe prescrevi?

— Sim, senhor; carne de vaca. cozida, porco assado, ovos cozidos, maçãs verdes... fartei-me disto tudo.

— E como se sente?

— Nem melhor, nem pior.

— Então, é certo que o seu mal não é do estômago, temos que procurar outra coisa. O senhor tem, até, um estômago ótimo, visto que resistiu ao meu regime...

O médico pôs-se a rir, procurou outra "cousa", conforme dizia, encontrou-a, prescreveu novo regime e daí a três mêses Dumas estava curado e tornava a engordar.

JANEIRO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/1/1821 — Adesão do Pará à Revolução Constitucionalista de Portugal.

1/1/1852 — Irrompe em Pernambuco, na localidade de Pau d'Alho, o motim conhecido por Sublevação dos Maribondos.

1/1/1880 — Verifica-se no Rio de Janeiro um movimento popular conhecido por Imposto de Vintem, contra o aumento de 20 réis nas passagens dos bondes.

1/1/1883 — Libertação dos escravos do município de Acarape, no Ceará, hoje cidade de Redenção.

1/1/1869 — O coronel Hermes da Fonseca, à frente de uma brigada de infantaria, entra na cidade de Assunção (Guerra do Paraguai).

2/1/1865 — Tomada de Paissandú, pelas tropas de Mena Barreto e Venancio Flores.

5/1/1869 — O marechal Lima e Silva, marquês de Caxias, entra em Assunção (Guerra do Paraguai), dando a guerra por terminada.

7/1/1835 — Inicia-se em Belém do Pará a revolução conhecida por Cabanagem.

12/1/1809 — Victor Hughes, governador da Guiana Francesa, assina a capitulação, entregando aquela colônia às tropas luso-brasileiras, comandadas por Manoel d'Elvas Portugal.

16/1/1822 — O príncipe D. Pedro forma o primeiro Ministério do Período da Independência. Dele faziam parte José Bonifacio, Miranda Montenegro, Oliveira Alvares e o conde Sousel.

19/1/1799 — Alvará separando a capitania do Ceará do govêrno geral de Pernambuco.

20/1/1817 — O general Frederico Lecor entra em Montevideu, à frente das tropas brasileiras e portuguesas, sob seu comando.

21/1/1906 — Explosão e naufrágio do encouraçado "Aquidabã", na baía de Jacuecanga (Ilha Grande).

Pois sim. Mas esta é a que me agrada... E esta que eu quero!

1 — Sexta	F. UNIVERSAL
2 — Sábado	S. Isidro
3 — Domingo	Santa Genoveva
4 — Segunda	S. Tito
5 — Terça	S. Simeão
6 — Quarta	DIA DE REIS
7 — Quinta	S. Teodoro
8 — Sexta	S. Lourenço
9 — Sábado	S. Julião
10 — Domingo	S. Paulo Eremita
11 — Segunda	S. Higino
12 — Terça	S. Sátiro
13 — Quarta	S. Hiário
14 — Quinta	S. Felix
15 — Sexta	S. Amaro
16 — Sábado	S. Vidal
17 — Domingo	S. Antão
18 — Segunda	Santa Prisca
19 — Terça	S. Canuto
20 — Quarta	S. Sebastião
21 — Quinta	Santa Inez
22 — Sexta	S. Vicente
23 — Sábado	Santa Emerenciana
24 — Domingo	S. Timóteo
25 — Segunda	Conv. de São Paulo
26 — Terça	S. Policarpo
27 — Quarta	S. Crisóstomo
28 — Quinta	S. Cirilo
29 — Sexta	S. Francisco de Sales
30 — Sábado	S. Martinho
31 — Domingo	S. Pedro Nolasco

22/1/1532 — Fundação da vila de São Vicente, em São Paulo, por Martim Afonso de Souza.

22/1/1826 — D. Pedro I forma o primeiro Senado do Império.

23/1/1637 — Cega a Recife o principeh Maurício de Nassau, conde de Nassau-Siegan, nomeado governador civil e militar do Brasil holandês.

25/1/1554 — Primeira missa na palhoça que os jesuitas construiram em Piratininga e que desde logo chamaram "Casa de São Paulo".

26/1/1654 — Assinatura da rendição holandesa em Pernambuco, na Campina do Taborda.

27/1/1654 — As tropas de Fernandes Vieira entram triunfantes no Recife, depois da rendição holandesa.

28/1/1808 — Carta Régia abrindo provisoriamente os portos do Brasil à navegação estrangeira.

VULTOS DE JANEIRO

MARECHAL EMILIO MALLET

O marechal Emilio Luis Mallet, apesar de nascido na França, entrou para o Exército brasileiro e nele fez uma brilhante carreira. Foi um dos participantes das guerras da Independência e da Cisplatina. Teve atuação destacada na tomada de Paissandú, em dezembro de 1864. Foi um dos heróis da Guerra do Paraguai, tomando parte em vários combates, principalmente na famosa batalha de Tuiuti, à frente do seu regimento de artilharia, conhecido por "boi de botas". Ainda se salientou no ataque ao Reduto do Estabelecimento, no Passo de Espinillo e entrou com a sua artilharia em Assunção. Acompanhou o Conde d'Eu na batalha de Campo Grande. Morreu no posto de marechal de po e foi agraciado com o título de Barão de Itapevi.

FERNANDES VIEIRA

JOÃO Fernandes Vieira, um dos bravos chefes da luta contra os holandeses, nasceu em Portugal e morreu em Olinda a 10 de Janeiro de 1681. Ganhou a batalha das Tabocas, sendo aclamado "governador da Independência". Heróico e valoroso, comandou as duas batalhas dos Guararapes, em 1648 e 1649 nas quais os holandeses foram completamente batidos. Fernandes Vieira foi figura preponderante no preparo da conspiração ao lado de Vidal de Negreiros, devido ao seu prestígio social e à sua fortuna pessoal. Português de nascimento, mas brasileiro pelo coração e pela história dos seus feitos.

FREI CANECA

A 13 de janeiro de 1825 era fusilado no Recife frei Joaquim do Amor Divino Caneca, figura preponderante da revolução republicana de 1824. Era um frade ilustre, jornalista, professor, poeta e filósofo. Nasceu no Recife. Amante da liberdade, tudo sacrificou pelos seus ideais. Esteve envolvido na revolução de 1817, sendo depois anistiado. Em 1824 foi a grande cabeça da Revolução que sonhou a República. Seu nome glorioso figura entre os dos nossos maiores mártires, merecedores do culto e do amor de todas as gerações brasileiras.

JOAQUIM NABUCO

JOAQUIM Aurélio Nabuco de Araujo, filho do senador José Tomás Nabuco de Araujo, é uma figura luminosa da história brasileira. Chefiou a campanha abolicionista, quer pela imprensa, quer pela tribuna do Parlamento, onde foi estrela de primeira grandeza. Grande talento, jornalista, tribuno, escritor, historiador, Nabuco deixou traços memoráveis na história pátria. Nasceu em Pernambuco e faleceu em Washington, como embaixador do Brasil, a 17 de janeiro de 1910. Deixou muitas obras e entre elas "Um Estadista do Império", "Balmaceda", "Minha Formação" etc. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

FEVEREIRO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/2/1549 — Parte de Lisboa Tomé de Sousa, primeiro governador geral do Brasil.
3/2/1874 — Instalação do Tribunal de Relação de São Paulo.
5/2/1811 — Carta Régia autorizando a fundação de uma Tipografia na cidade de Salvador, Bahia.
6/2/1649 — Alvará de d. João VI criando a Companhia Geral de Comércio do Brasil.
6/2/1818 — Aclamação de D. João VI como rei de Portugal.
7/2/1827 — Começa a circular o jornal "O Farol Paulistano", primeiro periódico paulista.
8/2/1615 — Celebra-se a primeira missa no Convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro.
9/2/1894 — Trava-se em Niterói o combate de Armação, entre os revolucionários e as tropas fiéis ao marechal Floriano Peixoto. Os rebeldes eram comandados pelo almirante Saldanha da Gama e foram derrotados pelos legalistas.
10/2/1792 — Decreto do príncipe D. João tomando a si o govêrno de Portugal, como herdeiro presuntivo do trono, em nome da rainha d. Maria I.
11/2/1894 — As tropas revolucionárias comandadas por Laurentino Pinto Filho, impõem a capitulação às legalistas, cercadas na cidade da Lapa, no Estado do Paraná. Nesse combate morreu o general Gomes Carneiro.
15/2/1709 — Cêrca de 300 paulistas são passados pelas armas, vítimas dos Emboabas comandados por Bento do Amaral Coutinho.
16/2/1630 — As tropas de Jonkheer Diederik van Waerdenburgh entram em Olinda (Guerra Holandesa).
19/2/1649 — Trava-se a segunda batalha dos Guararapes (Guerra Holandesa), em que os holandeses foram completamente batidos pelos insurretos pernambucanos.
19/2/1868 — Uma parte da esquadra brasileira força a passagem de Humaitá e de Timbó e chega a Tauá, onde se põe em comunicação com o Exército. A esquadra era comandada pelo Visconde de Inhaúma.
20/2/1827 — Batalha de Ituzaingó, em que os brasileiros, em luta com os argentinos, foram obrigados a uma retirada em perfeita ordem, comandados pelo marquês de Barbacena.
21/2/1945 — A fôrça Expedicionária Brasileira conquista aos alemães o baluarte de Monte Castelo.
24/2/1684 — Estala em São Luis a revolução chefiada por Manuel Beckman.
26/2/1821 — A guarnição militar do Rio de Janeiro pronunciou-se a favor do movimento constitucionalista de Portugal. Tendo à frente o general Carretti, os corpos da guarnição postaram-se armados e municiados no largo do Rocio. O príncipe D. Pedro assistiu a demonstração e dentro em pouco trazia o decreto de D. João satisfazendo a vontade das tropas.

Santiguez

— *Eu queria uma que fosse mais ou menos assim...*

1 — Segunda	S. Inácio
2 — Terça	Purificação de N. S.
3 — Quarta	S. Braz
4 — Quinta	S. André
5 — Sexta	Santa Agueda
6 — Sábado	S. Marcelo
7 — Domingo	S. Romualdo
8 — Segunda	S. João da Mata
9 — Terça	Santa Apolonia
10 — Quarta	Santa Escolástica
11 — Quinta	S. Ildefonso
12 — Sexta	Santa Eulália
13 — Sábado	Santa Catarina
14 — Domingo	S. Valentim
15 — Segunda	S. Faustino
16 — Terça	S. Porfírio
17 — Quarta	S. Donato
18 — Quinta	S. Teotonio
19 — Sexta	S. Conrado
20 — Sábado	S. Eleutério
21 — Domingo	S. Maximiano
22 — Segunda	S. Faustino
23 — Terça	Santa Margarida
24 — Quarta	S. Matias
25 — Quinta	S. Cesário
26 — Sexta	S. Torquato
27 — Sábado	S. Leandro
28 — Domingo	CARNAVAL

VULTOS DE FEVEREIRO

OSWALDO CRUZ

OSWALDO Cruz, o iniciador da medicina experimental no Brasil, que nasceu no Rio de Janeiro a 5 de agosto de 1872, faleceu em petrópolis a 11 de fevereiro de 1917. Foi um grande sábio e a êle coube a glória de sanear a capital do Brasil, acabando com a febre amarela. Chamado no govêrno do presidente Rodrigues Alves para ocupar o cargo de diretor da Saúde Pública, Oswaldo Cruz lutou com uma onda de adversários que procuravam por todos os meios dificultar a sua obra saneadora. Mas, venceu a todos. Anteriormente já havia combatido em Santos a epidemia da "peste do Levante". Oswaldo Cruz fundou o Instituto que hoje tem o seu nome. Era membro da Academia Brasileira de Letras e várias associações culturais e científicas do Brasil e do mundo.

VIDAL DE NEGREIROS

ANDRÉ Vidal de Negreiros foi um dos heróis da guerra contra os holandeses, em Pernambuco. Foi êle o chefe e o animador da insurreição. Nasceu na Paraíba nos fins do século XVI ou princípios do século XVII. Assentou praça na Biahia em 1624, tendo tomado parte nos primeiros combates com os holandeses. Com a partida de Nassau para Holanda, êle e outros comandaram a conspiração contra o domínio batavo. Sua figura de chefe está em todos os setores da luta: Nazaré, Gequiá, Tabocas, Itamaracá, nas duas batalhas dos Guararapes e na tomada da fortaleza das Cinco Pontas, que decidiu a sorte dos holandeses. Posteriormente, governou a Angola. Faleceu em Goiana, Pernambuco, a 3 de fevereiro de 1680.

VICTOR MEIRELES

UM dos maiores pintores brasileiros, nasceu em Santa Catarina a 1 de agosto de 1832 e faleceu a 22 de fevereiro de 1903. Entre as suas obras mais notáveis destacam-se "A Flagelação de Cristo", "Um Sátiro e uma Bacante", "Primeira Missa no Brasil", "Moema", "A Batalha dos Guararapes", "Passagem de Humaitá", "Juramento da Princesa Isabel", "Ocupação de Curuzú", "Cabeça de Mestiço", "Vista do Cemitério", "A Batalha de Riachuelo" etc. Vitor Meireles é uma das maiores glórias da arte brasileira, que êle professou com talento e alta dignidade.

BARÃO DO RIO BRANCO

JOSÉ Maria da Silva Paranhos, glória das maiores da pátria brasileira, estadista, jornalista, historiador e diplomata, nasceu no Rio de Janeiro a 20 de abril de 1845 e faleceu a 10 de fevereiro de 1912. Começou sua vida diplomática como consul geral do Brasil em Liverpool. Ali ficou até a proclamação da República. Defendeu em Washington os nossos direitos na questão das Missões com a República Argentina, tendo obtido formidável vitória, pois o laudo arbitral do presidente Cleveland foi a nosso favor. Defendeu ainda o Brasil na questão do Amapá, obtendo do presidente da Suiça um laudo arbitral reconhecendo os direitos da nossa pátria. Ocupava Rio Branco a nossa representação em Berlim, quando foi nomeado ministro das Relações Exteriores, cargo que exerceu em três govêrnos sucessivos. Sua grande atuação nessa pasta marcou uma era gloriosa para o Brasil. Ganhamos o Acre e tivemos várias questões de fronteiras resolvidas. Era membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico.

A SINGULAR HISTORIA DO ESPÊLHO

IGNORA-SE quando surgiu o espêlho. Sabe-se, porém, que em épocas remotíssimas havia o espêlho de metal e de pequenas dimensões.

A Biblia faz referências ao espêlho como de um objeto usual. Entretanto, alguns comentaristas de Homero observam que o grande poeta jamais mencionou o espêlho; o mesmo não se dá com Eurípedes, o grande trágico grego, que na sua obra Hécuba, põe o nome espêlho na bôca dos escravos troianos, e isto, quatro séculos antes de Cristo.

E não foi só Eurípedes: outros escritores, da mesma época referem-se ao espêlho. Basta que se leia o Timeu, de Platão, ou a Ciropeia, de Xenofonte.

Conta-se que Demóstenes, o maior orador grego, estudava os gestos diante de um espêlho, quando deveria falar em público.

Nessa época, eram os espêlhos de metal: ouro, prata, aço, e, principalmente, de bronze.

Não foram, contudo, os gregos, os inventores do espêlho. Receberam-no dos egípcios e depois modificaram-no.

Os espêlhos egípcios eram circulares, em linha ligeiramente ondulada.

Também havia os chamados *espêlhos piriformes*, isto é, com o feitio de pera.

Muitos dêsses exemplares foram encontrados na Palestina. Eram pequenos, com cabo ou punho e terminavam quase sempre por uma flor, pela cabeça da deusa Hator, ou Bes, ou ainda por um grupo de animais ou divindades.

Todos tinham figuras e obedeciam a posições graciosas e esculturais.

Os espêlhos gregos tinham também forma cuidada e se apresentavam em discos polidos de um lado, sendo que a outro face era tôda gravada a buril.

Tanto os egípcios como os gregos usavam espêlhos com o formato de caixa, isto é, dois discos encaixando-se um no outro.

Tinham os gregos o maior apuro na decoração dêstes discos que serviam de coberta: ornavam-nos de figuras representando cênas mitológicas e tinham quase sempre como assunto Dionisos e Afrodite.

Os museus das grandes cidades européias estão cheios de espêlhos de caixa, cuja antiguidade remonta a cêrca de 450 anos antes de Cristo.

Nas escavações egípicias acharam-se espêlhos que traziam no cabo a efígie do deus Bes, de aspecto grotesco, bem como os da 19.ª dinastia, cujo disco se encaixa numa cabeça da deusa Hator, com cara de mulher e orelhas de vaca.

Com os romanos os espêlhos apuraram-se.

Eram utilizados na decoração das casas, em incrustações nas paredes. E, ainda mais: havia espelhos em pratos e vasilhas, como também em taças e jarros, multiplicando assim a imagem dos comensais.

O espêlho do toucador romano era pequeno e de uso manual. Tinha a forma, mais ou menos ovalada e estava sempre nas mãos das escravas que atendiam aos caprichos das damas, ora no arranjo dos cabelos, ora na contemplação da própria imagem.

Além do metal e ligas, para o fabrico dos espêlhos usavam os romanos a *obsidiana*, uma espécie de vidro natural, de origem vulcânica.

Da mesma forma havia-os feitos de um minério chamado *pedra especular*, isto é, pedra de espêlho, já usado no tempo de Nero: eram de

1 — Espêlho egipcio. 2 — Espêlho japonês

uma espécie de alabastro, em lâminas finas e transparentes.

Serviam para guarnecer as janelas, como hoje se faz com o vidro, e eram preferidos nos salões dos triclinios, com o fim de gozar-se da luz, sem o frio e a chuva do momento.

Além da pedra especular e da obsidiana, tinham ainda os romanos um pedra e que davam o nome de *phengilis*, originária da Capadócia.

Era essa pedra também transparente e com propriedade de refletir as imagens.

Dizem que Nero fêz construir com phengilis o suntuoso templo da Fortuna, e Domiciano fêz forrar as portas de seu palácio com êsse mineral, a fim de poder ver o que se passava através delas.

Na Idade Média o material empregado no fabrico dos espêlhos era o metal, principalmente ouro, prata, bronze, latão, cobre e estanho; mais tarde, foi usado o aço brunido, mais difícil de trabalhar, mas que dava uma imagem mais nítida e cujo colorido mais se aproximava da realidade.

Como, porém, o aço tinha o inconveniente de oxidar-se com facilidade, predominaram os espêlhos de ouro, prata, estanho e latão.

Seu emprêgo continuou até o século XVI.

O comércio de espêlhos começou a ser feito com os espelhos de estanho.

Êsse comércio começou em Paris, no século XIV, muito embora continuassem em uso, e de grande valor, os de ouro, prata e aço.

Contam que, nessa época, os espêlhos constituíam legados valiosos, principalmente os de ouro, que eram verdadeiras obras de arte e de ourivesaria.

No inventário de Carlos V há referências a um espêlho de ouro, cujo pêso orçava em três onças, ou seja, cêrca de 87 gramas, com quatro safiras e 34 pérolas.

Espêlho do século XV

No entanto, é desde o século XIII que se fala em espêlhos de vidro.

O grande escultor Nicolau Pisano, que viveu no começo dêsse século, fêz o elogio do espelho de vidro.

Conta-se também que Francisco I, rei da França, foi um grande comprador de espêlhos de cristal, que, nessa época, tinham o mesmo valor de joias.

Tipo de espêlho comum nos séculos XVI, XVII e XVIII.

No século XVI já estavam em uso corrente os espêlhos de vidro estanhado, aperfeiçoamento que se deu aos espêlhos do século XIII, que eram forrados de lâminas de metal, isto é, vidros a que se superpunha uma camada de metal, o que lhes garantia grande poder refletor.

Foi na Alemanha que surgiu o processo de estanhar o vidro, no século XVI.

Em Veneza êsse processo foi aperfeiçoado, aparecendo então os espelhos de caixilhos de vidro, que se tornaram célebres.

Muito embora tantos melhoramentos, havia a natural curiosidade de se fazer espêlhos nos moldes antigos, isto é, nos moldes dos sidônios, que, segundo se diz, foram os verdadeiros fabricantes dos espêlhos de vidro.

Espêlho do século XVI, que se usava pendente da cintura.

Era Sidon uma próspera cidade da Fenicia, e foi dominada por Tiro e mais tarde por Alexandre.

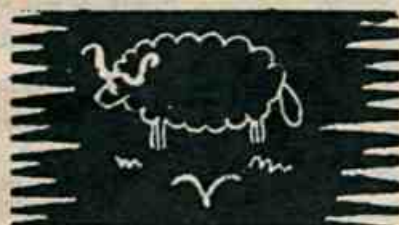
Em 1675, um vidraceiro normando conseguiu descobrir o velho processo dos sidônios e a fábrica de espêlhos criada em Saint Gobain em 1693, espalhou êsse produto por tôda a Europa, o que significa dizer, por todo o mundo.

MARÇO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/3/1565 — Fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, hoje capital do Brasil.
1/3/1828 — Inauguração do Curso Jurídico de São Paulo.
1/3/1894 — Inicio da construção da cidade de Minas, hoje Belo Horizonte.
1/3/1923 — Morre em Petrópolis o grande brasileiro Rui Barbosa.
3/3/1828 — D. Pedro I abdica da corôa de Portugal em favor da sua filha d. Maria da Gloria.
6/3/1817 — Irrompe em Pernambuco a revolução republicana, que se estende a Alagoas, Paraiba, Rio Grande do Norte e Ceará.
7/3/1825 — Decreto do govêrno imperial concedendo anistia aos implicados, não pronunciados, da Confederação do Equador.
8/3/1808 — Desembarcam no Rio de Janeiro o príncipe D. João e toda a família real de Portugal.
10/3/1817 — É publicado o Manifesto da Revolução republicana de 1817, chamado o "PRECISO".
11/3/1808 — O príncipe D. João organiza o primeiro ministério que se constituiu no Brasil.
13/3/1831 — Verificam-se no Rio de Janeiro distúrbios conhecidos por "Noite das Garrafadas".
15/3/1789 — Primeira denúncia da Inconfidência Mineira, dada por Joaquim Silvério dos Reis ao Visconde de Barbacena.
16/3/1838 — Termina na Bahia a revolução conhecida por Sabinada.
17/3/1825 — São executados no Rio de Janeiro, João Guilherme Ratcliff, Joaquim da Silva Loureiro e João Metrowich, implicados na revolução de 1824.
19/3/1870 — Estreia de "O Guarani", de Carlos Gomes, no Teatro Scala, de Milão.
20/3/1570 — Primeira lei favorável à liberdade dos índios.
22/3/1869 — O príncipe Luiz Felipe de Orleans, Conde d'Eu, é nomeado comandante em chefe das forças brasileiras em guerra com o Paraguai, em substituição a Caxias.

— E quando respira, que é que sente?
— Cheiro de brilhantina...

1	— Segunda	CARNAVAL
2	— Terça	CARNAVAL
3	— Quarta	CINZAS
4	— Quinta	S. Casemiro
5	— Sexta	S. Teófilo
6	— Sábado	Santa Coleta
7	— Domingo	S. Tomaz
8	— Segunda	S. João de Deus
9	— Terça	S. Cândido
10	— Quarta	S. Militão
11	— Quinta	S. Cândido
12	— Sexta	S. Gregório
13	— Sábado	Santa Sancha
14	— Domingo	Santa Matilde
15	— Segunda	S. Zacarias
16	— Terça	S. Ciriaco
17	— Quarta	S. Patricio
18	— Quinta	S. Gabriel
19	— Sexta	S. José
20	— Sábado	S. Martinho
21	— Domingo	S. Bento
22	— Segunda	S. Emidio
23	— Terça	S. Felix
24	— Quarta	S. Agapito
25	— Quinta	S. Amadeu
26	— Sexta	S. Braulio
27	— Sábado	S. Roberto
28	— Domingo	S. Alexandre
29	— Segunda	S. Bertoldo
30	— Terça	S. João Climaco
31	— Quarta	Santa Balbina

23/3/1869 — Luis Alves de Lima e Silva é agraciado com o título de Duque de Caxias.
25/3/1824 — Juramento da primeira Constituição do Império.
25/3/1838 — Inauguração do Imperial Colégio Pedro II.
25/3/1840 — O último bando de Cabanos rende-se às forças legais em Lusea, hoje Maués, no Maranhão.
25/3/1884 — Libertação total dos escravos no Ceará.
27/3/1821 — Começa a circular no Recife o jornal "Aurora Pernambucana".
29/3/1569 — Chegam ao Brasil os primeiros jesuitas.
27/3/1625 — Chega à Bahia a frota enviada por Felipe II e sob o comando de D. Fradique de Toledo Osorio, para expulsar os holandeses.
27/3/1817 — É fusilado na Bahia José Inacio de Abreu e Lima, o Padre Roma, implicado na revolução Praieira (Pernambuco).

VULTOS DE MARÇO

CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

O nome do conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira está ligado indelevelmente à história da nossa pátria. Foi êle que, como presidente do Conselho de ministros do Império, promoveu a lei da abolição da escravatura. Nasceu em Pernambuco a 12 de dezembro de 1835 e faleceu no Rio de Janeiro a 6 de março de 1919. Começou a sua vida pública como promotor. Em 1861 era eleito deputado geral por Pernambuco. Em 1877, senador do Império. Foi ministro em vários gabinetes. Ligou o seu nome às duas leis emancipadoras: a de 28 de setembro de 1871 e de 13 de maio de 1888. Proclamada a República, João Alfredo, fiel aos seus princípios monárquicos afastou-se da política. Sòmente muito tempo depois aceitou o cargo de presidente do Banco do Brasil. Morreu aos 84 anos deixando um grande exemplo de dignidade e de honradez.

VISCONDE DE INHAUMA

JOAQUIM José Inacio, visconde de Inhauma, nasceu em Portugal a 30 de julho de 1808 e faleceu no Rio de Janeiro a 8 de março de 1896. Ingressou na Marinha brasileira, sendo guarda-marinha em 1823. Combateu as revoluções de Pernambuco, Maranhão e Ceará, em 1824, e as de Rio Grande do Sul e Bahia em 1847. Tomou parte na guerra do Paraguai como comandante em chefe da esquadra em operações. Ocupou postos elevados na Marina. Era Grande do Império, do Conselho do Imperador, conselheiro de Guerra, Comendador das Ordens da Rosa, de Aviz e de Cristo, Oficial da Legião de Honra da França e de outras muitas. Deixou várias obras de assuntos da sua classe.

FRANCISCO BRAGA

COMPOSITOR e maestro brasileiro, Francisco Braga nasceu no Rio de Janeiro a 15 de abril de 1868 e faleceu a 14 de março de 1945. De origem humilde ascendeu à glória pela fôrça de vontade e pelo talento. Foi autor da bela partitura do Hino à Bandeira, cujos versos Olavo Bilac escreveu. Entre as suas obras mais conhecidas destacam-se: "Jupira", opera em um ato, "O Contador de Diamantes", "Anita Garibaldi", "Pastoral Marabá", "Oração à Pátria", "Minueto", "Crepúsculo", "Romance", "Berceuse", "Prelúdio", "O Sonho de Dante", "O Poder das Lágrimas" etc.

CONSELHEIRO NABUCO DE ARAUJO

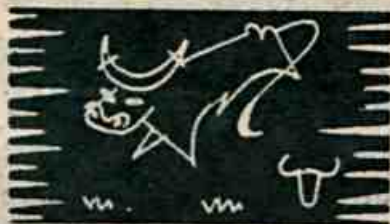
JOSÉ Tomás Nabuco de Araujo foi um dos mais notáveis estadistas do Império. Nasceu na Bahia a 14 de agosto de 1813 e faleceu a 18 de março de 1878. Iniciou a vida pública como promotor e depois juiz de Direito em Pernambuco. Deputado por essa Província, foi um dos nossos maiores parlamentares. Ministro várias vezes, foi um dos mais ardorosos batalhadores da emancipação dos escravos. Jurisconsulto eminente, deixou obras de real saber, entre elas o projeto do "Código Civil". Era do Conselho do Imperador, Conselheiro de Estado, Grã-Cruz e Oficial da Ordem de Cristo e Oficial da Ordem da Rosa. Nabuco de Araujo era pai do grande abolicionista Joaquim Nabuco.

ABRIL

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/4/1680 — Carta de lei abolindo a escravidão dos índios no Brasil.
1/4/1805 — Carta criando o Conselho Supremo Militar e de Justiça, hoje Supremo Tribunal Militar.
6/4/1831 — José Bonifácio de Andrada e Silva é nomeado tutor do príncipe D. Pedro de Alcantara e suas irmãs.
6/4/1892 — Manifesto dos generais contra o govêrno Floriano Peixoto.
7/4/1831 — D. Pedro I abdica o trono do Brasil a favor do seu filho D. Pedro, depois D. Pedro II.
10/4/1866 — Combate da ilha de Redenção (Guerra do Paraguai) no qual perdeu a vida Vilagran Cabrita.
12/4/1577 — Carta Régia unificando o Govêrno do Brasil com sede na cidade de Salvador.
13/4/1831 — D. Pedro I parte para a Europa após a abdicação.
13/4/1831 — É executado, pela primeira vez, o Hino Nacional, de Francisco Manoel da Silva.
15/4/1840 — Fundação no Rio de Janeiro, na residência do senador José Martiniano de Alencar, da Sociedade Promotora da Maternidade.
17/4/1823 — Reúne-se na cidade do Rio de Janeiro a Assembléia Brasileira Constituinte e Legislativa.
18/4/1792 — Lavra-se a sentença dos implicados da Inconfidência Mineira.
19/4/1648 — Primeira batalha dos Guararapes, (Guerra Holandesa) em que os holandeses foram completamente desbaratados.
20/4/1632 — Domingos Fernandes Calabar apresenta-se ao govêrno holandes no Recife, para auxiliar a guerra contra os brasileiros.
21/4/1500 — A frota de Pedro Alvares Cabral avista terra.
21/4/1792 — Execução de Tiradentes, apontado como o principal responsável pela Inconfidência Mineira.
22/4/1500 — Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

— *Vamos andar depressa... Eles são dois e nós estamos sòzinhos...*

1 — Quinta	**S. Macário**
2 — Sexta	**S. Francisco**
3 — Sábado	**S. Ricardo**
4 — Domingo	**S. Zózimo**
5 — Segunda	**S. Vicente**
6 — Terça	**S. Marcelino**
7 — Quarta	**S. Epifanio**
8 — Quinta	**S. Amancio**
9 — Sexta	**S. Procópio**
10 — Sábado	**S. Apolonio**
11 — Domingo	**S. Leão**
12 — Segunda	**S. Vitor**
13 — Terça	**S. Hermenegildo**
14 — Quarta	**S. Tiburcio**
15 — Quinta	**TREVAS**
16 — Sexta	**PAIXAO**
17 — Sábado	**ALELUIA**
18 — Domingo	**PASCOA**
19 — Segunda	**S. Hermogenes**
20 — Terça	**Santa Ignez**
21 — Quarta	**TIRADENTES**
22 — Quinta	**Descobr. do Brasil**
23 — Sexta	**S. Jorge**
24 — Sábado	**S. Fidelis**
25 — Domingo	**S. Marcos**
26 — Segunda	**S. Cleto**
27 — Terça	**S. Tertuliano**
28 — Quarta	**S. Vital**
29 — Quinta	**S. Hugo**
30 — Sexta	**S. Catarina de Sena**

24/4/1830 — Instalação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, hoje Academia Nacional de Medicina.
26/4/1500 — Frei Henrique de Coimbra, em Ilheus da Corôa Vermelha, celebra a primeira missa no Brasil.
26/4/1821 — Parte para a Europa a esquadra conduzindo D. João VI, de regresso a Portugal. Quando regente do reino, D. João e sua família vieram para o Brasil, fugindo à invasão de Portugal pelos exércitos de Napoleão Bonaparte, comandados pelo general Junot.
27/4/1842 — Inauguração, na capital de São Paulo, da iluminação a azeite.
30/4/1825 — É fusilado no Recife Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque e Melo, conhecido por "Padre Mororó", envolvido na Revolução republicana de 1824. O padre Mororó era natural do Ceará. Sacerdote culto, erudito, poeta, orador sacro, jornalista, político, jurisconsulto e botânico.
30/4/1854 — Inauguração do 1.º trecho da Estrada de Ferro Mauá, a primeira construida no Brasil.

VULTOS DE ABRIL

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

JOSÉ Bonifácio é considerado o "Patriarca da Independência", pelos serviços relevantes que prestou à causa da nossa emancipação política. Nasceu o grande brasileiro em São Paulo a 13 de junho de 1763 e faleceu a 6 de abril de 1838. Foi um eminente sábio, mineralogista e poeta, sendo membro de várias associações científicas da Europa. Abraçou a causa da nossa independência, e foi um conselheiro infatigável do príncipe D. Pedro. Proclamada a Independência, foi deputado à Constituinte, dissolvida, depois, pelo Imperador. Acusado injustamente de crime de traição, foi exilado com outros políticos da época. Chamado ao Brasil, depois de sete anos recebeu honras excepcionais. Faleceu o insigne paulista em Niterói.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

UM dos mais famosos e populares escritores brasileiros, Joaquim Manoel de Macedo nasceu na Provincia do Rio de Janeiro a 24 de junho de 1820 e faleceu a 11 de abril de 1882. Foi professor Catedrático do Colégio Pedro II, sócio fundador do Instituto Histórico e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Deixou obras em prosa, verso e para teatro. Destacam-se entre elas, os romances "A Moreninha", "O Moço Louro", "Os Dois Amores", "Mulheres de Mantilha", "O Forasteiro", "O Rio Quarto", "O Culto do Dever", "A Nebulosa", "A Baroneza do Amor" e muitas obras. Macedo é patrono da cadeira n. 20 da Academia Brasileira de Letras.

TIRADENTES

JOAQUIM José da Silva Xavier, conhecido historicamente por Tiradentes, é o grande martir da Inconfidência Mineira. Nasceu em 1748 e foi enforcado no Rio de Janeiro a 21 de abril de 1792. De origem humilde, mas sempre votado à causa da liberdade do Brasil, entrou na conspiração mineira, com outros vultos, muitos deles homens ilustres como Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e outros. Foi o único que sofreu a pena capital, pois não fugiu à responsabilidade do movimento. O vulto de Tiradentes é hoje um símbolo para todos aqueles que amam a liberdade. "A forca foi para êle um monumento", disse Macedo.

PADRE MORORÓ

CHAMAVA-SE o Padre Mororó — Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque Melo.. Foi um dos mártires da revolução republicana de 1824. Foi fusilado no Recife a 30 de abril de 1825. Republicano desde 1817, aderiu ao movimento político de 24. A sua voz foi a primeira que se ergueu no Ceará contra o imperador Pedro I.

O fato de haver induzido a Camara Municipal de Quixeramobim a declarar, em 18 de janeiro de 1824, deposta a dinastia dos Bragança levou-o à prisão e um processo, sendo condenado à morte. O Padre Mororó era um sacerdote de grande cultura, poeta, orador sacro notável, jornalista e escritor. Redigiu o primeiro jornal que se publicou no Ceará — o "Diário do Govêrno". Era presbitero do hábito de S. Pedro e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

EDUARDO JENNER

VENCEU A VARÍOLA À CUSTA DO RIDÍCULO

NA lista dos homens que são considerados os maiores bemfeitores da humanidade, aparece entre os primeiros o nome de Eduardo Jenner, um médico rural, muito simples e agradável, que criou o sistema da vacinação e foi o pai da medicina preventiva.

A varíola fazia verdadeiros estragos, no século XVIII. Matava ou cegava e desfigurava suas vítimas. Todos viviam em constante temor de contrair tão horrivel enfermidade e aqueles que já tinham sido vitimados e se achavam curados, eram evitados pelos seus semelhantes que ainda não tinham contraído a terrivel molestia. A imunização foi em realidade, adotada antes de Jenner aparecer em cêna. No Oriente sabia-se que a inoculação com uma forma branda da enfermidade produzia imunidade.

Eduardo Jenner, filho de um pároco, havia nascido em 1749, em Berkley, Gloucestershire. Foi aluno e, depois, amigo de tôda a vida, do famoso cirurgião John Hunter. Ao formar-se, ainda quís Hunter que Jenner ficasse em Londres; entretanto, o campo exercia sôbre êle tão forte atração, que regressou a Gloucestershire. Ambos os sábios mantinham constante correspondência, pois se interessavam pela História Natural, e Jenner enviou a Hunter muitos espécimens para sua coleção.

Foi a curiosidade de Jenner que o fez prestar atenção às palavras de uma leiteira. "Eu nunca terei varíola. Eu tenho a vacina". A vacina era uma enfermidade que dava nas vacas, provocando erupções no úbere. As ordenhadoras apareciam às vezes com pústulas nos dedos e se acreditava, em muitas partes do país, que isto causava imunidade. Os médicos não acreditavam nisso e até zombavam da crença popular, porém Jenner tomou a sério êste fato. Começou a observar e procurou um método para levar à pratica a teoria acima exposta.

A idéia da vacinação converteu-se quase em obsessão para Jenner. Enfarou seus colegas com o que estes

chamavam teorias ridículas, e em certa ocasião até lhe pediram que deixasse de falar na vacina, ou então que abandonasse a Sociedade Médica local.

Teve muitos maldizentes. Chamavam-no "pessoa vã, imaginativa, transtornada e impostora". Outros disseram que êle era um "entusiasta teórico". As críticas eram injustas. Jenner não era senão um homem bom e cordial, animado pelo desejo de ajudar o próximo.

Em 14 de Maio de 1796 inoculou em um menino de oito anos a vacina tirada da mão de uma leiteira e oito semanas depois o inoculou com varíola, sem que o menino adoecesse. Um ano depois tratou de publicar seus resultados, mas a Real Sociedade se opôs. Então publicou particularmente seu trabalho e, armado com seu livro "Uma Investigação nas causas e efeitos da vacina variólica, enfermidade descoberta em alguns condados ocidentais da Inglaterra, particularmente Gloucestershire, e conhecida com o nome de vacina", se dirigiu a Londres.

Nem a oposição profissional nem a fama subsequente que desfrutou lhe importaram muito. Em 1860 milhares de pessoas, na Inglaterra, no continente e na América haviam sido vacinadas. Se Jenner houvesse sido ambicioso, teria feito uma fortuna guardando seu segrêdo. Um govêrno agradecido concedeu-lhe 10.000 libras esterlinas e posteriormente mais 20.000.

Em sua época Jenner se fez famoso, porém a fama pouco lhe significou. Ainda havia quem o difamasse. Um médico declarou que a vacinação deixava as pessoas expostas a tôdas as enfermidades do gado; outro afirmou que um menino, depois da aplicação da vacina, estava "em estado de transformação, adquirindo as características de uma vaca".

Napoleão, entretanto, a pedido de Jenner, pôs em liberdade prisioneiros britânicos, dizendo: "Jenner !... Não podemos negar nada a êsse homem !"

Foi médico extraordinário do rei e praticou durante algum tempo em Londres, retirando-se logo em seguida para terminar os seus dias na aprasivel aldeia de Berkley, onde havia nascido.

Os sábios dizem que Jenner antecipou sua época, porque nasceu oitenta anos antes de Pasteur, homem que daria valor aos seus descobrimentos.

Jenner, sem dúvida, desconhecia a natureza do agente infeccioso na varíola, um virus. Pasteur descobriu o método de debelar o virus, de modo que produzisse os necessários anti-corpos no organismo humano, sem causar os sintomas da enfermidade.

Este é o princípio da imunização, tal como existe.

A imunização tem progredido bastante desde essa época; mas se Jenner se tivesse acovardado perante o ridículo em que seus colegas o colocavam, é lógico concluir que continuaríamos sob o terror dessa horrivel enfermidade, como acontecia aos nossos antepassados, há duzentos anos.

MAIO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/5/1500 — Primeira missa em terra firme celebrada no Brasil por frei Henrique de Coimbra.

2/5/1500 — A frota de Cabral deixa o Brasil em demanda da India.

2/5/1826 — D. Pedro IV de Portugal (1.º do Brasil) abdica da corôa portuguesa a favor da sua filha d. Maria.

3/5/1823 — Instalação da Assembléia Geral Constituinte.

4/5/1822 — Aviso do principe Regente D. Pedro estabelecendo que lei alguma emanada de Portugal seria executada sem o seu CUMPRA-SE.

6/5/1644 — O principe Mauricio de Nassau entrega o govêrno do Brasil Holandês ao Supremo Conselho do Recife.

7/5/1681 — Assinatura do Tratado entre Portugal e Espanha dispondo sobre a Colônia do Sacramento.

8/5/1867 — Começa a Retirada da Laguna, operação militar que o Visconde de Taunay descreve na sua obra famosa.

9/5/1642 — Uma esquadra holandesa sob o comando de Jacob Willekens entra na baía de Todos os Santos e inicia o canhoneio da cidade do Salvador.

10/5/1624 — Os holandeses ocupam a cidade do Salvador e prendem o governador Diogo de Mendonça Furtado.

10/5/1789 — Tiradentes é preso no Rio de Janeiro.

13/5/1805 — Decreto criando o Primeiro Regimento de Cavalaria do Exército.

13/5/1822 — O principe D. Pedro aceita o título de Defensor Perpétuo do Brasil que lhe foi oferecido pela Municipalidade e pelo povo do Rio de Janeiro.

14/5/1633 — Henrique Dias apresenta-se ao general Matias de Albuquerque oferecendo seus serviços e os dos pretos que o acompanhavam para a guerra contra os holandeses.

Estás vendo, Maria? Nisso é que dá quereres que eu te ajude!

1 — Sábado	S. Felipe
2 — Domingo	Santa Mafalda
3 — Segunda	S. Isidoro
4 — Terça	Santa Monica
5 — Quarta	Conv. S. Agostinho
6 — Quinta	S. Ricardo
7 — Sexta	S. Estanisláo
8 — Sábado	Aparição de S. Miguel
9 — Domingo	S. Gregório
10 — Segunda	S. Tobias
11 — Terça	S. João Damião
12 — Quarta	S. Joana
13 — Quinta	S. Gervásio
14 — Sexta	S. Atanasio
15 — Sábado	S. Nereu
16 — Domingo	S. João Nepomuceno
17 — Segunda	S. Pascoal
18 — Terça	S. Venancio
19 — Quarta	S. Pedro Celestino
20 — Quinta	S. Bernardino Sena
21 — Sexta	S. Ubaldo
22 — Sábado	Santa Rita de Cássia
23 — Domingo	S. Desiderio
24 — Segunda	S. Claudio
25 — Terça	S. Gregório VII
26 — Quarta	S. Felipe Neri
27 — Quinta	Asc. do SENHOR
28 — Sexta	S. Germano
29 — Sábado	S. Máximo
30 — Domingo	S. Fernando
31 — Segunda	Santa Petronila

15/5/1843 — O padre Diogo Feijó apresenta ao Senado a defesa da sua atuação na Revolução de 1842.

22/5/1644 — O principe Mauricio de Nassau parte para a Holanda.

24/5/1827 — Assinatura do Tratado pelo qual a Banda Oriental, hoje República do Uruguai, é restituida ao Brasil.

24/5/1866 — Batalha de Tuiuti, entre brasileiros e paraguaios, com a nossa completa vitória. As tropas brasileiras eram comandadas pelo general Osório, mais tarde marquês do Herval. Esta batalha teria sido para Lopez um desastre irremediável e talvez a ação decisiva da guerra, se a cavalaria dos aliados fosse ao menos tão poderosa como a paraguaia e pudesse ter perseguido o inimigo em debandada. Lopez, que desde 11 de junho do ano antecedente não tinha esquadra, ficaria provavelmente sem exército.

25/5/1871 — Viagem para a Europa, do imperador Pedro II., ficando na Regência do Império a princesa Isabel.

30/5/1843 — Celebra-se em Napoles o casamento de D. Pedro II com a princesa Teresa Cristina de Bourbon.

VULTOS DE MAIO

EUSEBIO DE QUEIROZ

EUSÉBIO de Queiroz Matoso da Camara, ilustre estadista do Império, nasceu em São Paulo de Loanda, na Africa a 12 de dezembro de 1812 e faleceu no Rio de Janeiro a 7 de maio de 1868. Magistrado, deputado geral, senador do Império, foi um orador de largos recursos, um dos maiores do seu tempo. Ministro de Estado, coube-lhe fazer votar a chamada lei Eusébio de Queiroz, que extinguia o tráfico dos negros. Seu nome está, pois, diretamente ligado à história da abolição da escravatura. Deve-se a êle, também, o nosso Código Comercial e outras iniciativas de interesse nacional. Foi um homem de grande caráter e de uma integridade a toda prova.

ANTONIO DE SIQUEIRA CAMPOS

ANTONIO de Siqueira Campos, brava figura da revolta do Forte de Copacabana, em 1922, merece o culto da mocidade brasileira. Muito moço ainda, com os seus camaradas daquele Forte desfraldou a bandeira da Revolução. Lutou, em campo aberto, na praia de Copacabana, contra as forças do govêrno. Vencida a revolta, Siqueira Campos conseguiu fugir. Tomou parte em todos os movimentos revolucionários que se seguiram. Estava exilado em Buenos Aires quando se preparava a revolução de 1930. Morreu num desastre de aviação, a 10 de maio daquele ano, quando vinha para o Brasil tomar parte no movimento. Siqueira Campos teve uma bela vida. Foi um exemplo de bravura e de patriotismo.

EVARISTO DA VEIGA

GLÓRIA das maiores do jornalismo brasileiro. Evaristo Ferreira da Veiga nasceu no Rio de Janeiro a 8 de outubro de 1799 e morreu, ainda moço, a 17 de maio de 1837. Fundou e dirigiu o jornal "Aurora Fluminense", para defesa da independência brasileira ameaçada. Combateu Pedro I e foi um dos mais poderosos elementos que provocaram a abdicação do Imperador. Foi deputado por Minas Gerais. Bravamente se portou no jornalismo e no Parlamento. Fundou a Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional criada para reforçar a dignidade do Império. A esse homem de rara tempera, reservou o destino a missão de ser, de fato, o homem da Independência, o espírito iluminado que acendeu a flamula da reação contra o despotismo do árdego e violento filho de D. João VI.

RODOLFO AMOEDO

RODOLFO Amoedo foi um dos maiores artistas brasileiros. Entre os seus trabalhos mais notáveis destacam-se "A Partida de Jacob", "Narração de Filetas" "Memória", "Pensamento", "Pensativa" etc. Seus paineis ornam o Palácio do Itamarati, a Casa da Moeda, a Camara Municipal e o Supremo Tribunal Militar. Foi professor da Escola Nacional de Belas Artes durante 17 anos. Amoedo foi uma vigorosa expressão artística. Sua vida, êle consagrou-a toda ao seu trabalho, com o qual formou um patrimônio, não só de arte propriamente dita, mas também de bela cultura. Faleceu Amoedo a 31 de maio de 1941.

JUNHO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/6/1808 — Começa a circular em Londres sob a direção de Hipólito José da Costa o "Correio Brasiliense", com o objetivo de se bater pela nossa Independência.

3/6/1621 — Os Estados Gerais da República das Províncias Unidas da Holanda concedem à Companhia das Indias Orientais a carta patente que lhe dá o privilégio do comércio e govêrno das conquistas que fizesse na América e África.

3/6/1822 — Decreto convocando a Assembleia Geral Constituinte.

4/6/1605 — Iniciam-se os trabalhos de construção do Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro.

6/6/1647 — Decreto de D. João VI dando à cidade do Rio de Janeiro o título de LEAL.

6/6/1775 — Lançamento da pedra fundamental da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro.

10/6/1805 — Decreto do príncipe regente D. João declarando guerra à França.

10/6/1842 — Inicia-se em Barbacena a Revolução liberal, na qual estiveram envolvidos vultos eminentes da política entre eles Teófilo Otoni.

11/6/1865 — Batalha naval de Riachuelo. (Guerra do Paraguai), comandada pelo gênio militar de Barroso e ganha gloriosamente pelos brasileiros. Essa batalha decidiu a vitória das nossas armas na guerra Lopez.

12/6/1641 — D. João IV de Portugal firma um tratado com a Holanda, de aliança defensiva e ofensiva. Relativamente, porém, às terras ocupadas pelos holandeses no Brasil foi estabelecido um armistício de 10 anos.

13/6/1621 — Carta Régia dividindo o Brasil em dois Estados: o do Brasil, com a capital na cidade do Salvador e o do Maranhão compreendendo o Ceará, o Maranhão e o Grão-Pará, com a capital em São Luiz.

13/6/1645 — Início da insurreição pernambucana contra o domínio holandês.

16/6/1556 — É sacrificado pelos índios na margem esquerda do rio S. Miguel, em Alagoas, o bispo Pedro Fernandes Sardinha.

21/6/1764 — Foi inaugurada a Vila Real do Crato, no Ceará, na antiga aldeia dos Cariris.

22/6/1874 — Inauguração do Telégrafo submarino entre o Rio de Janeiro e a Europa.

22/6/1890 — Decreto estabelecendo uma Constituição Provisória para a República.

27/6/1810 — Alvará do príncipe regente mandando instalar a Real Bibliotéca do Rio de Janeiro na Igreja do Carmo, no Rio de Janeiro.

28/6/1789 — Rompe em Vila Rica a Insurreição de que Felipe dos Santos era um dos chefes. Os revoltosos, depois do acôrdo celebrado com o governador Conde de Assumar, foram traidos, sendo Felipe dos Santos executado barbaramente.

28/6/1906 — Inauguração da Fortaleza da Lage, na baía do Guanabara.

28/6/1930 — Inaugura-se no Rio de Janeiro o Teatro João Caetano.

— Ou me paga o valor da passagem, ou exijo autópsia no cachorro!

1 — Terça	**S. Firmo**
2 — Quarta	**S. Marcelino**
3 — Quinta	**Santa Paula**
4 — Sexta	**S. Francisco**
5 — Sábado	**S. Marciano**
6 — Domingo	**S. Pentecostes**
7 — Segunda	**S. Severino**
8 — Terça	**S. Roberto**
9 — Quarta	**S. Feliciano**
10 — Quinta	**Santa Margarida**
11 — Sexta	**S. Barnabé**
12 — Sábado	**S. João Facundo**
13 — Domingo	**S. Antonio de Pádua**
14 — Segunda	**S. Basílio**
15 — Terça	**S. Vito**
16 — Quarta	**S. Aureliano**
17 — Quinta	**CORPO DE DEUS**
18 — Sexta	**S. Marcos**
19 — Sábado	**Santa Juliana**
20 — Domingo	**S. Silvério**
21 — Segunda	**S. Luiz Gonzaga**
22 — Terça	**S. Paulino**
23 — Quarta	**Santa Edeltrudes**
24 — Quinta	**S. João Batista**
25 — Sexta	**S. Guilherme**
26 — Sábado	**Santa Clara**
27 — Domingo	**S. Ladislau**
28 — Segunda	**S. Leão II**
29 — Terça	**S. Pedro e S. Paulo**
30 — Quarta	**S. Marçal**

69

VULTOS DE JUNHO

HENRIQUE Dias, famoso guerreiro do Brasil colonial e uma das mais nobres expressões das virtudes militares da nossa pátria, nasceu em Pernambuco no fim do século XVI e morreu a 8 de junho de 1662. Ao se preparar a insurreição brasileira contra o domínio dos holandeses, êle se apresentou a Matias de Albuquerque com um batalhão de negros para tomar parte na luta. Teve parte saliente nos combates do Rio Formoso, Porto Calvo, Casa Forte, Gequiá e nas duas batalhas dos Guararapes. Foi ferido várias vezes. Foi um verdadeiro flagelo para o inimigo nos encontros finais que determinaram a tomada do Recife. Henrique Dias escreveu uma página luminosa na história da guerra da restauração.

MARCILIO DIAS

MARCILIO Dias, marinheiro brasileiro, herói da batalha do Riachuelo, nasceu na cidade do Rio Grande, filho de uma lavadeira. Não se sabe, com segurança, a data do seu nascimento. Morreu por ter defendido o pavilhão naiocnal, na batalha do Riachuelo, no dia seguinte a esse memorável feito. Na Campanha Cisplatina, tomou parte no assalto a Paisandú, sendo êle quem colocou a bandeira do Brasil no alto da torre da Igreja. Em Riachuelo, Marcílio Dias lutou como um leão, na "Parnaíba", batendo-se corpo a corpo com os paraguaios. Ferido mortalmente veio a falecer no dia 12 de junho de 1865. Foi sepultado com todas as honras, no rio Paraná.

PANDIA CALOGERAS

PANDIA Calógeras foi uma das mais altas expressões da cultura em nosso país. Nasceu no Rio de Janeiro a 19 de junho de 1870 e faleceu em Petrópolis a 21 de abril de 1934. Formado em engenharia pela Escola de Minas de Ouro Preto. Foi deputado federal e um dos nossos maiores parlamentares. Ministro da Guerra do govêrno Epitácio Pessoa. Historiador, sociólogo, deixou várias obras de valor. Representou o Brasil na Conferência da Paz, de Versailles, ao fim da guerra de 1914/18. Entre as suas obras mais notáveis citam-se: "As Minas do Brasil", "Marquês de Barbacena", "Formação Histórica do Brasil", "Os Jesuitas e o Ensino", "Conceito Cristão do Trabalho", "Problemas da Administração" etc.

TOBIAS BARRETO

TOBIAS Barreto de Menezes, grande talento, jurista, poeta, filósofo, polemista, professor da Faculdade de Direito do Recife, nasceu em Sergipe a 7 de junho de 1839. Como poeta deixou-nos um livro "Dias e Noites". Foi um dos arautos da escola condoreira. Além desse livro escreveu: "Ensaios e Estudos de Filosofia e Crítica", "Um Discurso em Mangas de Camisa", "Estudos Alemães", "Menores e Loucos em Direito Criminal", "Algumas Ideias sobre o Fundamento do Direito de Punir", "Questões vigentes", "Polemicas" etc. Tobias Barreto foi, no seu tempo, uma figura ecepcional. Cerebração poderosa, animada por um gênio violento, travou polêmicas memoráveis. Por isso mesmo, sofreu o bastante para merecer a consagração da posteridade. Morreu Tobias Barreto a 26 de junho de 1889, na cidade do Recife.

NAS FÉRIAS É BOM

ESPÍRITO PRÁTICO

A menina estava em férias, nada tinha a fazer e decidiu empregar seu tempo em alguma coisa. Sabia que no edifício de apartamentos havia muitas mamãs com filhos pequeninos, e imaginou "alugar-se", à moda norte-americanas, para tomar conta dos nenês. Assim, seria útil e ganharia alguns cruzeirinhos, para pipocas e cinemas . . .

Foi, então, ao escritório do papai, apanhou uma folha de papel e rabiscou, em letras de imprensa:

Tabela de preços para cuidar de Bebés (Tratar com a Mariazinha, no apartamento 101).

Bebés dormindo	2 cruzeiros por hora
Bebés chorando	4 cruzeiros por hora
Bebés molhados	5 cruzeiros por hora
Bebés mais que molhados	10 cruzeiros por hora

Um sujeito formidável

— Eu — dizia aquele tipo — sou infalível. Nunca me engano! Bem, para falar a verdade, uma vez eu me enganei. Foi quando pensei que estava enganado, mas depois vi que estava enganado porque não me tinha enganado.

●

Conversam as comadres

— Então, Maricota! Eu soube que o meu afilhadinho está aprendendo a tocar clarineta! E' verdade?

— E', sim, Josefina. E', sim... Meu filho canta tão bem que eu resolvi comprar uma clarineta, para que êle mesmo se possa acompanhar . . .

— Ah! Naturalmente! Foi uma ótima idéia, sabe? Os pianos andam tão caros, últimamente, não é, Maricota?

COISAS DA MÚSICA

— Venham depressa! A minha mulher caiu numa lagoa e já tem água até os joelhos.

— Até os joelhos? Mas isso não tem perigo!

— E' que ela caiu de cabeça para baixo . . .

TRÊS POTOQUEIROS

Três andaluzes conversam. Falam das suas viagens e da sua celebridade.

— Eu — diz Juan — sou popularíssimo na Inglaterra. Sempre que chego a Londres estão a Rainha e tôda a família real à minha espera. E, na rua, os londrinos dizem sempre, quando me vêem:

— "Olha! O Juan está aqui outra vez!"

— Pois eu, diz Manolo, sou popularíssimo é na América. Todos os americanos me conhecem! Quando chego a qualquer aeroporto americano, está lá sempre o Presidente Eisenhower que me dá logo o braço e me diz: — "Meu caro Manolo, vamos tomar um "drink"!" E leva-me sempre para a casa dele.

Pepe toma, então, a palavra:

— Pois nada disso tem comparação com o que me sucede a mim na Itália! Não há, de Norte a Sul da Península Itálica, quem não me conheça. Ainda da última vez que lá estive, foi esperar-me o próprio Papa, que me trouxe, no seu automóvel, até o Vaticano. Atrás de nós, vinha uma multidão tão grande que, chegados ao palácio, tivemos de vir à janela, eu e o Papa. E, então, tôda a gente perguntou assim, apontando para êle:

— Quem será aquele padre, vestido de branco, que está ao lado do Pepe?...

RIR UM POUCO

ESCOLHA DIFÍCIL...

Um tipo está sentado à mesa do "café". Entra outro e, então, ouve-se o diálogo seguinte:

— Que é que queres tomar? Queres café... ou preferes café?

— Se queres que te diga, não sei. O café faz-me mal... e o café também não me faz lá muito bem.

— Então, espera lá, por que não experimentas tomar café?

O outro, depois de refletir:

— E' verdade, boa idéia! Garçon, um café!...

●

NUM RESTAURANTE

Dois padres entram, sentam-se a uma mesa e pedem dois jantares.

O garçon começa a servir e entorna um prato de sôpa sobre um dos clientes que, com um sorriso de benevolência, afirma "que não tem importância...". Segue-se o peixe com salada e o desastradíssimo garçon entorna o galheteiro sobre a mesma "vítima". Vem a carne e entorna o môlho da travessa. Então, o padre levanta-se, vermelho, e exclama para os outros fregueses:

— Eu não posso, porque sou padre! Mas algum dos senhores pode dizer alguma coisa apropriada a este homem?...

●

— Senhor Aniceto, por que é que o senhor é tão gordo?

— Porque não discuto.

— Ah! Isso não é verdade! Eu já vi o senhor discutir mais de uma vez! O senhor discute!

— Então, está bem. Discuto.

NO VETERINÁRIO

— Dou-doutor... Na-não sei po-por-que meu papa...gaio só fa-fa-fala ga-ga-gueijando...

NÃO CHEGOU A TERMINAR!

●

O MARIDO (depois de ler o jornal) — Diz aqui o jornal que de cada três crianças que nascem no Mundo, uma é um chinês.

A MULHER — Credo! Ainda bem que nós só temos dois filhos!...

●

Um mendigo bate à porta de certo ricaço e, num tom de voz dolorida conta as suas desventuras:

—... e calcule o meu bom senhor que os meus três pobres filhos têm escarlatina; minha mulher está doente; minha irmã partiu ontem uma perna e a minha mãe está paralítica...

Então, o dono da casa, com as lágrimas nos olhos, chamou o criado e disse-lhe:

— Batista, este homem cortame o coração! Ponha-o na rua!

●

Na praia.

Um banhista pergunta a um médico:

— Desculpe, doutor, quanto tempo pode uma pessoa estar debaixo dágua sem respirar?

— Todo o tempo que quiser. Ontem fiz a autópsia a um indivíduo que tinha estado debaixo dágua vinte e dois dias...

●

Epitafio encontrado num cemitério:

"Aqui jaz um sujeito que acendeu um fósforo para ver se um tambor tinha gasolina...

E tinha".

●

Um indivíduo vai à Polícia apresentar uma queixa.

— Senhor chefe, continuo a receber cartas anônimas em que me ameaçam se eu não pagar até o fim do mês...

— Disse o senhor cartas anônimas? — pergunta-lhe o chefe, um pouco agastado.

— Sim, são assinadas com um pseudônimo: "O alfaiate".

●

O cliente para o garçon do restaurante:

— Posso saber de que sou acusado?

— ? ! ?

— Há uma hora que o senhor me tem a pão e água...

●

Dois loucos encontram-se num corredor do Manicômio:

— Olá! Então, que tal? Como estou eu?

— Tu estás bem. E eu?

●

Depois de ter percorrido um longo caminho que ia desde a estrada até uma casa isolada, o carteiro exclamou, ao entregar uma carta ao velho lavrador:

— Caramba! Este caminho até sua casa é grande!

— Realmente é muito grande; mas, também, se fosse mais pequeno não chegava até aqui em casa.

JULHO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

2/7/1823 — Evacuação da cidade do Salvador, na Bahia, das tropas portuguesas e entrada triunfal do exército brasileiro.

2/7/1824 — Proclamação de Manuel de Carvalho Pais de Andrade, presidente da Província de Pernambuco, convidando as províncias do Norte a estabelecerem um govêrno com o nome de Confederação do Equador, constituida pelas Províncias de Pernambuco, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas.

2/7/1944 — Parte do Rio de Janeiro, com destino à Itália, o 1.º escalão da Força Expedicionária Brasileira, constituida de 5.075 homens, inclusive 304 oficiais.

3/7/1722 — Parte da capital de São Paulo com destino a Goiás a "bandeira" chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva, cognominado, como seu pai, o Anhanguara.

5/7/1914 — Edu Chaves voa em aeroplano da capital de São Paulo ao Rio de Janeiro, em 279 minutos.

5/7/1922 — Levante de parte da guarnição militar do Rio de Janeiro e quase toda de Mato Groso.

5/7/1924 — Revolução militar em São Paulo, chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes.

9/7/1501 — Carta de D. Manoel I, de Portugal, comunicando aos principais católicos o descobrimento da Terra de Santa Cruz.

9/7/1553 — Patente passada a Inacio de Loiola criando a Provincia do Brasil da Companhia de Jesús.

9/7/1932 — Rebenta em São Paulo a Revolução Constitucionalista.

10/7/1884 — Abolição da escravatura no Amazonas.

13/7/1553 — Duarte da Costa chega ao Brasil, como sucessor de Tomé de Sousa.

16/7/1934 — Promulgação da 2.ª Constituição da República.

18/7/1720 — Execução de Felipe dos Santos, chefe da revolta popular de Vila Rica contra o governador de Minas Gerais, Conde de Assumar.

18/7/1841 — Sagração e coroação de D. Pedro II.

20/7/1897 — Inauguração da Academia Brasileira de Letras, sob a presidência de Machado de Assis e tendo Joaquim Nabuco como secretário geral.

21/7/1674 — Parte de São Paulo a bandeira de Fernão Dias Pais Leme.

22/7/1635 — Execução de Domingos Fernandes Calabar, em Porto Calvo.

23/7/1840 — Decretada a maioridade de D. Pedro II.

25/7/1868 — Tropas aliadas, tendo à frente a 5.ª Divisão brasileira de Cavalaria, comandada pelo general Camara, penetram na Fortaleza de Humaitá.

30/7/1609 — Felipe II da Espanha declara livres os indios do Brasil.

31/7/1771 — É assinado em Montevidéo o tratado, segundo o qual aquêle país, então denominado Banda Oriental, ficou incorporado ao Brasil, tomando o nome de Província Cisplatina.

— Que mêdo, oh ! !

1	**— Quinta**	**S. Teodorico**
2	**— Sexta**	**Visitação de N.ª S.ª**
3	**— Sábado**	**S. Jacinto**
4	**— Domingo**	**Santa Isabel**
5	**— Segunda**	**S. Atanásio**
6	**— Terça**	**S. Domingos**
7	**— Quarta**	**Santa Pulquéria**
8	**— Quinta**	**S. Procópio**
9	**— Sexta**	**S. Cirilo**
10	**— Sábado**	**S. Jañuário**
11	**— Domingo**	**S. Pio**
12	**— Segunda**	**S. João Gualberto**
13	**— Terça**	**S. Anacléto**
14	**— Quarta**	**S. Boaventura**
15	**— Quinta**	**S. Henrique**
16	**— Sexta**	**N.ª S.ª do Carmo**
17	**— Sábado**	**S. Aleixo**
18	**— Domingo**	**S. Camilo de Lélis**
19	**— Segunda**	**S. Vicente de Paula**
20	**— Terça**	**S. Marcial**
21	**— Quarta**	**S. Praxedes**
22	**— Quinta**	**Stª. Maria Madalena**
23	**— Sexta**	**S. Apolinário**
24	**— Sábado**	**S. Jerônimo**
25	**— Domingo**	**S. Tiago ..**
26	**— Segunda**	**Santa Ana**
27	**— Terça**	**S. Pantaleão**
28	**— Quarta**	**S. Nazário**
29	**— Quinta**	**Santa Marta**
30	**— Sexta**	**S. Abdon**
31	**— Sábado**	**S. Inácio de Loióla**

VULTOS DE JULHO

MIGUEL PEREIRA

MIGUEL Pereira foi uma das maiores figuras da medicina brasileira. Nasceu em São Paulo a 2 de julho de 1871. Faleceu a 23 de dezembro de 1918. Sua vida foi um exemplo de amor à ciência e de amor ao Brasil. Foi um dos mais eminentes professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Travou uma luta memorável em pról da saúde do nosso povo. E, ante a indiferença dos poderes públicos pelo grande problema da profilaxia dos nossos sertões, lançou aquela célebre frase que ainda hoje repercute em todo o país: "O Brasil é um vasto hospital !" Essa frase de Miguel Pereira era uma advertência aos nossos homens públicos, era um brado do mais alto patriotismo, porque era sincero. O ilustre mestre deixou uma série de trabalhos científicos do mais alto valor.

ALBERTO NEPOMUCENO

UMA das maiores figuras da música brasileira. Nasceu no Ceará a 6 de julho de 1864. Foi professor da Escola Nacional de Música. Compositor genial, Nepomuceno marcou uma época com as suas partituras. A coroação da sua carreira artística foi a representação em Buenos Aires da sua ópera "ABUL" em junho de 1913. A 1 de setembro era ela levada à cena no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. São ainda do grande mestre "Comunhão", "Anhelo", "Valsa", "Galhofeira", "Sonata", "Amo-te muito", "Mater Dolorosa", "Tú és o sol", "Cantos Eucarísticos", "Numa Concha", "Ocaso", "Canto Nupcial", "Sinos de Natal" etc.

CARLOS CHAGAS

CARLOS Chagas é um nome intimamente ligado ao de Oswaldo Cruz, de cuja obra foi um dos mais altos colaboradores. Nasceu a 9 de julho de 1879 e faleceu a 8 de novembro de 1934. É uma glória legítima da ciência brasileira. Foi diretor do Instituto de Manguinhos, hoje Oswaldo Cruz, Professor de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Representou o Brasil em vários congressos internacionais, recebendo por toda parte as maiores homenagens. Era membro de quase todas as associações científicas do mundo, deixando muitas obras sobre moléstias tropicais. Carlos Chagas teve uma vida profundamente útil ao Brasil e à humanidade. Foi um apóstolo e um benfeitor.

VISCONDE DE CAIRÚ

JOSÉ da Silva Lisboa, Visconde de Cairú, é um dos nomes mais famosos da história brasileira. Nasceu na Bahia a 16 de julho de 1756. Faleceu a 20 de agosto de 1835. Estadista, historiador, jurisconsulto, advogado, economista, comercialista, magistrado, patriarca do Direito Comercial Brasileiro, Cairú teve uma projeção notável na vida incipiente do Brasil império. Deve-se a êle a abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro, medida assinada por d. João, graças aos conselhos do grande brasileiro. Representou a Bahia na Assembléia Constituinte que D. Pedro I dissolveu violentamente. Quasi aos oitenta años, levava àquela assembléia um vigor fora de comum. Deixou Cairú muitas obras de direito e economia que, se hoje estão afastadas das realidades, naquele tempo constituiram verdadeiros tesouros de saber.

AGOSTO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/8/1822 — D .Pedro considera inimigas e, portanto, sujeitas a serem tratadas como tal, todas as tropas procedentes de Portugal e desembarcadas sem a sua licença.

3/7/1645 — Batalha do Monte das Tabocas (Guerra Holandesa), ganha pelos pernambucanos.

5/8/1709 — Primeira experiência da Ascensão Aeronáutica de Bartolomeu de Gusmão.

5/8/1822 — Eleição do príncipe D. Pedro para grão-mestre da Maçonaria.

6/8/1612 — La Ravardière chega ao porto de Javirá, em São Luiz do Maranhão e inicia a construção do Forte a que deu o nome de São Luiz em homenagem ao rei da França Luiz XIII.

6/8/1661 — Portugal assinou o Tratado de Paz com a Holanda.

6/8/1822 — O príncipe D. Pedro lança um Manifesto às Nações expondo os últimos acontecimentos do Brasil.

8/7/1709 — Segunda experiência de Bartolomeu de Gusmão.

11/8/1710 — Chega à baía da Guanabara Jean François Duclerc, mas atacado pela Fortaleza de Santa Cruz, recuou e foi desembarcar em Guaratiba.

11/8/1827 — Carta de lei criando os cursos jurídicos de São Paulo e Olinda.

12/8/1834 — Promulgação da Lei conhecida por Ato Adicional.

14/8/1822 — O príncipe D. Pedro parte para São Paulo.

18/8/1838 — Apresentação da proposta, por parte de Cunha Matos, na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, de criação do Instituto Histórico Brasileiro. No dia seguinte, a ideia foi discutida e aprovada.

20/8/1822 — Em sessão do Grande Oriente do Brasil, presidida por Gonçalves Ledo, pronuncia este um discurso em que declara ser chegada a hora de proclamar a independência do Brasil.

20/7/1823 — Decreto de D. Pedro I concedendo a Maria Quitéria o soldo de alferes do Exército brasileiro.

— Olhe bem para nós! No meu restaurante póde haver cabêlo na sopa? !

1 — Domingo **S. Leôncio**
2 — Segunda **S. Pedro Advincula**
3 — Terça **S. Estevão**
4 — Quarta **S. Domingos**
5 — Quinta **N.ª S.ª das Neves**
6 — Sexta **Transfig. do Senhor**
7 — Sábado **S. Caetano**
8 — Domingo **S. Ciriaco**
9 — Segunda **S. Afonso**
10 — Terça **S. Lourenço**
11 — Quarta **S. Tiburcio**
12 — Quinta **Santa Clara**
13 — Sexta **S. Hipólito**
14 — Sábado **S. Eusébio**
15 — Domingo **Assunção de N.ª S.ª**
16 — Segunda **S. Roque**
17 — Terça **S. Mamede**
18 — Quarta **S. Jacinto**
19 — Quinta **S. Luiz**
20 — Sexta **S. Bernardo**
21 — Sábado **Santa Francisca**
22 — Domingo **S. Timoteo**
23 — Segunda **S. Benicio**
23 — Terça **S. Luiz**
25 — Quarta **S. Zeferino**
26 — Quinta **S. José Calazans**
28 — Sábado **S. Agostinho**
29 — Domingo **Degolação de S. João**
30 — Segunda **Santa Rosa de Lima**
31 — Terça **S. Raimundo Nonato**

22/8/1942 — Publicação do comunicado da Presidência da República dando ciência à Nação de que fôra aceito o estado de beligerância entre o Brasil e os países do Eixo (Alemanha e Itália).

24/7/1820 — Inicio da Revolução Constitucionalista do Pôrto, em Portugal, cuja vitória muito influiu para apressar a independência do Brasil.

27/8/1640 — Começa a funcionar em Pernambuco a Camara dos Escabinos, criada por Mauricio de Nassau.

27/8/1828 — Convenção preliminar de paz entre o Império do Brasil e a República das Provincias Unidas do Prata (hoje República Argentina).

28/7/1817 — Assinatura em Paris da Convenção entre Portugal e a França, pela qual Portugal lhe restituiu a Guiana Francesa.

29/7/1825 — Assinatura em Londres do Tratado pelo qual Portugal reconhecia a nossa Independência.

29/8/1852 — Início dos trabalhos de construção da Estrada de Ferro Mauá, a primeira construida no Brasil.

VULTOS DE AGOSTO

MARECHAL DEODORO

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca nasceu em Alagoas a 5 de agosto de 1827. Foi um dos mais gloriosos e mais dignos generais do Exército brasileiro. Coube-lhe a missão histórica de proclamar a República a 15 de novembro de 1889. Matriculou-se na Escola Militar em 1843 e fez uma carreira das mais brilhantes na sua classe. Tomou parte na campanha do Uruguai e teve um papel dos mais salientes na guerra com o Paraguai. Foi ferido três vezes no combate de Itororó. Depois do ato de 15 de novembro assumiu o govêrno da República e foi depois eleito seu primeiro presidente. Faleceu o grande soldado a 23 de agosto de 1892. Deodoro foi um tipo exemplar da dignidade militar pelas suas incontáveis virtudes cívicas.

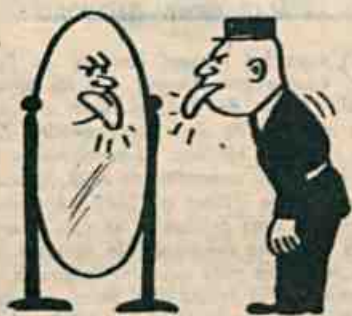
TOMAZ ANTONIO GONZAGA

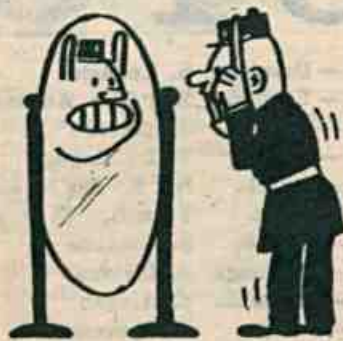
FIGURA proeminente da chamada Escola Mineira, poeta lírico dos maiores que tivemos, nasceu Gonzaga a 11 de agosto de 1744, na cidade do Porto, Portugal. Seu pai era um magistrado brasileiro. Vindo para o Brasil, ainda criança, Gonzaga educou-se brasileiro. Formado pela Universidade de Coimbra, seguiu a magistratura, sendo nomeado ouvidor da cidade de Ouro Preto, onde conheceu Maria Joaquina Dorothea de Seixas, a famosa Marilia de Dirceu. Envolvido na conspiração da Independência, foi condenado à morte. A sentença foi depois comutada em desterro em Pedras de Angoche, na Africa. Morreu em Moçambique em 1807.

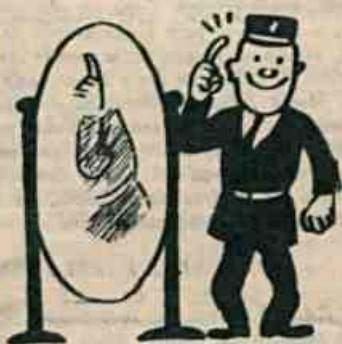
FAGUNDES VARELA

GRANDE poeta do romantismo, contemporâneo de Castro Alves e Alvares de Azevedo, nasceu Fagundes Varela em Rio Claro, Estado do Rio, a 17 de agosto de 1841. Foi um lírico de largos vôos e uma potente inspiração. Deixou as seguintes obras: "Noturnas", "Vozes da América", "Cantos e Fantasias", "Cantos Meridionais", "Cantos do Ermo e da Cidade", "Cantico do Calvário" "Diário de Lázaro", "O Evangelho nas Selvas", "Diário do Lázaro", "Ruinas da Glória", "A Fundação de Piratininga" etc. A poesia mais popular de Fagundes Varela é o "Cântico do Calvário", escrita quando lhe morreu o filho. Tendo cursado a Faculdade de Direito de São Paulo, não chegou a se formar.

SILVA JARDIM

ANTONIO da Silva Jardim nasceu em Capivari, Estado do Rio, a 18 de agosto de 1860. Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo em 1882. Muito moço ainda, entrou na campanha republicana. No jornalismo e na tribuna da praça pública, Silva Jardim foi um ardoroso campeão da luta contra o trono. Proclamada a República, êle, que tudo deu pela causa, nada teve. Morreu, tragado pela cratera do Vesuvio, em Napoles, a 1 de julho de 1891. Deixou algumas obras, entre elas "Ideias de Moço", "O General Osório", "A Gente do Mosteiro", "Critica de Escada Abaixo", "Relatório sobre o Método de Leitura de João de Deus", "A Comédia", "Memórias e Viagens", "Campanha de um Propagandista" etc. Silva Jardim foi uma alma profundamente apaixonada pela sua pátria, um temperamento ardoroso e inamolgável. Foi um homem de bem.

CABO FERREIRA

Diante do espêlho, Cabo Ferreira está fazendo caretas.

— Esta não serve... Esta também... Esta também não...

— Eu queria uma bem feia ! Bem danada de feia !

— Ah ! Já sei ! Aquela horrivel que a vovó me ensinou ! !

— Eeeh !
— Eeeh !
— Eeeh !

Cabo Ferreira sái, agora, contente como só êle !

Ao dobrar a esquina eis que lhe aparece o bandido Fufú...

... e Cabo Ferreira faz, depressa, a careta vencedora !

— Viram, meninos? Para isto foi que eu ensaiei ! !

ANGE MICHEL

SETEMBRO

1 — Quarta — S. Egidio
2 — Quinta — S. Estevão
3 — Sexta — Santa Eufemia
4 — Sábado — Santa Rosa
5 — Domingo — S. Lourenço
6 — Segunda — Santa Libania
7 — Terça — INDEP. DO BRASIL
8 — Quarta — Nat. de N.ª Senhora
9 — Quinta — S. Gorgonio
10 — Sexta — S. Nicolau Tolentino
11 — Sábado — Santa Teodora
12 — Domingo — Santa Auta
13 — Segunda — S. Felipe
14 — Terça — S. Ormino
15 — Quarta — S. Nicomédio
16 — Quinta — S. Cornélio
17 — Sexta — S. Pedro de Arbues
18 — Sábado — S. José Cupertino
19 — Domingo — S. Januário
20 — Segunda — S. Eustáquio
21 — Terça — S. Mateus
22 — Quarta — S. Tomaz
23 — Quinta — S. Lino
24 — Sexta — Nossa S.ª das Mercês
25 — Sábado — S. Firmino
26 — Domingo — S. Cipriano
27 — Segunda — S. S. Cosme e Damião
28 — Terça — S. Vencesláu
29 — Quarta — S. Miguel Arcanjo
30 — Quinta — S. Jerônimo

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

3/9/1866 — Tomada de Curuzú (Guerra do Paraguai). Foi nesse combate que desertou em massa o 10.° batalhão do exército paraguaio. As glórias desse feito memorável cabem exclusivamente ao Brasil. Nele não tomaram parte os soldados da Triplice Aliança. Destacaram-se na luta o almirante Tamandaré e o conde de Porto Alegre.

4/9/1639 — Carta patente assinada na Bahia pelo Conde da Torre nomeando Henrique Dias cabo e governador dos creoulos, negros e mulatos na Guerra holandesa.

5/9/1850 — Lei elevando a comarca do Alto Amazonas, na Provincia do Grão Pará, à categoria de Provincia, com a denominação de Amazonas.

5/9/1893 — Inicia-se no Rio de Janeiro a revolução da Armada chefiada pelo almirante Custódio José de Melo e contra-almirante Luis Felipe Saldanha da Gama, contra o govêrno do marechal Floriano Peixoto.

7/9/1822 — D. Pedro I proclama a independência do Brasil, às margens do Ipiranga em São Paulo.

7/9/1824 — Celebra-se em Londres o contrato do primeiro empréstimo brasileiro.

10/9/1611 — Promulgação da lei de Felipe III da Espanha reconhecendo, em principio, a liberdade dos indios, mas declarando legitimo o cativeiro dos que fossem aprisionados em justa guerra ou dos que fossem resgatados quando cativos de antropófagos.

11/9/1631 — Combate entre as esquadras de d. Antonio de Oquendo e Adrian Janszoon Pater na altura dos Abrolhos (Guerra holandesa).

12/9/1711 — A esquadra de Duguay-Trouin transpõe a barra do Rio de Janeiro.

13/9/1943 — Decreto criando os Territórios Federais de Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã e Iguaçu.

17/9/1875 — Decreto concedendo anistia aos bispos D. Frei Vital e D. Antonio de Macedo Costa, respectivamente de Pernambuco e Pará, envolvidos na chamada Questão Religiosa.

18/9/1828 — Decreto criando os Símbolos Nacionais.

18/9/1866 — Rendição de Uruguaiana (Guerra do Paraguai), assistida pelo imperador Pedro II.

19/9/1710 — Jean François Duclerc capitula diante das tropas improvisadas de estudantes e paisanos.

20/9/1835 — Inicia-se a revolução gaucha, conhecida por Guerra dos Farrapos, chefiada por Bento Gonçalves.

22/9/1866 — As tropas aliadas (argentinas e brasileiras) atacam as fortificações paraguaias de Curupaiti e são repelidas. Esse desfecho foi um duro revés para as armas da Triplice Aliança e um motivo de júbilo para Lopez.

22/9/1897 — Morre em Canudos o fanático jagunço Antonio Conselheiro, chefe do bando que motivou a chamada Guerra de Canudos, onde tantas vidas foram sacrificadas.

Apreciem, senhoras e senhores, as belas pinturas do fôrro...

VULTOS DE SETEMBRO

D. JOSÉ DE AZEREDO COUTINHO

D. José Joaquim de Azeredo Coutinho é uma figura de maior destaque do seu tempo, pelos serviços que prestou à educação e à cultura da mocidade e pela sua influência decisiva no preparo de uma mentalidade propicia à independência. Nasceu Azeredo Coutinho, na cidade de Campos, Rio de Janeiro, a 8 de setembro de 1742. Bispo de Pernambuco, fundou o Seminário que foi uma admirável escola de patriotismo e que marcou o inicio da criação de entidades destinadas à pregação revolucionária da independência. Do Seminário saiu a geração de 1817. Azeredo Coutinho foi um homem de vasta cultura e Varnhagen o chama de "mestre dos patriarcas". Foi governador de Pernambuco e deputado à Assembléia Constituinte de Portugal, em 1821. Morreu a 12 de setembro de 1821.

BARÃO DE MACAÚBAS

Abilio Cesar Borges, barão de Macaúbas, famoso educador brasileiro, nasceu na Bahia a 9 de setembro de 1824. Formado em Medicina, dedicou-se à educação da mocidade. Fundou vários colégios, no interior da sua Provincia e na capital. No Rio de Janeiro, instalou o Colégio Abilio, no bairro das Larangeiras; em Barbacena, Minas Gerais, criou um outro e, ainda no Rio de Janeiro, fundou, em Botafogo, o Novo Colégio Abilio. Abilio Cesar Borges foi um grande cirurgião e fez a propaganda da abolição da escravatura. Representou o Brasil em vários congressos internacionais. Foi agraciado com o titulo de Barão de Macaúbas e deixou muitas obras didáticas. Faleceu a 17 de janeiro de 1891.

PADRE MIGUELINHO

O padre Miguel de Almeida Castro, historicamente conhecido por Padre Miguelinho, foi uma das personalidades marcantes da revolução pernambucana de 1817. Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, a 17 de setembro de 1768. Foi o autor da famosa proclamação dos revolucionários, após a queda do governador de Pernambuco. Vencida a Revolução, o padre Miguelinho foi preso e conduzido para a Bahia com vários companheiros. Foi condenado à morte e enforcado a 12 de junho. Digno disciplulo de Cristo, não se revoltou ante a morte. Soube entregar sua alma a Deus com a maior resignação de coragem. O Padre Miguelinho foi um homem culto e brilhante e raros no seu tempo poderiam competir com êle.

ALMIRANTE BARROSO

Manoel Barroso da Silva, barão do Amazonas, glória da Marinha brasileira, nasceu em Portugal a 29 de setembro de 1804. Veio muito jovem para o Brasil, abraçando a carreira da Marinha. Tomou parte em várias Campanhas navais, como as do Uruguai, Rio da Prata e Paraguai. Comandou a esquadra brasileira nos combates de Corrientes, Riachuelo, Mercedes, Cuevas, Passo da Pátria, Curuzu e Curupaiti. Entretanto, Riachuelo é a grande página de glória da sua vida. Recebeu o titulo de barão do Amazonas, era grande dignatário da Ordem da Rosa, do Cruzeiro, Comendador da Ordem de Cristo, Grande do Império, membro do Instituto Histórico. Faleceu Barroso a 3 de agosto de 1882.

OUTUBRO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

4/10/1779 — A frota de André Gonçalves e Americo Vespúcio descobre o rio São Francisco.

4/10/1836 — Combate do Fanfa, Guerra dos Farrapos, na qual foi preso Bento Gonçalves da Silva.

5/10/1897 — Queda de Canudos, no sertão da Bahia. Depois de extraordinária resistência dos sertanejos, foram os mesmos vencidos e aniquilados pelas tropas do general Artur Oscar e do general Claudio Savaget, arrazando-se o famoso arraial de Antonio Conselheiro.

8/10/1907 — Encerramento da Conferência de Paz em Haia. Nessa Conferência o Brasil esteve representado pelo seu grande filho conselheiro Rui Barbosa, que conseguiu um destaque de renome universal. O Brasil foi classificado como a 9.ª potência do mundo e Rui Barbosa entre os sete sábios da Conferência.

12/10/1492 — Cristovão Colombo descobre a América.

12/10/1822 — D .Pedro é aclamado imperador constitucional do Brasil, em consequência do seu ato proclamando a independência a 7 de setembro.

15/10/1864 — Celebra-se o casamento da princesa Isabel com o principe Gastão de Orleans, Conde D'Eu.

16/10/1609 — Alvará de Felipe III proibindo a fundação de novos conventos no Brasil.

19/10/1901 — Santos Dumont realiza o seu vôo contornando a Torre Eifel.

23/10/1906 — Santos Dumont realiza em Paris o primeiro vôo em aeroplano.

23/10/1896 — Lei criando o Estado Maior do Exército.

24/10/1930 — Fim da Revolução deflagrada no Rio Grande do Sul, Paraiba e Minas Gerais, ramificando-se depois por outros Estados. Deposto o presidente da República, sr. Washington Luis, assume o govêrno uma Junta Governativa, composta dos generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e almirante Julio de Noronha.

25/10/1887 — O Clube Militar resolve proclamar sua repugnância, em nome dos seus sócios e dos militares em geral, à caça de escravos pelo Exército.

Você é mesmo que parente, Manoel... Não faça cerimônia! Vá lavando...

1 — Sexta	**S. Serafim**
2 — Sábado	**Santos Anjos**
3 — Domingo	**S. Maximino**
4 — Segunda	**S. Francisco de Assis**
5 — Terça	**S. Plácido**
6 — Quarta	**S. Bruno**
7 — Quinta	**Nossa S.ª do Rosário**
8 — Sexta	**Santa Brigida**
9 — Sábado	**S. Dionisio**
10 — Domingo	**S. Francisco de Borja**
11 — Segunda	**S. Firmino**
12 — Terça	**DESC. DA AMÉRICA**
13 — Quarta	**S. Eduardo**
14 — Quinta	**S. Calixto**
15 — Sexta	**Santa Tereza**
16 — Sábado	**S. Martiniano**
17 — Domingo	**Santa Edwiges**
18 — Segunda	**S. Lucas**
19 — Terça	**S. Pedro de Alcantara**
20 — Quarta	**S. João Cancio**
21 — Quinta	**Santa Ursula**
22 — Sexta	**Santa Maria Salomé**
23 — Sábado	**S. João Capistrano**
24 — Domingo	**S. Rafael Arcanjo**
25 — Segunda	**S. S. Crispim e Crispn.**
26 — Terça	**S. Evaristo**
27 — Quarta	**S. Elesbão**
28 — Quinta	**São Judas**
29 — Sexta	**S. Luciano**
30 — Sábado	**S. Serapião**
31 — Domingo	**S. Quintino**

26/10/1917 — O Brasil declara guerra à Alemanha. Era presidente da República o sr. Wenceslau Braz e ministro do Exterior o sr. Nilo Peçanha.

27/10/1645 — Decreto de D. João IV elevando o Brasil à categoria de principado.

27/10/1831 — Lei abolindo definitivamente a escravidão os indios.

27/10/1831 — Formatura dos primeiros bachareis em Direito pela Faculdade de São Paulo.

31/10/1860 — Morre em Queen's Gate, Kensigton, Inglaterra, Thomaz Archibald Cochranes, Lorde Cochrane, 10.º Conde de Dundonal e Marquês do Maranhão. Lorde Cochrane tomou parte nas campanhas que se seguiram à nossa emancipação politica, com a expulsão das tropas portuguesas da Bahia, a 2 de julho de 1823. Foi o primeiro almirante brasileiro, tendo servido anteriormente na Marinha chilena. Desligado desta, veio para o Brasil arvorando na nau Pedro I a insignia de comando. O Brasil deve a Cochrane dias de glórias memoráveis.

VULTOS DE OUTUBRO

NILO PEÇANHA

Nilo Peçanha foi um dos maiores estadistas da República. Nasceu em Campos, Estado do Rio, a 2 de outubro de 1867. Foi deputado, senador, duas vezes presidente do Estado do Rio, vice-presidente da República e, depois, presidente, para terminar o periodo do conselheiro Afonso Pena. Propagandista da República, Nilo Peçanha destacou-se pelo ardor com que ocupava a tribuna parlamentar.. De origem humilde, ascendeu às mais altas posições politicas pelo talento, capacidade, destemor e mérito incontestável. Era ministro do Exterior quando o Brasil declarou guerra à Alemanha, em 1917. Chefiou a campanha denominada Reação Republicana, em 1922, como candidato à presidência da República. Faleceu o grande brasileiro a 30 de novembro de 1924.

JOSÉ DO PATROCINIO

José do Patrocinio foi o espirito revolucionário da campanha abolicionista. Nasceu a 9 de outubro de 1854. Filho de uma escrava, êle sentia, no seu sangue, todas as dores da raça. Foi um dos maiores oradores que o Brasil já teve. Apóstolo da causa, não teve um momento de repouso enquanto não chegou o dia da vitória final. Jornalista impetuoso, fundou e dirigiu a "Cidade do Rio" e "A Cidade". Colaborou em vários jornais do Rio de Janeiro. Era membro da Academia Brasileira de Letras. Patrocinio foi uma figura de larga popularidade, conquistada pelo seu grande talento e pelo desassombro com que sustentou a bandeira da redenção da raça negra. É uma figura de alta projeção na vida brasileira.

BENJAMIN CONSTANT

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, grande vulto do Exército brasileiro, professor da Escola Militar, teve uma vida marcada pelo idealismo republicano. Nasceu a 18 de outubro de 1836. Sua cátedra foi um verdadeiro apostolado de propaganda republicana. A 15 de novembro de 1889, organizado o govêrno provisório foi nomeado ministro da Guerra. Benjamin Constant foi, sobretudo, um idealista, um homem de grande caráter, um espirito de profunda formação moral. A Constituinte de 91 proclamou-o o "fundador da República". Houve no Brasil uma geração que seguiu Benjamin Constant. Foi a geração que fez a República e da qual êle foi o idolo e mestre.

MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA

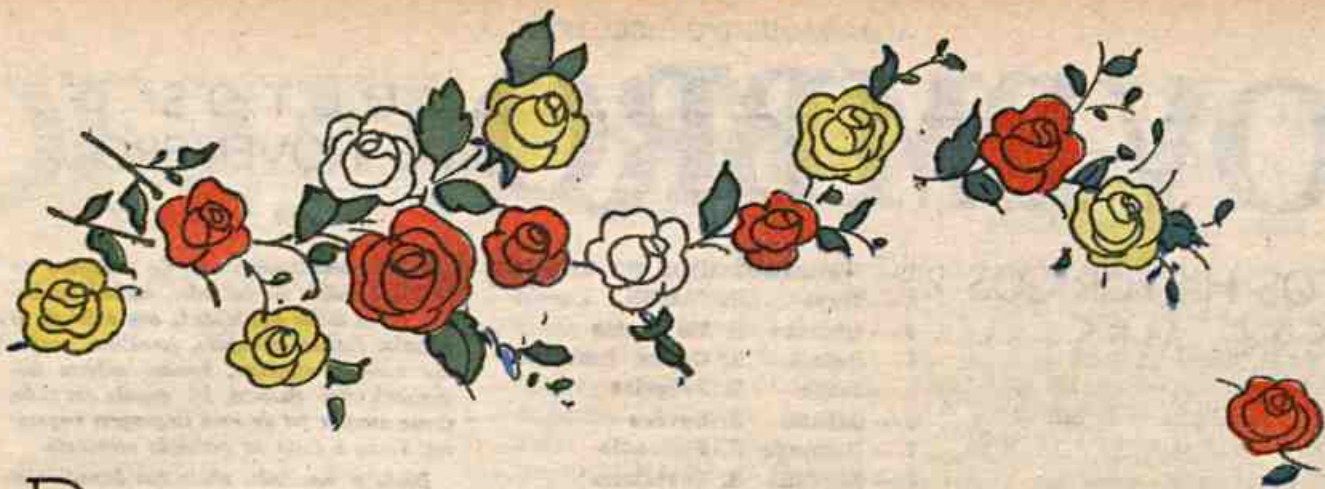
Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquês de Abrantes, foi um dos maiores estadistas que o Brasil já possuiu. Nasceu na Bahia a 26 de outubro de 1796. Tomou parte nas lutas pela independência na Bahia. Fez parte da Constituinte de 1823. Foi um dos mais notáveis oradores parlamentares. Era Veador da Imperatriz, membro do Conselho do Imperador, conselheiro de Estado, senador do Império. Foi ministro várias vezes. Era ministro dos Estrangeiros ao tempo da famosa Questão Christie com a Inglaterra. Membro de várias associações culturais, entre elas o Instituto Histórico e dignitário de várias ordens nacionais e estrangeiras. Foi agraciado pelo Imperador com o título de visconde e, depois, marquês de Abrantes. Faleceu a 5 de outubro de 1865.

As Rosas

Segundo uma lenda antiga,
Maria, com São José,
fugindo à gente inimiga,
transpôs caminhos a pé.

E à proporção que Maria
deixava o rastro no chão,
todo o caminho floria
de rosas em profusão.

Pelos trilhos e barrancas
das estradas, viu-se, em breve,
o estendal de rosas brancas
tudo enfeitando de neve.

De um branco suave e dôce,
as rosas. Nenhuma havia,
pela terra, que não fosse
da côr dos pés de Maria.

BELMIRO BRAGA

Depois de tempos volvidos,
ao peso de imensa cruz,
pelos caminhos floridos
um homem passa: Jesús.

E sôbre o estendal de flôres,
de seu corpo o sangue vai
caindo, e Ele, entre mil dores,
não geme, não solta um ai

Passou e, pelas barrancas,
sob as asas das abelhas,
dos tufos das rosas brancas
brotaram rosas vermelhas.

Só duas côres havia
de rosas, que aqui registo:
a côr dos pés de Maria
e a côr do sangue de Cristo.

NOVEMBRO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/11/1501 — Descobrimento da baía de Todos os Santos, pela esquadra de Andre Gonçalves.

1/11/1549 — Instalação da cidade de São Salvador, na Bahia.

2/11/1685 — Revolta no Maranhão, chefiada por Manoel Beckman.

3/11/1615 — La Revardière assina a capitulação definitiva com os portugueses capitaneados por Jeronimo de Albuquerque entregando-lhes o Forte de São Luis, no Maranhão.

3/11/1867 — Segunda batalha de Tuiuti, na Guerra do Paraguai.

3/11/1891 — O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, presidente da República, dissolve o Congresso Nacional.

5/11/1897 — Atentado contra a vida do presidente da República, dr. Prudente de Morais, morrendo nessa ocasião o ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt.

6/11/1836 — Proclamação da República de Piratini (Guerra dos Farrapos).

7/11/1848 — Inicia-se em Pernambuco a revolução liberal chefiada pelo desembargador Nunes Machado, conhecida como Revolução Praieira.

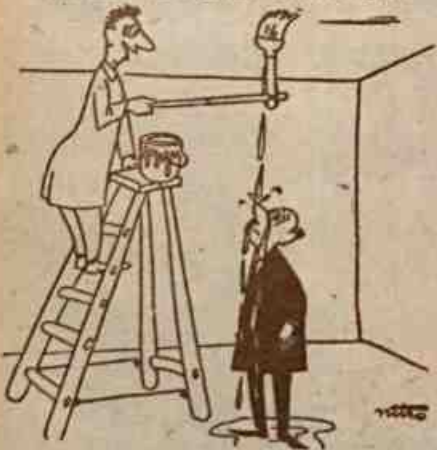
7/11/1831 — Lei proibindo o tráfico de escravos para o Brasil.

8/11/1822 — Combate de Pirajá, na Bahia, entre portugueses e brasileiros.

10/11/1555 — Chega ao Rio de Janeiro a expedição chefiada por Villegaignon.

10/11/1710 — Bernardo Vieira de Melo dá o primeiro brado de República no Senado de Olinda, em Pernambuco.

12/11/1823 — D. Pedro I, imperador do Brasil, dissolve a primeira Constituinte.

12/11/1864 — Os paraguaios aprisionam o navio brasileiro "Marquês de Olinda", o que motivou a guerra contra Lopez.

— Está vendo? O sistema é bom! Dá resultado!

1 — Segunda	TODOS OS SANTOS
2 — Terça	FINADOS
3 — Quarta	S. Malaquias
4 — Quinta	S. Carlos Borromeo
5 — Sexta	S. Zacarias
6 — Sábado	S. Sevéro
7 — Domingo	S. Florencio
8 — Segunda	S. Severiano
9 — Terça	S. Teodoro
10 — Quarta	S. André Avelino
11 — Quinta	S. Martinho
12 — Sexta	S. Neno
13 — Sábado	S. Diogo
14 — Domingo	S. Clementino
15 — Segunda	P. DA REPÚBLICA
16 — Terça	S. Gonçalo
17 — Quarta	S. Gregório
18 — Quinta	S. Custódio
19 — Sexta	Santa Isabel
20 — Sábado	S. Felix de Valois
21 — Domingo	Apres. de N. Senhora
22 — Segunda	Santa Cecilia
23 — Terça	S. Clemente
24 — Quarta	S. João da Cruz
25 — Quinta	Santa Catarina
26 — Sexta	S. Gertrudes
27 — Sábado	Santa Margarida
28 — Domingo	S. Gregório
29 — Segunda	S. Saturnino
30 — Terça	S. André

13/11/1864 — O Paraguai declara guerra ao Brasil.

15/11/1889 — Proclamação da República pelo marechal Deodoro da Fonseca.

15/11/1905 — Inauguração da Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco.

17/11/1889 — O imperador D. Pedro II, deposto pelos republicanos, embarca para a Europa, com toda a sua família, a bordo do navio "Alagoas".

17/11/1903 — Assinatura do Tratado de Petrópolis, mediante o qual o Brasil ficava com o território do Acre.

19/11/1889 — Decreto criando a bandeira nacional.

22/11/1910 — Revolta da esquadra chefiada pelo marinheiro João Candido.

23/11/1891 — O marechal Deodoro da Fonseca renuncia à presidência da República.

25/11/1641 — Inicia-se o domínio holandês do Brasil, com o desembarque de forças batavas no Maranhão.

VULTOS DE NOVEMBRO

RUI BARBOSA

Rui Barbosa nasceu a 5 de novembro de 1849, na cidade de Salvador, capital da Bahia. Foi a maior mentalidade que o Brasil já possuiu. Jurista, advogado, jornalista, orador dos maiores, estadista, homem público inigualável, Rui Barbosa foi grande em tudo. Como escritor foi de uma linguagem impecável. Tinha o culto da perfeição vernácula.

Desde a mocidade, ainda nos bancos acadêmicos, Rui foi um fervoroso defensor da liberdade e dos direitos do homem. Assim, em toda a sua vida até o dia da sua morte, êle não se afastou dêsse lema. Essa é a sua maior glória. Talento genial, cultura inexcedivel, êle honrou o Brasil sob qualquer aspecto. Rui faleceu a 1 de março de 1923.

VISCONDE DO RIO BRANCO

José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco foi um dos maiores estadistas e diplomatas do Império. Jornalista, jurista, orador parlamentar de primeira ordem, êle teve uma vida toda dedicada à sua pátria. Coube-lhe, quando presidente do Gabinete, fazer passar a lei de 28 de setembro que emancipava os filhos da mulher escrava. Era o primeiro passo para a abolição da escravatura. Exerceu as mais altas posições e era dignitario de várias ordens nacionais e estrangeiras. Faleceu o grande brasileiro a 1 de novembro de 1880, tendo nascido na Bahia a 16 de março de 1819.

GONÇALVES DIAS

Antonio Gonçalves Dias, nascido no Maranhão a 10 de agosto e falecido a 3 de novembro de 1864, foi um dos nossos maiores poetas. Começou como caixeiro de loja do seu pai. Com força de vontade fez em Portugal seus preparatórios e formou-se pela Universidade de Coimbra. Professor de história e latinidade do Colégio Pedro II. Exerceu várias comissões e faleceu a bordo do navio "Ville de Boulogne", vítima de um naufrágio. Deixou várias obras notáveis, entre elas "Primeiros Cantos", "Segundos Cantos", "Sextilhas de Frei Antão", 'Os Timbiras", "Poesias", "Ultimos Cantos", "Leonor de Mendonça" etc.

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Diogo Antonio Feijó nasceu a 17 de agosto de 1784 e faleceu a 10 de novembro de 1843. Foi um homem admirável pela sua energia e seu patriotismo. Representou o Brasil nas Côrtes de Lisboa onde se destacou pelas suas atitudes em favor da nossa Independência. Professor de retórica, latim e filosofia, deputado à Constituinte do Império, ministro da Justiça da Regência. Nesse último posto, Feijó revelou-se o homem admirável. Sufocou várias revoluções que ameaçavam a unidade do Império. Foi depois Regente único em 1835, cargo a que renunciou em 1837. Esteve comprometido na revolução liberal de São Paulo em 1842. Preso pelo marquês de Caxias, foi mandado para o Rio e daí, desterrado, para o Espirito Santo. Era senador do Império quando morreu.

DEZEMBRO

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/12/1822 — Sagração do Imperador Pedro I.

2/12/1837 — Decreto do regente Pedro de Araujo Lima criando o Colégio Pedro II.

2/12/1870 — Primeira representação da ópera "O Guarani", no Teatro Provisório do Rio de Janeiro.

4/12/1810 — Carta Régia criando no Rio de Janeiro a Academia Real Militar, hoje Escola Militar. A Academia foi inaugurada em 23 de abril do ano seguinte.

5/12/1697 — Bernardo Vieira de Melo destroi os últimos redutos da famosa República dos Palmares, fundada em Pernambuco pelos negros fugidos das senzalas.

6/12/1868 — Trava-se a batalha de Itororó (Guerra do Paraguai).

10/12/1868 — Batalha de Avaí (Guerra do Paraguai) — Uma das mais terríveis lutas contra Lopez. Nela, o general Osório, ferido gravemente no rosto, teve de retirar-se do campo da ação.

13/12/1838 — Inicia-se no Maranhão a revolução da Balaiada. Essa revolução foi sufocada por Lima e Silva.

14/12/1833 — José Bonifácio de Andrada e Silva é suspenso das suas funções de tutor dos filhos de Pedro I.

15/12/1896 — Fundação da Academia Brasileira de Letras. Foram os seguintes os primeiros acadêmicos: Machado de Assis, Artur Azevêdo, Araripe Junior, Coelho Neto, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, José Verissimo, Luis Murat, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rebelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay.

15/12/1923 — Instalação da Academia Brasileira de Letras na sua nova sede à Avenida das Nações.

16/12/1815 — Carta Régia elevando o Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves.

16/12/1830 — Promulgação do Código Criminal do Império.

21/12/1889 — Decreto do Govêrno Provisório banindo a família Imperial. Nessa data já se encontravam na Europa o Imperador e sua família. O banimento da família imperial foi revogado no govêrno Epitácio Pessoa.

— Há um pequeno engano... O que o dr. tem à sua frente não é um caminhão... É a porta da sua garagem...

1	Quarta	S. Eloy
2	Quinta	Santa Bibiana
3	Sexta	S. Francisco Xavier
4	Sábado	Santa Barbara
5	Domingo	S. Pedro Crisologo
6	Segunda	S. Nicolau
7	Terça	S. Ambrósio
8	Quarta	N.ª S.ª da Conceição
9	Quinta	Santa Leocádia
10	Sexta	S. Melquiades
11	Sábado	S. Dâmaso
12	Domingo	S. Justino
13	Segunda	Santa Luzia
14	Terça	S. Agnelo
15	Quarta	S. Irinêo
16	Quinta	S. Eusébio
17	Sexta	S. Lázaro
18	Sábado	Nossa S.ª do Parto
19	Domingo	Santa Fausta
20	Segunda	S. Domingos
21	Terça	S. Tomé
22	Quarta	S. Honorato
23	Quinta	S. Sérvulo
24	Sexta	S. Delfino
25	Sábado	S. Estevão
26	Domingo	NATAL
27	Segunda	S. João Evangelista
28	Terça	S.S. Inocentes
29	Quarta	S. Tomaz
30	Quinta	S. Sabino
31	Sexta	S. Silvestre

VULTOS DE DEZEMBRO

BRIGADEIRO LIMA E SILVA

O brigadeiro Francisco de Lima e Silva teve um papel preponderante na vida do Império. Entrou para o Exército como cadete do Regimento de Bragança, galgando todos os postos da hierarquia militar, tendo sido comandante daquele Regimento em substituição a seu pai, o marechal José Joaquim de Lima e Silva. Tomou parte nas lutas da independência e foi o chefe militar que sufocou a revolução republicana de Pernambuco, em 1824. Comandou as tropas revoltadas que forçaram a abdicação de Pedro I, a 7 de abril de 1831. Tomou parte na Regência Provisória do Império e na Regência Trina. Foi senador do Império. Era pai de Alves de Lima e Silva, duque de Caxias. Lima e Silva nasceu a 5 de julho de 1785, no Rio de Janeiro e faleceu a 2 de dezembro de 1853.

D. PEDRO II

A figura do Imperador Pedro II enche mais de meio século da história do Brasil. Filho de Pedro I, foi imperador aos cinco anos. A 23 de julho de 1840, foi declarado maior, assumindo diretamente a direção dos destinos do país. D. Pedro II foi um monarca ilustre, culto e digno do respeito de todos os brasileiros, pelas suas virtudes excepcionais. A revolução republicana de 15 de novembro de 1889 depôs êsse grande rei. Mas os republicanos cercaram-no de toda a consideração possível. No govêrno do presidente Epitácio Pessoa seus restos mortais foram trazidos para o Brasil e repousam na catedral de Petrópolis. Nasceu Pedro II no Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1825 e faleceu a 5 do mesmo mês em 1891, na cidade de Paris.

OLAVO BILAC

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, grande poeta, nasceu no Rio de Janeiro a 16 de dezembro de 1865 e faleceu a 28 do mesmo mês em 1918. Foi uma das mais belas formações intelectuais e literárias do Brasil e o maior dos poetas modernos. A êle se deve a lei do sorteio militar, tendo feito nesse sentido uma vigorosa campanha pela tribuna e pela imprensa. Deixou Bilac as seguintes obras: "Poesias", "Poesias Infantis", "Tarde", "Juca e Chico", "Críticas de Fantasias", "Ironia e Piedade", "Contos Pátrios" etc. Olavo Bilac foi o autor dos belíssimos versos do Hino da Bandeira, musicado por Francisco Braga.

ALMIRANTE TAMANDARÉ

O almirante Tamandaré — Joaquim Marques Lisboa — nasceu no Rio Grande do Sul a 13 de dezembro de 1807 e morreu no Rio de Janeiro a 29 de março de 1897. É a figura mais gloriosa da Marinha de Guerra do Brasil e seu patrono. Começou sua carreira como voluntário. Tomou parte na campanha da Independência, na Bahia, e posteriormente, em todas as lutas em que o Brasil esteve empenhado. Foi o comandante em chefe da esquadra na guerra com o Paraguai, destacando-se sempre pela capacidade, bravura e patriotismo. O Imperador agraciou-o com o título de Marquês de Tamandaré, por haver sido sepultado em Pernambuco, no local dêsse nome, um seu irmão que morrera como revolucionário em 1824. Possuia Tamandaré muitas condecorações nacionais e estrangeiras.

ÉRICA MAYER

A agulha MÁGICA

HÁ muito tempo, numa pequena cidade, viviam dois sapateiros. Um dêles, Chico, era rico e avarento; Lourenço, o outro, era muito pobre. O dinheiro dêste não chegava para comprar o couro necessário para a fabricação de sapatos elegantes.

Um dia, quando Lourenço estava sentado no seu banquinho, colocando um prego num tamanco, suspirou e disse:

— Se o pau dêste tamanco fosse pelica, com que prazer eu faria um par de sapatos, dignos até do Rei !

Tristemente continuou o trabalho. De repente, levantando os olhos, deu com um anãozinho, que lhe disse:

— Sei que és ótimo sapateiro. Para te ajudar, vou presentear-te com esta agulha mágica. Terás de enfiá-la na madeira e logo esta se mudará em couro da mais bela qualidade.

Antes de iniciar qualquer trabalho, porém, terás de dizer o seguinte:

Calçados quero aprontar.
Agulha, vem me ajudar.

Depois do trabalho terminado, dirás outros versinhos, para retirar a agulha:

Prontinho está êste par.
Agulha, podes largar.

Sôbretudo, não esqueças os últimos versos, senão a agulha ficará presa para sempre no sapato. Adeus e boa sorte !

O estranho anão foi embora, tão repentinamente como tinha chegado, deixando o sapateiro como num sonho. Prudentemente, êste enfiou a agulha no tamanco duro e... milagre ! Dizendo o primeiro versinho, viu a madeira transformar-se numa linda camurça vermelha. Daquele dia em diante, a vida do sapateiro foi melhorando muito; os calçados costurados com a agulha mágica eram esplêndidos. Todos os cavalheiros da côrte, tôdas as damas nobres tornaram-se freguezes dêle, e êle foi enriquecendo dia a dia.

O outro sapateiro, que era invejoso, resolveu descobrir o segrêdo de tamanho sucesso.

Cesar

Uma noite, introduziu-se pela janela na casa do concorrente e observou-lhe o trabalho. Escondido atrás de uma cortina, ouviu o verso:

Calçados quero aprontar.
Agulha, vem me ajudar.

Viu ainda como, ao som destas palavras, e ao contacto com a agulha dourada, a madeira transformou-se em couro. Chico afastou-se furtivamente, resolvido a apodederar-se da agulha mágica, custasse o que custasse.

Foi então que, por ocasião do aniversário da princesa, o Rei quís dar um grande baile. Naturalmente, a princesa precisaria de um par de sapatos especiais para a festa, e êstes foram encomendados ao sapateiro possuidor da agulha mágica. Ao saber disto, Chico, o invejoso, quase enlouqueceu de raiva. Na mesma noite, muito tarde, enquanto Lourenço dormia, entrou pela segunda vez na sua oficina, e tirou da mesinha de trabalho a agulha que brilhava através da escuridão. Mal chegou em casa, sem perder um minuto sequer, disse:

Calçados quero aprontar.
Agulha, vem me ajudar.

Em pouquíssimo tempo, fez, assim, um par de sapatos encantadores. Correu até o palácio e mandou entregá-los à princesa, e, satisfeito, disse de si para si:

— Volta a ser tamanqueiro, amigo Lourenço... Agora serei eu o fornecedor da côrte !

NA famosa noite do baile, a princesa estava mais bela do que nunca. Trajava um elegantíssimo vestido e calçava os sapatos novos, os mais bonitos que já possuira. Ao som de uma valsa, estava ela deslizando nos braços de elegante príncipe. De repente, um grito estridente interrompeu a suave música. Todos, assustados, olharam para a princesa, que gritara. Longe dela estava jogado o lindo sapatinho. Nêle havia uma agulha, a agulha mágica que espetara o pé da princesa. O Rei, furioso, mandou chamar o sapateiro Chico. O invejoso, porém, ignorava o segundo verso que soltaria a agulha do trabalho. Vendo que nada conseguia apesar de todos os seus esforços, confessou a verdade. Contou que roubara a agulha de Lourenço e que só êste, sendo o dono legítimo, sabia o que fazer.

Chico foi levado à prisão por ter agido tão mal, enquanto o outro sapateiro foi chamado com urgência ao palácio real.

— Sapateiro, disse o Rei, tira a agulha do sapato da minha filha e poderás escolher a recompensa.

— Majestade, só desejo ser útil à princesa e não quero recompensa. Para tirar a agulha do sapatinho, basta dizer o seguinte:

Pronto está este par.
Agulha, podes largar.

Enquanto a festa continuava muito animada, o sapateiro voltou para casa com a agulha encantada. Continuou a viver honestamente e nunca se esqueceu dos pobres. Por isto, a agulha dourada ficou em seu poder até o último dia da sua vida.

Cesar

A FECHADURA

VIVEU no distante oriente um soberano chamado Ahmel, que ao subir ao trono quis rodear-se de leais servidores para ajudá-lo a governar o seu reino. Como poderia êle distinguir os bons dos maus, os ambiciosos dos modestos, os falsos ou traidores dos infelizes? Todos pareciam dispostos a colaborar com êle, nas difíceis tarefas que lhe estavam acometidas, como monarca... Mas, seriam sinceros?

Antes de se resolver, passou Ahmel muitas noites sem dormir. Certa manhã mandou chamar um ancião que tinha sido amigo do seu pai e contou-lhe os seus temores e a dificuldade em que se achava para escolher o Primeiro Ministro, assim como outros homens para diversos cargos na côrte. Tinha receio de nomear pessoas que só quisessem enriquecer à custa do cargo que ocupavam, pondo em perigo o bem estar do povo.

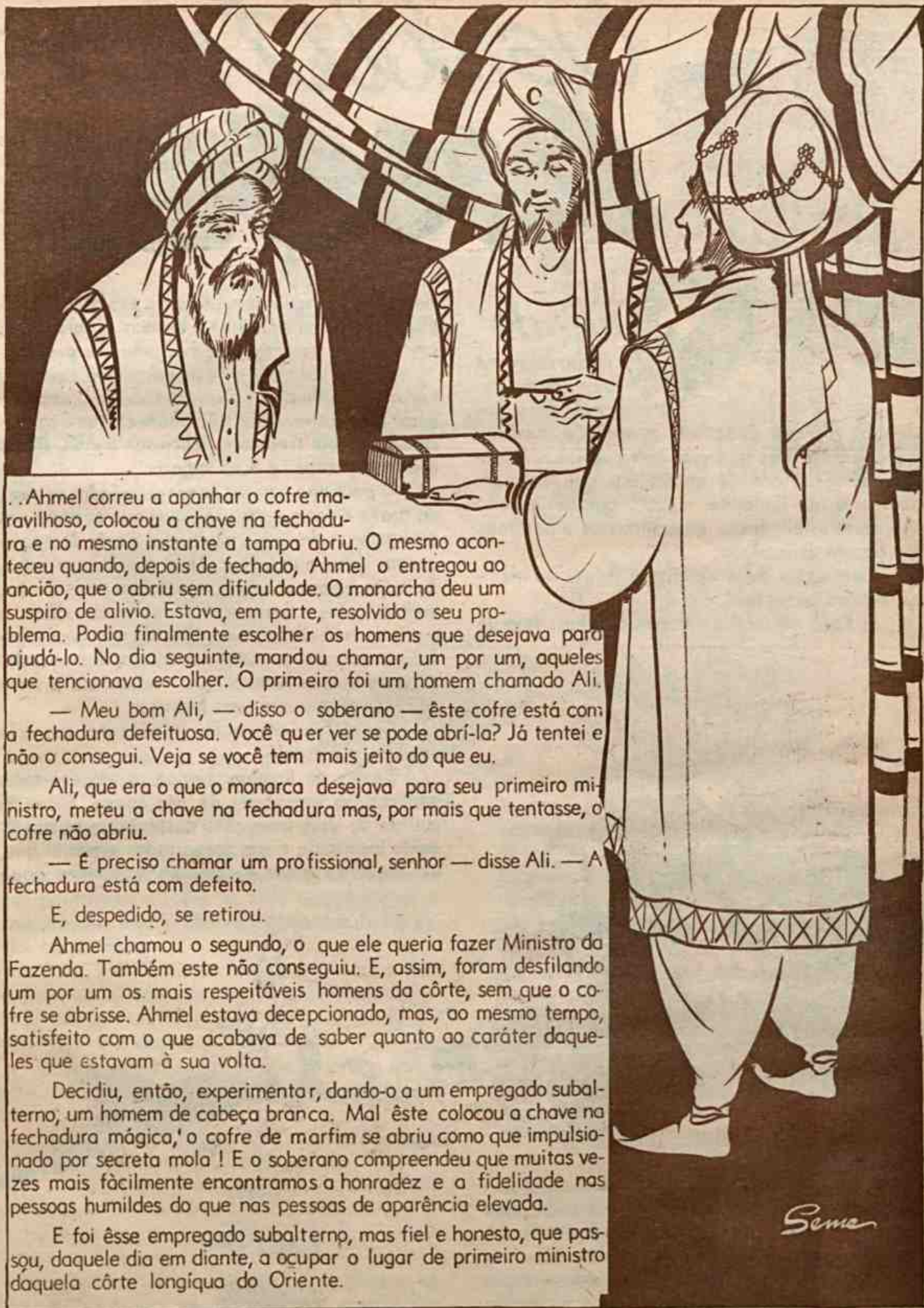
Depois de ouví-lo com atenção, assim se expressou o conselheiro:

— Teu pai também me fez a mesma pergunta ao subir ao trono...

— E que lhe aconselhaste? — perguntou o monarca.

— Dei-lhe um cofrezinho de marfim que tem uma fechadura mágica, de ouro.

— É aquele que está na mesinha do quarto?

— Sim — responden o ancião — E só a morte repentina de teu pai impediu que te fosse confiado o seu segrêdo. Quando a chave é posta na fechadura por um homem de bem, incapaz de uma traição, o cofrezinho se abre com tôda a facilidade. Mas se o tenta abrir um homem sem caráter, capaz de uma traição, guiado pela ambição, mal intencionado, então a fechadura resiste e o cofre permanece fechado.

...Ahmel correu a apanhar o cofre maravilhoso, colocou a chave na fechadura e no mesmo instante a tampa abriu. O mesmo aconteceu quando, depois de fechado, Ahmel o entregou ao ancião, que o abriu sem dificuldade. O monarcha deu um suspiro de alivio. Estava, em parte, resolvido o seu problema. Podia finalmente escolher os homens que desejava para ajudá-lo. No dia seguinte, mandou chamar, um por um, aqueles que tencionava escolher. O primeiro foi um homem chamado Ali.

— Meu bom Ali, — disso o soberano — êste cofre está com a fechadura defeituosa. Você quer ver se pode abrí-la? Já tentei e não o consegui. Veja se você tem mais jeito do que eu.

Ali, que era o que o monarca desejava para seu primeiro ministro, meteu a chave na fechadura mas, por mais que tentasse, o cofre não abriu.

— É preciso chamar um profissional, senhor — disse Ali. — A fechadura está com defeito.

E, despedido, se retirou.

Ahmel chamou o segundo, o que ele queria fazer Ministro da Fazenda. Também este não conseguiu. E, assim, foram desfilando um por um os mais respeitáveis homens da côrte, sem que o cofre se abrisse. Ahmel estava decepcionado, mas, ao mesmo tempo, satisfeito com o que acabava de saber quanto ao caráter daqueles que estavam à sua volta.

Decidiu, então, experimentar, dando-o a um empregado subalterno, um homem de cabeça branca. Mal êste colocou a chave na fechadura mágica, o cofre de marfim se abriu como que impulsionado por secreta mola ! E o soberano compreendeu que muitas vezes mais fàcilmente encontramos a honradez e a fidelidade nas pessoas humildes do que nas pessoas de aparência elevada.

E foi êsse empregado subalterno, mas fiel e honesto, que passou, daquele dia em diante, a ocupar o lugar de primeiro ministro daquela côrte longíqua do Oriente.

Seme

Os últimos ANÕES

Quando Tito nasceu, os pais chamaram para seus padrinhos a fada Sabedoria e o anão Amável. Acreditavam êles que com tais padrinhos o menino seria dotado de qualidades que compensassem a sua fealdade. Esperavam que a Fada lhe desse inteligência, enquanto que o padrinho lhe doasse delicadeza.

Com essas duas virtudes o futuro do menino estaria garantido.

A Fada era idosa e também a mais feia de tôdas as suas companheiras, porém era muito boa e inteligente. De tudo ela entendia e tudo sabia explicar. E porque tudo sabia, conhecia como ninguém o gôsto das crianças. Desta maneira, quando Tito era ainda bem pequeno e ia visitá-la ela o mandava de volta à casa numa minúscula carruagem, cuja capota era gigantesca margarida tôda branca que o protegia dos raios do sol, puxada por uma cabrinha branca e guiada por um gatinho amarelo que era uma maravilha.

Quase todo dia a fada sabedoria mandava para seu afilhado caixas cheias de deliciosos bombons de chocolate. Também costumava presenteá-lo com frescas e deliciosas frutas. Dava-lhe lindas roupas e bons sapatos.

O padrinho, apesar de ser guardador do ouro, da prata e das pedras preciosas que existem nas profundezas da terra, não podia dispôr dessas riquezas para presentear Tito; porém, em troca, dava-lhe bons conselhos, que valem mais do que muitas joias. Contava-lhe histórias sôbre o modo de trabalhar, e que eles usavam gases que faziam sair das paredes das minas, derrubando-as, para que os homens que perfuravam a terra não lhes roubassem seus tesouros.

Como Tito era muito inteligente, aos três anos já ia à escola.

Depois de homem, tornou-se um dos mais importantes inventores de sua época. Entre as muitas de suas invenções destacaram-se um líquido insèticida e um despertador especial que, em lugar de tocar a campaínha, jorrava água

Tradução de
M. M. EME

bem fria no rosto de quem devia despertar. O padrinho de Tito, o anãozinho, era seu grande admirador.

Um dia êle pediu ao afilhado que inventasse um preparado, um remédio que permitisse a todos os seus companheiros o crescimento, pois já estavam cansados de ser assim pequeninos.

Tito fechou-se no laboratório vários dias e, uma tarde, acreditando ter encontrado a fórmula encomendada, saíu à rua para tomar um pouco de ar e descansar.

Estava sentado num banco da praça quando viu aproximar-se um cãozinho, muito magro e cheio de pulgas.

Ao vê-lo, Tito pensou em aproveitá-lo para fazer a experiência do seu invento.

Levou-o para casa e borrifou-o com o líquido, ao qual deu o nome de "Gigantexól".

Em poucos minutos o cão ficou do tamanho de um novilho. Diante dêsse bom resultado, o nosso inventor deitou-se e se pôs a pensar na alegria que ia dar ao padrinho com aquela sua última descoberta, mas uma forte coceira não o deixou dormir. Sentou-se no leito e viu que as causadoras daquela coceira eram pulgas que tinham pulado do cão. Foi então ao laboratório, apanhou o insèticida e pulverizou a cama, tornando a deitar-se tranquilamente. Ainda bem não havia fechado os olhos quando uma forte picada o obrigou a levantar-se e acender a luz. E o que viu horrorizou-o. Em vez do insèticida êle havia borrifado a cama com o "Gigantexol" e o resultado tinha sido horrivel: as pulgas tinham crescido tanto, que estavam do tamanho de frangos. E pareciam ter um apetite de acôrdo com seu tamanho ! Tito pulou da cama e elas correram atrás dêle.

Quando conseguiu, depois de muito trabalho, matar aquelas pulgas gigantes estava exausto. Sentou-se e, mais feliz ainda, lembrou-se do seu padrinho. Agora estava convencido do valor do líquido que tinha preparado.

E foi assim que, não só Amável como todos os anões que povoavam a Terra, aumentaram de altura. E é por isso que só raramente encontramos um anão.

UM POUCO DE ZOOLOGIA

(Por JOTAGÊ)

Até os quatro ou cinco anos os filhotes de leão (cachorros) não possuem nem vestígio de juba.

Segundo os mais autorizados zoólogos, o verdadeiro rei dos animais é o elefante, e não o leão.

Qual o mais forte dos macacos? E' o gorila. Chega a ter, de altura, um metro e oitenta centímetros!

Entre os insetos, é regra quase geral: cantam os machos, as fêmeas não

O pavão, que é chamado "arauto do tigre", alcança o comprimento de um metro e setenta e cinco centímétros.

A onça, que tanto domina o sertão, receia o touro. Entretanto, nas vezes que luta com êle, a onça triunfa.

Os pombos ficam perfeitamente conhecendo o lugar onde foram criados. Se os conduzem para fora de sua habitação, ainda que os levem para longe, êles voltam a ela.

O maior dos mamíferos é a baleia: mede 20 a 26 metros de comprimento sendo que algumas atingem 30 metros! Só a cabeça tem 10 metros.

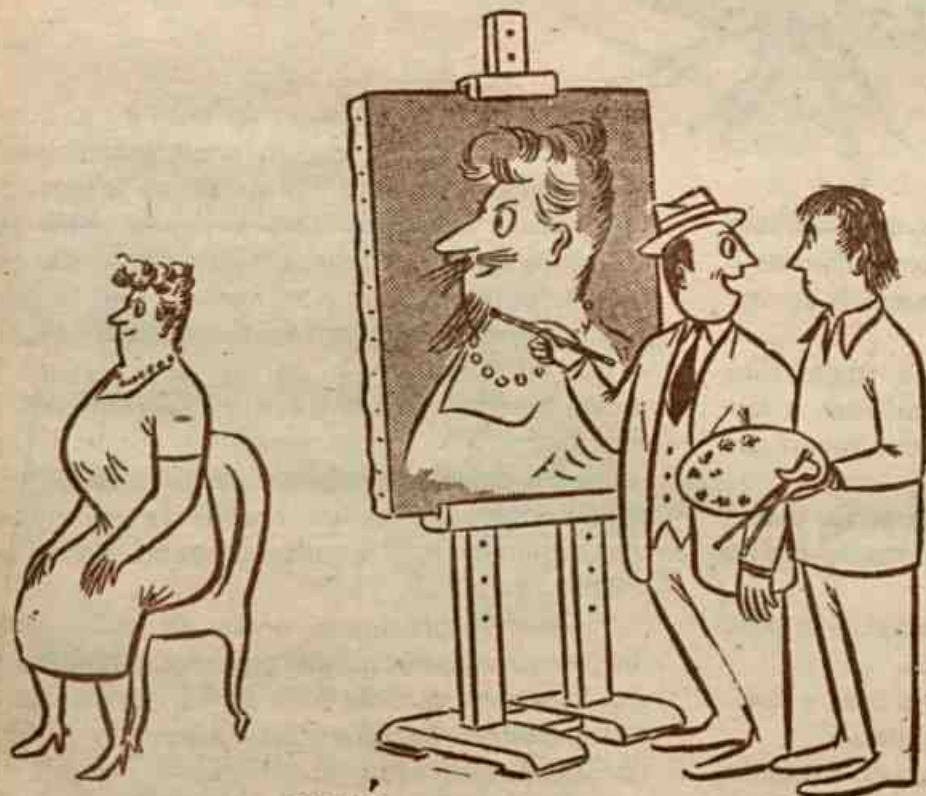
O jacaré... A medida que se lhe gastam os dentes, outros nascem.

Fêmea de elefante: elefanta, elefoa, aliá.

Sabem qual é o menor representante da classe das aves? E o beija-flôr.

Coletivos de formigas: cordão, correição, fila, fileira.

Há diferença entre sapo, rã e perereca.

RENÉ CHAG

— Você já viu, algum dia, uma esposa furiosa com o marido? Pois vai ver agora!

NUM RESTAURANTE

O homem entrou no restaurante e pediu o que queria. E ficou à espera. Esperou, esperou... Meia hora depois, aproximou-se dele o garçon que o tinha atendido.

— O cavalheiro pediu o bife com batatas fritas ou cozidas? — perguntou, mesureiro.

— Fritas! Por que pergunta?

— Porque se acabaram as batatas . . .

Um caso de... honradez

O gerente daquela casa comercial conversava com um rapaz que desejava trabalhar nela, como guarda-livros.

— Naturalmente — dizia — o senhor compreenderá que precisamos de uma pessoa responsável.

— Ah! Por isso, não se aflija — respondeu o candidato. — No meu último emprêgo, cada vez que havia uma briga, um desacôrdo entre o patrão e o gerente, sempre acabavam descobrindo que eu era responsável...

UM CASO DE... CLAREZA

Dois amigos se encontraram. E um deles falou:

— Escuta... Quero te dar uma notícia. Sabes quem se casou? Aquele rapaz... aquele que se chamava... Espere... Não me lembro agora... Aquele que foi uma vez conôsco a... Não te lembras? Aquele que uma vez me pediu... O que foi mesmo? E que eu não pude atender, nem sei por que... Sabes? Sabes quem é? Pois êle se casou!

E o amigo, então, respondeu:

— Sim, sim... Alguém já me havia dito, mas por alto, sem entrar em tantos detalhes, como tu...

JÔGO do coelho

5 2 2 2 4 6 7 5 8 3 4 1

ESTE jogo é praticado com uma simples moeda e o taboleiro que aqui oferecemos, e que deve ser, inicialmente, recortado e colado em um papelão grosso, para que se não estrague. Cada jogador, por sua vez, fará a moeda girar, em pé, como se costuma fazer para ver "cara" ou "corôa" (sem jogar para o alto), em cima do taboleiro.

A moeda, depois de girar, cairá. E o jogador anotará a seu favor tantos pontos quantos estiverem escritos, em algarismos, às costas do coelho que ficar em baixo da moeda. Combina-se um total a atingir, e quem primeiro fizer o número total de pontos combinado, ganha a partida.

Se a moeda cair tocando dois coelhos ao mesmo tempo, soma-se, a favor do jogador, a DIFERENÇA entre o número maior e o menor.

Balada do CAMALEÃO

por *Vanina*

(Versão brasileira
por *Thomaz Ribeiro Colaço*)

Era um pequeno camaleão,
um pequenino camaleão
que estava sempre resfriado.
Passava um mês, vinha outro mês,
e o camaleão, muito infeliz,
era tal qual como um inglês
só a falar pelo nariz.

Um camaleão, bem camaleão,
imensamente camaleão.
Todo verdinho ao pé da uva,
vermelho ao pé do vermelhão,
virava azul no céu azul,
acinzentado ao pé da cinza
se o punham perto do fogão.
Negro, negrinho, como a noite,
se ia a uma mina de carvão.
E branco, branco como a neve,
no dia em que ele foi à Igreja
para a primeira comunhão.
Enfim, aquilo que se chama
um verdadeiro camaleão.

E assim viveu a sua vida,
tal como vive um camaleão.
Acreditou no amor verde-esperança
e na ventura cor de cinza leve.
Viveu como os camaleões até que um dia faleceu
como falece um camaleão: — foi sobre a manta de um escocês em que
o escocês o colocou para aquecê-lo com carinho. Mas eram tantas,
tantas côres, quadrados verdes, riscas pretas, veios azuis, pintas
vermelhas, linhas brancas, amarelas, cinza, rosa, preto,

que o camaleão, a suspirar,
sem ter para onde se virar,
sem ter pincel para se pintar,
correu, partiu, sofreu, parou
num desespero de aflição!

E pondo a mão
no coração
o camaleão
— arrebentou!

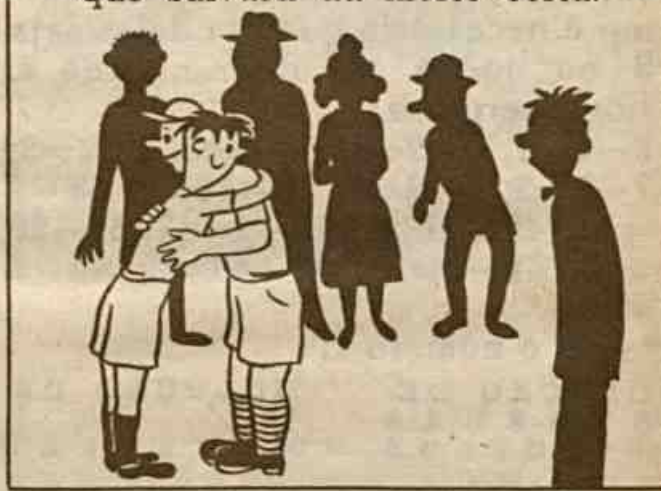
Luiz Sá
RIO - 53

CARLINHOS, O MUSCULOSO

Carlinhos, o musculoso, que passava perto, corre e, reunindo tôdas as fôrças, tenta levantar a pesada pedra.

Embora muito jovem, a sua constituição robusta permite-lhe realizar a nobre ação.

Muito felicitado, Carlinhos recebe um abraço do menino que salvara da morte certa.

Mas Carlinhos, fugindo aos cumprimentos, entende que fará melhor mostrando ao menino como conseguiu tanto vigor e saúde.

Em casa, oferece ao seu novo amigo um copo cheio do precioso alimento, segrêdo da sua fôrça. Era MILO, o alimento que tanto agrada ao paladar como nutre o organismo.

EIS AS Soluções

DOS PASSATEMPOS E DOS PROBLEMAS DÊSTE ALMANAQUE

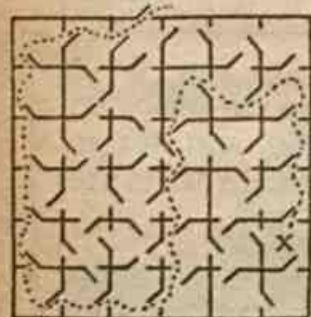
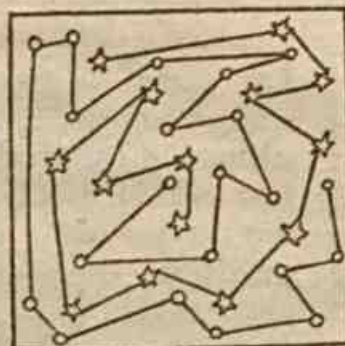
NÚMEROS PRIMOS

(Página 85)

1.ª — Para que dois números primos somados deem outro número primo, um deles tem que ser par e, como o único número primo par que existe é 2, combinando este com os outros teremos as seguintes soluções $1+2=3$; $2+3=5$; $2+5=7$; $2+11=13$; $2+17=19$; $2+29=31$; $2+41=43$; $2+59=61$; $2+71=73$.

2.ª — Para que dois números primos subtraídos deem outro número primo é necessário que um deles seja 2 ou que a sua diferença dê 2. Logo, teremos:
$2-1=1$; $3-2=1$; $5-3=2$; $5-2=3$; $7-5=2$; $7-2=5$; $13-11=2$; $13-2=11$; $19-17=2$; $19-2=17$; $31-29=2$; $31-2=29$; $43-41=2$; $43-2=41$.

3.ª — É o número 1.

SOLUÇÃO DE ESTRÊLAS E CÍRCULOS

SOLUÇÃO DE O CASTELO

(Vêr a página 20)

A RESPOSTA DO PRISIONEIRO

(Página 85)

O prisioneiro respondeu: — Eu serei assado. Mas, se o assassem é porque êle dissera a verdade. E, nesse caso, deveria ser enforcado. Para o enforcarem, porém, era preciso que êle tivesse mentido. Como ninguém pudesse resolver o assunto, deram-lhe a liberdade.

PALAVRAS CRUZADAS

(Página 32)

A FONTE

(Página 32)

GOLPE DE VISTA

No desenho A, entram os fragmentos 1, 3, 5, 6, 8 e 10.

(Página 20)

SABE ISTO?

O ardor que se sente na pele, ao tocar em um pé de urtiga, deve-se a um líquido que existe nos pêlos das fôlhas dessa planta. Em algumas espécies tropicais, êsse líquido tem tal poder que produz feridas dolorosas que custam a cicatrizar e sendo mal tratadas, podem mesmo causar a morte.

A chamada "guerra dos cem anos" durou na realidade 110 anos em vez de apenas cem.

AS DONZELAS DESAPARECIDAS

(Conclusão da página 16)

Agradeceram-lhe por os haver ajudado e pediram que os continuasse protegendo e levando-os do Gênio Mau.

O Mago respondeu que nada temessem. E acrescentou:

— Agora, minhas nuvens os levarão à sua patria, impondo-lhes como condição que de cinco em cinco anos terão que vir me ver, para que eu possa comprovar que continuam sendo bons esposos. E trarão também seus filhos. Em seguida, ordenou às escravas que lhe trouxessem uma pequena caixa de ouro, de onde tirou três perolas e entregou uma a cada uma das esposas, dizendo que aquelas pérolas tinham a virtude de trazer felicidade a quem as possuisse. Depois, acompanhou-os até à porta, fê-los subir em um carro triunfal, formado por nuvens. O carro se ergueu, voou e os conduziu ao palácio dos pais das noivas, onde foram recebidos com muita alegria. Desde êsse dia, de cinco em cinco anos o carro de nuvens os foi buscar e os levou ao palácio das Névoas, onde o gênio os hospedava por alguns dias. E, graças aos talismãs que as esposas receberam, e aos conselhos do Mago, foram sempre muito felizes.

RETIFICAÇÃO

Por lamentável descuido de montagem da página 40, os quadros da piada "Ri melhor quem ri por último" aparecem em posição invertida, o número dois antes do número um, pelo que apresentamos as nossas desculpas aos amigos leitores. Depois desta retificação é que os leitores, compreendendo a piada, vão rir. O que prova que ri mesmo melhor quem ri por último...

O ESCRITOR E O CRIADO

Indo Swift, afamado escritor inglês dos séculos XVII e XVIII, em jornada, a qual durou alguns dias, notou uma manhã, que o criado lhe não limpara as botas. Fazendo essa observação ao criado, este respondeu-lhe: — Como a jornada continuava e, por isso, tornavam a sujar-se, julguei inútil limpá-las. O autor das "Viagens de Gulliver" deu-se por satisfeito com a resposta e foi dizer à cozinheira que lhe servisse o almoço, mas não desse de almoçar ao criado. Quando acabou de almoçar, disse ao criado que tirasse os cavalos. Este objetou-lhe que ainda não tinha almoçado.

Swift retorquiu-lhe: — Como vais ficar novamente com fome, não adianta almoçar!

O criado ficou amuado e foi tirar os cavalos.

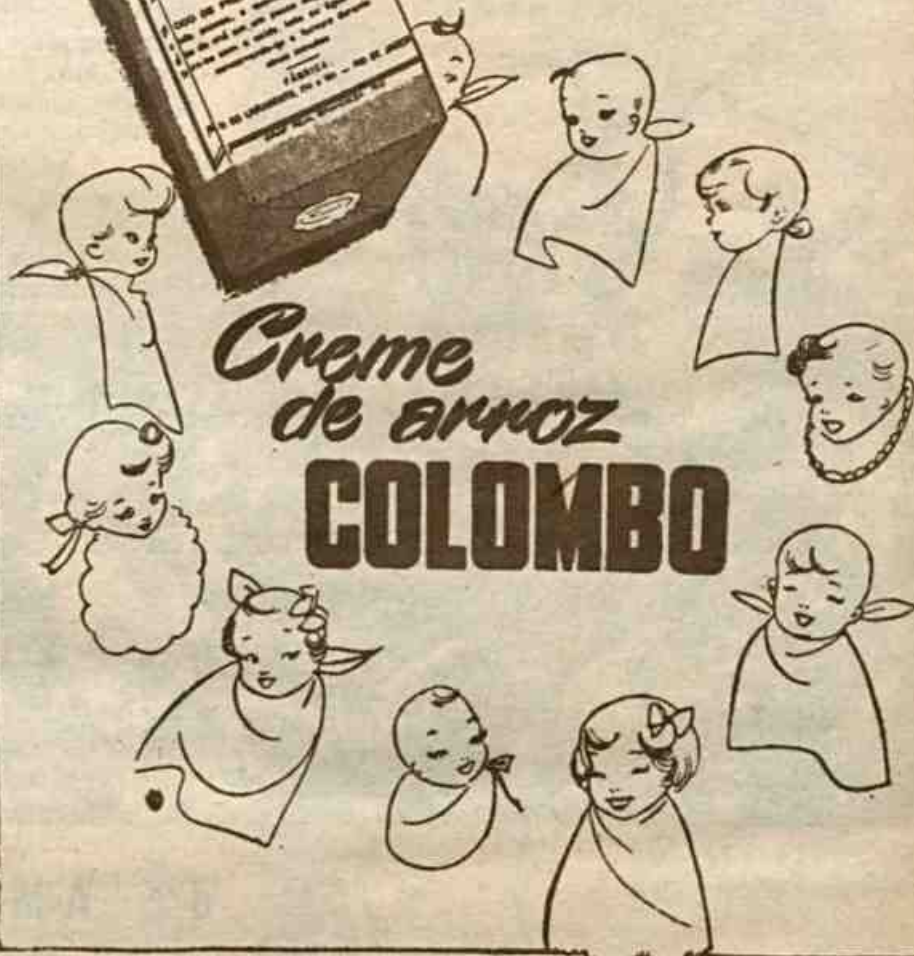
Meteram-se ambos a caminho montado cada um no seu cavalo.

Swift ia à frente, levando um livro e o criado muito atrás dele.

Um cavaleiro, que vinha em sentido contrário, comprimentou Swifit e não fez pergunta alguma; mas, ao passar pelo criado, perguntou-lhe: — Quem é aquele?

— E' meu amo.

— Isso sei eu; mas quem é êle e para onde ides?

— E' o Sr. Swifit, e vamos para o céu, porque êle, como o sr. vê, vai a rezar, e eu vou a jejuar!

— Nos Jogos Olimpicos primitivos, depois da 14.ª Olimpiada, os atletas apresentavam-se completamente nús. Referindo-se a este costume, Tecidides escreve em sua "Guerra do Peloponeso": "Muitos outros detalhes demonstram que os gregos primitivos viviam do mesmo modo que vivem os barbaros". Foram os romanos, ao permitirem a entrada de mulheres nos circos que, ao estenderem seu domínio à Grecia, obrigaram os atletas a cobrirem-se de novo durante as competições.

RARIDADES DA NATUREZA

O fio da aranha não é inteiriço; é formado por uns 4.000 fios.

Em uma única asa de borboleta se encontram nada menos de 100.000 escamas; em uma asa de mariposa grande há 400.000 escamas. Cada uma dessas escamas vista ao miscroscopio — microscopio poderoso — é maravilha de beleza, muito mais rica em desenhos e cores do que a asa toda.

As asas de certos insetos são tão finas que para formar a altura de sete milímetros seriam necessários 50.000 colocadas umas sobre as outras; apesar de tão finas, são constituidas por película dupla com nervuras delicadissimas.

OS GRANDES DA História

Batalha de Guararapes

de AMÉRICO PALHA

A 8 de junho de 1662 falecia o bravo Henrique Dias, nome familiar e todos os que estudam a história do Brasil. Ninguém mais do que êsse preto glorioso merece o culto da sua gente, pelo muito que fez na memorável campanha de insurreição contra o domínio holandês. De origem humilde, descendente de negros da África, nasceu Henrique Dias em Pernambuco no fim do século XVI ou começo do século XVII. Esse pernambucano heróico, como já disseram "pode competir sem desdouro com o paradigma do valor romano dos velhos tempos. É o Mucio Scévola de côr preta, cujo ânimo pode servir de modêlo aos mais esforçados e mais abnegados patriotas."

Ao ser iniciada a conspiração pernambucana contra os batavos, Henrique Dias apresentou-se para comandar a legião negra. Eram soldados seus, todos da mesma côr, da mesma origem. Seus comandados portaram-se em tôdas as lutas com a maior bravura. Aliás, a ação de Henrique Dias já se fizera sentir quando da invasão do norte do Brasil, ao lado de Matias de Albuquerque. Dizia então: "Antes de mim, a minha pátria: por ela, por meu Deus e meu Rei, serão meus braços colunas de ferro para sustentar tão caros objetos. Que importa morrer? Quando assim seja, a liberdade bemdirá o meu túmulo, e o meu sangue, regando a terra, servirá de fonte que para o futuro brotará mil frutos."

Henrique Dias, à frente dos seus negros trava batalha com os holandeses em Iguarassú em que os invasores saem vitoriosos. Nesse combate o comandante negro foi ferido duas vezes. Guiados por Domingos Calabar, os holandeses cercam o Arraial de Bom Jesús. Mais uma vitória dos inimigos. Henrique Dias é preso, mas logo depois posto em liberdade, num sinal de desprezo pela sua côr.

A 23 de janeiro de 1637, trava-se na Barra Grande, em Pôrto Calvo, grande combate entre pernambucanos e holandeses, sendo estes fragorosamente derrotados. Henrique Dias teve papel preponderante nesse encontro. Ferido no punho esquerdo, manda que lhe cortem a mão, exclamando: "Basta-me uma para servir a meu Deus e ao meu Rei". Como prêmio recebeu do rei de Por-

tugal o Hábito de Cristo, o fôro de fidalgo, a patente de cabo e a de governador dos negros. Prosseguindo a sua jornada libertadora, Henrique Dias marcha dos sertões do Rio Grande do Norte até a Bahia em perseguição dos invasores, não lhes dando tréguas. Armando emboscadas e guerrilhas, o negro pernambucano não dava aos holandeses um minuto de descanso.

Em 1645, Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros tramam a insurreição geral. Henrique Dias surge com os seus "henriques" no combate da Casa Forte. Ferido mais uma vez, êle só deporia as armas quando não houvesse mais um soldado inimigo em terra brasileira. Ei-lo de novo em Gequiá, onde os holandeses foram derrotados pelos nossos. Recebe, então, a patente de Mestre de Campo.

Após uma série de lutas, combates e guerrilhas, entra a luta na sua fase culminante. Em 1647, estavam os brasileiros acampados no sopé dos Montes Guararapes. Aí se verifica uma tremenda batalha "uma das mais importantes naquela era no Brasil e que muito influiu nos destinos de Pernambuco, pois Portugal já estava disposto a entregar a Capitania à Holanda, à vista dos conselhos de Gaspar Dias Pereira e padre Antonio Vieira". Após a vitória dos nossos nesse encontro, o general Barreto de Menezes manda Henrique Dias para Olinda, onde destroçou completamente os batavos entrincheirados.

A 13 de janeiro de 1650, trava-se a segunda batalha dos Guararapes, Henrique Dias porta-se com denodo, à frente dos seus homens. O grande cabo de guerra é um verdadeiro flagelo para os holandeses. Ataca-os, abate-os, castiga-os. Terminada a peleja, com o triunfo completo dos insurretos, o governador negro está ferido.

Com a derrota dos batavos nos Guararapes, ainda estes procuravam consolidar suas posições. Mas não puderam fazê-lo. E a 26 de janeiro de 1650, era assinada a rendição na Campina do Taborda.

Henrique Dias morre doze anos depois, completamente esquecido do Rei de Portugal. Os outros chefes receberam galardões e prêmios, nada porém foi dado ao valente preto pernambucano. Maior, porém ,do que as recompensas do Rei está a justiça da história. E esta não falhou. A posteridade soube fazer a Henrique Dias essa justiça definitiva ! Um bravo e um patriota.

Sêo Joaquim carregando enorme feixe de capim que o obrigava a curvar-se, cruzou com seu conterrâneo Manoel.

— Onde bais tu, Jaquim, com êsse feixe tamanho?

— Ora ! Pra casa. E estás bendo? Faz úma p'sôa esta fôrça toda e, afinal, quem come o capim são oitros !

O PAVÃO GULOSO

IAN PETERSON

ALGUMAS COISAS CURIOSAS

Na ação de andar, no movimento do calcanhar ao solo, entram em ação 54 músculos.

*

Antigamente todos os bispos se chamavam "papas".

*

O escudo de Jupiter, segundo a mitologia grega, foi feito com a pele da cabra Amalteia, que o amamentou.

*

Foi Alfredo Nobel, doador dos famosos prêmios Nobel, o inventor da dinamite.

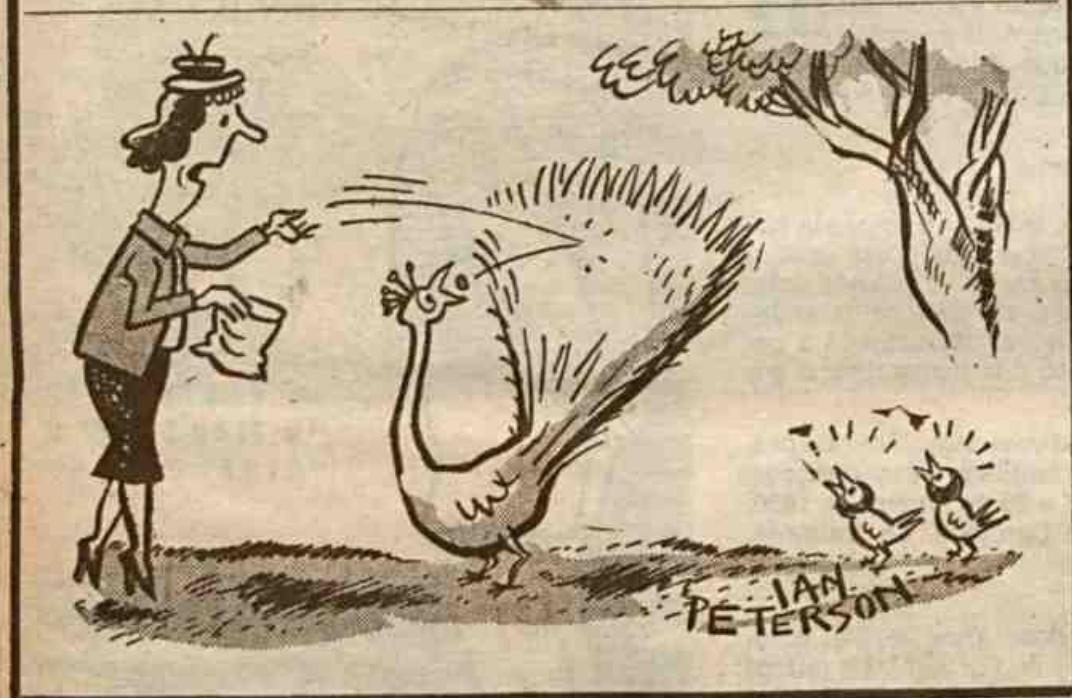
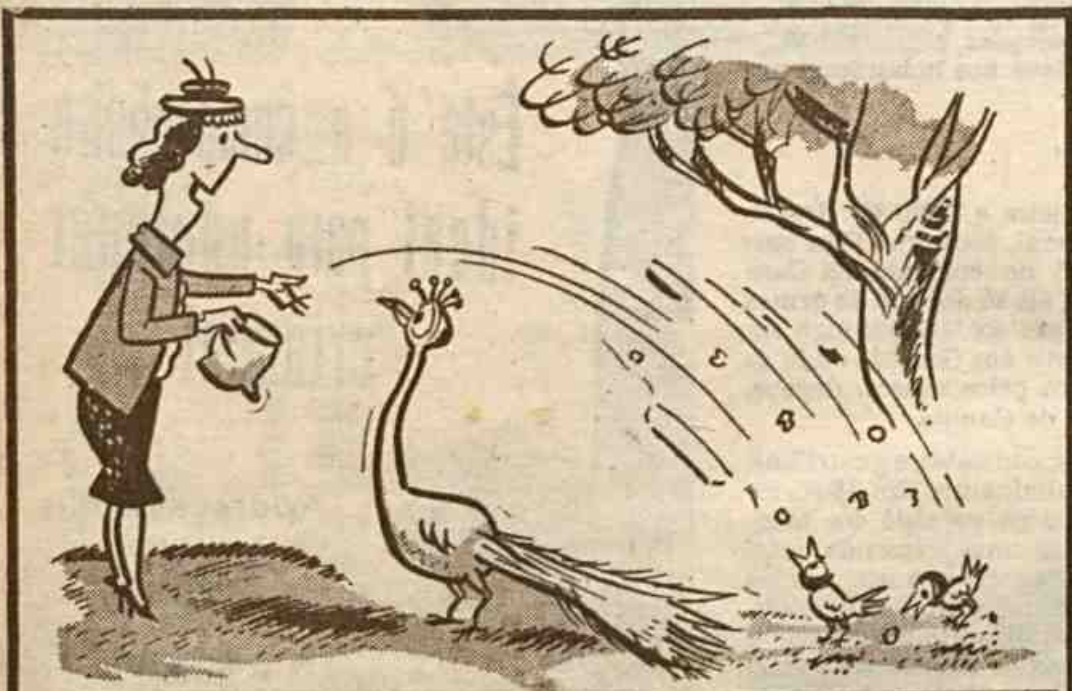
*

A expressão "rocha tarpeia" emprega-se para significar que muitas vezes a queda está perto do triunfo.

*

É de uma personagem de Molière, no seu "Anfitrião", que vem a designação de "sosia" para uma pessoa fisicamente parecida com outra.

A FÔRÇA DO DESTINO

RIEUR

FOCAS NO MEDITERRÂNEO

O *habitat* das focas não se limita às regiões polares. Estes habilidosos animais marinhos vivem também no Mediterrâneo, embora os exemplares observados sejam em número muito escasso.

Muitos habitantes da costa espanhola do Levante as têm visto, sendo mesmo relativamente abundantes junto da ilha de Cabrerá.

Pertencem ao gênero *Monachus monachus*, caracterizando-se por terem o ventre branco.

Os pescadores afirmam terem visto exemplares de grande tamanho em perseguição aos atuns.

Estas focas têm também o nome de *focas falantes*, porque as suas cordas vocais emitem uma espécie de ladrido, que tem certa semelhança com as palavras *papá e mamá*. Pertencem a este gênero de focas, quase todos os exemplares que se exibem nas feiras e nos circos.

Superstições sôbre o ano novo

No primeiro dia do ano novo é costume implorar ao destino pelo seguinte processo: cada qual escreve o que deseja em pequenino pedaço de papel, queima-o e deixa caírem as cinzas em um copo de champagne ou outra bebida qualquer: isso dá sorte.

Na Espanha, colocam-se cascas de noz com pequena vela acesa e um nome, em vasilha bastante profunda com água. O calor das velas provoca correntes de ar, que movem os improvisados barquinhos. Se êles se aproximam, anunciam casamento. Se não se aproximam... adiamento ou rompimento da desejada união.

Na Escócia interrogam o destino derretendo um padacinho de chumbo em uma colher e deixando cair o líquido em uma vasilha com água. Se o chumbo de novo solidificado tomar a forma de anel, isso significará casamento, se parecer com berço... anuncia nascimento; se formar disco, será promessa de dinheiro, etc.

Na Suécia, a moça solteira cobre a lâmpada de seu quarto, na noite de Ano Bom, com um "abat-jour" em forma de coração... para ser amada.

Em certas regiões da Alemanha, os noivos comem juntos um doce, um pastel... Isso lhes assegurará acôrdo perfeito durante todo o ano.

Em certas partes da Espanha descascam a laranja, de modo que a casca forme uma única tira, e a jogam por cima do ombro de alguma jovem; se cair formando uma letra, será a inicial do nome do futuro noivo.

Chama-se "imagista" à pessoa que talha, esculpe ou pinta imagens religiosas.

Antigamente constituíam os imagistas, na Europa, grandes corporações que tinham regulamentos, dividindo o próprio trabalho e determinando o que devia ser pago a cada um.

•

Em fevereiro de 1825, a Polícia do Rio de Janeiro deteve a espôsa de João Caetano, a atriz Estela Sezefredo, porque ela — ainda solteira — jogara "limão de cheiro" à carruagem em que ia o Imperador.

•

Paulo Afonso, que foi o descobridor da Cachoeira que tem o seu nome, era um sertanista português do século XVI.

QUEM DUVIDA?

— *Se os meninos tivessem vindo, o passeio seria mais divertido, não achas?*

Eloquência

Labiche, o célebre comediógrafo francês, falecido a 24 de Janeiro de 1888, foi uma vez jantar em casa de um rico financista, e não lhe agradando muito a companhia, só abria a bôca para comer.

No fim do jantar, manifesta a intenção de dizer alguma coisa.

— Sschiu! Sschiu! — faz o banqueiro encantado. Vai falar o sr. Labiche!

Labiche, então, timidamente exclama:

— Eu queria repetir as ervilhas...

Pés e cabeça

Colbert, ministro de Luiz XIV, era um homem muito modesto. Andava sempre a pé e conduzia elê mesmo a sua pasta, dispensando o auxílio de empregados ou secretários. Certo dia, vendo-o chegar a pé, o rei não se conteve e disse:

— O senhor, ministro de Luiz XIV, confundindo-se com a multidão e andando a pé? ...

— Majestade — respondeu-lhe Colbert — o valor de um magistrado não está nos pés, mas sim na cabeça ...

— Então, Mariana, ocê agora tá satisfeita no seu emprêgo?

— Muito! Inté sou serva de Deus.

— Como assim?

— Meu patrão se chama João de Deus.

Os pombos voam com incrível velocidade e têm espantosa resistência. Conhecido naturalista afirma que, segundo experiências por êle próprio realizadas, pode o pombo voar com velocidade de 1200 a 1370 metros por minuto. Um deles voou sem parar durante 27 horas, em velocidade constante de 10 metros por segundo.

ÓLEO DE OVO

Marca Registrada

ÓLEO DE OVO

Cabelos sedosos e ondulados

PETROLOVO

EXP. 1908 - EXP. 1922
DIPLOMA DE HONRA
NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO

O LEGÍTIMO
ÓLEO DE OVO
DE
CARLOS BARBOSA LEITE
ATÉ Cr$10,00

Exija o legítimo de CARLOS BARBOSA LEITE que traz o nome de garantia

PETROLOVO